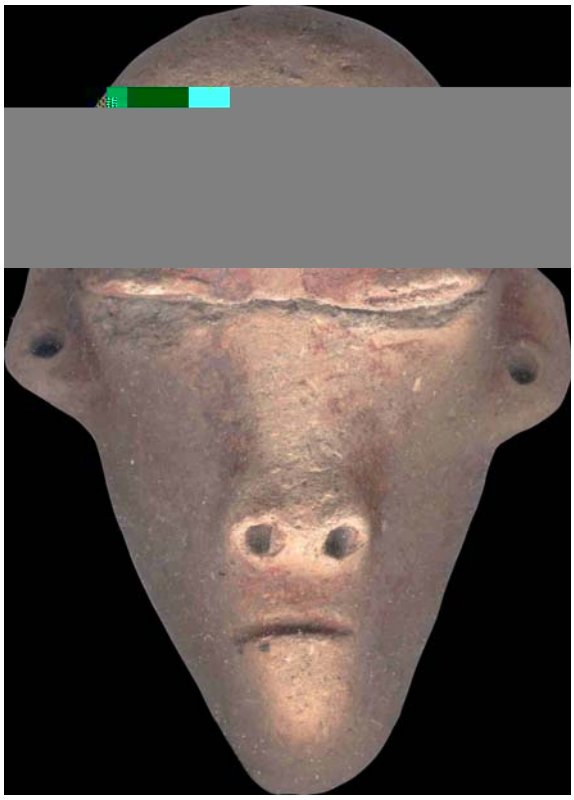
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA.

Tese de doutorado



Vera Lúcia Calandrini Guapindaia

Orientador: Prof. Dr. Levy Figuti

São Paulo, 2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA.

Vera Lúcia Calandrini Guapindaia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Levy Figuti

São Paulo, 2008

Guapindaia, Vera Lúcia Calandrini.Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2008.

RESUMO

As fontes históricas disponíveis para área dos rios Nhamundá-Trombetas, no baixo Amazonas, relatam à existência de assentamentos populosos, formas hierarquizadas de organização social e cultos religiosos, indicando a existência de sociedades complexas a época dos primeiros contatos.

Na segunda metade do século XIX, foram descobertas nessa área cerâmicas elaboradas e ídolos de pedra. Esses elementos associados aos relatos históricos induziram à hipótese sobre a existência de complexidade cultural nessa região desde antes do contato. Nesse contexto, a região do rio Trombetas adquiriu visibilidade para arqueologia da Amazônia.

Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas realizados na década de 1970 demostratam a existência de duas ocupações ceramistas situadas ao longo dos rios e lagos: uma mais antiga – Pocó; e outra mais recente – Konduri.

Pesquisas recentes na mesma região, realizadas no âmbito da arqueologia de contrato, permitiram identificar sítios com características distintas daqueles situados nas margens dos rios relacionados a ocupação Konduri. O estudo e a comparação entre os sítios ribeirinhos e do interflúvio irá mostrar que as sociedades pré-históricas daquela região exploravam e dominavam ambos os ambientes.

Palavras Chave: Amazônia, Arqueologia do Baixo Amazonas, cerâmica Konduri, cerâmica Pocó.

ABSTRACT

The available historical sources for the area of the Nhamundá-Trombetas rivers, in the lower Amazon, report the existence of populous settlings, hierarchical forms of social organization and religious cults, indicating the existence of complex societies during the time of the first contacts. In the second half of the 19th century, elaborated ceramic and stone idols were discovered in this area. These elements associated with the historical reports led to the hypothesis of the existence of cultural complexity in this region previous to the contact. In this context, the region of the Trombetas river acquired visibility for Amazon archaeology.

Archaeological studies carried out in the Porto Trombetas region in the 1970s demonstrated the existence of two ceramist occupations spread along the rivers and the lakes: an older one - Pocó; and a more recent one - Konduri.

Recent research, in the same region, carried out in the scope of contract archaeology, allowed the identification of small sites showing distinct characteristics from those located in the edges of the rivers and associated with Konduri occupation.

The study and comparison between the sites located in the edges of the rivers and in the interfluve zone will show that the prehistoric societies from that region exploited and dominated both environments.

Key Words: Amazonia, Lower Amazon Archaeology, Konduri ceramics, Pocó ceramics.

Para minha “irmã” Elizama Rêgo por enfrentar com coragem e bom-humor as situações mais adversas que a vida lhe impôs.

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado não se escreve sozinho, por isso os agradecimentos devem ser feitos a muitas pessoas. Espero não esquecer de mencionar a todos e aos mencionados agradecer de forma adequada.

Começarei pelos agradecimentos institucionais. Agradeço ao Museu Emílio Goeldi, instituição a qual pertenço, pelo apoio que me possibilitou a realização desse trabalho. À Mineração Rio do Norte pelo financiamento dos trabalhos de campo e de laboratório. Ao MAE/USP por oferecer infra-estrutura à realização do meu curso de doutorado.

Ao meu orientador Levy Figuti pela paciência, orientação e incentivo.

Aos meus amigos Eduardo Neves e Edithe Pereira que me incentivaram, acreditaram e, principalmente, não me deixaram desistir. Espero poder sempre continuar trabalhando e convivendo com vocês.

Aos meus amigos e colegas Marcos Magalhães e Paulo do Canto que sempre me acompanharam em campo e tornaram-se os responsáveis pelas equipes de prospecção. Ao outros componentes da equipe de prospecção: Raimundo Santos, Raimundo Mardock, Silvinho Silva e Raimundo “Fig” Cardoso.

Aos meus colegas e técnicos que participaram de diversos trabalhos de campo Christiane Machado (Kitty), Cristina Leal, Cristina Miranda, Regina Farias, Wagner Veiga (Chubby), Fábio Santos, Gilson Rambelli, Flávio Calippo, Paulo Camargo e Ana Vilacy Galúcio. Em especial à Maura Imázio que deu uma ajuda fundamental nos primeiros trabalhos de campo.

À equipe do Projeto Trombetas: Giselle Chumbre por todos os enormes bancos de dados que teve que elaborar; Tatiane Gama e Amauri Matos responsáveis pela análise de laboratório; Em especial ao meu amigo Daniel Lopes pela infinita paciência, solicitude e por me ajudar a gerenciar o projeto.

Aos “meninos” Carlos Barbosa (Wendell), João Aires Fonseca Jr., Vitor Martins e Morgan Schmitd pela ajuda no trabalho de campo, levantamento dos sítios e pela elaboração dos mapas. A eles em especial agradeço, pela alegria, bom-humor e disposição para trabalhar sempre que solicitados.

A Maria Jacqueline Rodet pela análise do material lítico.

Às comunidades de Boa Vista, Lago Moura e Lago Batata.

A minha família. Ao meu marido Aloysio mesmo “afogado” em trabalho nunca deixou de apoiar, incentivar e consolar. A mãe, Agostinha por sua infinita paciência, compreensão e disposição de mudar só para me apoiar. A minha filha Mayra, a “criatura” que me fez entender o que significava ser mãe. Ao meu filho David, a “criatura” que me fez gostar mais ainda da maternidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 01

CAPÍTULO I – INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA DO RIO TROMBETAS

1. As informações Históricas 13
2. As primeiras incursões e as pesquisas arqueológicas 25
3. As terras pretas na área do rio Trombetas 38
4. A área do rio Trombetas no contexto dos modelos de ocupação humana da Amazônia. 41

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DOS ESTILOS CERÂMICOS DA ÁREA NHAMUNDÁ-TROMBETAS 46

CAPÍTULO III – LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL 76

CAPÍTULO IV – ARQUEOLOGIA EM PORTO TROMBETAS

1. Distribuição dos sítios na paisagem 86
2. Metodologia de prospecção e escavação 91
3. Sítios investigados 93

3.1 Sítios localizados nas terras baixas 94

3.1.1 Sítios PA-OR-116: COTRA Aviso I, PA-OR-117: COTRA Aviso II, PA-OR-118: COTRA Aviso III e PA-OR-119 COTRA Almeidas. 95

3.1.2 Sítios PA-OR-102: Bela Cruz I e PA-OR-120: Bela Cruz II 121

3.2 Sítios Ribeirinhos

3.2.1 Sítio PA-OR-63: Boa Vista 140

a) Escavações na mancha Boa Vista 145
b) Escavações na mancha Água Fria 153
c) Análise do material arqueológico da escavação XII 160

CONCLUSÃO 184

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 186

INTRODUÇÃO

Há uma antiga questão na Arqueologia Amazônica que diz respeito à definição dos padrões de organização social e política dos povos que habitaram a região na época do Descobrimento. O contraponto entre as informações históricas sobre a existência de assentamentos populosos apresentando cerâmica elaborada ao longo das margens do rio Amazonas e o panorama atual, que apresenta baixa densidade demográfica e formas de organização social baseadas em relações de parentesco, gerou a formulação de modelos para tentar explicar esse contraste.

Foi o antropólogo Julian Steward, no final da década de 1940 que formulou um conjunto de hipóteses que procuravam explicar a evolução social na Amazônia. O marco de seu modelo foi a criação uma tipologia que associa organização sóciocultural ao tipo de ambiente, sendo que a variável ambiental é o fator que determina o grau de desenvolvimento das organizações sociais (Steward,1948). Segundo Neves (1999-2000), a importância desse trabalho do foi ter criado modelos baseados em premissas ecológicas para a arqueologia amazônica. Assim, com base em fontes históricas e etnográficas, Steward estabeleceu quatro áreas culturais: tribos marginais, cultura de floresta tropical, cultura circum-caribe e civilização andina. As três primeiras foram definidas, de certa forma, pela comparação com a área andina que era considerada a mais desenvolvida (Steward, 1948; Neves, 1999-2000; Gomes, 2002).

Para completar esse quadro, mais tarde, já na década de 1960, o antropólogo Elman Service partindo das proposições de Steward, formulou uma tipologia geral dos estágios de desenvolvimento sóciopolítico que seguiam uma escala evolutiva de complexidade crescente: bando, tribo, cacicado e estado (Service, 1962). Assim, o tipo tribos marginais definia sociedades apresentando tecnologia de subsistência rudimentar e ausência de instituições políticas, seriam os grupos caçadores coletores nômades, vivendo em pequenos bandos. Acima deles estariam às tribos de floresta tropical, que representavam grupos viventes em aldeias mais estáveis reunindo um número maior de pessoas que os bandos; praticavam a agricultura de coivara e exploração de recursos aquáticos e sua organização social seria baseada nos laços de parentesco (tribos). Já a cultura circum-caribe se caracterizaria pela centralização política e religiosa, estratificação em classes e intensificação econômica. O poder político e religioso era institucionalizado, gerando o aparecimento de chefes supremos, sacerdotes, templo e ídolos, - seriam os cacicados. E por fim, no topo da escala evolutiva, estaria a civilização que se desenvolveu nos Andes Centrais e na costa do Pacífico. Eram

populações densas apresentando sistemas intensivos de produção agrícola, criação extensiva de animais, formas sofisticadas de administração pública e cobrança de tributos, marcada estratificação social e desenvolvimento de técnicas de metalurgia, seriam os estados.

Em um primeiro momento, considerando a organização econômica, social e política das atuais populações amazônicas considerou-se que o tipo "tribos de floresta tropical" seria o estágio adequado, pois se acreditava que este ambiente, por causa das limitações ambientais, não possibilitava o crescimento demográfico e desenvolvimento de sociedades complexas. A cultura de tribo de floresta tropical tinha como principais características: ausência de arquitetura monumental e refinamentos metalúrgicos (em contraposição ao tipo andino); subsistência baseada no cultivo de raízes tropicais, principalmente a mandioca amarga; técnicas de navegação fluvial desenvolvidas; uso de redes para dormir; fabricação de cerâmica; organização social descentralizada e ausência de locais especiais para cultos religiosos (Lowie, 1948; Steward, 1948).

A presença dessas culturas no ambiente amazônico era explicada como uma combinação de processos adaptativos (evolucionismo) com influências externas (difusionismo). Teria havido um movimento migratório de populações sub-andinas que se deslocaram dos Andes centrais, atingiram os Andes setentrionais, a região do circum-caribe e finalmente a floresta tropical amazônica. Nessa última área por causa da existência de solos pobres, impróprios para a prática da agricultura intensiva, essas populações perderam suas características mais complexas de cacicados e involuíram para o tipo floresta tropical, isto é tornaram-se tribos.

A partir dessas premissas é que no final dos anos 1940 e início dos 1950, os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans iniciaram sua pesquisa na foz do rio Amazonas a fim de testar a hipótese de Steward. Sendo assim, sua pesquisa era alicerçada no determinismo ecológico e na difusão cultural. Os vestígios cerâmicos, por sua abundância, foram a principal variável estudada, sendo classificados através de elementos técnicos como decorações, tipos de antiplásticos e queima da pasta. Os conjuntos resultantes da análise levaram a definição de unidades analíticas denominadas de fases e tradições[1]. A partir da consolidação destas unidades classificatórias e do mapeamento da sua dispersão espacial e temporal pretendiam reconstruir as rotas pelas

[1] Fase – Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação relacionado no tempo e espaço, num ou mais sítios (Chmyz, 1966 e 1976).
Tradição – Grupo de elementos e técnicas com persistência temporal (Chmyz, 1966 e 1976)

quais os grupos produtores dessas cerâmicas migraram de uma área para outra. Os vestígios arqueológicos da ilha de Marajó foram considerados uma anormalidade diante do modelo proposto por Steward. Assim, a existência de cerâmicas altamente elaboradas e de aterros artificiais que indicam complexidade social, era incompatível como o modelo proposto e esses elementos foram interpretados como oriundos de um ambiente externo, provavelmente dos Andes. A cultura migrante incapaz de manter-se no novo ambiente, que não proporcionava condições necessárias a manutenção de seu modelo agrícola, entrou em decadência, passando de uma organização política tipo cacicado para tribo de floresta tropical. (Meggers e Evans, 1957; Neves, 1999-2000; Gomes, 2002; Machado, 2005).

Um dos pontos importantes das pesquisas de Meggers foi à definição de padrões de assentamentos distintos para o ambiente de várzea e de terra firme. Embora reconheça que o ambiente de várzea seja mais rico em recursos do que a terra firme e apresente solo fértil, considera que existem riscos em ambos os habitats. Pois, assim como a terra firme apresenta baixa fertilidade, a várzea, apesar de rica é imprevisível e não confiável, pois está sujeita a oscilação periódica dos recursos. Esse quadro desestimulava as possíveis as iniciativas de invasões dos grupos de uma área a outra pela disputa de recursos. Diante desse raciocínio Meggers passa a questionar a veracidade das crônicas dos primeiros viajantes que registraram a existência de sociedades com alta densidade populacional, vivendo as margens dos rios Amazonas e Orenoco. E argumenta que os dados arqueológicos obtidos por suas pesquisas e de seus colaboradores contrastam com o panorama dos relatos etno-históricos. Defende a idéia da inexistência de grandes densidades populacionais e o que escapa ao padrão estabelecido (pequenos sítios), isto é, áreas com grandes extensões de terra preta e vestígios cerâmicos, foi explicado como resultado de reocupações sucessivas da mesma área (Meggers, 1977, 1990, 1992 e 1995).

No quadro da ocupação pré-histórica da Amazônia, Meggers e Evans (1961) incluem à cerâmica Konduri na Tradição Incisa Ponteada, cujo principal representante na Amazônia Brasileira seria a cerâmica de Santarém. A distribuição dos sítios pertencentes a essa tradição se daria ao longo do Orenoco (Arauquín), do Amazonas (Santarém, Itacoatiara e Konduri) alcançando a Guiana Inglesa (Mabaruma) e no Amapá (Mazagão). Seus principais traços diagnósticos seriam: incisões retilíneas, algumas formando padrões associados com ponteados; modelagem em baixo-relevo ou adornos biomorfos sobre a borda ou parede do vaso. Quanto à cronologia é considerada

bastante tardia, sendo que Santarém seria proto-histórica e Arauquím foi datada entre 1000-1500 A.D. (Chymz, 1976; Meggers, 1961, 1983, 1987; Gomes, 2002).

O centro de origem e dispersão do Horizonte Inciso Ponteado, segundo os autores poderia ter sido os altiplanos colombianos, de onde teriam se dispersado para o Orenoco e depois penetrado na bacia amazônica. Mais tarde, revendo seu esquema cronológico, propõe que tenha havido entre 1000 e 1500 A. D. uma expansão Arauquinóide, que foi identificada agora com a Tradição Incisa Ponteada, tanto em direção as Antilhas como a bacia Amazônica. Assim, segundo os autores, pode-se concluir que a origem do estilo Santarém e de cerâmicas correlatas poderia ser explicada através de uma migração que se originou na Venezuela, talvez impulsionada por mudanças climáticas que afetaram a produção alimentar. As diferenças entre as cerâmicas das duas áreas (amazônica e altiplanos venezuelanos) poderiam ser explicadas através de processos de aculturação, migração e comércio (Meggers, 1983).

Uma outra abordagem para a ocupação pré-histórica da Amazônia foi de Donald Lathrap, cuja singularidade encontra-se na combinação de idéias de adaptação ecologia com a difusão dos estilos cerâmicos e dados lingüísticos (Lathrap,1977). Segundo Gomes “embora não tenha nenhuma relação mais direta como modelo de Steward e seja totalmente oposto ao formulado por Meggers, (...) parece (...) se apropriar do conceito de floresta tropical de uma maneira diversa. A floresta tropical para ele não contém elementos que limitaram seu desenvolvimento cultural. Ao contrário, nela desenvolveram-se importantes processos que se relacionam ao surgimento dos mais antigos troncos lingüísticos, à emergência da agricultura e ao aparecimento da cerâmica no Novo Mundo” (2002:57). O autor concebia o ambiente como extremamente diversificado e apto para sustentar populações numerosas que poderiam se tornar estáveis e complexas. Nesse modelo todos os sistemas agrícolas da América do Sul teriam origem em um sistema antigo de cultivo de mandioca oriundo das várzeas da Amazônia central ou do norte da América do Sul.

Seu argumento parte da idéia que a origem da agricultura aconteceu deliberadamente através de processos experimentais em vez de uma simples descoberta. Baseado nas evidências etnográficas enfatiza a importância do manejo ou transporte de plantas para os quintais, que funcionavam como um lote experimental. Essa modificação ao redor das casas (quintais) foi um aspecto básico para a compreensão do surgimento de um modo de vida mais sedentário e que se desenvolveu nas várzeas (Lathrap, 1977).

Para o autor, a Amazônia central foi o local onde se desenvolveram a domesticação de plantas e as cerâmicas mais antigas e sofisticadas. Entende que foi dessa região, rica e populosa, que teriam sido lançadas as ondas migratórias relacionada aos Aruak e Tupi para povoar a América do Sul, portanto na direção contrária do foi preconizado por Meggers. O fator responsável por desencadear as migrações foi à pressão causada pelo aumento populacional decorrente das condições agrícolas favoráveis e abundância de proteína animal. O adensamento da população e a conseqüente circunscrição das várzeas empurraram parte da população em busca de ambientes com as mesmas características.

Lathrap (1975) argumenta que a partir de 500 A. D. alguns estilos cerâmicos e tecnologias se difundem da bacia do Amazonas para o seu entorno na América do Sul. Relaciona essa dispersão com a expansão Carib, que teria se difundido através do litoral da Guiana, terras baixas da Venezuela, Colômbia e Antilhas Menores. Essa dispersão teria trazido novos elementos que foram reconhecidos como a tradição cerâmica Incisa Ponteada, cujas características eram: o uso de cauixi, decorações realizadas com incisões finas e profundas e cujo motivo diagnóstico eram bandas com triângulos isósceles justapostos; presença de apliques modelados com motivos zoomorfos (cobras, macacos, jacarés e onças) e antropomorfos.

Lathrap considera Santarém o mais famoso e complexo desses estilos que compõe a tradição cerâmica descrita. Cita outros sítios que apresentam estilos ligados a essa tradição: Oriximiná, no Baixo Amazonas; Itacoatiara e Paredão, no médio Amazonas; Nericagua, no alto Orenoco; Corobal, no sul da Venezuela; Arauquím, Llanos do Orinoco; Camoruco, no médio Orinco; Valência, no norte da Venezuela; Apostadero no baixo Orinoco; Rio de la Miel, na Colômbia; e Milagro, na bacia do Guayas, Equador (Lathrap, 1975). Na década de 1980, Lathrap juntamente com José Proença Brochado reformulam a rota da migração Carib, influenciados pelos dados do trabalho de Anna Roosevelt em Parmana, que sugere ter ocorrido entre 800 a. C. a 500 A. D. uma paulatina transição dos estilos Barrancóide para Arauquinóide em Corozal no médio Orenoco (Gomes, 2002; Roosevelt, 1980).

Os estudos realizados por Robert Carneiro na região do alto Xingu tiveram importante fundamental para o entendimento da complexidade das sociedades pré-históricas amazônicas. Na década de 1950 realizou uma minuciosa pesquisa sobre a agricultura entre os Kuikuro, na qual constatou que esses índios, praticando a agricultura de coivara, exploravam a mesma área por longos períodos. Com isso

demonstrou que era possível que o ambiente de terra firme suportasse populações densas e sedentárias com o cultivo de mandioca complementada com caça e pesca (no caso dos Kuikuro especialmente a pesca) (Carneiro, 1983).

Embora Carneiro se antagonize com as idéias de Meggers no que concerne a capacidade de suporte dos sistemas de subsistência amazônicos, reconhece a importância dos fatores ecológicos no processo de complexificação das sociedades humanas. Explica o surgimento dos cacicados nas margens do rio Amazonas, relacionado à concentração de recursos nas várzeas, tanto pela fertilidade do solo quanto pela disponibilidade de fauna aquática. Segundo, ele a alta disponibilidade de recursos seria quase uma forma de circunscrição, pois levariam a cobiça desse ambiente pelos moradores das regiões vizinhas ocasionando disputas nas áreas ribeirinhas. Os perdedores se submeteriam aos vencedores para garantir o acesso ao rio, surgindo assim os cacicados (Carneiro, 1970, 2007).

A partir dos anos 1980, Anna Roosevelt entra no debate acerca das origens e padrões do desenvolvimento cultural na Amazônia. Roosevelt se antagoniza com as idéias de Meggers, uma vez que a primeira entende o meio ambiente como favorável a adaptação humana; aceita como fato as informações contidas nas crônicas seiscentistas sobre os grandes assentamentos e a existência de sociedades marcadamente hierárquicas do tipo cacicado; defende a hipótese que a base para essas sociedades complexas seria o cultivo do milho em vez da mandioca; e considera que os cacicados teriam surgido de maneira autóctone sem nenhuma ligação com os Andes (Roosevelt, 1992; Gomes, 2002).

Roosevelt acirra ainda mais suas críticas a Meggers, quando diz que ela usou as informações etnográficas contemporâneas como se houvesse uma continuidade dos padrões culturais do passado até o presente, ignorando as fontes etno-históricas e o impacto dos primeiros contatos, e assim criando um modo de vida que nunca existiu. Afirma ainda que a descrição do meio ambiente, como concebido por Meggers, era inapropriada porque considerava os solos de uma maneira geral pobres, ignorando a importância de vastas áreas de biomas terrestres e fluviais, ricas em nutrientes (Roosevelt, 1991).

Roosevelt associando os resultados de suas pesquisas com outros dados arqueológicos, com as fontes etno-históricas, com dados da antropologia física e da paleontologia articula uma longa seqüência cultural para a ocupação humana na Amazônia. Essa seqüência inicia por volta de 11.200 A. P. com uma ocupação

paleoindígena de coletores–caçadores– pescadores; é seguida por culturas de pescadores e coletores de moluscos durante o Holoceno entre 7500-4000 A. P. que são responsáveis pelas primeiras cerâmicas na Amazônia; depois por volta de 4000 e 3000 A.P. surgem os horticultores de raízes que tem um estilo cerâmico marcado por decoração incisa, apêndices zoomorfos modelados e algumas vezes com pintura geométrica vermelha e branca; e por final surgem as culturas construtoras de tesos por volta de 1000 a.C. que são sucedidas por sociedades complexas e hierarquizadas, associadas às tradições Policrômica e Incisa Modelada (Roosevelt, 1991; Gomes, 2002). As pesquisas de Roosevelt reacenderam tanto os debates sobre a questão da antiguidade da ocupação com também sobre a existência de cacicados na Amazônia.

Carneiro (1995, 2007) fez críticas ao trabalho de Roosevelt, argumentando que apesar do forte antagonismo às idéias Meggers, sua interpretação é marcada pelo determinismo ecológico, na medida em que insiste no contraste entre várzea e terra firme como um fator determinante na evolução cultural. Carneiro critica incisivamente a associação feita por Roosevelt entre o aparecimento dos cacicados e o cultivo do milho. Segundo ele, as evidências etno-históricas demonstram que existia enorme quantidade e alta variedade de peixes, tartarugas e peixes-bois nos rios Amazonas e Orenoco. Fato que demonstra a disponibilidade de fontes proteína variadas e de fácil acesso ao longo do ano, o que seria suficiente para manter sociedades densas e complexas. Conclui afirmando ser insustentável qualquer teoria que não considere a possibilidade do adensamento populacional e do surgimento de cacicados ao longo do Amazonas e Orenoco ter ocorrido com base nos recursos aquáticos (Carneiro, 2007).

Carneiro argumenta que a relação entre os ambientes de várzea e terra firme deve ser revista e sugere que a exploração desses dois habitats tenha sido feita de forma interligada na pré-história. Aprofundando as idéias de Carneiro, William Denevan (1996) propõe um modelo onde existiria um sistema de exploração que se beneficiaria tanto dos recursos disponíveis na várzea quanto na terra firme. Assim, a localização dos sítios das populações que usavam esse sistema de exploração deveria estar nas áreas mais altas nas margens dos rios, nas barrancas. Nesses locais, estariam fora do alcance das cheias e localizados de maneira estratégica para explorar os dois ambientes. Nas fontes etno-históricas Denevan, coteja informações para demonstrar que os grandes assentamentos ficavam nas barrancas, na várzea e na terra firme e mantinham ligações entre si através de caminhos e estradas (Denevan, 1996).

A partir dos anos 1990, Michael Heckenberger começou a desenvolver um amplo projeto interdisciplinar na região do alto Xingu aliando arqueologia, história oral, etnografia, lingüística, estudos de solos, sensoriamento remoto e sistema de análise de informação geográfica (GIS). O principal objetivo foi entender a pré-história e a história da sociedade xinguana com ênfase no uso de recursos ambientais, cultura material, organização espacial, padrões de assentamentos regionais e organização política e ritual. Os resultados dessa pesquisa têm demonstrado que a pré-história do alto Xingu foi caracterizada pela existência de grandes aldeias circulares interligadas por estradas que convergiam para praças centrais. Outras estruturas completavam o conjunto como barragens, pontes, fossos e aterros (Heckenberger, 2001, 2005).

Heckenberger acredita que a economia que sustentava as sociedades xinguanas no passado era baseada na plantação de mandioca em larga escala associada com pesca, que é um recurso abundante na região e complementada pela caça. A pesquisa no Xingu demonstrou com muita propriedade que em determinadas áreas da terra firme também é possível o desenvolvimento de sociedades complexas, longe das várzeas e sustentadas pela agricultura da mandioca.

A partir de 1995, Eduardo Neves e James Petersen iniciaram um projeto de pesquisa junto à confluência dos rios Solimões (Amazonas) e Negro na Amazônia Central. Essa região foi indicada por Lathrap (1970) como um centro de origem das culturas amazônicas, onde teria ocorrido a domesticação de plantas e do sistema de cultivo da mandioca amarga, teria sido ainda o local do surgimento das primeiras indústrias cerâmicas (Neves, 2006). Baseado nessas premissas, os principais objetivos do projeto tem sido investigar a possibilidade da ocorrência de assentamentos sedentários, densamente povoados e de longa duração em ambientes de floresta tropical; estabelecer cronologias controladas para a arqueologia amazônica e compreender os processos de interação entre as populações humanas e o meio ambiente.

Os resultados do Projeto Amazônia Central revelaram a existência naquela região de uma ocupação pré-cerâmica datada de aproximadamente 7.700 AP; e ocupações ceramistas em sítios multicomponenciais apresentando grandes extensões de terra preta, montículos artificiais, enterramentos e valas defensivas. De fato as pesquisas indicaram que a ocupação ceramista ocorreu em dois momentos, o primeiro antes do surgimento da terra preta cujas datas vão entre 2.330 e 1.500 AP e outra mais recente, relacionada ao solo de terra preta datando de 1.350 a 1.000 AP. Portanto, as pesquisa na Amazônia Central tem confirmado a existência de sociedades densas e complexas, possivelmente

cacicados, que modificaram e foram modificados pela paisagem amazônica no passado (Neves, 2003).

A área onde foi realizada a pesquisa aqui apresentada, a região do rio Trombetas, pertence à região do baixo Amazonas[2] de onde são provenientes as cerâmicas Marajoara, Aruã, Santarém e Maracá. Pode-se dizer que foi a partir da descoberta dessas cerâmicas, na segunda metade do século XIX, que a pesquisa arqueológica teve início na região amazônica (Barbosa Rodrigues, 1875; Ferreira Penna, 1877; Hartt, 1885; Ladislau Netto, 1885) e que paulatinamente, com o passar das décadas, foi se elaborando a idéia de existência de sociedades complexas na Amazônia pré-histórica.

Nesse contexto, a região de Trombetas adquiriu visibilidade para arqueologia da Amazônia com a descoberta dos primeiros ídolos de pedra e de também de cerâmicas elaboradas (Barbosa Rodrigues, 1875; Veríssimo, 1883). É, do rio Erepecurú, afluente do Trombetas a informação mais antiga sobre a ocorrência de gravuras, datada de 1887e onde existe uma das maiores concentrações de conjuntos rupestres do Pará (Pereira, 2003). Portanto, a região do rio Trombetas, do rio Nhamundá juntamente com a de Santarém forma uma área quase contígua de ocorrência de importantes vestígios arqueológicos. As fontes históricas para essa região, especialmente em Santarém, relatam à existência de assentamentos populosos (Carvajal, 1941; Rojas, 1941), formas hierarquizadas de organização social (Heriarte, 1874) e cultos religiosos (Bettendorf, 1990; Heriarte, 1874; João Daniel; 1976). Esses elementos associados aos vestígios arqueológicos induziram à hipótese sobre a existência de complexidade cultural nessa região (Roosevelt, 1987, 1991a, 1992).

Gomes (2002) chama atenção que essas hipóteses são baseadas em analogias e, portanto devem ser consideradas de maneira cuidadosa. Sua análise da coleção tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo forneceu elementos para abordar de maneira crítica a idéia da existência de cacicados em Santarém. Os resultados do estudo Gomes (2002:161), embora não conclusivos, levaram-na a supor que as sociedades que viveram na região de Santarém, tanto poderiam apresentar formas de organização igualitária quanto poderiam ser hierarquizadas, como os cacicados. Essa conclusão está de acordo com o posicionamento atual da discussão sobre as formas de organização social complexa na Amazônia, que vem, cada vez mais, tomando nuances variadas e tornando-se mais

[2] A região do baixo Amazonas compreende desde a foz do rio Amazonas até um pouco acima da cidade de Faro, localizada as margens do rio Nhamundá.

flexíveis. Atualmente, os estudos sobre os cacicados têm proposto a existência de várias estratégias de associação social que tanto podem ser coletivas como individuais e que não são auto-excludentes, isto é, pode ocorrer na mesma sociedade com maior ou menor alcance (Neves, 2003; Schaan, 2004, Machado, 2005).

Apesar do alto potencial arqueológico, a região de Trombetas não garantiu a execução de projetos de pesquisa sistemáticos, tanto que foram conduzidos de maneira intermitente na década de 1950 por Peter Hilbert (Hilbert, 1955a; 1955b; 1959) e na década de 1970 por Peter e Klaus Hilbert (Hilbert, 1982; Hilbert e Hilbert, 1980). A partir da década de 1980 as pesquisas foram retomadas sob a perspectiva da Arqueologia de Contrato, uma vez que foi implantado um pólo de exploração de bauxita na região. (Araújo Costa et al., 1985; Hilbert, 1988; Kalkman e Costa Neto, 1986; Lopes, 1981; BRANDT, 2000; Guapindaia, 2000).

Dentro dessa perspectiva, é que foi definido o escopo do projeto que vem sendo desenvolvido na região de Porto Trombetas, cujo objetivo geral é entender como ocorreu a ocupação pré-histórica da região. Pesquisas anteriores definiram dois momentos para a ocupação pretérita da área (Hilbert, 1955; Hilbert & Hilbert,1980). O primeiro, mais recente, concernente ao estilo cerâmico Konduri foi datado entre os séculos XIII e XIV e pode ser relacionado historicamente aos grandes assentamentos encontrados pelos primeiros viajantes do rio Amazonas no século XVI.

O segundo momento, o mais antigo, foi definido arqueologicamente como fase Pocó e datado aproximadamente de 160 a.C. a 200 d.C.. Em publicações recentes (Neves, 2006; Lima, Neves & Petersen, 2006) propuseram que a fase Pocó seja transformada em Tradição Pocó, argumentando que na Amazônia Central, encontraram cerâmicas semelhantes a classificada por Hilbert & Hilbert (1980) no baixo Amazonas. A Tradição Pocó se caracteriza por depósitos profundos com às vezes mais de 1 metro, datando até 2.300 anos A. P. e apresenta cerâmicas com decoração incisa e pintada. Os sítios Pocó pertencem ao período imediatamente anterior ao aparecimento das grandes aldeias e anterior a formação das terras pretas (Neves, 2007:55-56, Lima, Neves & Petersen, 2006:47).

As pesquisas já realizadas na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá identificaram cerca de setenta sítios arqueológicos (Hilbert, 1955; Hilbert, 1988), cuja maioria está concentrada em torno dos diversos lagos da região (Sapucuá, Batata, Acari, Algodoal, Piraruacá e Faro). A área aqui investigada fica ao norte daquela descrita pelos cronistas como densamente povoada e

se sobrepõe a alguns trechos já investigados pelas pesquisas anteriores como, por exemplo, uma parte do rio Trombetas, os lagos Batata e Moura e abrange ainda uma vasta região de interflúvio praticamente desconhecida. A pesquisa nessa área, que compreende diversos compartimentos ambientais, proporcionou um levantamento preliminar da distribuição dos sítios nas diversas paisagens e principalmente permitiu constatar que a ocupação pré-colonial não estava restrita apenas as margens dos rios e lagos, mas se estendeu às zonas de interflúvio ou terra firme. A ocorrência de sítios em áreas de terra firme já foi confirmada por diversos pesquisadores, que defendem a hipótese se uma exploração complementar dos dois ambientes pelas populações pré-coloniais (Smith, 1980; Denevan, 1996).

Pontos mais específicos investigados dizem respeito ao refinamento da caracterização e cronologia dos estilos cerâmicos Konduri e Pocó (Hilbert, 1955; Hilbert & Hilbert, 1980), para isso novas escavações foram realizadas em diferentes áreas do sítio Boa Vista, que resultaram na redefinição de seus contornos, na obtenção de uma cronologia detalhada e em grande quantidade de material cerâmico e lítico.

Nesse contexto, a pesquisa realizada para essa tese, ainda que no âmbito da arqueologia de contrato, teve como objetivo estudar os sítios da região de Porto Trombetas, tanto da área de interflúvio como nas margens de rios e lagos, a fim de verificar se estes apresentam características indicadoras de complexidade social como informado para regiões contíguas. Tais características seriam a presença de cerâmica elaborada, a presença de artefatos líticos elaborados, a existência de assentamentos com grandes dimensões e densidade de material arqueológico.

Esta região é ideal para a realização de tais estudos porque os dados históricos e as poucas informações arqueológicas disponíveis indicam que a bacia do rio Trombetas era ocupada no início do século XVI por populações que estavam envolvidas em redes de trocas de longo alcance sob o comando de chefes supremos, com a produção cerâmica elaborada, de pingentes, muiraquitãs e estatuetas de pedra polida com iconografia semelhante à encontrada em contextos andinos (Barbosa de Faria, 1946; Fonseca Jr., 2005).

A pesquisa foi realizada em uma área de intensa exploração mineral no baixo Trombetas e ainda que tenha sido desenvolvida no âmbito da Arqueologia de contrato, oferece uma oportunidade singular de percorrer áreas de interflúvio, que são normalmente desconhecidas pela Arqueologia da Amazônia por causa da dificuldade de

acesso e pelos altos custos envolvidos para a realização de projetos em regiões sem infra-estrutura.

A estrutura da tese apresenta no capítulo I uma síntese dos dados históricos e das primeiras pesquisas arqueológicas realizadas na área do rio Trombetas. O segundo capítulo está subdividido em duas partes, onde na primeira apresento o panorama histórico da ocupação da área Nhamundá-Trombetas. Utilizei para isso informações etno-históricas para identificar quais povos indígenas viviam na região desde século XVI até a metade do século XX e, além disso, verifiquei a antiguidade e a persistência temporal desses povos com a finalidade de relacioná-los a cerâmica arqueológica encontrada na região. Na segunda parte, descrevo as primeiras explorações e as pesquisas arqueológicas que foram realizadas na região desde o final do século XIX até os dias atuais.

O capítulo II apresenta a localização geográfica da área da pesquisa, destacando as principais características ambientais da região, a fim de que possam ser relacionadas com os sítios arqueológicos.

O capítulo III mostra os procedimentos utilizados na prospecção e escavação dos sítios, bem como seus resultados descrevendo a metodologia empregada na abordagem dos sítios arqueológicos e descreve-os identificando-os segundo sua distribuição na paisagem e o procedimento realizado em cada sítio.

O capítulo IV apresenta o sítio Boa Vista, cuja escavação forneceu as bases para a construção da cronologia regional e que foi escolhido para realizar estudo do material cerâmico com a intenção de refinar as definições dos Estilos Konduri e Pocó e suas cronologias.

O capítulo V discute os resultados da pesquisa para verificar até que ponto eles apóiam as narrativas históricas e as expectativas teóricas e o capítulo VI apresenta os resultados das análises e as relações entre elas, as informações históricas e os dados arqueológicos já conhecidos para a região de forma buscar os elementos que permitam confirmar a presença de grandes e complexos assentamentos nessa região.

CAPÍTULO I
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA DO RIO TROMBETAS

1. AS INFORMAÇÕES HISTÓRICAS

As crônicas dos viajantes europeus que narram a exploração do rio Amazonas durante os séculos XVI e XVII, trazem as primeiras referências da ocupação das regiões dos rios Nhamundá e Trombetas. Essas viagens tinham como propósito realizar a conquista, o levantamento das riquezas naturais e das populações e por fim, tomar a posse dos novos territórios encontrados. Os relatos, deixados na forma de crônicas e diários, apresentam as primeiras impressões a partir da visão européia do contato entre dois mundos completamente diferentes e desiguais. Nesse primeiro momento, as relações estabelecidas foram na maioria das vezes rápidas, porém impactantes e pode-se dizer que os viajantes encontraram as sociedades amazônicas vivendo ainda em condições de completa integridade (Barreto & Machado, 2001; Gomes, 2002).

A primeira crônica que registra a exploração do rio Amazonas foi a do frei dominicano **Gaspar de Carvajal** que acompanhou como cronista oficial a viagem de Francisco Orellana em 1541-42. A expedição chegou à foz do rio Nhamundá em junho de 1542 e segundo o relato do cronista *"... ao dobrar uma ponta que o rio fazia,* vimos *(víssemos) adiante branqueando na costa muitos e mui grandes povoados. Aqui demos de chofre na boa terra e senhorio das amazonas"* (Carvajal, 1941). Foi logo no começo dessa província, junto ao baixo Nhamundá, que teria ocorrido o combate com as mulheres guerreiras. Segundo Carvajal, eram em número de dez ou doze aparentemente comandando o grupo, pois se colocaram a frente para lutar contra os inimigos espanhóis. Algumas delas teriam morrido durante esse combate. O cronista relata o interrogatório de um índio aprisionado próximo ao local da luta, dizendo que este informou que as amazonas tinham suas moradas distantes de quatro a sete jornadas pelo Nhamundá acima. Segundo o informante, a senhora daquelas guerreiras chamava-se *Coñori* e dominava uma vasta área, inclusive sujeitando outros chefes como o senhor de toda aquela região, onde se encontravam. Disse ainda o índio, que o chefe daquelas terras se chamava *Couynco* e "*era mui grande senhor e (...) senhoreava até onde estávamos* [abaixo do Tapajós], *o que como tenho dito, faziam cento e cinqüenta léguas*" (Porro, 1986:58-59).

No decorrer da viagem, a expedição continua atravessando áreas densamente povoadas e chega a "*boca de um rio que entrava pela mão direita no de nossa navegação*

e tinha uma légua de largura" (Carvajal, 1941:70). Nesse rio foram atacados, mas conseguiram escapar, porém um soldado foi morto, vítima de uma flecha envenenada. Segundo o cronista, "*não entrou a flecha meio dedo, mais como trazia peçonha, não durou 24 horas*" (Ibid.:72). Em um dos combates nessa região, o próprio Carvajal foi atingido, ficando cego do olho esquerdo. Em sua narrativa o cronista não menciona como eram chamados os índios da região ou o nome do rio. Porém, considerando as distâncias e o tempo de viagem dos lugares anteriores, vários pesquisadores concluíram que este era o rio Tapajós. Palmatary (1960), por exemplo, cita inúmeras razões para esta afirmativa: o fato do rio Tapajós entrar no Amazonas pelo lado direito; o fato do fluxo de água no cruzamento dos rios seguir em direção ao Tapajós; os vestígios arqueológicos da área sugerem que a região era densamente povoada; e o fato dos grupos indígenas do rio Tapajós e os do lado oposto do rio Amazonas usarem flechas envenenadas. A região entre a boca do Nhamundá até as proximidades do rio Tapajós foi denominada por Carvajal de Província de São João porque chegaram ali no dia de 24 de junho (Porro, 1986).

No século XVII, acompanhando a viagem de Pedro Teixeira no período de 1637-39, estava **Mauricio Heriarte** que só escreveria sua crônica em 1662, vinte e três anos depois. Segundo ele, no rio Trombetas viviam os Konduris, os Bobuis, Aroases, Tabaos e Curiatós. Nos lagos da região, esses grupos indígenas praticavam a colheita de grande quantidade de arroz silvestre, aparentemente só para fazer bebida fermentada (Porro, op. cit.). O autor cita especificamente os Konduris em duas ocasiões, uma dizendo que os índios do rio Trombetas tinham "*os próprios ídolos, cerimônias e governo que têm os Tapajós"* e quando disse que os Tapajó e os Konduri tinham "*finissimo barro, de que fazem muito e bôa louça de toda sorte, que entre os Portugueses he de estima, e a levam a outras províncias por contrato"* (Heriarte, l874: 39).

Outro integrante da viagem de Pedro Teixeira foi o jesuíta **Alonso de Rojas** que acompanhou a viagem da cidade de Cametá no Pará até Quito no Peru. Sua narrativa contém poucas referências nominais a tribos ou localidades, porém faz referência a grande quantidade de tribos encontradas ao longo da viagem. Também relata a existência das amazonas, porém na região dos Omágua, no alto Amazonas (Rojas, 1941).

O frei jesuíta **Cristóvão de Acuña** acompanhou como cronista oficial a vigem de retorno da expedição de Pedro Teixeira, de Quito a Belém em 1639, também faz referência às amazonas. Refere-se ao rio Nhamundá como C*unuris* ou *Conduris*, que seria o nome do primeiro grupo indígena que ocupou a foz do rio. Mais acima deles viveriam os Apantos, de língua Tupi; depois os Taguaus, e finalmente os Cacarás, em contato direto

com as amazonas. Essas mulheres guerreiras viveriam em uma região montanhosa cujo pico mais alto se chamaria *Yacamiaba* (Ibid: 59).

O período dos primeiros viajantes foi seguido pela implantação do regime missionário. Nos primeiros anos de 1600 foram fundadas missões de várias ordens religiosas - capuchos franciscanos e principalmente jesuítas - na Amazônia. No ano de 1740 foi estimado que cerca de 50.000 índios encontravam-se vivendo em missões jesuíticas e franciscanas na Amazônia (Barreto & Machado, 2001).

Desse período citamos o relato do padre jesuíta **João Felipe Bettendorff**[1] que atuou nas províncias do Maranhão e Grão-Pará entre os anos de 1660 a 1698 (com algumas interrupções), exercendo inclusive o cargo de superior da Missão da Companhia de Jesus no Maranhão e Grão Pará em dois períodos. Em sua crônica apresenta algumas informações gerais sobre os povos que ocupavam a região dos rios Nhamundá e Trombetas.

Bettendorff informa que por volta do ano de 1658 o padre Manoel de Souza foi enviado como missionário para duas áreas: a primeira no rio Jurunas e a segunda no rio Amazonas. No Amazonas percorreu o trecho "*do rio Gurupá para riba para as aldêas dos mais afastados dos Tupinambaranas e Aruaquiz*" (Bettendorff, 1990:118). Seguiu catequizando em toda a região até que ficou doente e morreu "*em uma aldêa dos barbaros Condurizes... Foi enterrado em uma egreja que os indios mesmo lá fizeram, em reverencia de seu corpo ... morreu e se enterrou em os Condurizes, donde depois de muitos annos trouxe os seus ossos Simão dos Santos, sendo subprior da casa de Santo Alexandre do Grãopará, onde se enterraram na ermidazinha velha de S. Francisco Xavier...*"(Ibid:119).

De 1669 a 1674, Bettendorff exerceu o cargo de superior da Missão da Companhia de Jesus no Maranhão e Grão Pará. Entre as suas principais ações nesse período esteve visitar às missões da região. Em uma dessas viagens relata sua ida aos Konduri, dizendo: *"... fui-me aos Condurizes, da banda de além, pois pertenciam á visita do Padre Antonio da Fonseca. Muito me agradou a entrada para aquelle rio, e o rio não é só por grande e claro, mas por muito alegre, por suas bellas praias de arêa e lindos outeiros, que de uma e outra banda o acompanham. Queria ir vel-o até as cabeceiras, mas como achei ausente o principal, ido com a tropa do cabo João de Seixas, e a aldêa desamparada toda, sem egreja, por andarem os indios continuamente divertidos, fiquei*

[1] Em 1661 foi enviado para fundar uma missão entre os Tapajó.

obrigado a dizer missa em praia a alguns brancos[2]*, que lá achei, os quaes me fizeram presentes de uns passaros de muita variedade, de bellisimas cores, chamados aráras, que se acham naquella terra dos Condurizes, mais engraçados que em outras terras, e por isso os levei commigo, mui contente, para o Grãopará, donde mandei sete delles ao illustrissimo senhor Nicolaini, o qual os tinha pedido com muito encarecimento, estando eu com elle em Lisboa, e me escreveu de Pariz que os não recebera por terem feito todos naufragio pelo mar, porém ficava muito agradecido, esperando que outros que viessem não teriam a mesma desgraça .Continuei minha viagem pelo bello rio das Trombetas, e percorrendo as aldêas principais pelo rio das Amazonas abaixo e pelas ilhas dos Ingaybas, dei commigo em Parijó, aldêa principal da Capitania de Cametá*" (Ibid: 499).

No ano de 1693 a Companhia de Jesus faz a divisão das missões amazônicas sob sua tutela, uma vez que não tinham religiosos em número suficiente para atuar em toda a região. As missões foram divididas com as ordens religiosas da Piedade, de Santo Antonio, do Carmo e das Mercês. Foi acordado que todas as missões que estivessem localizadas ao sul do rio Amazonas ficariam com a Companhia de Jesus e as que estavam ao norte foram assim divididas: os padres de S. Antonio ficaram com a missão dos Aruãs, *"pela costa da ilha Grande de Joannes com as do Norte, pelo rio das Amazonas acima, até Urubuquara, inclusivemente, e os reverendos padres Piedosos pela mesma banda do Norte, as missões de Gugupatyba, Quiriry, Xingu, rio das Trombetas e dos Jamundazes. Os reverendos padres das Mercês as de Anibá e Urubu,...; e os reverendos padres do Carmo as do rio Negro e de lá para cima, de sorte que todas as missões da banda Norte ficassem com os missionários daquellas religiões"* (Ibid:543). Assim, a partir dessa data a região dos rios Nhamundá e Trombetas deixaram de ser gerenciadas pela Companhia de Jesus e passaram à tutela dos padres da Piedade.

As organizações religiosas designadas para atuar na Amazônia encontraram as populações locais já sob o impacto do primeiro contato e elas próprias foram responsáveis por mudanças mais radicais com a implantação de um regime desestabilizador em nome da doutrina cristã. Apesar disso, foram os missionários que legaram os relatos mais detalhados sobre aspectos sociais, religiosos e ainda sobre a cultura material dos povos amazônicos a época. Isso porque a relação estabelecida entre os eles e os índios foi de natureza pacífica e prolongada, porém dominante (Gomes, 2002). Assim, pode-se considerar o ano de 1661, quando o Padre João Felipe Bettendorff estabeleceu a missão na

[2] Nimuendajú comenta esse episódio dizendo: *"This was obviously the end of the Kondurí tribe; the erection of a fort near the mouth of the Trombetas in 1698 may have contributed to this"* (Nimuendajú, 2004:140).

foz do rio Tapajós, onde atualmente esta situada a cidade de Santarém, como a data do início das trágicas transformações a que seriam submetidos os grupos naquela região e arredores. No dizer de Porro (1986:10), *"quaisquer que fossem as motivações e os planos dos colonos, missionários e comerciantes, o que eles deixaram atrás de si foi, na melhor das hipóteses, um processo de deterioração das condições sanitárias, demográficas, econômicas e finalmente, culturais, das comunidades indígenas"*.

Os descimentos – aglomeração de povos de diferentes etnias em um mesmo local (aldeamento) com o objetivo de submetê-los a catequese – foram uma das práticas a que se submeteram os grupos indígenas em todo o rio Amazonas. Essa medida - que impingia a convivência, certamente nada fácil, de grupos com costumes, valores e idiomas diferentes, além do abandono de seus territórios - não foi aceita sem resistência, levando muitos povos indígenas fugirem para o interior.

O arqueólogo Peter Hilbert ao apresentar os fatos históricos sobre a ocupação da região do Nhamundá-Trombetas menciona a resistência de algumas tribos ao domínio europeu. Segundo ele, pode-se atribuir a primeira intervenção jesuítica na área quando entre os anos de 1658 a 1660, o padre Salvador do Valle deslocou os 600 índios Pauxi do rio Xingu para um aldeamento próximo à foz do mesmo rio. Após isso, não foram registradas mais quaisquer notícias sobre eles na região do Xingu. Porém, no ano de 1697, foi fundado o forte de Pauxis na margem esquerda do rio Amazonas no local em que atualmente está localizada a cidade de Óbidos e onde existe um lago com o mesmo nome. Existem notícias que próximo ao forte havia duas pequenas aldeias e ainda uma terceira um pouco mais distante. Os nomes das aldeias permanecem desconhecidos, mas sabe-se que em 1758, elas teriam se fundido formando a Vila de Óbidos (Hilbert, 1955). Nimuendajú considera que *the Aldêa (the present Obidos) built by fort no longer belonged to the Kondurí but to the Pauxis, a Tupi tribe that had been transferred to this location by Jesuits at Tapará near the mouth of Xingu early in 1658* (Nimuendajú, 2004:140).

Ainda sobre a fundação do Forte Pauxis, Hilbert (Idem: 8) observa que "*o padre Fritz fala da tribo dos Cunurizes e no seu mapa de 1691 coloca-a exatamente no ponto em que o forte iria ser construído 6 anos depois. Quando Olga Coudreau levantou o mapa do rio Cuminã ou Erepecurú, em 1900, um descendente de escravos fugitivos vivendo nêsse rio, informou-a que uma tribo denominada Pauxi habitava nas cabeceiras do Água-Fria, Penecura e Acapú Bayous, tributários direitos do rio Erepecurú, pouco acima da boca. De acordo com essa informação, a tribo tinha primeiro vivido em Óbidos mas, antes da chegada dos civilizados, retira-se para o Erepecurú, depois para a boca do Penecura e,*

finalmente, para as cabeceiras dêste rio. Depois de 1877 interromperam-se suas relações com os escravos fugitivos. Do mesmo informante obteve Coudreau uma lista de 38 palavras. A língua é caribe, mas difere do dialeto Kaseuña (Cashuená) do rio Cachorro, seus mais próximos vizinhos, e do dialeto dos Pinacotó do alto Erepecurú. Os Pauxi há muito tempo não mais existem". Segundo Nimuendajú (*apud* Hilbert, 1955), a palavra Pauxi seria carib – *pausi* ou *paushi* – cujo significado seria mutum[3]. Assim, o autor parece sugerir que a vila de Óbidos surgiu da reunião dos índios Pauxis oriundos do Xingu com os Konduri que já estavam na região.

O etnólogo **João Barbosa de Faria** esteve na região entre 1928 e 1929, como integrante da Comissão do Marechal Cândido Rondon. Segundo ele, a bacia inferior dos rios Trombetas e Nhamundá era habitada por cinco grupos indígenas de origem comum: os Uaboí, os Conori, os Querena, os Paracoimã e os Paracuatá. Esses grupos abandonaram a área na primeira metade do século XVIII indo para o baixo Nhamundá na altura da foz do Praracatú. Esse movimento teria acontecido por que os índios Pauxi, que se encontravam sobre a catequese da Ordem da Piedade, rebelaram-se e fugiram para o Trombetas onde se refugiaram entre os Uaboí. Foram enviadas tropas para capturar os fugitivos, o que levou os Uaboí a se deslocar para o baixo-Nhamundá em 1725 (Barbosa de Faria, 1946).

O escritor **Gastão Cruls**, companheiro de Barbosa de Faria na mesma expedição, informa que teve notícias sobre índios Caxiuanás vivendo nos rios Cachorro e Jacicuri, afluentes do Trombetas e estes afirmavam ser remanescentes dos Pauxi (Cruls, 1973).

A respeito dos Uaboí, **Hilbert** informa que a atual vila de Faro teria sua origem a partir de uma aldeia dos índios *Uaboí* ou *Jamundás,* que estava localizada na confluência do rio Pracutú com o Nhamundá. Essa aldeia foi catequizada pelos capuchos de Nossa Senhora da Piedade e segundo informações que o autor compilou dos *Annaes do Archivo Publico do Pará, "o local escolhido pelos índios não possuía condições para um desenvolvimento do povoado, não só pela natureza do terreno, como pelo clima, razão pela qual os missionários a transferiram para o lago onde hoje está ... e collocando-a sob o padroado de S. João Baptista, deram-lhe a denominação de aldêa dos Jamundás, à qual chamaram também Nhamundá ou Nhiamundá"* (Hilbert, 1955:9)

Sobre o mesmo episódio, conta-nos **Barbosa de Faria** que embora os Uaboí houvessem fugido da colonização "*tiveram de se avir com ela, porque, em breve, aí*

[3] *Cracidae sp*

irromperam os capuchos da Piedade para catequizá-los. Apesar das prevenções de que estavam possuídos os selvícolas contra os civilizados, tudo indica que os religiosos puderam, desde logo, entregar-se a realizações, sem encontrar qualquer relutância por parte dos Uaboí. Uma dessas realizações foi a transferência da tribo, da foz do Paracatu para o sítio depois conhecido por Algodoal, onde foi então estabelecida a colônia de Piedade do Jamundá. ....A colonização dos Uaboí, pois obedecia, evidentemente, a um plano de largas proporções: e muito se esperava da ação dos missionários, quando êles foram, compelidos a abandonar o empreendimento, por fôrça das leis de 6 e 7 de junho de 1755, que estatuíram a liberdade dos índios e a secularização das colônias indígenas. Em 1758, com efeito, inaugurou-se o regime criado por estas leis. Efetivou-se a destituição dos catequistas e a colônia da Piedade de Jamundá foi elevada à categoria de vila com o nome de S. João Baptista de Faro" (Barbosa de Faria, 1946:7). Os Uaboí a aceitaram, as novas mudanças instituídas pelo capitão geral do Grão Pará Mendonça Furtado e a vila viveu anos de tranqüilidade, porém "*em 1798, entraram normas administrativas, que colocaram os indígenas sob a sanção de regulamentos draconianos*" (Idem:7). Assim, em 1801, os indígenas se sublevaram e travaram uma batalha sangrenta. Depois disso, abandonaram a vila e fugiram para o interior das matas dos rios Trombetas e Nhamundá. Até meados do século XIX, ainda se teve notícias da sua presença em serras próximas a vila de Faro, porém depois disso não houve mais nenhum registro (Idem; Hilbert, 1955).

Em 1868, o naturalista **Domingos Soares Ferreira Penna** esteve na região do rio Trombetas e Nhamundá e sobre Faro deixou registrado que "*apesar de achar-se colocada numa situação das mais agradáveis da província, presumo que a vila dificilmente poderá reassumir sua tal ou qual prosperidade, que fluíra na época em que abundavam índios, os quais, obrigados pelos missionários e membros do diretório, entregavam-se a agricultura e outras indústrias úteis .... Os índios que habitavam a bacia superior do Trombetas devem ser os restos ou descendentes da heroica nação dos Caribas, que os velhos conquistadores espanhoes exterminaram e perseguiram a ferro e fogo, aviltando-os com o apelido de Canibais...Grande número desses infelizes são hoje escravos dos escravos refugiados nos Mocambos, e suas filhas lhes são arrancadas para amazias desses mesmos negros que dominam, como senhores absolutos aquela região*" (Ferreira Penna *apud* Hilbert, 1955).

Em 1874, o botânico **João Barbosa Rodrigues**, viajando pelos rios Trombetas e Nhamundá encontrou várias áreas contendo vestígios arqueológicos e foi o primeiro a atribuir à cerâmica da região aos *Cunurys* e *Uaboy*. Informando sobre a antiga colônia

missionária de Nossa Senhora da Piedade diz que lá foram aldeadas quatro tribos *Cunuris*, *Cherenas*, *Paracoianã* e *Paracuatá*, as quais mais tarde teriam se reunidos os *Uaboys* do Trombetas (Barbosa Rodrigues,1875).

Depois desse período raras expedições estiveram na região, pois como bem observa Hilbert, embora à época compreendida entre o fim do século XIX e o inicio do século do século XX tenha sido o de maior atuação e projeção do Museu Goeldi e do Museu Nacional, estes não tiveram nenhuma atuação na área do Nhamundá e Trombetas. A única referência sobre a presença de sítios arqueológicos que constam no Boletim do Museu Goeldi, é uma rápida descrição do geólogo Orville Derby (Derby, 1897-98). A outra referência vem de Olga Coudreau que informa sobre alguns sítios de gravuras rupestres no rio Erepecurú (Hilbert, 1955; Pereira, 2003).

Ao tratar de sua própria expedição ao baixo Nhamundá-Trombetas, realizada em 1952, Hilbert informa que não existiam mais índios na região, porém mais para o Norte, no curso médio do Trombetas e do Nhamundá e em seus afluentes, ainda havia vários grupos indígenas assentados, embora seus artefatos cerâmicos não revelassem nenhuma semelhança com a cerâmica arqueológica encontrada na área. Pertencem quase todos ao grupo Caraíba (Karib?) e, segundo Frikel, estavam distribuídos da seguinte maneira:

"1) Grupo dialético Parú-Cotó, entre o Trombetas e Jamundá (Cachuíana, Furu-arú, cahviana, etc.) com cerca de 3.000 almas.

2) Grupo dialético Tirió-Pianacotó, entre o Trombetas e o Parú de Oeste (Tirió, Pianácotó, etc.) com cerca de 2.ooo almas

3) Aruak, nas nascentes do Trombetas e do Mapuera, com cerca de 600 almas" (Hilbert, 1955:11).

A partir do levantamento bibliográfico apresentado formulei um panorama abrangente das nações indígenas que viviam na área dos rios Nhamundá e Trombetas no momento do primeiro contato. De uma maneira geral, quase não existem informações específicas sobre aspectos sociais, políticos, religiosos, demográficos e também sobre a cultura material para essa região. A respeito da densidade populacional é possível, no máximo, propor uma estimativa sobre a quantidade de aldeias que existiam na região baseada nos relatos, já apresentados, de Carvajal (século XVI), Acuña, Rojas e Heriarte (século XVII). Segundo eles, a região compreendida entre o baixo Nhamundá e um pouco abaixo da foz do Tapajós era densamente povoada. Vários grupos indígenas foram citados vivendo nas margens daqueles rios e também em aldeias mais para o interior. Ao realizar a

sinopse sobre as principais populações do alto e médio Amazonas nos séculos XVI e XVII, baseado no levantamento minucioso das fontes etno-históricas, o historiador Antonio Porro (1986) afirma que a região do baixo curso do Nhamundá até o do Tapajós passando pela foz do rio Trombetas e o estreito de Óbidos foi percebida por Carvajal como uma única e grande e província denominada de São João onde, em ambas as margens, existia uma grande quantidade de aldeias.

Essa situação de alta densidade populacional, descrita pelos cronistas seiscentistas e setecentistas, muda drasticamente já final do século XVII, mudança que se intensifica nos séculos seguintes com a instalação definitiva dos europeus na região. O jesuíta Samuel Fritz, em 1691 subindo o Amazonas constata a depopulação em vastas áreas nas encostas do rio ao observar que "*da foz do Tapajós à do Urubu, em quase 600 km das outrora populosas províncias dos Tapajós, Conduris, Tupirambarana e Arawak eram agora quatorze dias de viagem "sem povoado nem gente" (Idem: 65).*

As informações sobre povos que habitavam a região desde o século XVI até XX obtidas através do levantamento bibliográfico exposto acima foram sintetizadas no quadro 1 para facilitar sua visualização. Nesse quadro constam as seguintes informações: ano do registro da tribo, seu nome, locais onde foram registradas e as fontes. Foram considerados dois tipos de fontes: as diretas, ou seja, procedentes daqueles que tiveram contato direto ou receberam informações quando o grupo indígena ainda estava vivo; e as indiretas, ou seja, aqueles que fornecem apenas informações citando as fontes diretas ou coletam notícias que esses povos teriam vivido na região e naquele momento já estavam extintos. Duas obras serviram de apoio a este levantamento, uma vez que não tive acesso a todas as fontes. São elas: *O Povo das Águas* de Antonio Porro, 1996 e o *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú*, 1987. As referências citadas por Nimuendajú e Porro foram incluídas como informções primárias quando constam como tal na bibliografia de Porro. Por fim, consideramos apenas as informações sobre as tribos de maior recorrência, as mais antigas e as que têm sua localização geográfica próxima à área dos sítios arqueológicos que estudamos.

ANO	GRUPO INDÍGENA	LOCAL	FONTE
1541-42	Conduris	Rio Nhamundá	Carvajal, 1941
1637-39	Conduris, Bobuis, Aroases, Tabaos e Curiatós	Rio Trombetas	Heriarte, l874
1639	Conduris, Apantos, Taguaus, Cacarás	Rio Nhamundá e arredores	Acuña (apud Porro, 1996)
1667	Conduri	Região que abarca da foz do rio Nhamundá até a foz do rio Trombetas	Nimuendajú, 1987 baseado em Martius, 1867, Fritz, 1900 e 1918, João de São José, 1848, Acuña, 1865, Heriarte, 1874, Cruz, 1879, Bettendorff, 1910, Noticiário Maranhense 1919
1691	Cunurizes	Rio Trombetas	Hilbert, 1955 apud Fritz 1900
1691	Jamundá	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Fritz 1900 e 1918, Bettendorff 1910
Até 1725	Uaboí, Conori, Querena, Paracoimã e Paracuatá,	Bacia inferior dos rios Nhamundá e Trombetas	Barbosa de Faria, 1946 baseado em Barbosa Rodrigues, 1875.
Até 1725	Pauxi	Colônia de Piedade do Nhamundá (Faro)	Barbosa de Faria, 1946 baseado em Barbosa Rodrigues, 1875
2° metade do séc XVIII	Bobouis, Jamundá, Paruacotó, Uaboís	Vila de Faro	Porro 1986 baseado em Noronha, 1862; Sampaio, 1825, Ferreira 1894, Braum 1873.
1763	Jamundá	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Fritz 1900 e 1918, Bettendorff 1910.
1801	Uaboí	Florestas interiores dos rios Nhamundá e Trombetas	Barbosa de Faria 1946 baseado em Barbosa Rodrigues 1875
1850	Uaboí	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1899
1874	Pinaghotós, Charumás, Tumayanas e Arequenas	Rio Trombetas	Barbosa Rodrigues 1875
1877	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1900	Pauxi	Cabeceiras dos rios Água Fria, Penecura, e Acapú Bayos afluentes direitos do baixo Erepecuru	Coudreau 1901 apud Hilbert 1955
1900	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1914	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1928-29	Caxiuanás	Rios Cachorro e Jacicuri afluentes do Trombetas	Cruls 1973
1952	Cachuíana, Furu-arú e Chaviana	Entre o Trombetas e Nhamundá	Hilbert 1955 baseado em Frikel informações pessoais
1952	Tirió e Pinacotó	Entre os rios Trombetas e Paru de Oeste	Hilbert 1995baseado em Frikel informações pessoais
1952	Aruak	Cabeceiras dos rios Trombetas e Mapuéra	Hilbert 1955 baseado em Frikel informações pessoais

Quadro 1 – Síntese das informações bibliográficas sobre os povos que habitaram a região do rio Trombetas desde o século XVI até o XX.

É possível perceber no quadro acima que as tribos mais recorrentes são os Konduri aparecendo seis vezes, os Pauxi cinco vezes, os Uaboí quatro vezes, os Jamundá três vezes e, finalmente os Bobui, duas vezes. Os **Konduri** seriam os mais antigos habitantes da região tendo sua presença registrada no período de **1541 a 1725**, localizados ora no rio **Nhamundá**, ora no rio **Trombetas**, sendo que até 1691 foram citados por fontes **contato direto**. É sobre os Konduri a única referência a respeito da produção de cerâmica, fornecida por Heriarte.

Os **Pauxi** são registrados no período de **1725** a **1914,** sempre citados por fontes de **contato indireto** e aparecem localizados no rio **Erepecuru** e uma única vez na **Missão Piedade do Nhamundá** que daria origem a cidade de Faro. Em sua interpretação dos dados históricos Hilbert (1955) considera que os Pauxi seriam oriundos do rio Xingu[4] onde permaneceram pelo menos até 1660, depois teriam se deslocado para o rio Trombetas, como sugere ao mencionar a construção do Forte Pauxis em 1697 e a existência de um lago homônimo. Embora as tribos que deram origem a Vila de Óbidos, tenham seus nomes desconhecidos, o autor parece sugerir que uma delas poderia ser os Pauxi. Interessante perceber que os Pauxi foram citados entre as tribos que originaram a vila de Faro, como já mencionado acima.

O fato é que Hilbert, baseado no argumento de Nimuendajú, sugere que existe uma relação entre o grupo indígena que aparece no Xingu em 1658 e aquele que é registrado em 1725 no Nhamundá e depois no Erepecurú. Porém, a observação do mapa do próprio Nimuendajú parece sugerir outra coisa. O grupo Pauxi que está localizado no rio Amazonas próximo ao Xingu em 1660 é considerado Tupi, enquanto o grupo que aparece entre o rio Trombetas e Erepecurú com datas de 1877, 1900 e 1914 foi classificado como Karib. Hilbert em seu histórico menciona apenas a origem Karib das palavras coletadas por Coudreau como também a definição de Nimuendajú para palavra Pauxi. Diante disso, é possível aventar a possibilidade que dois grupos indígenas, por ter nomes parecidos, tenham sido registrados com o mesmo nome a exemplo dos vários grupos Arara que têm origens diferentes (Galúcio, informação pessoal).

Os **Uaboí** aparecem de **1725** até **1850**, sendo quase sempre citados por fontes de **contato indireto** (há apenas uma citação direta), localizados nos rios **Nhamundá e Trombetas** e como uma das tribos que foram aldeadas na **missão do Nhamundá** (Faro).

Os **Jamundá** foram registrados por **contato direto** entre os anos de **1691 a 1763** e estariam localizados no **médio Nhamundá** e também seriam um dos grupos aldeados na **missão do Nhamundá**. Barbosa de Faria considera que os Uaboí e os Jamundá sejam o mesmo grupo, tanto que apresenta na primeira parte do seu artigo de 1941 intitulado de *Escôrço Histórico,* o subtítulo

4

quase em linha reta e tinham aproximadamente um metro e meio de largura e trinta centímetro de profundidade (Barbosa Rodrigues, 1875; Nimuendajú, 1949). Se considerarmos a existência de grandes aldeias no interior mencionadas por Carvajal, é possível que caminhos semelhantes a esses existissem na região do Nhamundá-Trombetas fazendo a comunicação entre as aldeias próximas às margens dos rios e as do interior.

2. As Primeiras Incursões e as Pesquisas arqueológicas[5]

A partir dos meados do século XIX as expedições ao rio Amazonas e seus afluentes tomaram um impulso totalmente novo que não era definido apenas pelas políticas de conquista, pelo interesse no descobrimento de novas terras e a pela incumbência de conversão de povos "bárbaros" ao cristianismo. Essa nova investida ao Amazonas era caracterizada mais pelo estudo da natureza de uma maneira racional, como pregavam os novos valores científicos do movimento Iluminista que reinava a Europa naquela época (Barreto & Machado, 2001).

É nesse contexto que entre os anos de 1871 e 1874 o botânico **João Barbosa Rodrigues** foi designado pelo Governo Imperial a realizar explorações nos rios Tapajós, Trombetas, Nhamundá entre outros da região amazônica. Barbosa Rodrigues embora fosse botânico tinha muita curiosidade pelos assuntos de arqueologia e tinha especial interesse nas áreas do rio Trombetas e Nhamundá, uma vez que os relatos de Carvajal fixavam nesse local a tribo das Amazonas (Fonseca Jr., 2004).

Em sua exploração na região do rio Trombetas o autor relata que encontrou na serra dos Canurys *"vestígios em fragmentos de louça dos antigos Cunurys e Uaboys"* (Barbosa Rodrigues,1875:9). Como já mencionado ele foi o primeiro a atribuir a cerâmica encontrada na região aos Konduri e Uaboí. Relata ainda que *"Percorrendo ....roças encontrei signaes de extincta maloca nos numerosos fragmentos de louça que haviam espalhados. Entre esses fragmentos encontrei alguns com forma de animais, entre eles um representando bem a cabeça de um jacaré"* (Ibid:19).

Além de suas observações sobre os sítios e materiais cerâmicos, elaborou um mapa apresentando a região de proveniência das Ykamiabas (Amazonas) e dos ídolos de pedra (Figura 1). Aliás, a sua maior contribuição ao desenvolvimento da arqueologia foi concernente aos ídolos de pedra e muiraquitãs, sobre os quais fez uma publicação em dois volumes reunindo todas as informações, as imagens e suas teorias sobre a origem dessas peças. O autor travou um profundo debate com outros intelectuais da época como Ladislau Netto, José Veríssimo, Emilio Goeldi,

[5] Neste tópico apresento apenas informações gerais sobre as pesquisas arqueológicas. No capítulo II apresentarei as contribuições de cada autor para a Arqueologia da área Nhamundá-Trombetas.

Manoel Francisco Machado sobre a proveniência desses artefatos. Barbosa Rodrigues, Ladislau Netto e Goeldi defendiam a origem externa e Veríssimo, a autóctone (Barbosa Rodrigues, 1875; 1899; Veríssimo,1883). Embora discordassem sobre o local de origem, Barbosa Rodrigues e Veríssimo pareciam concordar que a função desses objetos era ligada ao universo espiritual.

As discussões sobre as origens das ocorrências arqueológicas oriundas da Amazônia tiveram grande repercussão e ganharam contornos nacionais e internacionais, tornando-se um dos principais focos de interesse de toda uma geração intelectual[6]. Embora muitas décadas tenham se passado e mais ídolos de pedra tenham sido descobertos, sua origem e a função ainda permanecem praticamente indefinidas, isso porque nenhum dos artefatos foi encontrado em escavações arqueológicas[7]. A mais recentemente contribuição sobre o assunto foi de Fonseca Jr. (2004) que sintetizou todas as informações disponíveis sobre os ídolos conhecidos. Ele reuniu informações sobre vinte ídolos[8] e estabeleceu três principais áreas de origem dentro da região do baixo Amazonas: 1) Trombetas; 2) Oriximiná/Óbidos; e 3) Santarém. Interessante notar que duas das áreas de ocorrência envolvem a região do rio Trombetas, onde foram encontrados doze ídolos, reafirmando a importância dessa região para as pesquisas arqueológicas (Figura 2).

[6] Segundo Sanjad (2005:89) "sistematizar e comparar informações sobre a pré-história amazônica era um assunto que ganhava cada vez mais adeptos e gerava disputas intestinas na intelectualidade brasileira" durante o século XIX e começo do século XX.

[7] As observações de B. Rodrigues (1875, 1899) e Veríssimo (1883) baseadas nos relatos de Carvajal e João Daniel relacionam a função desses artefatos como objetos de uso especial em atividades como a pesca, partos, casamentos e batalhas (Fonseca Jr., 2004:16).

[8] Quando Barbosa Rodrigues (1899) publicou sua obra existiam apenas seis ídolos conhecidos. Fonseca Jr. apresenta vinte, sendo que um inédito (Fonseca Jr., 2004). Mais três ídolos passaram a integrar a coleção do Museu Goeldi a partir de março de 2008, sendo que um foi o inédito apresentado por Fonseca e dois eram ainda desconhecidos.

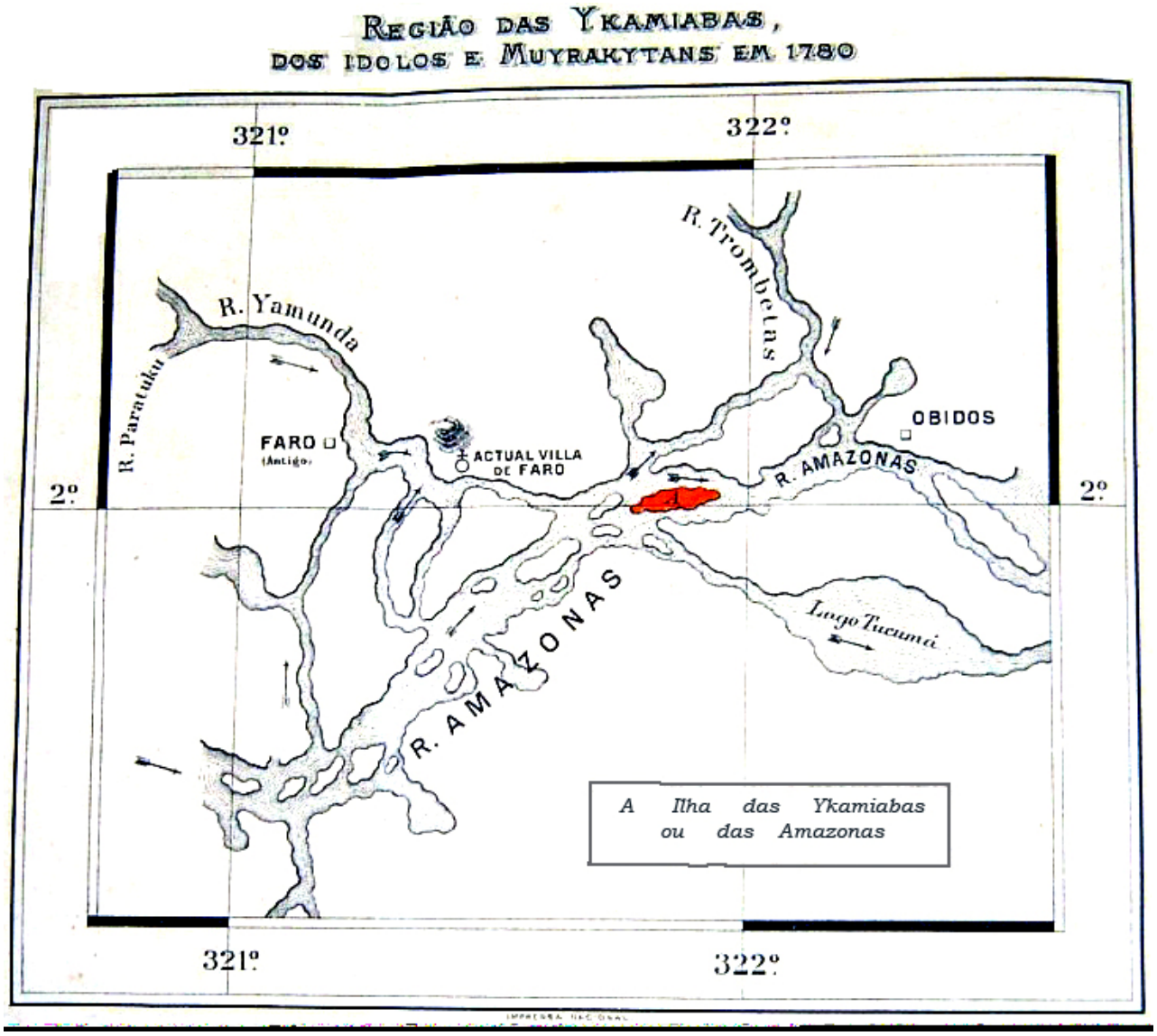


Figura 1- Mapa de Barbosa Rodrigues (1875). No mapa consta a seguinte legenda: "***Este mappa foi copiado de um levantado pelos astrônomos portuguezes em 1780, e serve para se ver as modificações que sofreu esta região com as alluviões do Amazonas e com o decrecimento do volume de suas águas, e outrosim mostra a ilha em que, segundo opinião minha habitaram as pretendidas Amazonas ou Ykamiabas, que ahi se perpetuaram pelos Muyrakytnas. Esta ilha em parte destruída n'este século, hoje, está ligada a margem norte indicada nesta planta pela lettra A e na que levantei, com o nome de Tauaquera das Amazonas, na costa do Peru.***

Comparando-se a 1ª carta do Amazonas do Padre Samuel Fritz, de 1690, com a de La Condamine, de 1743, esta de 1780, com a de Costa Azevedo de 1868 e com a minha (1874) vê-se a mudança extraordinária que modificou esta região, só n'estes últimos dous séculos."

Já no século XX, entre os anos de 1923 e 1926, o etnólogo **Curt Nimuendajú**, viajou entre as regiões dos rios Tapajós e Trombetas registrando sítios arqueológicos e sempre que possível, coletando amostras de material. Registrou 65 sítios na região distribuídos deste a cidade de Santarém, passando pela região de Alter do Chão e Samaúma, pelo rio Arapixuna, pela margem sul do Lago Grande de Vila Franca até a margem direita do Amazonas. Suas descrições eram detalhadas contendo informações sobre a geografia do local, informações históricas e frequentemente mapas. A partir de suas pesquisas foi possível estabelecer semelhanças e diferenças entre o material arqueológico da região de Santarém e do Nhamundá-Trombetas; e também esboçou os limites geográficos dos dois estilos. Considerou os Konduri como o grupo que ocupava a área contígua a oeste dos Tapajó e como limite entre as duas áreas estava a Serra de Parintins (Hilbert, 1955; Gomes, 2002; Nimuendajú,1949, 2004).

Nimuendajú atuou na coleta e formação de coleções etnográficas e arqueológicas para museus nacionais e estrangeiros durante o início do século XX. Entre objetos que coletou estavam alguns ídolos de pedra que foram enviados ao Museu Etnográfico de Oslo, cujo diretor era Erland Nordenskiöld[9]. Sua opinião sobre esses objetos era discordante de Barbosa Rodrigues e Goeldi, que os explicavam como a simbolização da fraqueza do homem ante sua luta com a natureza. Goeldi interpretava as estatuetas como "*an immortalisation of very moment of the struggle between man and beast, when the indisputable victory of the latter finds its expression*" (Goeldi apud Nimuendajú, 2004). Nimuendajú achava mais provável que as estatuetas tivessem aspecto totêmico, onde as figuras representariam personagens mitológicos (Ibid).

Nos anos de 1928 e 1929 **João Barbosa de Faria**, etnólogo da expedição da Inspetoria de Fronteiras chefiada pelo general Cândido Rondon, realizou pesquisa na região do rio Trombetas. Esse levantamento arqueológico foi motivado pela doação de um vaso de pedra muito semelhante aos ídolos da região (Figura 8B). A curiosidade que despertou o objeto associado ao fato de haver na época pouco conhecimento arqueológico sobre a região[10] fez com que Cândido Rondon determinasse a realização de "*uma completa exploração no vale do Trombetas*" (Barbosa de Faria, 1946). Barbosa de Faria percorreu além dos dois principais rios, alguns igarapés, lagos e ilhas da região, registrando dezessete

[9] Nimuendajú coletou três e adquiriu outros três ídolos de pedra (Nimuendajú, 2000; Fonseca Jr. 2004; Nimuendajú, 2004).
[10] Embora Nimuendajú já estivesse atuado na região o resultado de suas pesquisas ainda não tinham se tornado públicos.

locais com terra preta e fragmentos de cerâmica[11]. Elaborou um mapa contendo a localização dos sítios e das áreas de terra preta (Figura 3).

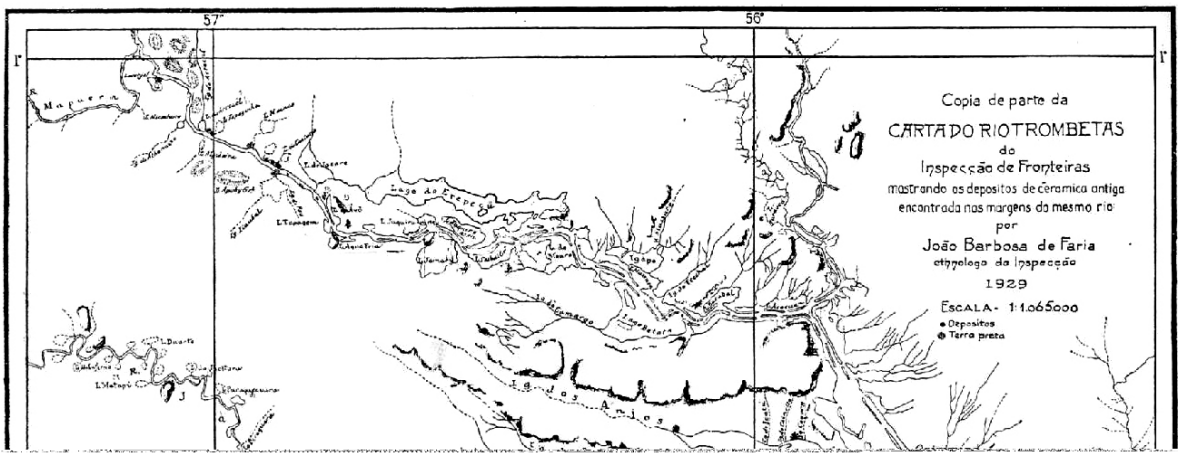


Figura 3 – Mapa elaborado por Barbosa de Farias (1946) indicando a ocorrência de sítios arqueológicos e áreas de terra preta na região dos rios Trombetas e Nhamundá.

Barbosa de Faria considerou que os sítios arqueológicos estavam associados aos índios Uaboí. Segundo ele *"aquêles despojos cerâmicos definiram, desde logo, o caráter exótico da civilização dos Uaboí, afastando em absoluto a idéia de qualquer parentesco entre este povo e as tribos autóctonas brasileiras. .... nos próprios símbolos e concepções configuradas na cerâmica, transpareciam idéias e um estilo mui peculiares à escultura pré-histórica andina; sendo plausível que se procurasse aí nas cordilheiras, a origem do povo do Trombetas."* (Barbosa de Faria, 1941:9). Seguindo esse raciocínio e buscando analogias, sugeriu que a origem dos Uaboí teria sido entre os Chibcha nos Andes colombianos[12].

A partir de suas observações definiu três características para os sítios arqueológicos da área. A primeira seria a presença de "*um reduto de argila negra,vulgarmente conhecida por* ***terra preta****....possivelmente são massas aluvionais que sedimentaram os lagos no passado*"

[11] Na margem esquerda do rio Trombetas os locais foram: Tapagem, Arrosal, Macacos, Caetano, Uaupés e São Nicolau; na margem direita, próximo a lagos registrou: Laranjal e Abuí ou Uaboí; no lago Sapucuá: Conorí, Cocaes (ou Coqueiros ou Cocal) e Anjos; nas ilhas: Paru, Jacopá, Bôtoas ou São João e Uapê; no Nhamundá, próximo Faro: Aldeia Velha.

[12] A atribuição de uma origem externa para a ocupação pré-histórica da Amazônia brasileira era a explicação mais aceita naquela época. Um exemplo disso é a correlação dos ídolos de pedra com sítios da Colômbia, Venezuela e Peru (Fonseca Jr. 2004).

(Ibid, 1941:23). A segunda era a presença de fragmentos de cerâmica e a terceira, sua localização em torno de um lago. A respeito da cerâmica, o autor observou o uso do cauixi como aditivo e a presença de decorações modeladas e incisas[13]. Segundo suas interpretações, as cerâmicas modeladas tinham funções essencialmente religiosas. Da cerâmica com incisões diz que os motivos eram exclusivamente retilíneos e elementares, "*com exclusão absoluta de delineamentos curvilíneos de qualquer ordem e também de figuras antropomorfas, zoomorfas e floreais*" (Ibid, 1941:24). Não identificou o uso de pinturas. Propôs uma conexão dos elementos modelados com algumas representações mitológicas da cultura Chibcha. Considerava que a tribo Uaboí tinha uma relação de veneração com os lagos e os sítios arqueológicos encontrados em seu entorno seriam "*restos de práticas propiciatórias realizadas pelos índios"*, e ainda assumia que o culto aos lagos "*foi um princípio dogmático na religião dos Chibcha,.... Em virtude de suas afinidades religiosas com os povos Chibcha, os Uaboí devem ser considerados um ramo dessa raça "* (Ibid, 1941:24). A cerâmica encontrada por Barbosa de Faria é a que foi classificada por Nimuendajú (Figura 4) como Konduri.

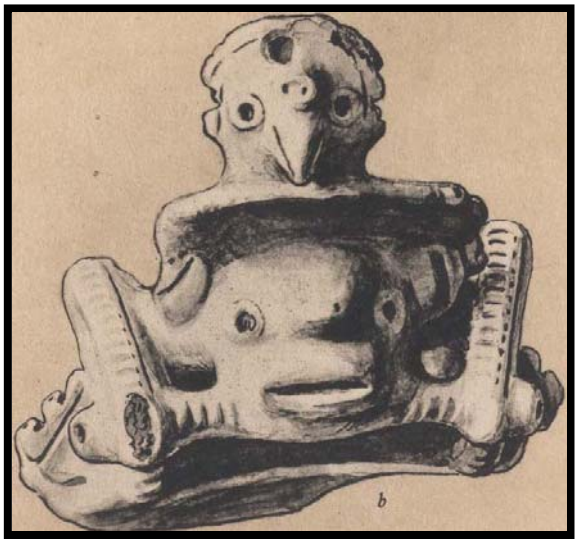


Figura 4 – Fragmento de cerâmica apresentado por Nordenskiöld (1930) proveniente do rio Nhamundá.

Erland Nordenskiöld publicou em 1930, um livro reunindo informações coletadas por Nimuendajú e por ele mesmo sobre as principais descobertas arqueológicas da Amazônia. Entre as fotos apresentadas no livro estão alguns fragmentos de cerâmica do Lago Sapucuá e rio Trombetas e dois ídolos de pedra provenientes um lugar chamado Sucuruju na margem esquerda do Trombetas (Figura 2d) e o outro do Lago Jacupá entre o lago Sapucuá e o rio Trombetas (Figura 2g). A cerâmica da região do Nhamundá-Trombetas, por suas semelhanças, proximidade geográfica e descrições etno-históricas, são sempre consideradas no âmbito da cerâmica de Santarém (Nordenskiöld, 1930).

Nordenskiöld considerou que na Bacia Amazônica existiram duas formas de ocupação evidenciadas pelo tratamento conferido aos mortos. A primeira se caracterizava pela

[13] O autor refere-se aos modelados como esculturas e as incisões como decoração linear.

presença de urnas funerárias, entre as quais estavam as encontradas nas ilhas de Marajó e Caviana, as da região de Cunani no norte do Amapá e as de Miracangüera no Amazonas. A outra forma, enterraria seus mortos diretamente no solo ou praticava a trituração e ingestão dos ossos. A prática de enterramento em urnas teria uma ampla distribuição que incluía a Bolívia e as Antilhas. Quanto à ingestão de ossos, seria de uso restrito em parte da Bacia Amazônica, especificamente em Santarém como registrado pelos cronistas (Nordenskiöld, 1930; Gomes, 2002).

O autor relacionou algumas características da cerâmica da região de Santarém e Nhamundá-Trombetas como as cabeças de pássaros modeladas, as cariátides e as bases trípodes com as de Santo Domingo nas Antilhas, Chiquiri no Panamá e Costa Rica. Na tentativa de explicar a dispersão dessas características pelas Antilhas, América Central e Amazônia, considerou a existência de migrações entre essas áreas, além das rotas de troca. Os grupos Arawak, que na época da ocupação européia foram encontrados desde a região do Grande Chaco até o litoral da Flórida, teriam sido os principais responsáveis por essa dispersão. Portanto, para Nordenskiöld a cerâmica dessa área seria de origem ou teria fortes influências Arawak. Apesar de não ter elementos para estabelecer a trajetória das migrações, propõe que a evolução da cerâmica seja assinalada pela transição da decoração modelada à pintada (Ibid).

Frei **Protásio Frikel** foi pároco de Oriximiná e Terra Santa entre as décadas de 1930 e 1950. Cumprindo os preceitos da vida religiosa viajou por toda a região e muitas vezes encontrou e coletou vestígios arqueológicos. Frikel não chegou a publicar nada sobre suas descobertas, porém prestou informações valiosas a Peter Hilbert através de relatos orais e cartas (Hilbert, 1955). Ele informou a presença de seis sítios no rio Trombetas. O material arqueológico por ele coletado encontrava-se na época no museu de sua Ordem, em Ipaurana, na Paraíba do Norte e parte foi doada ao colecionador Charles Townsend, morador de da cidade de Belterra no Pará (Ibid). A coleção Townsend encontra-se atualmente no Museu Paraense Emílio Goeldi e em estudo recente foram identificados exemplares provenientes do município de Oriximiná e de Terra Santa (Rosa, 2004).

Na década de 1950, **Peter Hilbert** realizou levantamento dos sítios arqueológicos na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá[14] (Hilbert, 1955a; b; 1959). Nessa região encontrou quarenta e um sítios e registrou àqueles informados por Frikel. Hilbert dividiu a área prospectada nas seguintes regiões: Rio Trombetas, Baixo

[14]A área situava-se entre 55,40° e 56,50° de longitude Leste e 1,20° e 2,30° de latitude Sul

Cuminá-Erepecuru, Lago Salgado, Lago Sapucuá, Lago Piraruacá e Zona de Terra Santa (Figura 5). Fez coletas de superfície e em alguns sítios realizou escavações de 1m². De uma maneira geral, os sítios ficam localizados nas margens dos lagos e rios imediatamente acima do nível das águas e no topo das serras. Possuem em média entre 1 e 2 hectares, apresentam terra preta com profundidade variando de 30 a 60 cm apresentando baixa densidade de material com maior ocorrência na profundidade de 30 cm. A coloração do solo varia de preto a marrom. Com o material coletado acrescido do material que recebeu em doação e alguns exemplares da coleção particular de Frederico Barata, Hilbert realizou a primeira análise e classificação da cerâmica dessa região[15]. Identificou o uso de dois tipos de antiplásticos na confecção da cerâmica: cauixi e areia. Sendo que o uso do cauixi era mais freqüente e difundido em toda a região pesquisada; o uso da areia era mais raro e parecia estar restrito ao rio Trombetas. De um modo geral, classificou a cerâmica em três grupos diferentes: temperada com areia, estilo Konduri e estilo Globular.

Nos meados dos anos de 1970, Peter e Klaus Hilbert realizam novas pesquisas na área dos rios Trombetas-Nhamundá. Segundo Gomes (2002), este levantamento propõe não só em identificar tipos cerâmicos, mas, além disso, estabelecer uma cronologia para a área. Os resultados preliminares da pesquisa foram publicados na década de 1980. Dois sítios foram pesquisados, o Boa Vista localizado as margens do rio Trombetas e o Pocó localizado as margens do rio de mesmo nome, que é um afluente do rio Nhamundá. Nesses sítios foi identificada a presença de dois diferentes componentes cerâmicos, o do estilo Konduri mais recente a fase Pocó, mais antiga.

Em 1985, com a implantação de um pólo de exploração de bauxita na região pela empresa Mineração Rio do Norte, as pesquisas arqueológicas foram retomadas sob a perspectiva da Arqueologia de Contrato como seguem até hoje. Nos primeiros anos o projeto foi desenvolvido sob a coordenação do Museu Paraense Emilio Goeldi, quando 51 novos sítios arqueológicos foram registrados (Araújo Costa et al., 1985; Hilbert, 1988; Kalkman e Costa Neto, 1986; Lopes, 1981). Naquele momento, a coordenação coube a pesquisadora Fernanda de Araújo Costa. Entre os objetivos da pesquisa, além da prospecção e salvamento nas áreas impactadas pelas atividades de extração de bauxita, havia a preocupação em *"estabelecer a cronologia e a seqüência local de desenvolvimento da área de estudo"* para "*tentar reconstruir as várias etapas de ocupação, adaptação e povoamento pré-histórico da*

[15] Além dos fragmentos de cerâmica, Hilbert analisou uma pequena coleção de instrumentos líticos. Segundo ele a região apresenta uma grande variedade de formas entre as quais, identificou machados, cinzéis e raspadeiras. Identifica um tipo de machado como típicos da região (Hilbert, 1955: 69-70[Figuras 32, 33 e 34]).

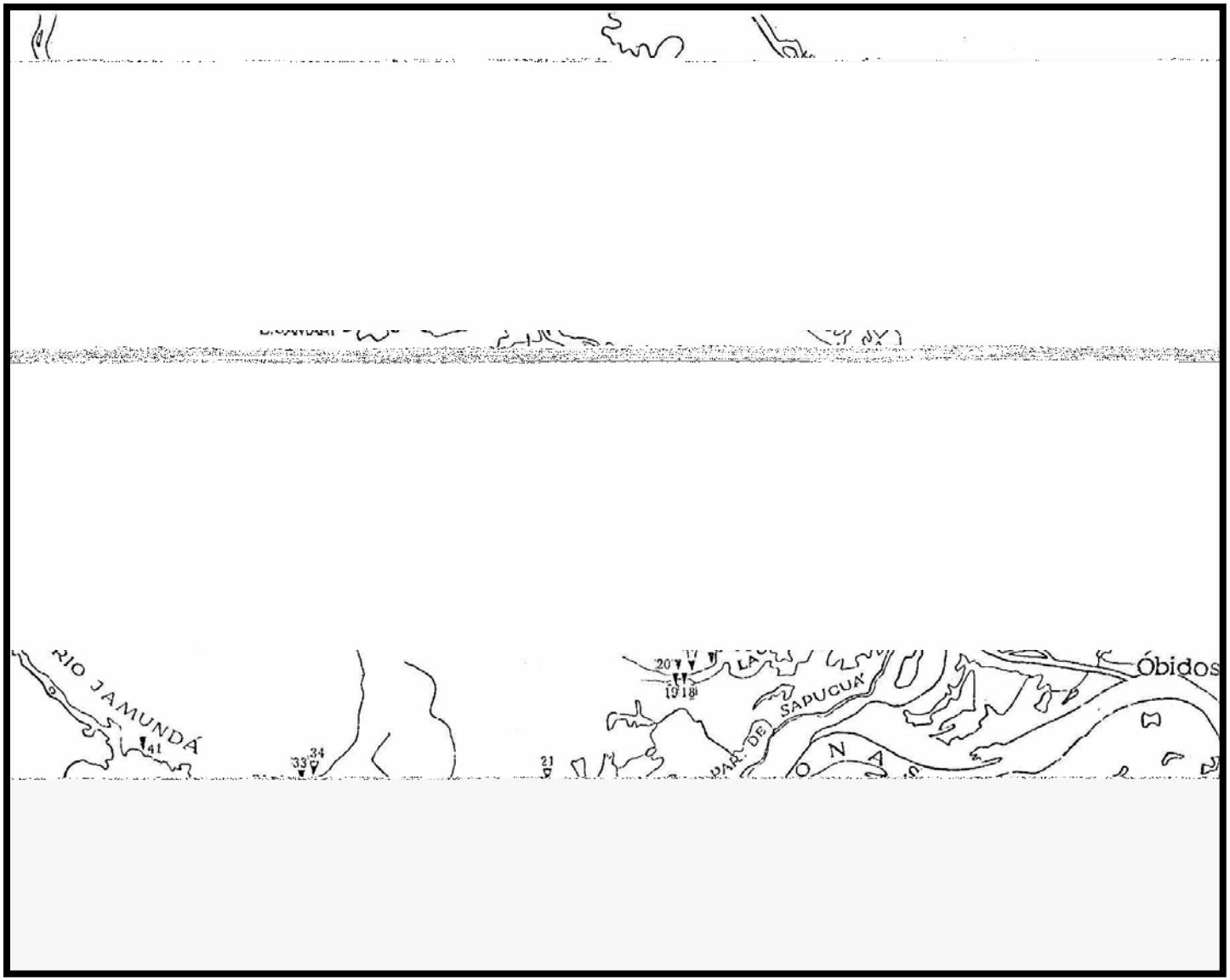


Figura 5 – Mapa confeccionado por Peter Hilbert. Os triângulos completamente pretos indicam os sítios visitados por Hilbert e os triângulos com pontas pretas indicam às informações de Protásio Frikel de sítios localizados próximo as cidades de Terra Santa e Faro e do rio Nhamundá (Hilbert, 1955).

área Nhamundá-Trombetas" (Araújo Costa et al, 1985:2). Para isso, foi delimitada uma área piloto que continha amostras de todos os ambientes típicos da região: flúvio-lacustre, serrano e de transição (Costa Neto & Kern, 1985). A área era uma faixa de cerca de 13km de largura por 33,5km de extensão, englobando parte dos lago Erepecu e Ajudante, o lago Moura, os platôs Papagaio, Periquito e Saracá. Infelizmente os objetivos não puderam ser alcançados, uma vez que as atividades do projeto foram interrompidas por motivos alheios a pesquisa.

Em 1988 houve a retomada do projeto, ainda sob a coordenação do Museu Goeldi, dessa vez tendo como responsável o pesquisador Klaus Hilbert[16]. A área prevista para investigação foi à região do baixo Trombetas compreendendo as áreas da vila de Porto Trombetas, as margens dos lagos Batata, Acari, Moura e platô Saracá. O projeto propunha uma pesquisa interdisciplinar envolvendo além da arqueologia, estudos geomorfológicos, botânicos e etnoarqueológicos. Para isso seria realizada prospecção intensiva a fim localizar outros sítios-habitação, sítios-oficina, terras pretas sem presença de cerâmica e locais com matéria-prima lítica. Apenas uma etapa de campo foi cumprida, onde se realizou uma extensa prospecção na área delimitada pelo projeto. Quarenta novos sítios foram cadastrados. O projeto também sofreu interrupção por motivos alheios à pesquisa.

Na década de 1990, a continuidade das atividades de pesquisa passa a ser coordenada pela empresa BRANDT Meio Ambiente. Os objetivos principais do programa eram "vistoriar áreas diretamente afetadas pelas atividades da MRN; e realizar um programa de capacitação técnica dos funcionários da MRN. Os objetivos secundários eram vistoriar os sítios arqueológicos já identificados nas outras etapas de trabalho e em outras pesquisas realizadas, para diagnosticar o atual estado de conservação; e vistoriar parte da área de influência indireta, no sentido de orientar os moradores e buscar subsídio para elaboração de um projeto específico de preservação e de conservação dos mesmos" (BRANDT, 1996; BRANDT, 1998a; BRANDT, 1998b). Durante o período de atuação dessa empresa foram vistoriados, na área de influência direta, os platôs Saracá e Papagaio; e na área de influência indireta, o Lago Batata e o Lago Moura. Foram registrados três novos sítios, sendo dois no Lago Moura e um no Lago Batata[17]. O trabalho dessa empresa foi interrompido em 1999.

[16] Embora em seu relatório K. Hilbert apresente o projeto como uma continuidade ao de 1985, os objetivos apresentados e as áreas de prospecção (exceto os platôs) são diferentes.
[17] Os sítios registrados pela Brandt, na verdade, já haviam sido registrados por Hilbert (1988, 1990) e Kalkman et al. (1986). A correção está em Guapindaia (2004).

No início do ano de 2001, as pesquisas arqueológicas de contrato são retomadas na região pelo Museu Paraense Emílio Goeldi[18], desta feita sob a coordenação de Vera Guapindaia. O projeto tinha como objetivo geral realizar prospecção e salvamento dos sítios arqueológicos nas áreas afetadas direta e indiretamente pela atuação do empreendimento. Além disso, previu a avaliação das condições de conservação de sítios arqueológicos já localizados às margens de rios e lagos e nas demais áreas de influência do empreendimento minerário e posteriormente, incluiu também investigações no ambiente subaquático (Guapindaia et al, 2001). Foram realizadas até o momento treze etapas de campo que incluíram: 1) a prospecção dos platôs Saracá, Periquito, Papagaio, Aviso, Almeidas, Bacaba, Bela Cruz, Teófilo, Cipó, Aramã, Greig e Monte Branco; 2) escavação de sete sítios encontrados na área dos platôs; 3) delimitação e escavação do sítio Boa Vista na margem esquerda do rio Trombetas; 4) prospecção dos lagos Moura e Batata; 5) iniciada a escavação em um sítio no lago Moura; 6) delimitação de cinco sítios no lago Batata; 7) iniciada a escavação de um sítio no lago Batata; e 8) mapeamento de um sítio de gravuras rupestres submerso no Lago Mussurá e o decalque de suas gravuras[19].

Informações sobre a arqueologia dos rios Nhamundá e Trombetas, também surgiram a partir dos estudos de coleções provenientes da região de Santarém, nas quais quase sempre existem associados, objetos e fragmentos da cerâmica Konduri, como demonstram os estudos de Palmatary (1939, 1960) Guapindaia (1993) e Gomes (2002). Abordaremos os trabalhos de Helen Palmatary e Denise Gomes por considerarmos serem aqueles que melhor caracterizam a cerâmica Konduri em estudos de coleções.

Em seu estudo Palmatary classificou tipos cerâmicos como *Non-Tapajó Wares* entre os quais inclui as *Wares Showing Basketry or Coth Impressions* e *Wares Decorated in Konduri Tradition.* Observou algumas características quando realizou uma análise comparativa entre uma borda tipicamente Tapajó e outra não-Tapajó. O material tipicamente Tapajó era macio, apresentava textura uniforme dentro e fora do fragmento, as espículas de cauixi eram pequenas e ocorriam em pouca quantidade. A borda não-Tapajó era áspera, apresentava igualmente textura uniforme, porém continha muitas inclusões de grãos de areia triturados; havia grande quantidade de espículas de cauixi dispostas em todas as direções no interior e a na superfície

[18] Pesquisa realizada através de convênio entre o Museu Goeldi, a Mineração Rio do Norte (MRN) e a Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP). A partir de 2006 houve a substituição da FADESP pela Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESA).

[19] Pereira, E. et al. Arqueologia subaquática na Amazônia – documentação e análise das gravuras rupestres do sítio Mussurá, rio Trombetas, Pará, Brasil. (no prelo).

do fragmento. Conclui que aparentemente havia muito mais uso do espongiário e outros materiais silicosos na cerâmica não-Tapajó (Palmatary, 1960:64).

Sobre cerâmica Konduri, a autora diz que seu conhecimento a respeito da forma e do estilo decorativo está limitado, em sua maioria aos fragmentos, pois o número de vasos da região do Trombetas é muito limitado. Segundo ela, alguns cacos tipo Konduri encontrados na área Tapajó parecem ter textura mais macia do que os outros, enquanto que a ornamentação parece mostrar alguma influência Tapajó. Caracteriza a decoração Konduri por numerosos orifícios, alguns grandes outros pequenos, mas proporcionalmente profundos; os tipos de olhos encontrados são em forma "rosquinha" (*doughnut*), as vezes ligeiramente alongados; simples ou protuberâncias furadas (*pitted bulge*); as incisões são retas e paralelas ou retilíneas e quase sempre profundas; aparecem também pequenos cortes paralelos; os adornos são extremamente grotescos. Na coleção estudada existiam fragmentos bordas e corpos, adornos, alças, bulbos cônicos de bases trípodes e vasos oriundos tanto da área de Santarém quanto da Nhamundá-Trombetas (Palmatary, 1960:65-67).

Ao estudar a coleção tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Gomes (2002) definiu a existência de material Konduri, de Influência Konduri e Globular, que são tipos relacionados à área Nhamundá-Trombetas. Quanto ao antiplástico, autora confirmou o padrão definido por Hilbert que estabelece o uso do cauixi em quantidade abundante como principal característica. Nas peças classificadas como de Influência Konduri constatou o uso moderado de cauixi e da associação do caco moído e areia. E o estilo Globular apresenta como antiplástico em maior freqüência, a mistura de cauixi e areia. Nas técnicas decorativas observou que nos estilos Konduri e de Influência Konduri há utilização da modelagem, aplicação, incisão e principalmente do ponteado e pequenas incisões em profusão. Ocorre ainda o uso de engobo e pintura em bandas nas cores vermelho e preto, vermelho e preto e amarelo. No estilo Globular há o uso e apêndices modelados compostos pela sobreposição de seções esféricas, detalhes incisos e excisos, engobo vermelho e pintura vermelha sobre branca. Na iconografia dos estilos Konduri e de Influência Konduri percebeu a representação do urubu-rei, pássaros não reconhecíveis, cobras, jacarés, macacos e tartarugas. No estilo Globular observou figuras esféricas não reconhecíveis e pássaros.

A comparação entre as informações históricas e os resultados das pesquisas arqueológicas corrobora a idéia da existência de uma unidade cultural na área Nhamundá-Trombetas. A pesquisa arqueológica de Hilbert (1955) e Hilbert & Hilbert (1980) na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá identificou dois componentes cerâmicos distintos: o "estilo Konduri", identificado nos níveis superiores da

estratigrafia e a "fase Pocó", identificada nos níveis inferiores. O estilo Konduri, mais recente, é relacionado, estilística e cronologicamente a cerâmica de Santarém, da foz do rio Tapajós. Esses dois componentes cerâmicos estão incluídos na tradição Incisa Ponteada da Bacia Amazônica, cuja antigüidade é situada, geralmente, entre 1000 a 1500 A.D. A fase Pocó, mais antiga, apresenta traços decorativos bastante variados, alguns lembrando os da tradição Barrancóide da Venezuela, que atualmente é relacionada a Tradição Borda Incisa, cuja datação é dos séculos IV e IX D. C. (301 a 900 D.C.). [20]

Por outro lado, segundo as informações históricas, vários grupos indígenas ocuparam a região desde o século XVI até a primeira metade do século XX. Entre esses, foram os Konduri aqueles registrados com maior persistência temporal entre os séculos XVI até o XVII. Associando esse fato à citação direta de que eram produtores de cerâmica elaborada e considerando a dispersão por essa área de um tipo de cerâmica com traços diagnósticos bem definidos, pode-se considerar os Konduri como o principal componente desse universo cultural mais tardio. Portanto, ao juntar os dados disponíveis da arqueologia com as informações históricas, pode-se inferir que os Konduri viveram na região do século XIII ao XVII.

3. AS TERRAS PRETAS NA ÁREA DO RIO TROMBETAS

Outro aspecto que é fundamental no entendimento da ocupação da pré-história da Amazônia é a ocorrência de Terra Preta ou Terra Preta de Índio ou Terra Preta Arqueológica (TPA), nas quais está localizada a maioria dos sítios arqueológicos da Amazônia Brasileira, caso também da região da bacia do rio Trombetas.

Os solos de terra preta são resultados da ação humana no passado que modificou/adaptou/interagiu com a paisagem ao seu redor. Quanto ao seu processo de formação, isto é, se as modificações foram realizadas de maneira intencional (antropogênica) ou não intencional (antrópica), ainda é questão de debate entre os especialistas (Erickson, 2003; Lehmann et al, 2003; Neves et. al, 2003), porém não há dúvida de que sejam, ao lado dos fragmentos cerâmicos, um dos melhores indicadores de sítios arqueológicos na Amazônia[21].

Para a região do Nhamundá-Trombetas, Nimuendajú (2004), Barbosa de Faria (1946) e Peter Hilbert (1955), fizeram várias considerações e observações sobre as terras pretas. Nimuendajú (2004) considerou como característica dos sítios dessa região o solo de terra

[20] Na década de 1970 K. Hilbert retornou ao sítio Boa Vista, onde realizou mais escavações e obteve datações mais antigas para a cerâmica Pocó (1375 a 870 a. C.) (Gomes, 2002).
[21] Barbosa de Faria registrou um comentário popular nas vilas ribeirinhas do Trombetas que ilustra bem esse fato, que é: "onde há terra preta, há careta" (1946:14, também citado por Hilbert, 1955:13).

preta e defendia que sua origem era antropogênica. Acreditava que a terra preta é o resultado e não a causa das habitações indígenas. Na região dos rios Nhamundá-Trombetas, Nimuendajú (2004:15-157) registrou cinco terras pretas, sendo duas em área de lago, duas em serras e uma em um barranco.

(1955:18), indicando a ocorrência de sítios nas áreas de interflúvio, o que se confirmou com os levantamentos realizados mais tarde por Hilbert & Hilbert (1980) Guapindaia et al (2001, 2005, 2007).

Na década de 1990 os pesquisadores Dirse Kern, Nestor Kampf e Marcondes Costa realizaram pesquisas pedológicas e de análise da composição química e física de fragmentos cerâmicos em dois sítios as margens do alto rio Trombetas, localizados na região de Cachoeira Porteira acima de Porto Trombetas. As pesquisas pedológicas, partindo da caracterização dos perfis de solo com terra preta, estudaram as modificações físicas e químicas causadas pelos antigos assentamentos ao solo original com o objetivo de contribuir com métodos mais eficazes de delimitação dos sítios arqueológicos. Segundo os autores, as terras pretas da região caracterizam-se por apresentar distribuição regular, ter forma circulares medindo de 1 a 8 hectares e por localizarem-se próximas uma as outras e assentadas sobre o latossolo amarelo.

As conclusões desses estudos apontaram como bons marcadores da área dos sítios arqueológicos os seguintes elementos: cálcio, magnésio, zinco, manganês, potássio e carbono. Essa pesquisa constatou que a atividade humana ao invés de degradar o solo, promoveu sua fertilização, o que justifica a procura dessas áreas pelos atuais moradores da região para agricultura (Kern, 1988; Kern & Kampf, 1989; Costa et al. 2004a).

As análises químicas e físicas realizadas com os fragmentos cerâmicos de uso doméstico além de obter a composição química e física para cada aditivo identificado constataram que alguns elementos - como o fósforo, bário, zinco, chumbo e outros - foram incorporados depois da confecção das vasilhas provavelmente durante o uso diário ou depois de seu descarte. A conclusão dos autores é que esses elementos foram incorporados através de reações derivadas da cocção de alimentos vegetais e animais. Sugerem ainda ser possível que as reações tenham continuado após o descarte do vasilhame, o que poderia ter contribuído para a formação da terra preta (Costa et al, 2004b).

As pesquisas desenvolvidas no âmbito desse projeto vêm constatando que além dos sítios de terra preta - que, de fato, são a grande maioria e os que apresentam grandes dimensões - existem outros, cujo solo não é terra preta, mas um solo mais claro e, em alguns casos, bastante amarelado. Os sítios sem terra preta foram encontrados em menor proporção, sempre na área de interflúvio e com baixa densidade de material. Coletas sistemáticas de solo foram realizadas tanto em sítios com terra preta como nos outros, porém os resultados da análise ainda não estão disponíveis.

4. A ÀREA DO RIO TROMBETAS NO CONTEXTO DOS MODELOS DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

Os modelos explicativos para a ocupação da Amazônia apresentam um quadro, onde pouco antes do descobrimento ao longo das várzeas dos rios Amazonas e Orenoco haviam sociedades hierarquizadas e complexas, denominadas de cacicados. Foi a partir da interligação das informações dos cronistas com a presença dos vestígios arqueológicos encontrados nas várzeas do rio Amazonas e seus afluentes – em especial os objetos cerâmicos com pinturas policrômicas [22] e com profusão de incisões e excisões[23]; e objetos líticos confeccionados de maneira sofisticada [24] - que surgiram as formulações de hipóteses sobre a existência dessas sociedades complexas na Amazônia (Lathrap, 1975; Carneiro, 1970; Roosevelt, 1987).

O trecho do rio Amazonas entre baixo curso do rio Nhamundá, passando pelo rio Trombetas e o estreito de Óbidos até alcançar o rio Tapajós é uma das áreas apontadas nos relatos etno-históricos com densas populações e a ocorrência de artefatos cerâmicos e líticos elaborados. Especificamente na região nas fozes dos rios Nhamundá e Trombetas, teria existido um grupo indígena chamado Konduri que dominava a região e produzia objetos cerâmicos que chamaram a atenção dos europeus. Houve, inclusive, relatos sobre a existência de aldeias sob o domínio desses índios localizadas mais para o interior. Essa informação sugere que os Konduri poderiam ter uma organização social e política articulada com poder suficiente para dominar uma vasta região, o que é compatível com algumas características das formações sociais do tipo cacicado (Machado, 2005:775).

Ídolos, contas e pendentes (muiraquitãs) de pedra são vestígios que também indicam a existência de sociedades complexas na região do baixo Amazonas. A criação desses artefatos é considerada uma forma de demonstrar prosperidade, sucesso e poder com o objetivo de solucionar problemas ou cumprir obrigações sociais, como atrair parceiros produtivos, trabalho e aliados ou unir membros de um grupo social (Hayden,1998:11). A presença desses objetos foi registrada pelas fontes etno-históricas desde o século XVI até ao XIX, onde se menciona que eram considerados altamente valiosos (Boomert, 1987)[25].

---

[22] Exemplos de policromia são as urnas, vasos, estatuetas e outros objetos encontrados na Ilha de Marajó.

[23] A cerâmica de Marajó também apresenta motivos com elaboradas técnicas de incisão e excisão adornando os objetos associados ou não as pinturas.

[24] Aqui se podem citar como exemplos os ídolos de pedra, muiraquitãs e contas provenientes das regiões dos rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá.

[25] The “Amazon-stones” were typically worn in necklaces by women. Ralegh (1848:29) writes that on the Lower Orinoco “commonly euery king or *Cacique* hath one, which their wiues for the most part weare (Boomert, 1987:35).

Segundo Boomert (1987:36-37) as fontes documentais não deixam dúvidas que entre as elites das chefias das várzeas do Amazonas e Orenoco esses artefatos de pedra eram um dos principais elementos de troca em eventos como casamentos, cerimônias de paz e negociações de consolidação e manutenção de alianças políticas.

As regiões dos baixos cursos dos rios Nhamundá, Trombetas e Tapajós foram consideradas como um dos centros de manufatura desses objetos que foram associados com as ocupações pré-históricas dos Konduri e Tapajós (Boomert, 1987:40). O artigo citado enfoca apenas os pingentes e contas, porém tendo em vista a sobreposição de áreas de ocorrência (Fonseca Jr., 2004) é perfeitamente admissível considerar que os ídolos também fossem parte integrante desse grupo de artefatos usados em trocas cerimoniais e políticas.

Um outro ponto que relaciona a cerâmica Konduri às sociedades consideradas complexas, é a semelhança com a cerâmica Santarém. Os resultados de algumas pesquisas arqueológicas já realizadas sobre o tema (Gomes, 2002; Guapindaia, 1983; Hilbert, 1955a), a presença concomitante desses estilos cerâmicos em alguns sítios e coleções (Gomes, 2002; Guapindaia, 1983) e sua ocorrência geográfica contígua, são dados que sugerem haver uma relação próxima entre essas duas cerâmicas.

Ao examinar questões relacionadas à origem do estilo Santarém e a expansão do Horizonte Inciso Ponteado, tanto Meggers como Lathrap reconhecem uma ligação histórica da cerâmica de Santarém com os estilos da Venezuela, explicada por migrações, enquanto Roosevelt descarta essa hipótese (Roosevelt, 1992:73; Gomes, 2002:66). Ela prefere apostar nos processos de aculturação, explicando a difusão temporal e espacial dos estilos cerâmicos a partir de processos de interação inter-regional. Roosevelt, embora não tenha dúvida sobre a origem autóctone dos cacicados amazônicos, admite a existência de uma relação estilística com a região do Orenoco e com a região caribenha da Colômbia e Venezuela, mas não consegue estabelecer em que nível ocorreu esse contato (Roosevelt, 1992:82). Em uma publicação posterior, a autora ainda apresenta essa questão como não resolvida, mas ressalta que na Amazônia a mudança da decoração policrômica para incisa ponteada é repentina, o que diminuiria as chances de apontá-la como o centro de origem (Gomes, 2002:66). Considerando não ter havido o aprofundamento da questão por Roosevelt, Gomes alerta que as hipóteses de migração de Meggers e Evans não devem ser desconsideradas (Ibid: 68).

Outro aspecto importante é o argumento de Porro (1996) que interpreta, a partir da descrição de Carvajal, o segmento entre o baixo curso do rio Nhamundá até o Tapajós como uma grande província, inferindo a existência de unidade cultural e possivelmente política para a região (compatível com a o sistema de cacicados), o que deixaria evidências na

cultura material. Hilbert, por outro lado, considera a existência de duas províncias estilísticas, o que pode ser interpretado como dois grupos distintos cujas relações foram estabelecidas a partir de permuta ou comércio (1955a: 72). Além das trocas cerimoniais, como as citadas para os artefatos líticos, Myers (1983), Porro (1986) e Boomert (1987) consideram que o comércio de produtos utilitários foi um aspecto importante na vida dos grupos pré-históricos na Amazônia. Esse comércio, rico e diversificado, envolvia especializações locais na produção e distribuição de mercadorias e as trocas abrangiam tanto as diversas regiões ribeirinhas como as áreas de terra firme. A existência de redes de comércio bem estabelecidas, além da circulação de mercadorias e bens pressupõe, obviamente, a circulação intensa de pessoas, possibilitando a troca de experiências e novos aprendizados.

Gomes (2002: 161), considerando a existência de redes, explica a relação entre as duas áreas como possível resultado da "existência de relações de interação entre unidades paritárias, entretanto subordinadas a um centro de poder". É através dessa interpretação baseada no conceito de *peer polity interaction* definido por Renfrew (apud Gomes, 2002: 161-62) que a autora explica a ampla distribuição de alguns estilos cerâmicos (Santarém e Konduri) que seriam copiados (Influência Santarém e Influência Konduri) por outras comunidades. Essa abordagem analisa as relações de dominação e subordinação em sociedades complexas, a partir das relações de interação espacial e de poder. Considera que as unidades sócio-políticas independentes localizadas próximas umas das outras, podem transformar-se em unidades territoriais, uma vez em que tendem a possuir instituições políticas semelhantes (religião, língua, etc.) o que poderia chamar de "mesma cultura" (Machado, 2005, 2006).

Segundo Gomes, o fato de várias comunidades compartilharem de uma mesma iconografia implica a existência de um mecanismo ideológico, difundido por meio de objetos e símbolos, o que poderia ser considerado como uma característica dos cacicados. Por fim, analisando a questão dos cacicados na região do Baixo Amazonas a luz de vários modelos teóricos e considerando os resultados da análise de uma coleção arqueológica proveniente da área, conclui que "os *insights* proporcionados por essa análise podem tanto se referir a sociedades igualitárias em processo de transição como a cacicados" (Ibid:166).

As informações etno-históricas e a ocorrência de vestígios arqueológicos sugerem ter existido até as vésperas dos primeiros contatos entre índios e europeus um sistema de organização sócio-político complexo, cujo centro político parece ter sido na região das fozes dos rios Nhamundá e Trombetas. A realização de investigações arqueológicas sistemáticas

nessa região seria fundamental para conhecer as dimensões, os níveis de complexidade e de interação entre os sítios a fim de estabelecer a hierarquização, o que levaria a validar ou refutar essa hipótese.

A área investigada nessa pesquisa fica em média cerca de 50 km a noroeste da foz do rio Trombetas. Se existiu algum centro político na região de Oriximiná ou do Lago Sapucuá certamente sua influência deve ter se disseminado por toda aquela região. Portanto, os sítios localizados às margens do terço superior do baixo curso do rio Trombetas e aqueles localizados na área interflúvio integrariam a área sob influência ou domínio dos Konduri. O que provaria a relação das aldeias localizadas no baixo curso do rio Trombetas com aqueles localizadas em sua foz e na do Nhamundá? Além da relativa proximidade geográfica, devem ser considerados aspectos como a semelhança do material cerâmico e a presença de sítios na zona de interflúvio entre os rios Trombetas, Nhamundá e Amazonas[26]. Resta estabelecer a relação entre os sítios localizados mais para o interior, longe das várzeas do rio Amazonas, porém apresentando cerâmica estilisticamente relacionada ao Horizonte ou Tradição Incisa Ponteada com os sítios mais próximos das fozes dos rios Trombetas e Nhamundá.

Hilbert & Hilbert (1980) definiram uma ocupação anterior ao estabelecimento dos Konduri, para a região dos rios Nhamundá e Trombetas, a Fase Pocó, que ocorre nas mesmas áreas dos sítios Konduri, mas em período anterior. Os Hilbert estabeleceram duas datas para essa fase: 65 ±95 a.C e A.D. 110 ± 90 (Hilbert & Hilbert, 1980:9), o que as coloca no "período imediatamente anterior à constituição das grandes aldeias com terras pretas que caracterizariam a ocupação humana dessa parte da região em épocas posterior" (Neves, 2006:56). Em publicações recentes (Neves, 2006; Lima, Neves & Petersen, 2006) transformam a fase Pocó em Tradição Pocó, argumentando que este é um fenômeno de dispersão mais amplo relativo à Amazônia Central e ao baixo Amazonas. A Tradição Pocó se caracteriza por depósitos profundos, alguns mais de 1 metro, datando de até 2.300 anos A. P. e por apresentar cerâmicas com decoração incisa e pintada.

Embora Hilbert & Hilbert (1980) tenham estabelecido a fase Pocó, a definição das características de sua cerâmica precisa ser refinada, como será abordado no capítulo 2. Outro aspecto de interesse a ser discutido é a distribuição dos sítios Pocó: será que estão restritos as margens dos rios ou também estão nas áreas de interflúvio? Caso, os produtores da cerâmica Pocó também tenham se estabelecido no interflúvio, esse fato, demonstraria que

[26] A existência de sítios relacionados à cerâmica Konduri na zona de interflúvio já haviam sido relatados por Hilbert (1955) e registrados por Lopes (1981) e Hilbert (1988).

a dinâmica de ocupação/exploração dos ambientes ribeirinhos e “interioranos” não seria uma característica de sociedades mais tardias na região.

E como teria acontecido a “transição” de Pocó para Konduri? Teria sido uma seqüência continua ou uma transição abrupta? E qual a origem da cerâmica Pocó? Neves (2006) argumenta que nos locais onde foram encontrados os sítios com cerâmica Pocó, esses sítios aparecem depois de um longo hiato de ocupação temporal. Considerando que as cerâmicas Pocó têm uma série de características decorativas comuns com outras identificadas na Venezuela, o autor propõe uma hipótese de que as populações produtoras dessa cerâmica tenham se originado no norte do continente e ocupado a Amazônia há aproximadamente 2.300 anos.

CAPÍTULO II
CARACTERIZAÇÃO DOS ESTILOS CERÂMICOS DA ÁREA NHAMUNDÁ-TROMBETAS

Nimuendajú foi um dos primeiros pesquisadores a propor a classificação e distribuição geográfica para a cerâmica da região do Nhamundá e do Trombetas. Em suas viagens pela região durante a década de 1920, atravessou o Amazonas através do paraná do Bom Jardim, braço da parte sul do rio Nhamundá. Esteve no lago Sapucuá, em Oriximiná e Óbidos. Viajando pelo paraná do Bom Jardim encontrou três locais com vestígios arqueológicos, que considerou como sítios-habitação (Nimuendajú, 2004:136). Observou que a vila de Oriximiná está situada sobre uma área de terra preta. Sobre o lago Sapucuá diz que sua porção norte é montanhosa e o sul alagado. Informa a ocorrência de terras preta ao norte do lago nas serras de Cunuri e Uajará, além disso, obteve informação de mais sete locais com terra preta. Navegando de Oriximiná para Óbidos pelo rio Trombetas, encontrou mais alguns sítios. Próximo a Óbidos, a jusante, em uma ilha chamada Ilha Grande do Mamahurú, encontrou fragmentos de cerâmica[1] (Ibid: 137). Observa que a cerâmica encontrada no paraná do Bom Jardim, no lago Sapucuá e no rio Trombetas são muito parecidas e possuem o mesmo estilo dos fragmentos encontrados no Lago Selé[2] localizado na margem sul do Amazonas.

Nimuendajú estabeleceu as características da cerâmica das regiões do Nhamundá e Trombetas a partir de comparações com as encontradas na região de Santarém. Percebeu que o estilo da cerâmica é praticamente idêntico nas três regiões que possui as seguintes características: abundância de motivos antropomorfos e zoomorfos, principalmente na forma de cabeças, onde os olhos e bocas eram modelados[3]; uso freqüente de alças de todos os tipos, das mais simples como asas até figuras antropomorfas ou zoomorfas; a decoração pintada é rara, sendo quase insignificante em relação aos modelados; presença significativa de pés (ou base), principalmente antropomorfos que podem ter sido pés (base) de vasos[4]; bordas decoradas com marcas de dedos; e tortual de fuso de arenito

[1] Informa ainda que nessa ilha a alguns anos atrás, foi encontrado um muiraquitã, que naquela altura estava em posse de um carteiro em Santarém (Nimuendajú, 1924:137-38).
[2] Um ídolo de pedra foi encontrado "no Lago Grande do Sollé, margem direita do Amazonas (...) lugar conhecido por Terra Preta" (Machado, 1901). É possível que seja o mesmo local a julgar pelo nome e localização.
[3] No texto original : *Eyes and lips are not impressed but affixed (2004:124),* o que provavelmente refere-se e a modelagem.
[4] *There is a large number of feet, particularly anthropomorphic ones, which may have been feet of vessels. (2004:125).*

vermelho com decorações na parte plana ou na borda (Nimuendajú, 2004:124-125). Quanto ao material lítico encontrou machados, pilão e um fragmento de muiraquitã.

Além das semelhanças estilísticas e morfológicas, fundamentou-se ainda, nas informações do cronista Heriarte que havia percebido a existência de similaridades entre as áreas, ao registrar que as tribos do rio Trombetas tinham os mesmos ídolos, cerimônias, sistema de governo e comércio de objetos cerâmicos que as do rio Tapajós. Considera que - no que chamou de "zona Nhamundá" (incluindo Trombetas, Tapajós e Lago Grande) - existia uma cultura local que apresentava as seguintes características:

> *1. The occurrence or the genuine*[5] *Muyrakytã, which occurs only sporadically outside this zone*
>
> *2. The stone idols, which in the shape are found nowhere outside the zone mentioned*
>
> *3. The lack of urn sites or of other burial sites, which may be explained by the fact that the burying of the dead so as to leave no traces, as mentioned by Heriarte, was generally practiced here*
>
> *4. A very characteristic, ceramic style of a relatively high standing.* (Nimuendajú, 2004:125)

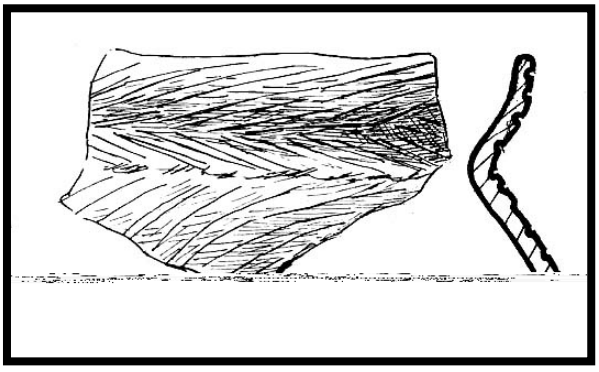


Figura 6 – Motivo com incisões finas e paralelas (Reproduzido de Nimuendajú, 2004:289)

Embora esteja ciente das semelhanças entre a área do rio Tapajós e do delta do Nhamundá-Trombetas, também percebe que a cerâmica da segunda área tem características próprias, tanto que estabelece fronteiras entre os dois tipos. Como característica dessa cerâmica aponta a alta freqüência de pés cônicos ou cilíndricos (trípodes) e a presença rara de bases anulares; decoração plástica executada grosseiramente (em contraste a cerâmica de Santarém), a execução das linhas é irregular e assimétrica; presença de um vaso típico manufaturado com uma mistura de argila, escura e dura com areia fina apresentando incisões finas e paralelas[6] (Figura 6). Encontrou cabeças de urubu que considerou como material importado da região de Santarém. Os sítios com cerâmica Konduri estavam localizados pela margem esquerda do Amazonas, desde Óbidos até a foz do Nhamundá abarcando a foz do Trombetas e o Lago

[5] Não encontrei na bibliografia consultada nenhuma definição do que Nimuendajú considerava como um muiraquitã genuíno, porém observei que se refere a esse objeto associando a forma de rã (ver Nimuendajú, 2000:58 e Nimuendajú, 2004: 134), não denominando de muiraquitã os pingentes com outras formas. Frederico Barata propõe a definição de muiraquitã considerando, além da forma de rã, os orifícios duplos laterais, o que somava quatro orifícios por peça. Aquelas que possuíam apenas um furo lateral, isto é, apresentando apenas dois orifícios por peça, considerava como conta (Barata, 1954:245).

[6] Esse motivo foi denominado por Hilbert (1955a) como "espinha de peixe".

Sapucuá. Pela margem direita do Amazonas, iria do Lago Selé até um pouco acima da Serra de Parintins (Figura 7).

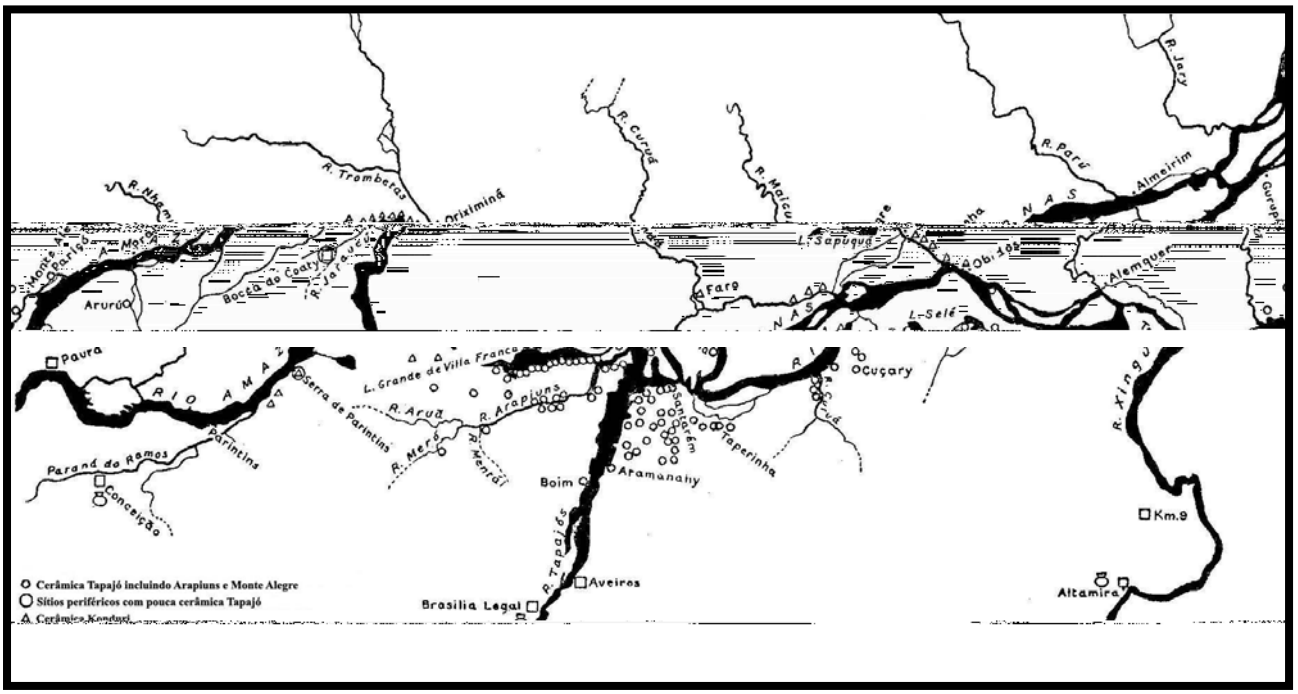


Figura 7 – Sítios arqueológicos identificados por Nimuendajú na região dos rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá. Observar a distribuição da cerâmica Konduri (Δ) e da cerâmica Santarém (○) (Reproduzido de Palmatary, 1960).

As pesquisas de Hilbert (1955a) na região aprimoraram as semelhanças e diferenças entre as cerâmicas Santarém e Konduri. Dentre as principais semelhanças está o predomínio de adornos antropomorfos e zoomorfos; o uso do cauixi como antiplástico; presença de bases anulares e estatuetas. Quanto às diferenças, a cerâmica de Santarém apresenta uso moderado de cauixi, presença constante de cariátides, bordas ocas, cachimbos, raras bases com trípodes, utilização de incisões curvilíneas e retas e pinturas em várias cores com tintas de difícil remoção. Por outro lado, a cerâmica Konduri apresenta uso abundante de cauixi, ausência de cariátides, ausência de bordas ocas, presença abundante de bases com trípodes, presença rara de cachimbos, utilização de incisões retilíneas e raros vestígios de pintura vermelha de fácil remoção.

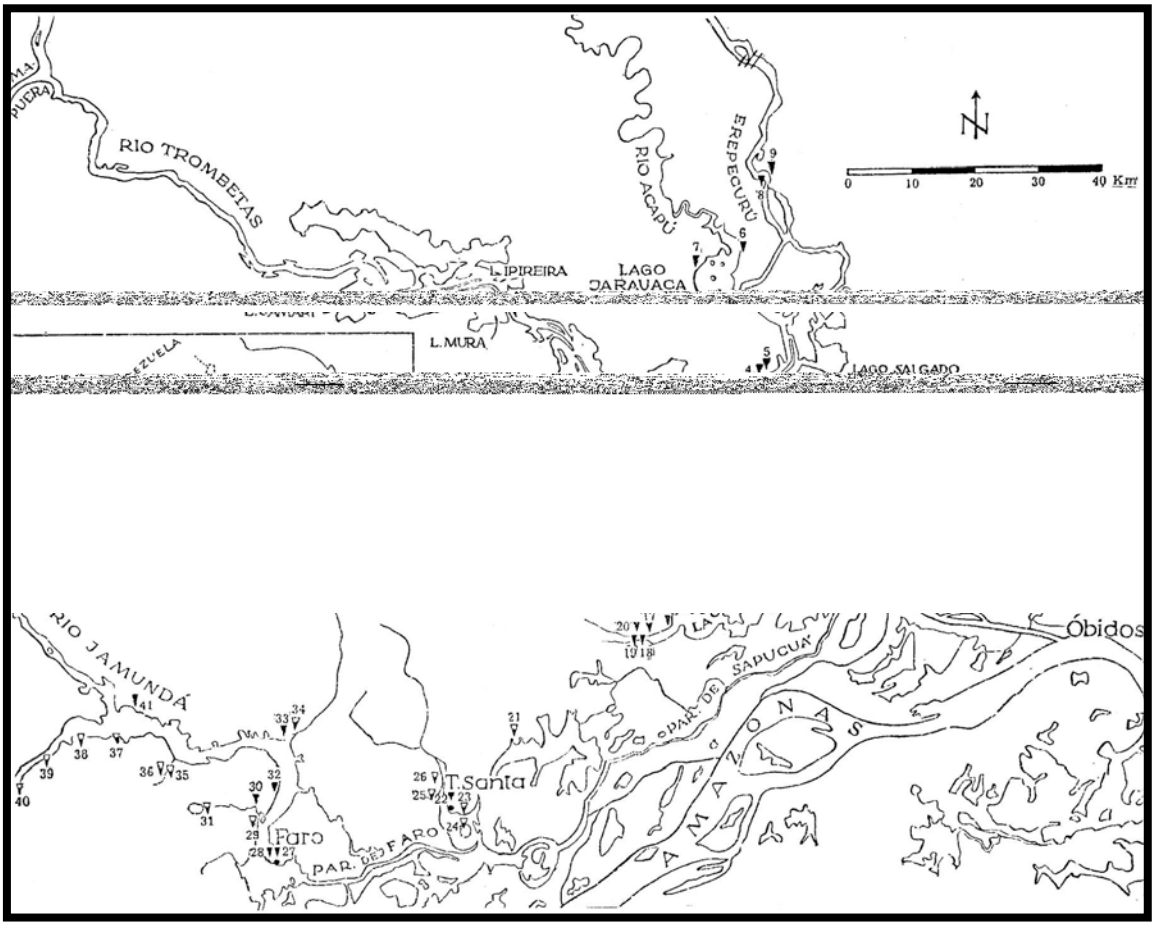


Figura 8 – Sítios arqueológicos identificados por Hilbert na região dos rios Trombetas e Nhamundá. (Reproduzido de Hilbert, 1955).

Hilbert (1955a) identificou o uso de dois tipos de antiplástico na confecção da cerâmica da região do Nhamundá-Trombetas: cauixi e areia. Sendo que o uso do cauixi era mais freqüente e difundido, enquanto o uso da areia era mais raro e parecia estar restrito ao rio Trombetas. De um modo geral, classificou a cerâmica em três grupos: temperada com areia, estilo Konduri e estilo Globular.

A cerâmica cujo antiplástico era **areia**, foi encontrada em seis sítios, sendo dois nas margens do rio Trombetas, próximo à foz e quatro no Lago Sapucuá. É caracterizada por ser relativamente dura e áspera com acabamento de superfície grosseiro. A cor varia do marrom claro até os tons mais escuros. A concentração de areia na pasta é moderada e a oxidação é incompleta. A confecção das vasilhas foi realizada pela técnica de acordelamento e possuí espessura média de 5 mm. Identificou como forma mais recorrente uma vasilha de base globular, que podia ser mais funda ou mais achatada, tendo entre 30 e 35 cm de diâmetro com borda côncava separada do corpo por um estreitamento pronunciado. Apresenta incisões

finas em forma de "V" localizadas na borda externa e na porção superior da vasilha, que denominou de "espinha de peixe". Ocorrem ainda botões de forma cônica achatada na parte externa da borda e adornos antropomorfos que são elaborados a partir da parede da vasilha.

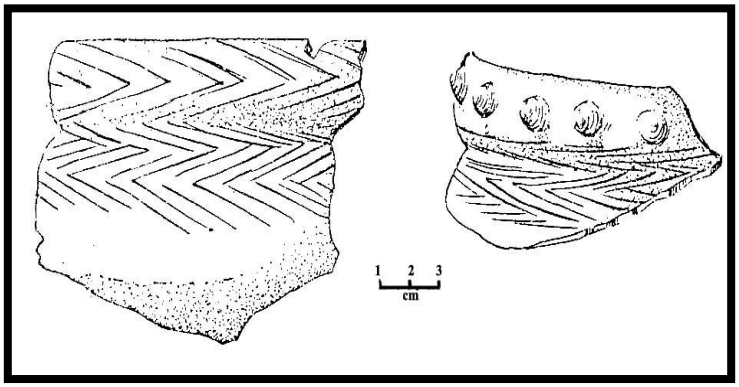


Figura 9 – Exemplo de decoração espinha de peixe. (Reproduzido de Hilbert, 1955).

Hilbert (1955a) classificou a cerâmica confeccionada com cauixi em dois estilos: Konduri e Globular. O estilo **Konduri** (Quadro 2) foi caracterizado por uma cerâmica com alta concentração de cauixi, de textura ligeiramente áspera, de superfície não muito dura, com grande variação de cor que vai do amarelo, vermelho, marrom e cinza.

As formas identificadas são panelas, tigelas, pratos, assadores, vasos com suportes trípodes. Na cerâmica não-decorada identificou um tipo de panela e dois tipos de tigela. As panelas possuem entre 40 a 60 cm de diâmetro, bojo arredondado e pescoço ligeiramente constrito e borda ligeiramente inclinada externamente. O primeiro tipo de tigela possui entre 30 e 50 cm de diâmetro com borda ligeiramente inclinada externamente e apresenta um suave gargalo. O segundo, é uma tigela semi-esférica com boca constrita, base convexa com diâmetro variando entre 20 e 40 cm. Outros objetos identificados foram os fusos e estatuetas. É comum nos pratos e assadores a ocorrência de faixas com incisões nas bordas e algumas vasilhas apresentam nos bojos, incisões formando padrões.

Hilbert considera uma das características mais marcante do tipo Konduri, as decorações plásticas, onde chama atenção para apêndices representando cabeças ou figuras antropomorfas e zoomorfas posicionadas próximo a bordas e olhando para dentro das vasilhas ou para o lado. Algumas vezes essas figuras aparecem em dupla. Podem ocorrer também, nas paredes das vasilhas, onde pode cumprir o papel de alças como já havia observado Nimuendajú. Identificou entre as figuras zoomorfas: o jacaré, a tartaruga ou jaboti, o tatu, o macaco, o morcego, sapo, gavião real e urubu-rei. Classifica ainda, os tipos de olhos das figuras, dividindo-os entre incisos e plásticos; os filetes; os botões ou protuberâncias.

É porém, a aplicação de todos esses elementos decorativos juntos que compõe o estilo. Segundo Hilbert, "*Na execução dos adornos salta aos olhos um método de tratamento de*

superfície, visando conseguir o efeito que foi apontado como marcante na "cerâmica de Oriximiná". Queremos referir a aplicação pomposa de entalhes, incisões e pontos ou orifícios, bem como a tentativa de dissolver os contornos com êsse procedimento. É uma técnica que dá aos adornos um aspecto peculiar de esponja e nos casos mais bem sucedidos um certo "rococó", mas elegante" (1955a:57). Portanto, o estilo Konduri é marcado pela técnica plástica que associa incisões, ponteados, círculos, "botões" e filetes na composição de elementos tridimensionais.

Os tipos de olhos apresentam grande variação, porém os comuns são feitos por incisão circular com ponteado no centro ou por meio da aplicação de uma protuberância redonda com ponteado no centro. As alças apresentam-se desde asas sem decoração até formas altamente elaboradas, apresentando o uso de incisões, ponteados e roletes aplicados compondo motivos zoomorfos ou antropomorfos.

A presença abundante de "bulbos cônicos, esguios" que compõe as bases dos vasos trípodes, foi considerado por Hilbert como artefatos-guias dos sítios do Trombetas. Ao analisar a ocorrências das trípodes na região do baixo-Amazonas diz que essa "forma" era sempre associada à cerâmica de Santarém. Segundo ele, porém, essa afirmação baseava-se apenas na existência de dois exemplares de vasos abertos pertencentes ao Museu de Gothenburg, que possuíam marcas em disposição triangular na base. "*On the other hand a well known type of Santarém vessel is the caryatide bowl, an open bowl supported by three human figurines with an hour glass shaped base. As open bowls with attached caryatides are known in many examples and not a single open bowl with an attached tripod support, it seemed to be more justified to group open bowls, including concentric dishes showing three marks of attachment, to the caryatide class rather then to a hypothetic vessel type with tripod support.*"*(*Hilbert, 1955b)

O estilo **Globular** (Quadro 3) foi encontrado esporadicamente em sítios no Lago Sapucuá, em Terra Santa e em Faro. A cerâmica também tem o cauixi como antiplástico, porém em menor quantidade que o estilo Konduri. Sua textura é quase lisa e dura com coloração variando do amarelo até o rosa. Os fragmentos analisados por Hilbert, na ocasião, resumiram-se a bordas e alças e não foi possível identificar as formas do vasilhame. A decoração também é composta de elementos plásticos e lineares. Os elementos plásticos são constituídos por adornos modelados de forma globular compostos por duas partes: uma base semi-esférica que o liga a vasilha e o adorno. O segundo elemento geralmente é formado por seções globulares superpostas, que podem ser lisas ou adornadas por outros elementos

redondos ou ovais, lisos ou com orifícios circulares ou ovais. Algumas vezes esses adornos lembram figuras antropomorfas ou zoomorfas.

No artigo de 1980, já citado, Peter e Klaus Hilbert apresentando os resultados preliminares de sua pesquisa nos rios Nhamundá e Trombetas. Nos sítios Boa Vista, localizado as margens do rio Trombetas, e o Pocó, localizado as margens do rio de mesmo nome, afluente do rio Nhamundá, ratificaram a presença do estilo Konduri na região e definiram a fase Pocó (Quadro 4). Do ponto de vista cronológico, o estilo Konduri seria o mais recente (A.D. 1400±100) e difundido pela região e estaria relacionado tanto estilístico como cronologicamente com a cerâmica de Santarém e incluídos na Tradição Incisa Ponteada da Amazônia. Um dos dados que confirmaria essa hipótese é a ocorrência da cerâmica Konduri restrita a parte superior das escavações. A fase Pocó seria a mais antiga (65±95 a.C., A.D. 110±90 e A.D. 205±115) e estaria relacionada com a tradição Barrancóide do foz do rio Orenoco. Na fase Pocó são marcantes a presença de tigelas e vasos carenados, o que remeteria à cerâmica barrancóide do litoral da Venezuela. A ocorrência de fragmentos de cerâmica com pintura vermelha-sobre-branco estaria relacionada à "*uma relação andina mais ocidental*". Com isso, os Hilbert estabelecem, ainda que em caráter preliminar, uma seqüência da ocupação pré-colonial da região em questão, cuja a concepção, mesmo que pudesse ser questionada e até mesmo refutada mediante novos estudos, em princípio serviria de parâmetro para novas pesquisas arqueológicas nessa região. O sítio Boa Vista tornava-se assim o ponto de referência da arqueologia do baixo Trombetas/Nhamundá.

Em 1985, vinte e dois sítios arqueológicos localizados na região do baixo Trombetas/Nhamundá, entre os quais o Boa Vista, foram prospectados sob a coordenação de Fernanda de Araújo Costa. Em seus relatos, os autores (Araújo-Costa, et al.,1985) consideram que a cerâmica coletada nesses sítios (incluindo, naturalmente, o Boa Vista), apresenta traços característicos do estilo Konduri, definido por Hilbert & Hilbert (1980). Porém, não fazem referência à fase Pocó, também identificada e caracterizada pelos mencionados autores, no sítio Boa Vista.

Gomes (2002) estudando a coleção tapajônica do MAE/USP, como já foi referido definiu para a área do Nhamudá-Trombetas quatro grandes estilos[7] cerâmicos: Konduri, de Influência Konduri e Globular. A partir desses estilos propôs desenvolver uma seriação detalhada da coleção utilizando métodos estatísticos baseados na análise modal que

[7] Gomes (Idem: 79) ressalta que seu entendimento de estilo não se refere somente aos atributos relacionados à decoração cerâmica, mas também considera os aspectos referentes a tecnologia. Por essa razão usou a associação de antiplástico juntamente com forma, decoração e iconografia para identificar os estilos.

ajudassem a produzir grupos com possível significado cronológico. Os atributos selecionados para a análise foram: forma, figuras iconográficas, tratamento de superfície, antiplástico e tipos de olhos. As peças pertencentes ao estilo de Influência Konduri foram incluídas juntamente com as do estilo Konduri, o que resultou em variações no estilo principal (Gomes, 2002:109-117).

O resultado gerou uma seqüência hipotética para a área do rio Nhamundá-Trombetas que apresentou os seguintes modos: Decoração Barrancóide, Decoração Saladóide-Barrancóide, Konduri Fileira de Ponteado, Konduri Ponteado em Profusão e Konduri Incisões retilíneas.

O modo Decoração Barrancóide (Quadro 5), proveniente de Óbidos, possui como antiplástico diferentes misturas de cauixi, onde a mais abundante é mistura com areia, seguida de cauixi+caco moído, cauixi+caco moído+areia e cauixi+saibro. Gomes ressalta que Roosevelt considera que a mudança do tempero de rocha para cauixi ocorre no Baixo Orenoco entre 1000 a.C. e 500 A.D., o que constitui um marcador temporal da passagem da cerâmica Barrancóide para Arauquinóide. Quanto à forma, a única possível de reconhecer foram os pratos. Motivos diagnósticos são: esferas aplicadas com ponteado profundo no centro, incisões curvilíneas e engobo vermelho. Representações iconográficas: figuras zoomorfas não reconhecíveis, diferentes pássaros, em especial o urubu-rei e figuras zoomorfas antropomorfizadas.

O modo Decoração Saladóide-Barrancóide (Quadro 6), reúne os apêndices do estilo Globular de Hilbert oriundos das localidades de Faro, Oriximiná e Lago Sapucuá. O antiplástico de maior freqüência é a mistura de cauixi+areia. Motivos diagnósticos: apêndices modelados constituídos por esferas sobrepostas, com pequenas esferas indicando orelhas, boca/bico, olhos e crista, pintura vermelha sobre branca.

O modo Konduri Fileira de Ponteado (Quadro 7) inclui apêndices zoomorfos e zoomorfos antropomorfizados, cujo traço comum são as fileiras de ponteados ao redor dos apêndices. Sua proveniência é Óbidos. O antiplástico é a mistura de cauixi abundante com areia ou caco moído. Iconografia: sapos, pássaros, urubu-rei, jacaré, representações zoomorfas antropomorfizados e representações zoomorfas duais.

O modo Konduri Ponteado em Profusão (Quadro 8) reúne os elementos caracterizadores que Hilbert (1955a) definiu como estilo Konduri. Os fragmentos analisados são oriundos de Óbidos e Oriximiná. O antiplástico predominante é o cauixi em quantidade abundante, junto com misturas de areia e caco moído. Os motivos diagnósticos são ponteados

e botões modelados. As representações diagnósticas incluem o urubu-rei, pássaros, figuras zoomorfas não reconhecíveis, além de antropomorfas.

O modo Konduri Incisões Retilíneas (Quadro 9) apresenta as formas que fazem parte do repertório do estilo Santarém tais como pratos, pratos com bordas duplas, vasilhas trípodes e vasos de gargalo. O elemento diagnóstico são as incisões retilíneas que compõem os padrões decorativos das bordas dos pratos, além dos detalhes nos apêndices zoomorfos e antropomorfos. Ocorre ainda o uso de engobo vermelho, bem como pintura na cores vermelho e amarelo aplicadas em forma de bandas. O antiplásticos de maior ocorrência é a mistura de cauixi abundante e areia. Nas representações iconográficas ocorrem: urubu-rei, urubu-rei bicéfalo, jacaré, sapo, rã e cobra.

Na base da seqüência hipotética obtida por Gomes a partir da análise modal para a área Tapajós-Trombetas estão os modos Decoração Barrancóide e Decoração Saladóide-Barrancóide que equivaleriam às tradições. As séries Barrancóides são datadas de aproximadamente 2100 a.C. a 920 A.D. Segundo a autora "se a idéia de continuidade do estilo de decoração Barrancóide no tempo, por um lado reforça o conceito de tradição, por outro indica o complexo cruzamento de horizontes e tradições no Baixo Amazonas, apontado por Lathrap" (Gomes, 2002:132). É nesse intervalo cronológico que se encaixa o estilo de cerâmica Pocó.

Quanto a policromia na análise só ocorreu nos modos relacionados à área do rio Tapajós nos modos Santarém Pintura Saladóide e Santarém Pintura Policrômica. Segundo Gomes a relação entre os dois modos ilustra a hipótese de desenvolvimento da policromia nas terras baixa tropicais, a partir da pintura vermelha sobre branco. Datações de termoluminescência apresentaram resultados anteriores ao início da fase Marajoara (400 A.D.) ou situados na mesma faixa cronológica (240± 48 A.D. e 300 ± 60 A.D.). Isso leva à autora considera a hipótese de que a policromia em Santarém teria inicio nos primeiros séculos do primeiro milênio depois de Cristo, e que continuaria até ao aparecimento da decoração incisa ponteada.

Chama a atenção que o ponto mais intrincado na seqüência hipotética é a relação da cerâmica policrômica com a incisa ponteada, o que já havia sido percebido por Lathrap (1970) e Roosevelt (1994 e 1997). Ilustrando esse assunto, diz que enquanto no médio Orenoco a cerâmica Arauquinóide, do horizonte Inciso Ponteado é vista por Roosevelt como uma mudança a partir de antecedentes Barrancóides, na Amazônia os estilos relacionados a este horizonte estariam mais próximos a Tradição Polícroma. Porém, os resultados da análise de Gomes (2002) mostram que em relação ao desenvolvimento de estilo Konduri

(representados pelos modos Konduri Fileira de Ponteado, Konduri Ponteado em Profusão e Konduri Incisões Retilíneas) são visíveis as afinidades estilísticas com a cerâmica Barrancóide e ausência de elementos policrômicos.

Por outro lado, os modos do estilo Santarém, com decoração incisa ponteada possuem elementos policrômicos relacionadas à forma e a iconografia. Explica essa questão, propondo a hipótese de que a cerâmica incisa e ponteada de Santarém teria se desenvolvido localmente a partir de características oriundas das tradições anteriores, isto é Barrancóide e Policrômica.

As datações por termoluminescência revelaram datações mais ou menos contemporâneas para os tipos inciso ponteados (800 ± 160 A.D. e 970± 194 A.D.), com pintura vermelha zonada (965±193 A.D. e 1150 ± 210 A.D.) e aplicados (1030 ± 206 A.D.). Diante disso, propõe que mais do que grandes diferenças cronológicas entre os tipos que permaneceram por um longo período, a diversidade da decoração indicaria diferenças funcionais.

Conclui dizendo que diante das evidências apresentadas considera eliminada a possibilidade de que as origens do Horizonte Inciso Ponteado ser o ancestral do Policrômico. Afirma que embora seja complicado considerar a cerâmica de Santarém como um desenvolvimento local apenas pelo estudo da coleção, a impressão é que não houve uma mudança abrupta, uma vez que elementos policrômicos relacionados à forma, a iconografia e a tecnologia estão presentes nos vários modos pertencentes à Tradição Incisa Ponteada. Assim, considera a hipótese da fusão dessas tradições cerâmicas, cuja expressão histórica seria o surgimento de chefias competitivas e expansionistas.

Dois artigos sobre análises mineralógicas e químicas realizadas com fragmentos cerâmicos provenientes de dois sítios da região de Cachoeira Porteira, localizada no rio Trombetas a 83km (em linha reta) acima região de Porto Trombetas, também contribuíram para melhor caracterização da cerâmica da região, em especial da Konduri.

Costa et al (2004a, 2004 b:167) analisaram amostras da cerâmica provenientes do horizonte pedológico *A*, com no máximo 30 cm profundidade. A amostra era constituída de fragmentos sem decoração ou levemente pintados, associados ao vasilhame de uso doméstico como tigelas e pratos (Costa et al, 2004:168). A profundidade de proveniência do material é compatível com as observações de Hilbert & Hilbert (1980) para a cerâmica Konduri, que se encontra associada aos níveis superiores das escavações.

As análises petrográfica e química identificaram as matérias primas e as fontes de matéria da cerâmica. As matérias primas identificadas foram: os materiais argilosos, principalmente a caulinita; rochas ígneas trituradas grosseiramente, principalmente quartzo e

feldspato; cauixi e caripé e fragmentos de cerâmicas triturados (caco moído). As argilas formam a base da pasta cerâmica, na qual eram adicionados os outros componentes a fim de proporcionar maior plasticidade. De uma maneira geral, as cerâmicas com aditivo caripé são compostas principalmente por grãos de quartzos e fragmentos de caripé de diferentes tamanhos e formas; as com cauixi apresentam alta concentração de espículas de cauixi isoladas ou agregadas, sendo que os grãos de quartzo podem ocorrer em menor quantidade; nas cerâmicas com areia há o predomínio dos grãos de quartzo; os fragmentos compostos de areia e feldspato são parecidos com os com areia, porém apresentam abundância de feldspato e quartzo; e aqueles com caco moído apresentam fragmentos triturados de cerâmica com todos os tipos de aditivo.

Segundo Costa et al "*The ceramics are made of cryptocrystalline clay-derived matrix, in which grains or fragments of quartz, feldspars and crystalline rocks as well as cauixi spicules and cariapé platelets are well distributed. Spicules of cauixi and platelets of cariapé display a slight orientation reflecting the elaboration process as described by Hilbert (1955) in ceramics of other archaeological sites. The fragments of quatz, feldspars and crystalline, stretched an with undulating extinction. The grains can shows reaction gulfs (partial dissolution) and lacking of roundness as well as feldspars and rock fragments. All these features allow to conclude that most of mineral grains were taken from fresh crystalline rocks and intentionally crushed and introduced into clay material as well cauixi and cariapé*" (Costa et al, 2004a).

A similaridade mineralógica entre as cerâmicas com aditivos diferentes levou-os a concluir que a matéria prima usada foi quase a mesma. O predomínio na pasta de materiais argilosos e de quartzo sugere como principal fonte de matéria prima uma zona mosqueada argilosa (*clayed mottled zone*) derivada de rochas ácidas ou ainda de rochas sedimentares. A abundância de feldspato, rochas fragmentadas recentes e quartzo grosseiro foram usados com aditivo, depois de triturados, indicando ser possível que os habitantes pré-históricos extraíssem rochas recentes do mesmo lugar onde eles obtinham a argila (*saprolite)*. O cauixi e o caripé, ainda hoje são encontrados em muitos rios e lagos, próximo aos sítios arqueológicos. Com base nesses aspectos, é que os autores supõem que os grupos pré-históricos coletavam as matérias primas necessárias à confecção da cerâmica doméstica no entorno da área, próximo ao assentamento.

Nos artigos (Costa at al, 2004a, 2004b) há uma rápida referência a decoração dizendo que são levemente pintados, e que alguns dos fragmentos com areia apresentam incisões

finas. Os últimos podem estar relacionados com o tipo espinha de peixe (Hilbert, 1955; Nimuendajú, 2004), que aparece comumente associado a cerâmica Konduri.

Quanto às formas, consta no artigo, próximo a uma tabela contendo profundidade e aditivo o desenho de três formas designadas como pote, tigela e prato. Essas formas aparentemente foram reconstruídas no contexto daquele trabalho, pois na bibliografia não consta nenhuma publicação ou relatório de análise de material do ponto de vista arqueológico. As formas não foram associadas nem aos aditivos, nem a profundidade servindo apenas como ilustração do tipo de vasilhas de onde hipoteticamente os fragmentos teriam saído. A falta dessa relação não permite fazer inferências sobre as funções das vasilhas reconstituídas com segurança. As conclusões que os autores apontam sobre o uso do vasilhame são de caráter geral, baseadas muito mais nas informações que Hilbert (1955) registrou junto à população cabocla, do que na correlação com o resultado das análises arqueológicas. A descrição do vasilhame Konduri apresentado por Hilbert (1955) e Hilbert & Hilbert (1980) apresenta como características dos pratos e assadores bordas com decoração incisa em motivos retilíneos, o que foi confirmado pelo trabalho ora apresentado.

Como visto acima a análise de Gomes (2002) atribui à área Nhamundá Trombetas estilos além dos estabelecidos por Hilbert (1955) e Hilbert & Hilbert (1980), subdivisões, os modos. Para o estilo Konduri, a autora estabeleceu cinco modos, já descritos acima. O *Konduri Ponteado em Profusão* está relacionado com o estilo Konduri de Hilbert, sendo seu elemento definidor. O segundo, o modo *Saladóide-Barrancóide* está relacionado ao Globular; e os demais na classificação de Hilbert, estariam relacionados também a cerâmica Konduri. O modo *Incisões Retilíneas* apresenta elementos relacionados ao estilo Santarém, fortalecendo a relação já apontada por outros autores (Hilbert, 1955; Guapindaia, 1983; Palmatary, 1960; Nimuendajú, 2004). Gomes observa um aspecto muito interessante, o fato do modo Incisões Retilíneas se sobrepor ao Ponteado em Profusão, que seria o tipo definido como emblemático do estilo Konduri. Interpreta isso, a luz das relações já preconizadas entre as cerâmicas de Santarém e Konduri, considerando que esta mudança possa ter acontecido por conta da troca de idéias ou de informações, mas alerta que não se pode ignorar as hipóteses relacionadas à supremacia política dos Tapajó ao se considerar as similaridades entre os artefatos.

O modo *Barrancóide* apresenta alguns elementos (incisões curvilíneas, apêndices modelados, esferas aplicadas e urubu-rei) que podem ser associados ao estilo Pocó, cujas datações são contemporâneas e estaria de acordo com a opinião de Hilbert sobre sua

afinidade com a cerâmica Barrancóide de El Palito, na Venezuela (Hilbert & Hilbert, 1980:8).

Os objetos analisados por Gomes (2002) são oriundos de quatro localidades: Oriximiná, Óbidos, Faro e Lago Sapucuá, áreas que ficariam hipoteticamente mais próximas da região ocupada pelo Konduri históricos e os locais mais propensos a existência de grandes assentamentos. Hilbert (1955), já havia observado que a cerâmica globular ocorre com maior freqüência em Oriximiná, o que poderia significar que ela estava se disseminando desse local para os demais.

A partir das pesquisas de Hilbert (1955a, 1955b) e Gomes (2002), as características estabelecidas para a cerâmica da região do Nhamundá-Trombetas podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

1. Estilo Konduri

Antiplástico

- Cerâmica bem oxidada, temperada com cauixi (Hilbert, 1955).
- Cauixi abundante; cauixi abundante e areia; cauixi abundante e caco; cauixi abundante; caco e areia; cauixi; cauixi, caco e areia; cauixi e areia e cauixi e carvão. (Gomes, 2002)

Formas do vasilhame

- Tigelas rasas e fundas; vasos com bordas extrovertidas espessadas e assadores de mandioca. Alças em arco (Hilbert, 1955).
- Apêndice sem identificação de forma, apêndice vaso de cariatídes e apêndice de prato (Gomes, 2002).

Bases

- Planas, em pedestal, anelares e a típica trípode (Hilbert, 1955).

Bordas

- Extrovertidas e espessadas com decoração incisa, com motivos retilíneos (Hilbert, 1955).

Decoração diagnóstica

- Modelado-inciso-ponteado, cuja execução varia desde pequenos botões e filetes aplicados até adornos biomorfos altamente complicados, enfeitados com impressões, perfurações e, sobretudo, ponteado e incisão (Hilbert, 1955).
- Apêndices modelados, fileira de ponteados circundando os apêndices, olhos esféricos aplicados com ponteado no centro, pintura em bandas (vermelho, preto, amarelo), engobo vermelho, profusão de ponteado circular ou alongado cobrindo a superfície dos apêndices, filetes aplicados coberto por ponteados, presença de pequenos círculos aplicados e incisos com combinações de linhas retilíneas e curvilíneas no interior (Gomes, 2002).

Iconografia

- Representações zoomorfas*:* cobra, figura zoomorfa não reconhecível, jacaré, macaco, pássaro não identificados, roedor, sapo, urubu-rei (Gomes, 2002).

- Representações zooantropomorfas: figuras zoomorfas antropomorfizadas, urubu-rei bicéfalo (Gomes, 2002).

Cronologia: 1000 a 1500

2. Estilo de influência Konduri (Gomes, 2002)

Antiplástico
- Cauixi; caco e creia; cauixi abundante e areia; cauixi abundante; cauixi abundante e caco; cauixi e caco; e cauixi abundante e carvão.

Formas do vasilhame
- Apêndice sem identificação de forma.

Decoração diagnóstica
- Apêndices zoomorfos, engobo vermelho, olhos esféricos aplicados com ponteado no centro, detalhes decorativos com fileira ponteada.

Iconografia
- Representações zoomorfas: cachorro do mato, cobra, jacaré, macaco, pássaro, tartaruga.
- Representações zooantropomorfas: figuras zoomorfas antropomorfizadas.

3. Estilo Pocó (Hilbert, 1955)

Antiplástico
- Cauixi, caripé e cauixi e caripé

Formas do vasilhame
- Tigelas rasas e fundas com 15 a 45 cm de diâmetro; tigelas semi-esféricas com bordas diretas ou fortemente extrovertidas; vasos com gargalos constritos e paredes arredondas ou carenadas e assadores

Decorações

- *Engobo vermelho*, freqüente em todos os níveis, varia desde uma fina película laranja-avermelhada transparente até uma camada espessa de carmim-avermelhada-escura.
- *Engobo branco*, mais popular que o vermelho, consiste de uma fina camada quase sempre muito erodida.
- *Vermelho-sobre-branco*, freqüente em todos os níveis, consiste de fina camada de engobo branco com pintura vermelha em dois matizes. Às vezes eram aplicadas, várias camadas, produzindo um efeito um tanto manchado. Tendência à linha larga pintada, em sua maioria retilínea, às vezes com canto arredondado. Linhas finas podem acompanhar as largas paralelas à borda, linha em ziguezague, unidades retangulares e espirais.

  Obs: o vermelho-sobre-branco é confinado geralmente à parede superior das tigelas ou vasos carenados, enquanto os engobos vermelho e branco cobrem freqüentemente todo o vaso.

- *Inciso*, é o mais freqüente tipo decorado sendo executado com um instrumento em forma de U, medindo cerca de 2 mm de largura. Os motivos são uma ou mais linhas e curvas verticais à semelhança de parênteses; estas últimas podem ser

simples ou múltiplas e, ocasionalmente, combinadas com linhas diagonais ou ziguezague. Motivos adicionais mais raros compreendem linhas escalonadas, unidades retangulares e espirais, as últimas podendo ser às vezes combinadas com bordas lobuladas. A decoração na parte externa é relativamente espaçada e bem executada.

- *Inciso-escovado*, com incisões seguidas por escovado horizontal, repete os motivos da cerâmica incisa, ainda que mais largos (3-4 mm) e linhas curvas. Mantêm freqüência praticamente constante através da duração da fase.
- *Escovado*, é sempre horizontal e consiste de uma série de incisões próximas mas irregularmente espaçadas. Os rabiscos são freqüentemente sobrepostos em ângulos agudos. Escovado começa imediatamente abaixo da base. Mantêm freqüência praticamente constante através da duração da fase.
- *Acanalado*, ocorre principalmente nas paredes externas de tigelas fundas. As incisões variam de 5 a 9mm de largura e 1 a 3mm de profundidade, arredondadas e, seção transversal. A execução é bem controlada e regular, com raros excessos de material nos finais das linhas e margens. Os motivos são linhas paralelas a borda, com seqüência de linhas diagonais alternando-se com linhas verticais, curvas e espirais. Mais popular no terço superior da seqüência.
- Raspado-zonado assemelha-se em motivo a decoração incisa, com unidades raspadas limitadas por incisões. O raspado varia de muito raso e regular a ligeiramente profundo (menos de 1mm) e consiste de ranhuras adjacentes. A variedade rasa pode ser às vezes apenas detectada quando vista de um certo ângulo de luz, o que acentua o contraste entre a textura ligeiramente áspera das zonas raspadas e a superfície alisada do mesmo fragmento. A decoração é aplicada as bordas excessivamente extrovertidas de tigelas e vasos, bem como sobre as paredes superiores de tigelas carenadas. Declina de um máximo de freqüência na parte inferior.
- *Modelado-inciso* inclui botões arredondados ou ovais, isolados ou combinados; expansões de parte das carenas e adornos biomorfos de 1 a 5cm de diâmetro. Estes variam de representações naturalísticas a altamente abstratas. Os maiores exemplares são ocos e fixados sobre a parede arredondada dos vasos. A maioria dos adornos ocorre sobre a parede superior de tigelas e vasos carenados, apresentando-se com as faces voltadas para dentro, para fora ou paralela à borda. Inciso adicional é feito com um instrumento sem corte.

Obs: Se considerarmos a freqüência atribuída pelos autores, podemos concluir que as decorações características da fase Pocó são de 1 a 4, sendo que as decorações de 5 a 6 ocorrem constantemente, mas com menor densidade. E as de 7 a 9, ocorrem com menor freqüência em apenas em determinadas partes da estratigrafia.

Cronologia: 205 A.D. a 95 a. C.

Além dos tipos decorados, os autores apontam 3 tipos simples baseados no antiplástico:

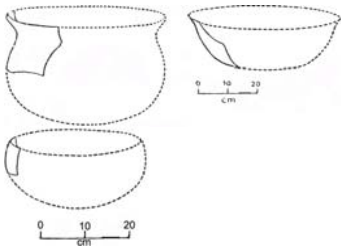
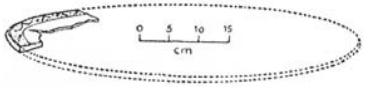
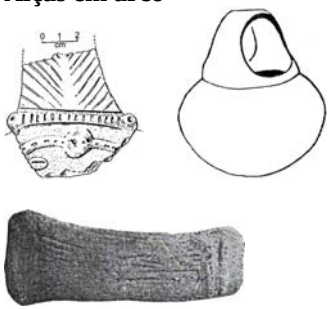
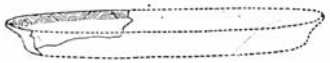
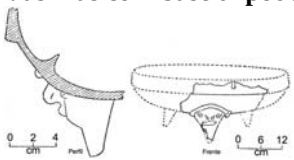
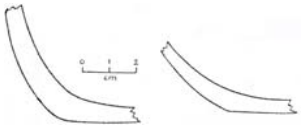
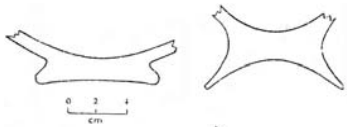
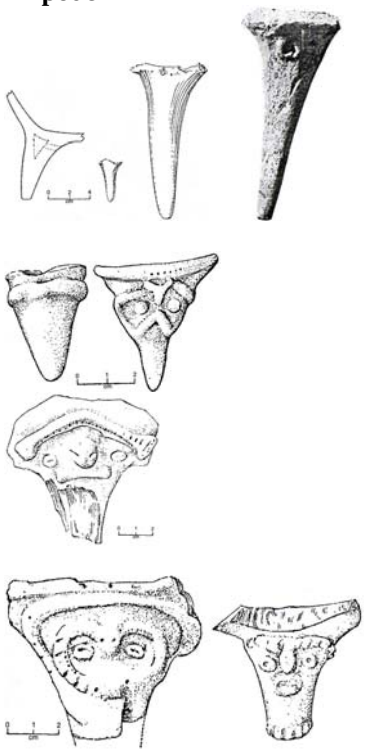
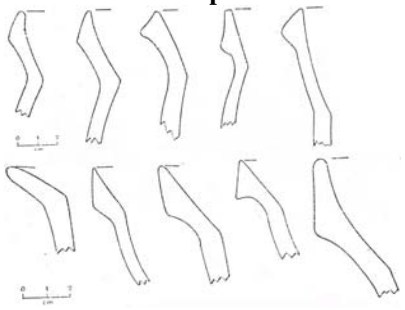
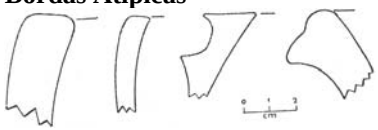
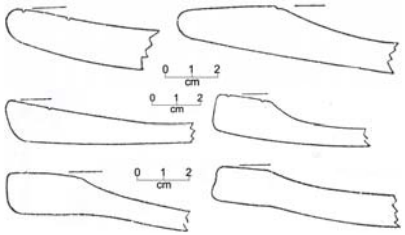
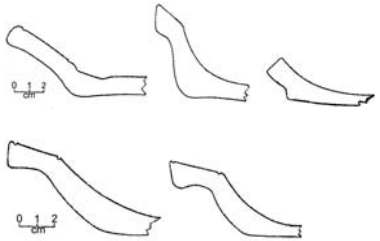
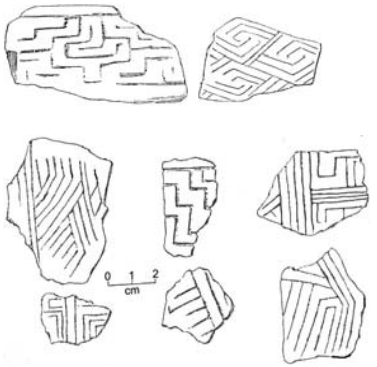
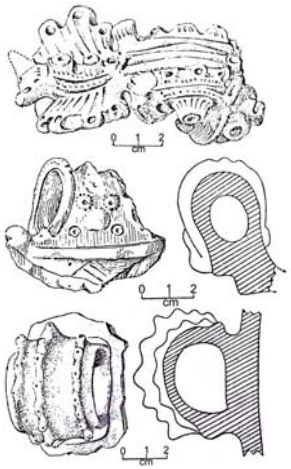
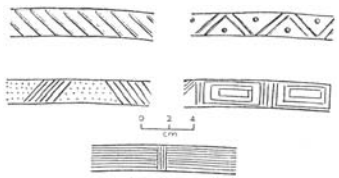
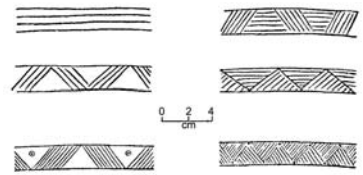
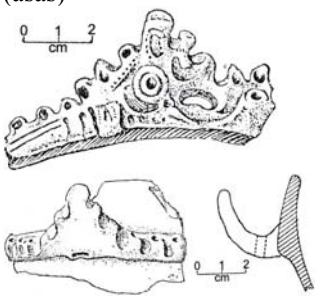
- *A cerâmica tempera*da com cauixi, que soma mais de 80% do total dos fragmentos, apresenta superfície bem alisada, parcialmente polida, de cor predominante laranja a marrom-médio e oxidação de completa a incompleta. Esse tipo aumenta em freqüência relativa de 12% no nível mais baixo da seriação a 60% no nível superior.

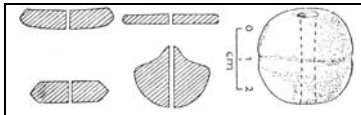
- A cerâmica simples com tempero de caripé apresenta superfície de áspera a alisada e a queima com predomínio de oxidação incompleta. Este tipo declina de em popularidade e é ausente nos níveis superiores.
- A cerâmica simples com tempero cauixi-caripé, é também mais freqüente nos níveis inferiores

Na conclusão os autores, associam a fase Pocó à tradição Barrancóide, que atualmente é relacionada à Tradição Borda Incisa, cuja datação é dos séculos IV a IX D.C. (301 a 900 D.C.). O estilo Konduri, está associado à tradição Incisa Ponteada, datada de 1000 a 1500 A.D.

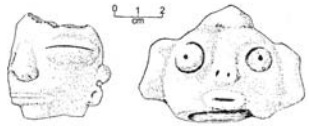
Considerando que os sítios da região de Porto Trombetas estão a montante dessas áreas supôs-se que as semelhanças entre essas áreas seriam acentuadas, portanto esperava-se encontrar: 1) grandes sítios de terra preta localizados nas margens do rio Trombetas e dos lagos; 2) sítios de pequenas dimensões nas áreas de interflúvio; 3) cerâmica do estilo Konduri presente em todos os sítios sempre na parte superior da estratigrafia associada à terra preta; 4) presença de cerâmica Pocó na parte inferior da estratigrafia nos mesmos sítios com material Konduri associada ao começo da formação do solo de terra preta; 5) presença de cerâmica Santarém, em baixa freqüência, associada à Konduri; 6) presença menos freqüente de cerâmica globular; 7) presença de artefatos de pedra polidos como contas e estatuetas; 8) ocorrência de outros estilos cerâmicos relacionadas aos já definidos.

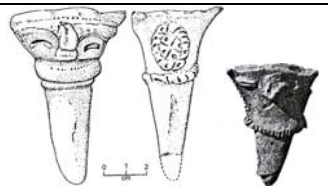
Quadro 2 – ESTILO KONDURI

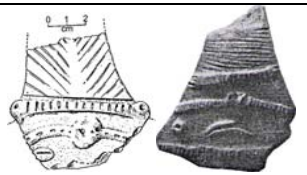
VASILHAME/UTENSILIOS	BASES	BORDAS	MOTIVOS	DECORATIVOS
Panelas e tigelas rasas e fundas  **Assadores de mandioca**  **Alças em arco**  **Prato**  **Vasilhas com base trípodes**  **Fusos**	**Planas**  **Pedestal e anelar**  **Trípode** 	**Bordas simples** **Extrovertidas e espessadas**  **Bordas Atípicas**  **Assadores** Apresentam decoração incisa, com motivos retilíneos  **Pratos** Apresentam decoração incisa, com motivos retilíneos 	**Incisão vasilhas**  **Bordas incisas** **Modelado Inciso Ponteado** Alças 	**Incisão assadores**  **Incisão pratos**  **Modelado Inciso Ponteado** Adorno biomorfo Modelado-inciso-ponteado (asas) 



Ídolos

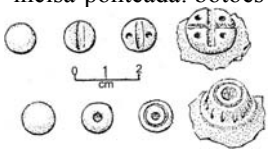




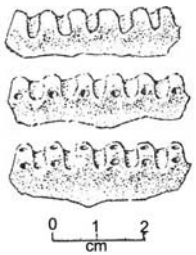


Motivo estilizado alça em arco

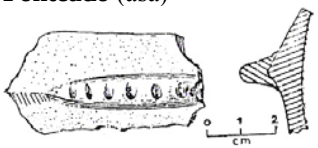
Elementos da decoração modelada -incisa-ponteada: botões

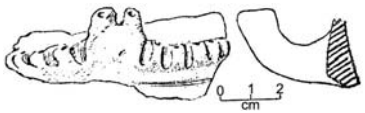


Elementos da decoração modelada -incisa-ponteada: filetes



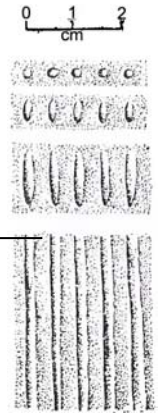
Ponteado (asa)





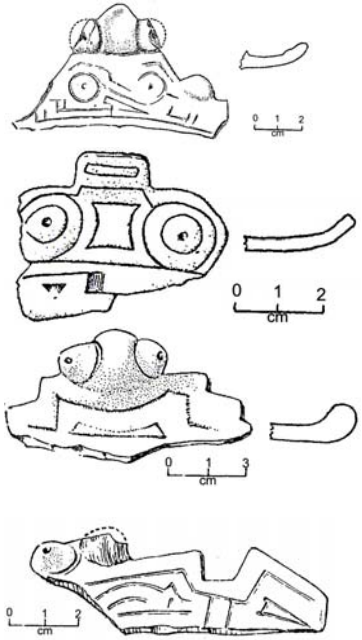
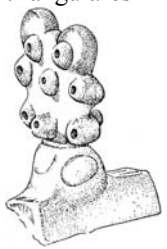
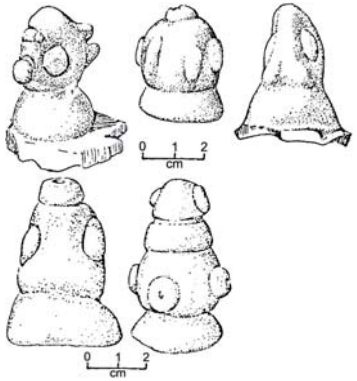
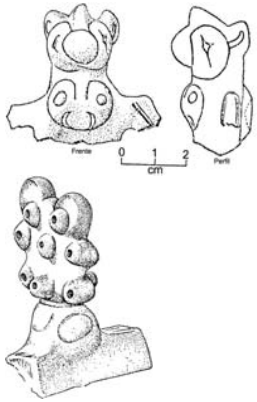
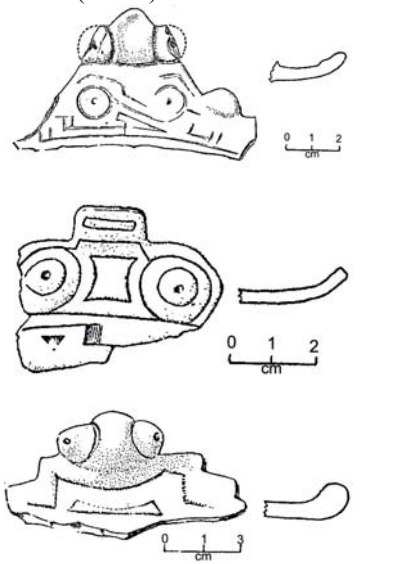
Modelado Inciso Ponteado

Elementos da decoração modelada-incisa-ponteada: ncisões



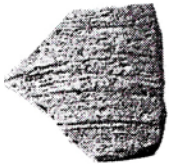
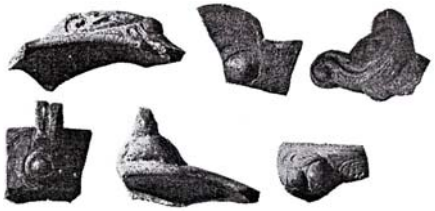
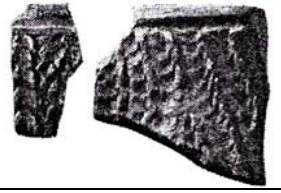
Quadro 2 - Motivos decorativos e as formas do Estilo Konduri, que apresenta cerâmica bem oxidada com antiplástico de cauixi. O vasilhame apresenta formas e bases diversas (trípode, pedestal, plana, anelar); ocorrência marcante de adornos ou alças antropomorfas e zoomorfas frequentemente decoradas por uma técnica elaborada de entalhes e pontos, ocorrência de incisões retilíneas finas ou raramente na borda de pratos e assadores; ocorrem raros vestígios de pintura vermelha (Hilbert,1955 e Hilbert & Hilbert, 1980).

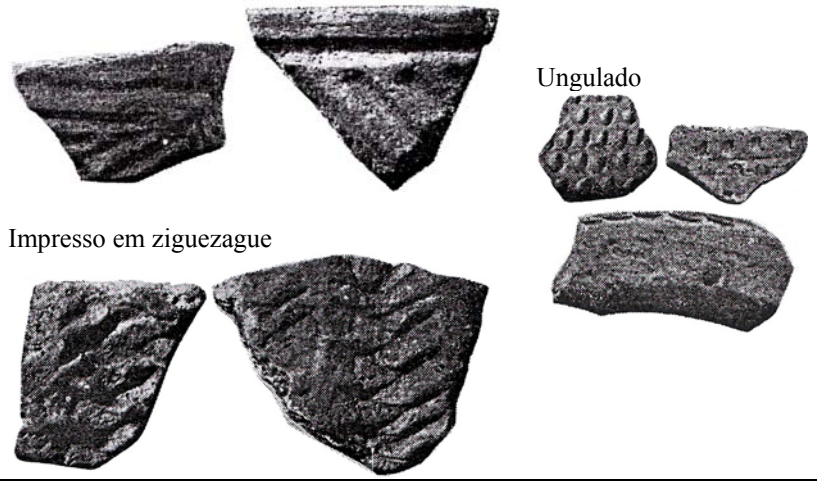
Quadro 3 – ESTILO GLOBULAR

VASILHAME	BASES	BORDAS	MOTIVOS DECORATIVOS
Desconhecidos	Desconhecidas	Bordas escalonadas com decorações plásticas que compõe estruturalmente a borda. Exibem elementos globulares com botões redondos ou ovais, com o sem orifício no topo.  Esporadicamente ocorrem perfis triangulares 	**Pintura**: vestígios raros de branca ou vermelha **Adornos** Parede da vasilha  Bordas (Asas?)  Borda (Asas?) 

Quadro 3 – Motivos decorativos e formas do estilo Globular, que apresenta cerâmica de cor do amarelo sujo até o rosa-pálido, moderadamente áspera ou mesmo lisa e temperada com cauixi. Oxidação em sua maioria completa. A forma do vasilhame é desconhecida; os adornos ou alças têm formas globulares; as incisões apresentam linhas finas e longas de ritmo curvo e retilíneo; os vestígios de pintura são raros e ocorrem nas cores vermelha e branca. (Hilbert,1955 e Hilbert & Hilbert, 1980).

Quadro 4 – ESTILO POCÓ

VASILHAME	BASES	BORDAS	MOTIVOS DECORATIVOS
Tigelas rasas e fundas com 15 a 45cm de diâmetro; Tigelas semi-esféricas com bordas diretas ou fortemente extrovertidas; Vasos com gargalos constritos e paredes arredondas ou carenadas Assadores	Não descritas	Bordas diretas ou fortemente extrovertidas Gargalos constritos Assadores	Engobo vermelho Varia desde uma fina película laranja-avermelhada transparenteaté uma camada espessa de carmim-avermelhada-escura Engobo branco Vermelho sobre branco Inciso Inciso-escovado Escovado  Acanalado Raspado zonado Modelado-inciso  Ponteado Marcado com corda Serrungulado 

Quadro 4- Motivos decorativos e as formas do Estilo Pocó, que apresenta como antiplástico de cauixi, caripé e cauixi e caripé (Hilbert,1955 e Hilbert & Hilbert, 1980).

Quadro 5 – MODO DECORAÇÃO BARRANCÓIDE

FORMAS	BASES	BORDAS	DECORAÇÃO	ICONOGRAFIA
Apêndices Prováveis pratos 	Não menciona base mas inclui trípodes no catálogo 		Apêndices modelados Esferas aplicadas com ponteado profundo no centro Olhos esféricos aplicados com ponteado profundo Olhos esféricos aplicados sobrepostos com ponteado no centro Olhos esféricos aplicados com ponteado no centro, incisão, incisão circular e fileiras de ponteados ao redor Olhos esféricos aplicados sobre uma área excisa com ponteado no centro	Zoomorfas: Araçari, , Gambá, Gavião, Jacaré, Peixe-boi, Roedor, Tucano, Urubu-rei. Pássaros Felino

			   Incisões curvilíneas Filetes aplicados circundando apêndices Engobo vermelho	 Zoomorfos não reconhecíveis Antropomorfas Figuras antropomorfas, Figuras zoomorfas antropomorfizadas.

Quadro 5- Motivos decorativos e formas do Modo Decoração Barrancóide (Gomes, 2002).

Quadro 6 – MODO DECORAÇÃO SALADÓIDE-BARRANCÓIDE

FORMAS	BASES	BORDAS	DECORAÇÃO	ICONOGRAFIA
Apêndices Vasilhas com apêndices Obs: Não a reconstituição de vasilhas com apêndice nas bordas em Gomes (2002)		 Obs: Gomes considera que essas bordas guardam semelhanças estilísticas com o estilo Globular devido ao formato esférico da cabeça, crista e olhos	Apêndices modelados compostos pela sobreposição de seções esféricas Detalhes excisos e incisos Engobo vermelho Pintura vermelha sobre engobo branco	Figuras esféricas não reconhecíveis Representações zoomorfas Pássaros Urubu-rei

Quadro 6 - Motivos decorativos e formas do Modo Decoração Saladóide-Barrancóide (Gomes, 2002).

Quadro 7 – MODO KONDURI FILEIRA PONTEADO

FORMAS	BASES	BORDAS	DECORAÇÃO	ICONOGRAFIA
Apêndices			Persistência de elementos barrancóides. Olhos com esferas aplicadas com ponteado no centro, porém ponteado não profundo. Variação de olhos barrancóides feitos com excisão, aplicação e ponteado. Fileiras de ponteado circundando os apêndices	Sapo, pássaros, urubu rei, jacaré, Representações zoomorfas antropomorfizadas Antropomorfas duais

Quadro 7 – Motivos decorativos e formas do Modo Konduri Fileira Ponteado (Gomes, 2002).

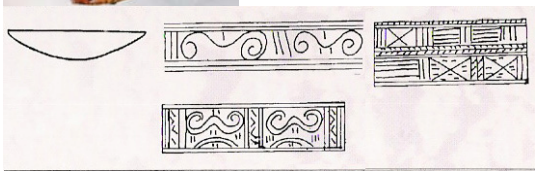
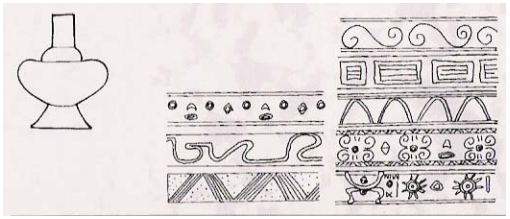
FORMAS	BASES	BORDAS	DECORAÇÃO	ICONOGRAFIA
Apêndice			Olhos esferas aplicadas com ponteado no centro.	Urubu rei,

Quadro 8 – MODO KONDURI PONTEADO EM PROFUSÃO

 Bordas com apêndices zoomorfos 			 Olhos esferas aplicadas com ponteado no centro com incisões circulares concêntricas ao redor das esferas. Olhos ovais aplicados com incisão horizontal Profusão de ponteado circular cobrindo a superfície dos apêndices Protuberâncias modeladas ovais, esféricas ou cilíndricas com ponteado ou incisões em cruz 	Pássaros, Figura zoomorfas não reconhecíveis

Quadro 8 - Motivos decorativos e formas do Modo Konduri Ponteado em Profusão (Gomes, 2002).

Quadro 9 – MODO KONDURI INCISÕES RETILÍNEAS

FORMAS	BASES	BORDAS	DECORAÇÃO	ICONOGRAFIA
Formas que fazem parte do estilo Santarém: Vasilhas Trípodes Vasos de Gargalo Prato Pratos com borda dupla Alças em arco 	Trípodes Anelar Arredondada		Incisões retilíneas e curvilíneas combinadas com ponteado alongado   Apêndices modelados Engobo Vermelho Pintura em banda nas cores vermelha e amarelo	Mesmo que no modo Santarém: Urubu-rei Urubu-rei bicéfalo Jacaré Sapo Rã Cobra

Quadro 9 - Motivos decorativos e formas do Modo Konduri Incisões Retilíneas (Gomes, 2002).

CAPITULO III
LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

A área abordada por essa pesquisa está localizada em uma Unidade de Conservação (UC): a Floresta Nacional de Saracá-Taquera (FLONA Saracá-Taquera), cujo gerenciamento é realizado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). A FLONA é uma UC de uso direto, criada pelo Decreto número 98.704 de 27 de dezembro de 1989 e possui uma área de 429.600 ha. O IBAMA mantém convênio de cooperação com a Mineração Rio do Norte (MRN), a fim de haver compensação pelos danos ambientais causados pela extração de bauxita que essa empresa explora nas áreas da FLONA.

A FLONA Saracá-Taquera fica localizada no Estado do Pará à margem direita do rio Trombetas tendo áreas nos municípios de Oriximiná, Faro e Terra Santa (Figuras 10 e 11). Suas coordenadas geográficas são 1° 20’ e 1° 55’ de latitude Sul e 56° 00’ e 57°15’ de longitude Oeste. Limita-se ao norte com a Reserva Biológica do Rio Trombetas (REBIO Trombetas) e na porção sul-sudoeste está limitada pelo rio Nhamundá. (Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

A região quanto aos aspectos morfoestruturais é classificada como pertencente à unidade *Planalto Dissecado do Rio Trombetas-Rio Negro*. Esta unidade ocupa uma extensão restrita na Amazônia, limitando-se ao interflúvio do baixo curso dos rios Negro e Trombetas. A principal característica da referida unidade é o dissecamento fluvial intenso nos interflúvios, onde ficam preservadas poucas superfícies recortadas que formam o topo das áreas denominadas como platôs (Brandt, 2000).

Os platôs têm topo aplainado com encostas geralmente íngremes e possuem um desnível médio em relação ao rio Trombetas de 140 m de altura. Podem atingir até 40 km^2 de extensão e representam cerca de 10% da superfície total FLONA. A área restante é dominada pelas terras baixas que apresentam superfícies levemente onduladas, cortadas por inúmeros igarapés e margeadas por extensos igapós inundados nas épocas de enchentes que constituem o vale do rio Trombetas. Esses relevos são talhados em rochas sedimentares terciárias, pertencentes à Formação Barreiras (sedimentos continentais constituídos principalmente por arenito fino e folhelho cinza calcífero, fossilífero e calcário). A maioria dos solos é do tipo latossolo amarelo, coberto por floresta densa. Os relevos são chapadas-testemunho de uma ampla superfície de erosão correspondendo ao antigo pediplano plio-pleistocênico.

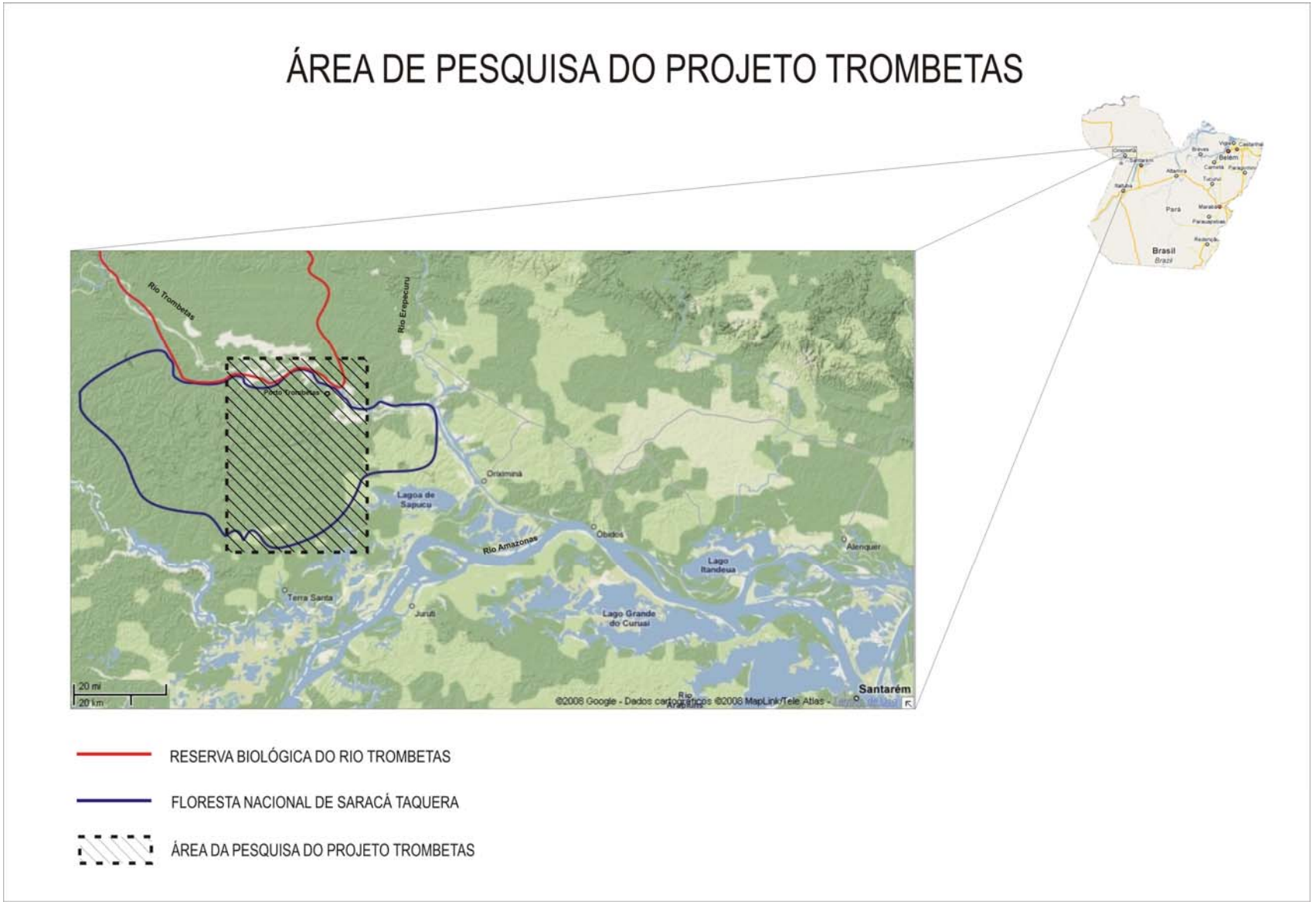


Figura 10 - Localização das Unidades de Conservação as margens do rio Trombetas.

A drenagem apresenta um padrão dendrítico a sub-retangular, encaixados nos sistemas de fraturamento de direção NW-SE e NE-SW ocorrentes na região (Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

A região quanto aos aspectos morfoestruturais é classificada como pertencente à unidade *Planalto Dissecado do Rio Trombetas-Rio Negro*. Esta unidade ocupa uma extensão restrita na Amazônia, limitando-se ao interflúvio do baixo curso dos rios Negro e Trombetas. A principal característica da referida unidade é o dissecamento fluvial intenso nos interflúvios, onde ficam preservadas poucas superfícies recortadas que formam o topo das áreas denominadas como platôs (Brandt, 2000).

Os platôs têm topo aplainado com encostas geralmente íngremes e possuem um desnível médio em relação ao rio Trombetas de 140 m de altura. Podem atingir até 40 km^2 de extensão e representam cerca de 10% da superfície total FLONA. A área restante é dominada pelas terras baixas que apresentam superfícies levemente onduladas, cortadas por inúmeros igarapés e margeadas por extensos igapós inundados nas épocas de enchentes que constituem o vale do rio Trombetas. Esses relevos são talhados em rochas sedimentares terciárias, pertencentes à Formação Barreiras (sedimentos continentais constituídos principalmente por arenito fino e folhelho cinza calcífero, fossilífero e calcário). A maioria dos solos é do tipo latossolo amarelo, coberto por floresta densa. Os relevos são chapadas-testemunho de uma ampla superfície de erosão correspondendo ao antigo pediplano plio-pleistocênico. A drenagem apresenta um padrão dendrítico a sub-retangular, encaixados nos sistemas de fraturamento de direção NW-SE e NE-SW ocorrentes na região (Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

A compartimentação proposta no relatório de Estudo de Impacto Ambiental da Floresta Nacional de Saracá-Taquera considerando características topográficas, morfológicas e pedológicas, dividiu a região em: topo de platô, encosta de platô, terras baixas e planícies aluviais (Brandt, 2000).

O **topo de platô** é o compartimento mais elevado da paisagem local, sendo testemunho residual do planalto dissecado. Os platôs possuem formas e extensões variáveis e superfícies tabulares aplainadas que apresentam variações não superiores a 10 m. A declividade fica entre 0 a 20% com cotas variando na média de 175 a 180 metros. O solo predominante é Latossolo Amarelo Álico profundo e argiloso apresentando uma crosta bauxítica. A drenagem de superfície dos platôs é pouco desenvolvida, somente na época de chuvas mais intensas é que alguns cursos d'água podem ser formados. A água das chuvas é, em grande parte, absorvida pelo solo poroso e permeável superficial que, por

sua vez, encontra-se protegido do impacto direto e da erosão pela densa vegetação presente. A vegetação no local é classificada como Floresta Ombrófila Densa (Brandt, 2000; Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

A **encosta de platô** representa a faixa de borda dos platôs e é constituída por superfícies inclinadas em rampas, quase verticais ou ligeiramente côncavas, estabelecendo a conexão dinâmica entre o topo dos platôs e as terras baixas. Na porção representada entre a ruptura do platô e a encosta, as declividades podem atingir 70%, caracterizando um relevo moderadamente íngreme apresentando cotas entre 140 a 175 metros. O solo predominante é o Latossolo Vermelho Amarelo Álico com textura médio-argilosa/argilosa (Ibid).

As **terras baixas** representam a faixa de transição entre as encostas dos platôs e as áreas dos sistemas fluviais adjacentes. Possuem relevo rebaixado, morros convexos suavemente ondulados, bem individualizados e fortemente recortados por cabeceiras de drenagem com cotas entre 100 a 140 metros; e apresenta solo arenoso. A vegetação tanto para encosta como para as terras baixas é classificada como Floresta Ombrófila Densa (Ibid).

As **planícies aluviais** são caracterizadas pelos terraços quaternários recentes, em superfícies planas a suavemente onduladas, resultantes da acumulação de sedimentos fluviais nas margens dos igarapés e lagos. Situam-se, em geral, em cotas inferiores a 100 m podendo, porém, em determinados locais, ultrapassar a cota acima de 100 m dependendo do grau de erosão provocada pela drenagem local. A vegetação desse compartimento é classificada como mata de igapó sazonal. O solo predominante é a Areia Quartzosa Álica, sendo que nas proximidades das drenagens pode ocorrer Areias Quartzosas Hidromórficas, solos Podzol Hidromórfico e ainda Solos Orgânicos (Ibid).

A principal cobertura vegetal da região é a Floresta Ombrófila Densa, com variações geralmente associadas às feições geomorfológicas. A floresta é caracterizada pela grande diversidade vegetal e pelo porte das árvores variam de 30 metros a 50 metros de altura com presença de abiuranas (*Pouteria spp.*), breus (*Protium spp.*) angelim pedra (*Dinizia excelsa*), etc. Foi constatada a presença de árvores de castanha-do-pará (*Bertholetia excelsa*) no final dos dois trechos da correia transportadora que liga os platôs Saracá, Almeidas (Brandt,2000). Existem ainda mais de 1.300 ha de áreas reflorestadas com espécies nativas, localizadas sobre as áreas já lavradas dentro da FLONA (Ibid).

As matas de igapó ocorrem tanto em igarapés da região, como o Saracazinho e Aviso, quanto nas margens do rio Trombetas, especialmente nas áreas dos lagos, como é o

caso do Batata e do Ajudante. Segundo Barbieri (2000) no lago Batata existe uma densa vegetação de árvores típicas desse ambiente e também de várzea, como a sumaúma de várzea (*Ceiba pentrana*), virola (*Virola spp.*), tucumã (*Astrocardyum jauari*), embaúba (*Cecropia sp)* e seringueira (*Hevea spp*).

A fauna local, de modo geral, enquadra-se nas características previstas para a Região Amazônica apresentando alta diversidade. Foram identificadas aproximadamente 116 espécies de mamíferos, entre elas 35 espécies de médio e grande porte. Ocorrem entre as espécie de grande porte a onça pintada (*Panthera onca*), a suçuarana (*Felis concolor*), a anta (Tapirus terrestris), o veado vermelho (*Mazama americana*), o guariba (*Alouatta seniculus*) e o coatá (Atelles paniscus). Entre as espécies de médio porte podemos citar a paca (*Agouti paca*), o caititu (*Pecari tacaju,)* o irara (*Eira irara*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), o queixada (*Tayassu pecari*), o quati (*Nasua nasua*), o tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*), o macaco prego (*Cebus apella*) e a cutia (*Dasyprocta agouti*) (Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

No estudo da ictiofauna foram identificadas 342 espécies, o que coloca o Trombetas como o segundo rio amazônico em termos de riqueza de espécies, atrás apenas do rio Negro, onde foram registradas 450 espécies. Entre os peixes mais abundantes ou de maior valor comercial destacam-se: tucunaré (*Cichla* spp.), aruanã (*Osteoglossum* sp.), carauaçú (*Astronotus ocelatus*), mandí (*Pimelodus bloch*), surubim (Pseudoplatystoma *faciatum*), raia (*Potomotrygon* sp.), piraíba (*Brachyplastystona filamentosum*) e traíras (*Hoplias macrophtalmus*) (Ibid).

Quanto a Avifauna foram encontradas 362 espécies em diversas áreas de Porto Trombetas e entorno, abrangendo florestas de terra firme, matas inundáveis, beira da água, campina nativa, matas de várzea e campos inundáveis. Entre as espécies encontradas destacam-se as endêmicas Jacupemba (*Penelope superciliaris),* pica-pau-anão-da-várzea (*Picumnus varzeae),* chocadeira d'água (*Sakesphorus luctuosus),* chororó-didi (*Cercomacra laeta),* maria-sebinha (*Hemitriccus minor*) e casaca-de-couro-da-lama (*Furnarius figulus)* (Ibid).

No grupo dos répteis foram até agora identificadas 60 espécies, entre as quais encontram-se algumas ameaçadas de extinção como o jacaré-açu *(Melanosuchus niger),* tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa)* e a serpente surucucu (*Lachesis muta).* Destaca-se na região a presença das áreas de reprodução das tartarugas de água doce da Família *Pelomedusidae*, principalmente *Podocnemis expansa*, que desovam nos tabuleiros do rio Trombetas, protegidos pela REBIO Trombetas. Existem 3 outras espécies do gênero

Podocnemis que são típicas de rios de águas claras e ocorrem na região, além de 2 espécies de tartarugas terrestres e espécies das famílias *Chelidae*, *Emydidae* e *Kinosternidae*, num total provável de 12 espécies. Foram ainda registradas 4 espécies de jacarés, cerca de 89 espécies de lagartos e mais de 230 de serpentes (Ibid).

No que diz respeito aos anfíbios foram identificadas 31 espécies. Algumas foram encontradas associadas às áreas de baixios e igarapés (*Hyla geographica*, *Hyla granosa*, *Osteocephalus* sp); outras apenas aos platôs (*Epipedobates femoralis*, *Phrynohyas resinifictrix*); e certas espécies foram observadas em ambos os habitats como por exemplo: *Phyllomedusa bicolor*, *Hyla minuta* e *Leptodactylus pentadactylus* (Ibid).

A FLONA de Saracá-Taquera está inserida no sistema hidrográfico do rio Amazonas, cuja rede de drenagem apresenta padrão dendrítico com capturas fluviais. Os principais cursos d'água da região aqui enfocada são o rio Trombetas e o rio Nhamundá. Existem outros de menor extensão como o Água Fria, o Saracá, o Periquito, o Papagaio, o Saracazinho, o Aviso e o Araticum (Ibid).

O rio Nhamundá divide os estados do Pará e Amazonas. Possui leito arenoso e de águas claras e seu curso superior é marcado por várias cachoeiras. Na altura da confluência com o rio Paracatu seu leito atinge uma grande extensão formando um lago com 40 km de comprimento e 4 km de largura. Os igarapés Taquera, Jamari, Teófilo e Araticum, nascem na região da FLONA e deságuam no rio Nhamundá (Ibid).

O rio Trombetas tem sua cabeceira nos maciços da Guiana formados por escudos cristalinos arqueanos de embasamentos graníticos que delimitam ao norte a planície amazônica. Esse rio percorre as litologias terciárias da Formação Barreiras, sendo, portanto de idade posterior ao Plioceno e anterior as Neo-Pleistoceno. É formado pela junção dos rios Poana e o Anuma, quando se encontra com o Paraná de Sapucuá, recebe o nome de baixo Trombetas. Possui aproximadamente 750 km de extensão e percorre os Municípios de Oriximiná, Terra Santa, Óbidos e Faro (Ibid).

A bacia de drenagem do rio Trombetas apresenta uma área de aproximadamente 133.630 km^2, caracterizada com uma rede de drenagem muito densa e com padrão dominantemente dendrítico, caracterizado por tributários que se distribuem em todas as direções sobre a superfície do terreno. Os principais rios que compõem sua drenagem são o Poana, o Anamu, o Turuna, o Inhabu, o Mapuera e o Cuminá. Os principais igarapés que deságuam no Trombetas na região da FLONA Saracá-Taquera são o Papagaio, o Água Fria, o Moura, o Jamari, o Ajará, o Terra Preta e o Saracá (Ibid) .

Em sua maior parte, os Trombetas têm um leito bem definido, com margens estáveis, sendo que esta feição se modifica quando atinge os sedimentos Terciários da Formação Barreiras. Nesta porção da bacia é comum à existência de lagos associados ao rio, oriundos dos trabalhos de erosão e deposição do mesmo (RADAMBRASIL, 1974). A área onde se concentra a pesquisa arqueológica é recortada por diversos lagos como Erepecurú, Moura ou Mura, Mussurá, Ajudante, Flechal, Araçá, Batata e outros. Quase sempre na região dos lagos há ocorrência acentuada de sítios arqueológicos e que também coincide com a ocupação dos ribeirinhos atuais (Hilbert, 1955:2).

Sioli (apud Panosso, 2000) classifica o rio Trombetas como um rio de águas claras e, portanto pobre em partículas em suspensão. Morán, porém, diz que os rios de água clara "possuem águas de qualidade média em termos de nutrientes" (Morán, 1990). Segundo Panosso "o rio Trombetas apresenta uma característica comum a todos os grandes rios da Amazônia, que são as grandes alterações periódicas no nível da água, devido à marcadas diferenças nos valores de precipitação pluviométrica entre as estações chuvosas e secas em suas bacias de drenagem" (2000:39).

O clima da região é considerado como Equatorial Quente Úmido classificado segundo Köppen como Aw, verão úmido e inverno seco. Os meses mais secos são agosto, setembro e outubro, coincidindo com o fim do inverno e início da primavera. A estação chuvosa começa em dezembro e termina em maio, sendo fevereiro, março e abril os três meses mais chuvosos. A estação seca começa em julho indo até outubro. Existem dois períodos de transição, um considerado chuvoso-seco em junho e o outro seco-chuvoso em novembro. A precipitação pluviométrica média anual fica em torno de 2.000 mm, sendo que foram observados valores mensais com o máximo de 500 mm e o de mínimo de 20 mm, entre os anos de 1988 e 1991. A umidade relativa média do ar é superior a 80%. As temperaturas médias anuais variam de 25 a 26 °C, sendo que as mínimas, as médias e as máximas diárias podem oscilara entre 25, 30 e 40ºC. De uma maneira geral, amplitude anual das temperaturas mensais médias não ultrapassa 5° C, porém em alguns anos já foi observado que a diferença de temperatura média entre o mês mais quente e o mais frio esteve entre 2 e 6º C. Os ventos na região são de baixa a média intensidade, predominando as calmarias durante a maior parte do ano (Plano de Manejo da FLONA de Saracá-Taquera, 2001).

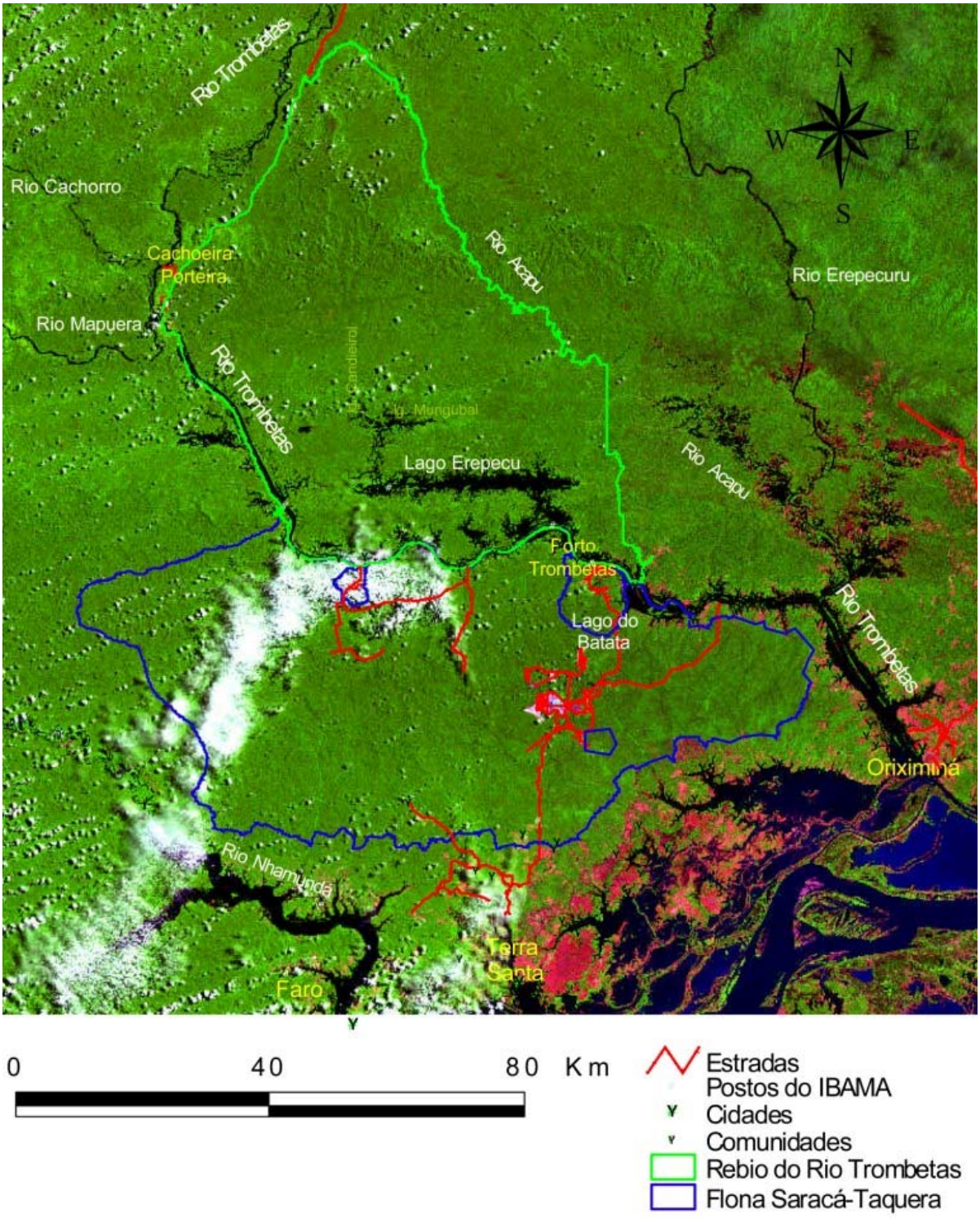


Figura 11 – Detalhe das áreas das Unidades de Conservação localizadas as margens do rio Trombetas na área da pesquisa.

A delimitação geográfica da área pesquisada foi fundamentada no levantamento dos sítios arqueológicos realizado por pesquisas anteriores e pelo cronograma de extração mineral dos platôs. No primeiro caso foram principalmente às pesquisas realizadas por Hilbert (1955) e Hilbert e Hilbert (1980) que orientaram a delimitação da área a ser investigada ao longo da margem do rio Trombetas. Por outro lado, a obrigatoriedade legal de realizar o levantamento arqueológico nas áreas de exploração mineral (platôs) definiu os limites da pesquisa na área de interflúvio.

A área pesquisada está localizada entre as coordenadas 1° 24’ 36” e 1° 52’ 30” S e 56° 15’ 30” e 56° 37’ 12” W (Figura 12). Nesse espaço, que denominei de região de Porto Trombetas, a pesquisa foi concentrada em duas áreas mais ou menos distintas: uma que compreende os ambientes ribeirinho e lacustre e a outra compreende a região de interflúvio com ocorrência de platôs. De uma maneira geral, a área tem como limite ao Norte o rio Trombetas no trecho entre os lagos Moura e Batata, a Oeste o platô Teófilo, a Leste os platôs Almeidas e Bacaba e ao Sul a os platôs Greig e Aramã. No rio Trombetas a pesquisa ficou restrita a sua margem direita, que é o limite da FLONA Saracá-Taquera. Apenas uma investigação pontual foi realizada na margem esquerda fora da área prevista, no lago Mussurá.

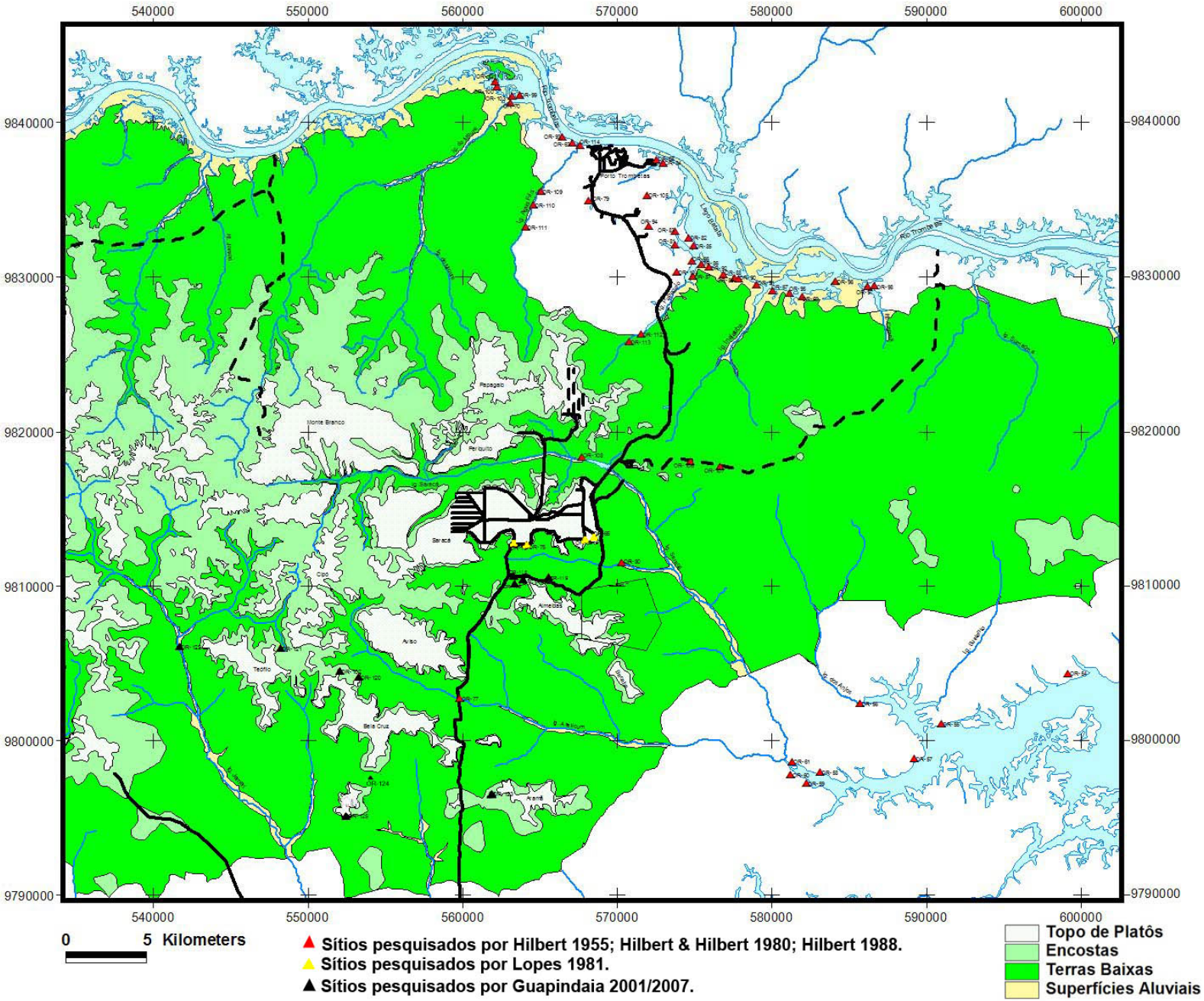


Figura 12 - Área delimitada para pesquisa, indicando os platôs que foram pesquisados.

CAPÍTULO IV
ARQUEOLOGIA EM PORTO TROMBETAS

1. Distribuição dos sítios na paisagem

A área arqueológica na qual estão os sítios desta região é a PA-OR (Oriximiná) conforme estabelecido por Simões & Araújo Costa (1978). Existem registrados hoje na área PA-OR, 120 sítios distribuídos nos mais diversos ambientes, incluindo as margens dos rios, igarapés e lagos; nas áreas de terras baixas localizadas entre as margens dos rios principais e dos lagos e ao começo da área mais elevada que segue em direção aos platôs; nas áreas mais elevadas (platôs) e, principalmente, próximas as suas encostas (Guapindaia, 2001; 2004; Machado, 2001; Simões, 1983). Portanto, observa-se que a julgar pelos vestígios arqueológicos a ocupação humana pré-histórica da área não esteve restrita apenas a margem dos grandes cursos d'água. De fato, dos 120 sítios, 47 estão localizados nas terras baixas, mostrando existir uma alta percentagem de sítios nas áreas de interflúvio (39,17%).

Restringindo o levantamento dos sítios a área da Floresta Nacional de Saracá-Taquera até o limite de 10 km em seu entorno, existem registrados 78 sítios (Machado, 2001), sendo que 38 estão nas margens dos lagos ou próximos a eles[1]; 26 estão nas áreas de terras baixas, localizadas entre as margens dos rios principais (especialmente o Trombetas) e dos lagos e o começo da área mais elevadas; 9 sítios estão localizados a margem dos cursos dos rios principais e 5 no topo dos platôs. Assim, pode-se considerar que população pré-histórica concentrava-se sucessivamente: a) nas margens dos lagos; b) na região de interflúvio, compreendendo a área próxima as encostas dos platôs até a área de transição entre a margem do rio e os platôs; c) margens dos rios principais; e) no topo dos platôs.

Ambiente	Compartimento	Nº sítios	%
Ribeirinho	Margem de Lago	38	48,72
Ribeirinho	Margem de rio	9	11,54
Interflúvio	Terras Baixas	26	33,33
Interflúvio	Topo de Platô	5	6,41
	TOTAL	**78**	**100,00**

Tabela 1 - Distribuição dos sítios na paisagem

[1] No máximo a 2 km de distância.

A divisão entre sítios localizados as margens de lagos e dos rios, talvez possa não ser muito significativa, pois nesse trecho o rio Trombetas é marcado pela presença de inúmeros lagos, tanto na margem esquerda como na direita, inclusive, alguns destes lagos nas épocas de cheia são incorporados ao seu leito, como é o caso do Lago Batata.

Esses dados embora apresentem limitações, podem levar a pensar em algumas questões, como por exemplo, a concentração dos sítios em torno dos lagos (48,72%), que parece ser significativa. Por exemplo, pode-se considerar que os habitantes pré-históricos do local poderiam ter entre as suas atividades a exploração de recursos aquáticos lacustres, uma vez que sua natureza circunscrita torna os lagos um ambiente ideal para a realização de manejos.

Outro aspecto relevante é o registro de 31 sítios na área de interflúvio – terras baixas e topo de platô – (39,74%), que é superior a concentração nas áreas mais próximas ao rio Trombetas (11,54%). Isso demonstra que a ocorrência de sítios nas áreas de interflúvio é significativa e confirma a informação dos cronistas sobre a existência de aldeias localizadas mais para o interior (Porro, 1996) e também certifica as informações de Nimuendajú (2004) a respeito das terras pretas nos interflúvios em áreas altas. A curta distância entre a área ribeirinha e de interflúvio (entre 30 e 50 km) certamente possibilitou a relação entre os dois ambientes que poderia acontecer através de uma rede de pequenos igarapés que nascem nos platôs e deságuam no rio ou nos lagos ou através de deslocamento a pé, o que parece mais provável.

Os platôs poderiam compor as áreas de captação de recursos para as populações lacustres[2]. Por exemplo, pode-se inferir como propõe Morán (1990) que a coleta de frutos típicos de determinada época do ano leva a população a rearranjos organizacionais para permitir a exploração adequada de tal fonte de alimentos. Isto pode implicar em dispersão populacional de grupos organizados com base em mitos, rituais, parentesco, etc.

As dimensões dos sítios identificados pelas diversas equipes que trabalharam na área da FLONA Saracá-Taquera e entorno (Hilbert, 1955; Araújo Costa et al, 1985; Hilbert, 1988, 1990; Guapindaia et al, 2001; Guapindaia & Lopes, 2003; 2004, 2005a e 2005b, 2006; Lopes, 2005, 2006) foram reunidas em uma tabela. As medidas, registradas de diversas formas, foram transformadas em metros quadrados a fim de que se tornassem comparáveis. Os dados analisados certamente apresentam distorções, uma vez que os métodos usados para estimar o tamanho dos sítios foram diferentes para cada equipe. Mesmo assim, julgou-se ser útil empregá-los para estabelecer as dimensões dos assentamentos na região. Do total de setenta e oito sítios registrados apenas cinqüenta e oito possuíam informações de dimensões.

[2] Considera-se a possível relação entre as áreas ribeirinhas e de interflúvio baseada na exploração que atual população ribeirinha faz das áreas dos platôs, embora não haja uma continuidade linear desde a pré-história até o presente.

Ambiente	Compartimento	Nº sítios	Área em m²
Ribeirinho	Lago	31	2.800 a 1.500.000
Ribeirinho	Rio	8	10.000 a 400.000
Interflúvio	Terras Baixas	16	1.100 a 270.000
Interflúvio	Topo de Platô	3	4.000 a 150.000
	TOTAL	**58**	

Tabela 2 - Dimensões dos sítios

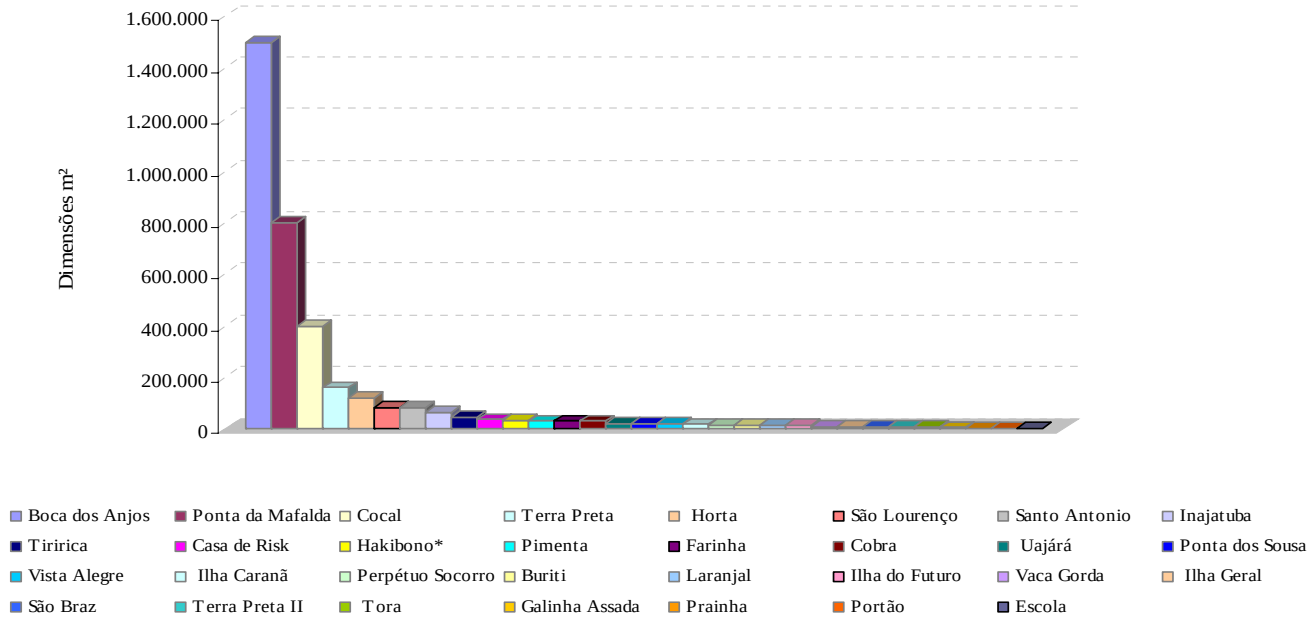


Gráfico 1– Dimensões dos sítios lacustres.

Na área dos lagos as dimensões dos sítios variam de 2.800 a 1.500.000 m². Foram considerados sítios de três lagos: Batata, Moura localizados na margem direita do rio Trombetas; e o lago Sapucuá localizado na margem esquerda do Nhamundá, pouco acima da sua foz. No total apresentado trinta e um sítios, distribuídos quinze no Batata, dez no Sapucuá e seis no Moura.

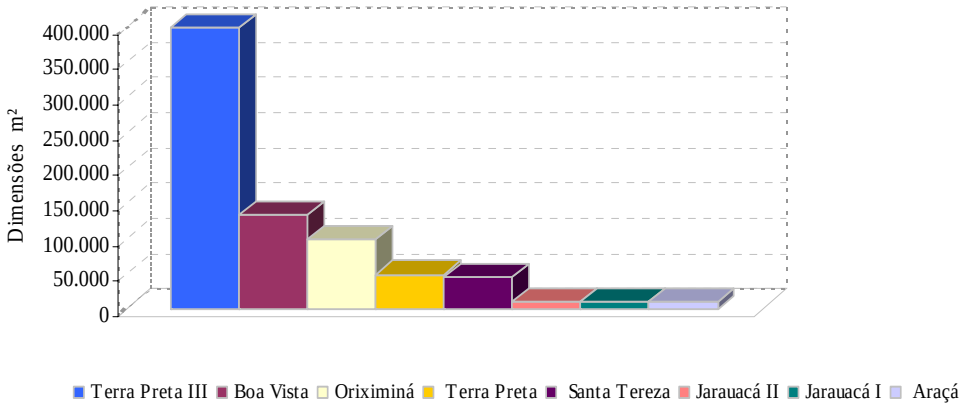


Gráfico 2 – Dimensões dos sítios riberinhos.

Na área do rio as dimensões ficaram entre 400.000 e 10.000 metros quadrados. Foram considerados 8 sítios, sendo que quatro (Terra Preta III, Boa Vista, Oriximiná e Santa Tereza ficam) ficam no rio Trombetas; três ficam no rio Erepecurú (Jarauacá I,II e Araça) e um no rio Parú.

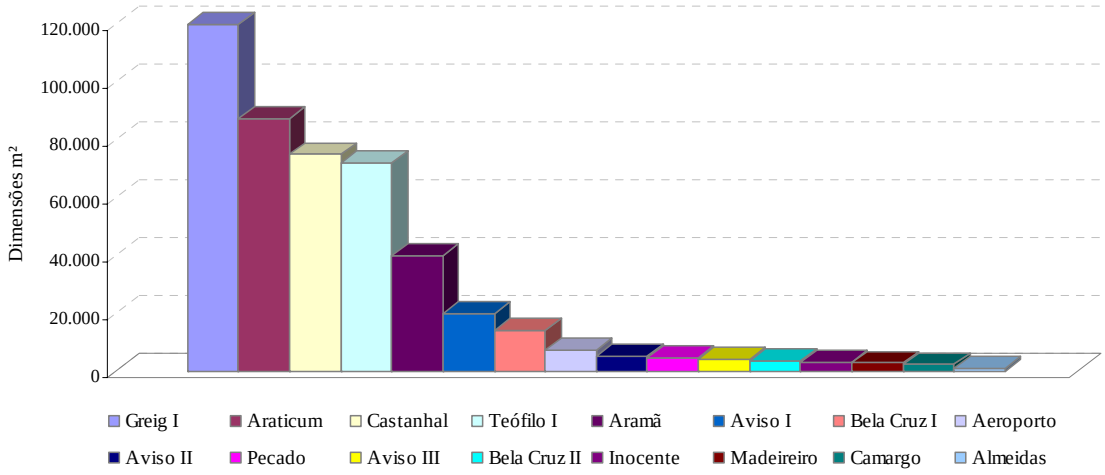


Gráfico 3 – Dimensões dos sítios em Terra Baixa.

Na área de terras baixas as dimensões ficaram entre 1.100 e 120.000 metros quadrados. Foram considerados 16 sítios, sendo que cinco (Aeroporto, Inocente, Madeireiro, Camargo e Pecado) ficam na parte mais baixa desse compartimento ambiental, entre as encostas dos platôs e as margens do rio Trombetas, quase sempre nas margens de igarapés de médio porte; dois ficam na também nas partes mais baixas, porém localizam-se mais no interior do interflúvio distantes do Trombetas e próximos as encostas dos platôs, também nas margens de igarapés caudalosos (Castanhal e Araticum); e nove ficam nas encostas dos platôs (Greig I, Teófilo I, Aramã, Aviso I, Aviso II, Aviso III, Bela Cruz I, Bela Cruz II e Almeidas).

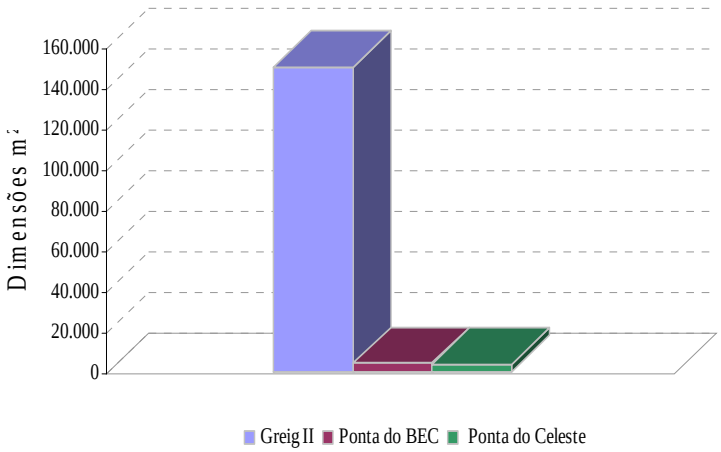


Gráfico 4 – Dimensões dos sítios no topo dos platôs

A presença de sítios no topo dos platôs ocorre com menor freqüência. Em 12 platôs prospectados apenas em dois foram encontrados sítios. Pelas descrições os dois sítios encontrados no platô Saracá (BEC e Celeste) apresentam características muito distintas do Greig II. Os primeiro apresentam pequenas manchas de terra preta, enquanto que no Greig II, o solo não é de terra preta, é amarelada e o material arqueológico, essencialmente cerâmica, está na superfície.

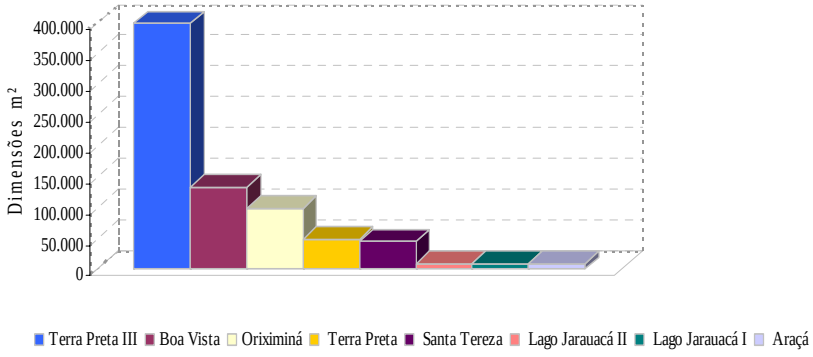


Gráfico 5 – Dimensões dos sítios ribeirinhos

As dimensões dos sítios vão de 1.100 a 1.500.000 m², sendo que os menores assentamentos ficam nas terras baixas e os maiores nos lagos, confirmando o padrão de assentamentos maiores localizados na área ribeirinha e os menores no interflúvio. Contudo, no interflúvio alguns têm dimensões razoáveis (20.000 a 270.000 m²) compatíveis, inclusive com o ambiente ribeirinho Porém, possuem características diferentes, enquanto os das terras baixas são pequenas manchas de solo no máximo escuro, geralmente isoladas, com pouca espessura e pouco material, os da área ribeirinha são extensas terras pretas contínuas, espessas e com densidade de material representativa.

Os sítios nos topos dos platôs são raros, e por isso não podem ainda ser considerados um universo representativo, mas as dimensões observadas mostram que são maiores do que alguns sítios das terras baixas e da área ribeirinha. Um sítio, o Greig II, inclusive é muito maior que os outros no mesmo ambiente, porém este sítio se caracteriza por apresentar uma grande área de dispersão de material superficial, uma vez que a base do sítio, (no máximo 30 cm de profundidade), é composta de solo laterítico de bauxita.

A maior quantidade e os maiores sítios ocorrem em torno dos lagos da região, sendo que é no lago Sapucuá que estão os três maiores sítios. Isso pode sugerir que nesse lago devem estar os sítios que apresentam a cerâmica mais típica do estilo Konduri. Uma rápida consulta ao artigo de Hilbert (1955) permite constatar que a maior parte das ilustrações são de cerâmica Konduri provenientes do Lago Sapucuá.

2. Metodologia de prospecção e escavação

Entre os anos de 2001 a 2007 foram realizadas 15 expedições de campo, totalizando 399 dias de atividades, executadas sempre em três etapas: a prospecção, o levantamento topográfico e escavações. Em alguns sítios os trabalhos de topografia e escavações ocorreram concomitantemente e em outros foi realizado apenas a prospecção.

Nos topos e encostas dos platôs e nas terras baixas, localizados na zona de interflúvio as áreas investigadas foram determinadas de acordo com o cronograma de exploração da empresa. As prospecções foram realizadas nas áreas de extração de minério, de estradas de acessos, de correias transportadoras e de construção de quaisquer infra-estruturas relacionadas às atividades mineradoras. Nos locais previstos para a construção de estradas, de correias ou outros tipos de acessos - localizados quase sempre nas encostas dos platôs e terras baixas - a prospecção é realizada a partir dos eixos principais do levantamento topográfico do próprio empreendimento. Isto porque, normalmente essas são as únicas vias abertas na floresta que permite o acesso ao local e também, é o ponto exato onde será implantada a estrutura, portanto, configura-se como a área de impacto direto do empreendimento.

Essa região apresenta cobertura vegetal de floresta densa com o chão coberto por camada de folhas e raízes, o que não possibilita realizar a observação ou a coleta de material em superfície. Diante disso, optou-se pelo uso de tradagens para investigar a sub-superfície na busca dos vestígios arqueológicos. O emprego dessa técnica mostrou-se eficiente na localização de sítios de baixa visibilidade em locais de difícil acesso, nos quais os vestígios arqueológicos não são abundantes. As tradagens, de um modo geral, são realizadas no eixo topográfico principal em intervalos de 60 metros tendo como referência as estacas implantadas para o controle topográfico. A partir de cada estaca se faz tradagens a direita e a esquerda a intervalos de, no mínimo, 20 metros, perpendicularmente ao eixo central até a distância de mínima de 60 metros. Os intervalos das malhas de tradagens são decididos conforme cada caso, levando sempre em consideração a densidade dos vestígios, as dimensões do platô, a disponibilidade de tempo e o tamanho da equipe. Com essa metodologia de tradagens sistemáticas foram percorridos a pé *transects* de até 15 km.

No topo dos platôs, especificamente, as prospecções são realizadas a partir de eixos do levantamento topográfico, dos *transects* do levantamento botânico, dos eixos de prospecção mineral e dos ramais de acesso. Os eixos e ramais cortam os platôs no sentido Norte-Sul e Leste-Oeste e são plotados em mapas geo-referenciados, o que facilita o levantamento arqueológico.

Além da prospecção sistemática nos eixos e *transects*, são realizadas prospecções oportunísticas nos caminhos abertos para a circulação de veículos, que medem aproximadamente 6 m de largura. Nestas estradas se observa o tipo de solo que ocorre no leito e nas laterais, onde permanece o perfil. A observação é aleatória e busca-se qualquer mudança na coloração e na textura do solo. Além disto, aproveita-se os furos de sondagem e os furos dos piezômetros para observar a sub-superfície. Também, observa-se a paisagem, procurando identificar a presença de espécies vegetais potencialmente indicadoras de sítios arqueológicos, a presença de fontes hídricas e relevo que possam caracterizar as condições de habitabilidade na área.

Na área ribeirinha, em uma primeira abordagem, foram visitados os sítios registrados pelas pesquisas anteriores nas margens do rio Trombetas, nos lagos do Batata e Moura com o objetivo de obter suas coordenadas através de GPS[3]. Foram realizadas coletas de superfície aleatórias de material cerâmico diagnóstico e tradagens, também aleatórias, para verificar a espessura da camada arqueológica.

Para os sítios escavados, de uma maneira geral, realizam-se prospecções preliminares, com a finalidade de estabelecer os limites para o levantamento topográfico e para planejar os

[3] Durante o levantamento bibliográfico e após as primeiras prospecções na área ribeirinha constatou-se a duplicação do registro de sítios.

trabalhos de escavação. O procedimento consiste em percorrer a pé a área observando seus contornos, isto é, onde a superfície é plana, onde há declives ou aclives ou quaisquer outras modificações perceptíveis. Os atuais moradores da região sempre contribuem com informações importantes sobre locais onde se encontra a maior quantidade de cerâmica e sobre a cor e a profundidade do solo escuro.

Após estabelecer os limites prévios do sítio, um ponto aleatório "0" é implantado considerando a área mais plana do sítio, a partir do qual utilizando GPS, trenas e bússolas são traçadas quatro picadas orientadas no sentido Leste-Oeste de maneira que abranjam toda a área do sítio em intervalos regulares. Nas linhas das picadas são realizadas tradagens com intervalos de no máximo 50 em 50 metros. Partindo das linhas Leste-Oeste são traçadas, em direções variadas, mais quatro linhas, onde também se realiza tradagens. Pontos de referência importantes como, por exemplo, caminhos, campos de futebol etc. também são incluídos no mapeamento prévio. O objetivo desse levantamento é obter um croqui orientado que subsidie o levantamento topográfico.

Depois de pronto o mapa topográfico, são realizadas novas tradagens e sondagens de 50X50 cm para delimitar as áreas de terra preta e verificar a quantidade do material. Para posicionar as sondagens e as futuras áreas das escavações define-se uma "malha artificial" estabelecida a partir um ponto aleatório "00" fora do sítio para permitir a ampliação indefinida das unidades de escavação. A partir deste ponto dois eixos são estabelecidos: Norte e Leste; o que situa o sítio dentro do quadrante Nordeste. O "***Datum***" de referência do sítio é posicionado na parte mais alta. Todas as medidas e localizações das escavações são obtidas em relação a ele.

O endereço de cada unidade das escavações é estabelecido a partir do ponto aleatório "00" em números cardinais crescentes acompanhados das coordenadas Norte e Leste, considerando sua distância em metros do referido ponto aleatório. O ponto de referência estabelecido para a denominação de cada setor escavado é o canto Nordeste. As escavações foram contraladas em níveis artificiais de 5 em 5 cm ou em alguns casos de 10 em 10 cm.

3. Sítios investigados

Na área da Flona de Saracá-Taquera foram investigados sítios em pelo menos quatro ambientes: na margem do rio Trombetas; nas terras baixas próximas aos platôs Aviso, Almeidas, Bela Cruz, Teófilo e Greig; nos lagos Moura e Batata; e no topo do platô Greig. Foram investigados próximo às encostas dos platôs sete sítios: PA-OR-116: COTRA Aviso I, PA-OR-117:COTRA Aviso II, PA-OR-118:COTRA Aviso III; PA-OR-119:COTRA Almeidas, PA-OR-102: Bela Cruz I, PA-OR-120:Bela Cruz II, PA-OR-121: Teófilo I, e PA-OR-124:Greig I ainda

está sendo investigado[4] (Guapindaia, 2001; 2003). No topo do platô apenas um sítio foi encontrado PA-OR-125:Greig II, que por estar em área de influência direta do empreendimento minerário, deverá ter sua investigação prolongada durante três anos. Na margem do rio Trombetas o PA-OR-63: Boa Vista foi escavado; no lago Moura, também, um sítio foi investigado, o PA-OR-70: Horta; e no lago Batata, foi realizado o levantamento topográfico e escavações no sítio PA-OR-92: Terra Preta e prospecções nos sítios PA-OR-66: Hakibono, PA-OR-67: Inajatuba, e PA-OR-69: Buriti. Nesse trabalho serão apresentados seis sítios localizados na área de interflúvio (Aviso I, II,III, Almeidas, Bela Cruz I eII) e na um na área ribeirinha (Boa Vista)

3.1. Sítios localizados nas terras baixas

De uma maneira geral, os sítios nas terras baixas estão localizados nas partes mais altas e planas de pequenas elevações com altitude entre 135 e 140 m e entre 100 a 300 m de distância de pequenos igarapés[5]. São sítios lito-cerâmicos caracterizados por uma ou mais manchas de solo escuro, ocupando áreas elípticas medindo aproximadamente entre 1.000 e 120.000 m². A profundidade da camada arqueológica em algumas escavações atingiu no máximo de 80 cm de profundidade (Guapindaia, 2002).

SÍTIO[6]	DIMENSÕES	FORMA	COR DA CAMADA DE OCUPAÇÃO	UTM
Aviso I	20.000 m²	Elíptico	10YR 3/2 Very Dark Grayish Brown	0565686/9810505
Aviso II	5.000 m²	Elíptico	10YR 3/2 Very Dark Grayish Brown	0563688/9810176
Aviso III	4.000 m²	Elíptico	10YR 3/2 Very Dark Grayish Brown	0563410/980725
Almeidas	1.100 m²	Elíptico	10YR 3/2 Very Dark Grayish Brown	0565639/8910618
Bela Cruz I	14.000 m²	Elíptico	7.5YR/3/4 Dark Brown	0552032/9804520
Bela Cruz II	3.500 m²	Elíptico	7.5YR/3/4 Dark Brown	0553286/9804132
Teófilo	72.000 m²	Elíptico	10 YR 3/3 Dark Brown	0543431/9806040
Greig I	120.000 m²	Não definido	7.5 YR 3/4 Dark Brown	0552472/9796158

Tabela 3 - Sítios pesquisados na área das terras baixas nas proximidades dos platôs Saracá, Almeidas, Bela Cruz, Teófilo e Greig.

[4] A denominação dos sítios foi registrada de acordo com o sistema proposto pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas/PRONAPA e homologado pelo IPHAN em 1968, onde PA= estado do Pará; OR= Área Arqueológica Oriximiná, seguida do número de registro do sítio e do seu nome popular.

[5] As terras baixas segundo a caracterização ambiental já citada incluem regiões com cotas entre 150 a 100m. Para a localização dos sítios arqueológico foi considerada uma sub-divisão das terras baixa em áreas que estão mais próximas aos rios e lagos (terras baixas) e aquelas que estão mais próximas dos platôs (próximas as encostas dos platôs). Essa divisão ocorre por que os sítios localizados próximos aos platôs apresentam características diferentes daqueles das terras baixas.

[6] Para análise do material foram considerados os sítios Aviso I, Aviso II, Aviso III, Almeidas e Bela Cruz I e II.

3.1.1. Sítios PA-OR-116:COTRA Aviso I, PA-OR-117:COTRA Aviso II, PA-OR-118:COTRA Aviso III e PA-OR-119:COTRA Almeidas

Os sítios Aviso I, Aviso II, Aviso III e Almeidas foram localizados durante a prospecção na área de implantação de uma correia transportadora de minério que se encontra entre os platôs Saracá, Almeidas e Aviso, com extensão total de 14,4 km por 60 m de largura. Dos quatro sítios identificados na ocasião da prospecção na área dos platôs Aviso e Almeidas, o Aviso I foi o maior tanto em extensão quanto em quantidade de material arqueológico.

O sítio Aviso I está a 140 m de altitude em uma pequena elevação na linha da correia transportadora Saracá-Aviso entre os platôs Almeidas e Saracá. Ao lado leste do sítio, a cerca de 200 metros, existe um igarapé sem nome. O sítio tem aproximadamente 20.000 m² de área total, sendo formado por três manchas descontínuas de terra escura que ocupam uma área de forma elíptica. Uma das manchas foi considerada a área central do sítio por ser a maior e a melhor definida, uma vez que foi onde ocorreu a camada de terra preta mais espessa e a maior quantidade de material arqueológico. Nessa área realizou-se uma escavação com aproximadamente 50m² com profundidade de cerca de 1,20 cm da superfície.

O sítio Aviso II está localizado também na linha da correia transportadora a cerca de 270m a nordeste do Aviso I, na margem direita do mesmo igarapé sem nome. Estende-se por uma área de solo escuro de forma elipsoidal com aproximadamente 5.000 m². A ocorrência do material é baixa, e mesmo em locais onde as sondagens revelaram maior concentração, a abertura de escavações evidenciou pouco vestígios. No total foram escavados 10m².

O sítio Aviso III localizado cerca de 350m ao norte do Aviso I possui área de forma elíptica medindo aproximadamente 4.000 m². A porção do sítio centro-norte foi cortada pela estrada que interliga os núcleos urbanos de Porto Trombetas e Terra Santa (Figura 13). No total foram escavados 6m². O material encontrado foi essencialmente composto de fragmentos de cerâmica.

O sítio Almeidas está localizado cerca de 1.620 m a Leste do Aviso I, na parte mais alta de uma elevação entre o igarapé Aviso e um igarapé sem nome. Possui uma área de aproximadamente 1.100 m². Em 13m² escavados foram encontrados principalmente pequenos fragmentos de cerâmica, em pouca quantidade.

Com o objetivo de caracterizar principalmente o material cerâmico e da região de interflúvio entre o rio Trombetas e Nhamundá, utilizamos os dados, principalmente do Aviso I, por ser o mais representativo dos sítios em termos de dimensões e quantidade de vestígios. É possível que os sítios Aviso II, Aviso III e Almeidas fossem compostos de um conjunto de manchas de solo escuro da mesma forma que o Aviso I. Considerando esse aspecto, é

provável que a implantação da correia transportadora tenha cortado apenas manchas menores desses sítios.

A delimitação dos sítios foi realizada com tradagens de 20 em 20 metros, onde se observou a cor do solo e a ocorrência de vestígios materiais cerâmicos e líticos. Com base no mapeamento obtido foram escolhidas as áreas para abertura de escavações. No Aviso I identificaram-se três manchas de forma elíptica, sendo que a maior mede cerca de 400 m² e as menores com cerca de 250 m². Em cada uma das manchas foi aberta uma unidade de 1 m², que foi ampliada conforme a ocorrência de solo escuro e presença de vestígios. As duas manchas menores apresentaram pouca de quantidade fragmentos de cerâmica e extensão e profundidades restritas do solo de terra preta, por isso as escavações não foram ampliadas. Já na maior mancha a escavação foi ampliada chegando a 50 m² com profundidade de aproximadamente 1,20 cm da superfície.

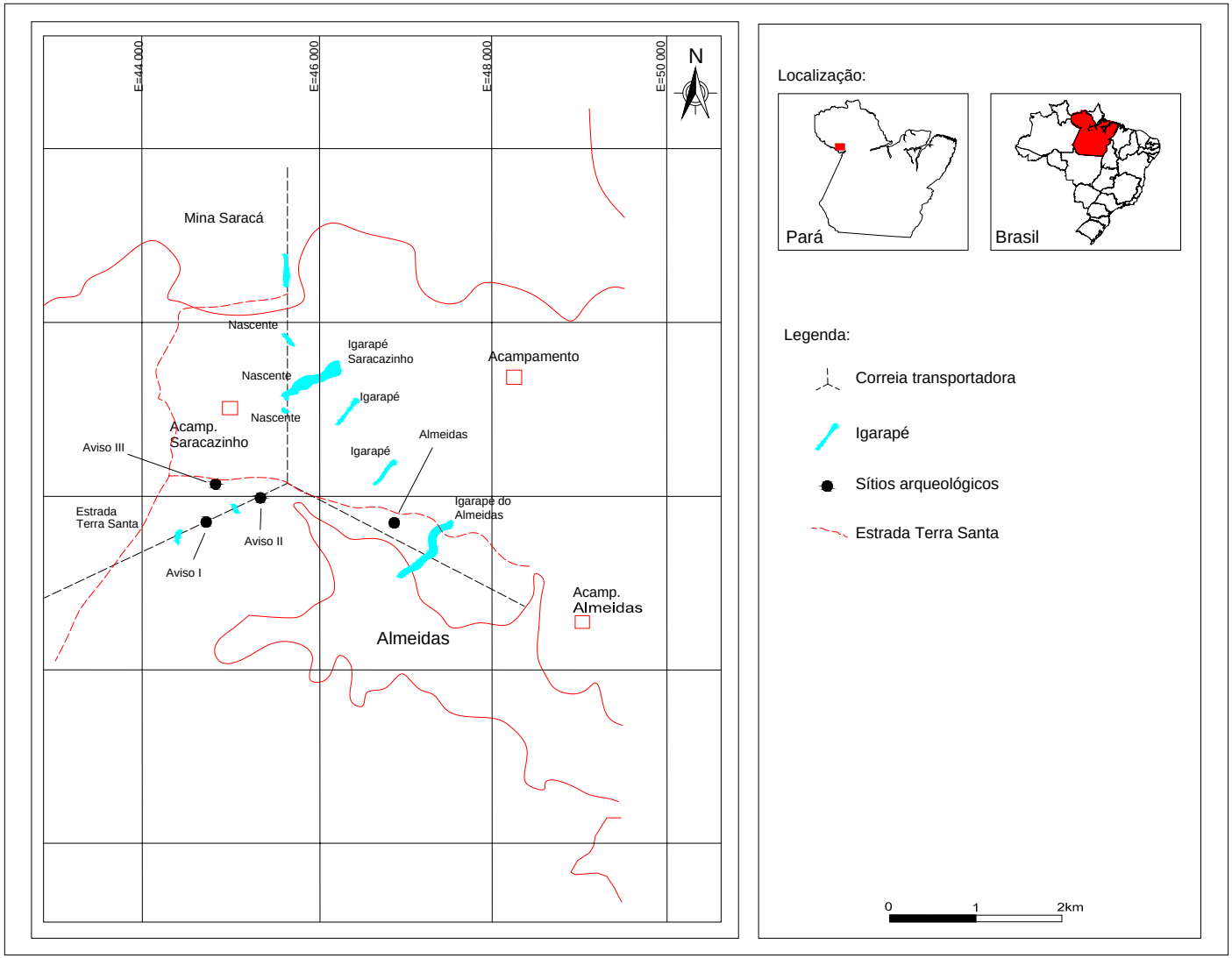


Figura 13 - Croqui de localização dos Sítios Aviso I, Aviso II, Aviso III e Almeidas.

As escavações e as sondagens realizadas principalmente no Aviso I - uma vez que essas camadas também foram identificadas com pequenas variações nos outros sítios - revelaram um perfil estratigráfico com quatro camadas desde a base até a superfície. A primeira delas é o latossolo estéril com textura argilosa e coloração alaranjada (7.5 YR 4/6 - *strong brown*) foi identificada como camada I A. Essa camada foi escavada mais profundamente em algumas áreas da escavação principal do Aviso I, como por exemplo na trincheira leste, onde se encontrou uma grande concentração de fragmentos de carvão de grandes dimensões (3 a 4 cm). Essa ocorrência de carvões aparentemente não possui relação com a camada de ocupação.[7] Acima I A, está uma outra de textura argilosa, mosqueada entre marrom escuro (7.5YR 4/3 – *brown e dark brown*) e alaranjado (7.5 YR 4/6 - *strong brown*). Essa camada é o solo de transição o latossolo e a segunda camada.

A segunda é a camada cultural com solo marrom escuro de compactação média, úmido, textura areno-argilosa, presença de material arqueológico e com espessura entre 50 e 60 cm. No sítio Aviso I foi encontrado concentrações de carvão, que em alguns casos foram interpretados como fogueiras. Nessas áreas os carvões são maiores que no resto da camada, possuem de 1 a 5 cm. A maior concentração de material arqueológico ocorre entre os 10 e 15 cm da camada. Na base da camada observaram-se manchas circulares com 10 a 15 cm preenchidas por solo de coloração mais escura e textura diferente do solo ao redor. A maior espessura da camada ocorre no centro da mancha onde possui cerca de 60 cm, enquanto nas áreas periféricas alcança entre 20 e 15 cm até desaparecer. A cerâmica, que ocorre em maior quantidade, apresenta fragmentos tipicamente Konduri, como trípodes, apliques zoomorfos, apliques modelados ponteados. Além destes, foram encontrados fragmentos com pasta de coloração escura e espessura fina geralmente com incisões; fragmentos de cerâmica sem decoração de pasta de cor alaranjada e com engobo vermelho. O material lítico ocorre em menor quantidade que a cerâmica. Foram encontrados artefatos polidos e lascados, como lascas em sílex e diabásio, raspadores, furadores, quebra-coquinho, machados e contas. A cor do solo é marrom escuro (7.5YR3/2 *dark brown*). As áreas com concentração de carvão apresentam solo mais escuro (10YR 3/2 – *very dark grayish brown*) .

[7] Durante os trabalhos de campo, ainda, levantou-se a hipótese de estarem esses carvões relacionados a algum incêndio na floresta antes de sua ocupação.

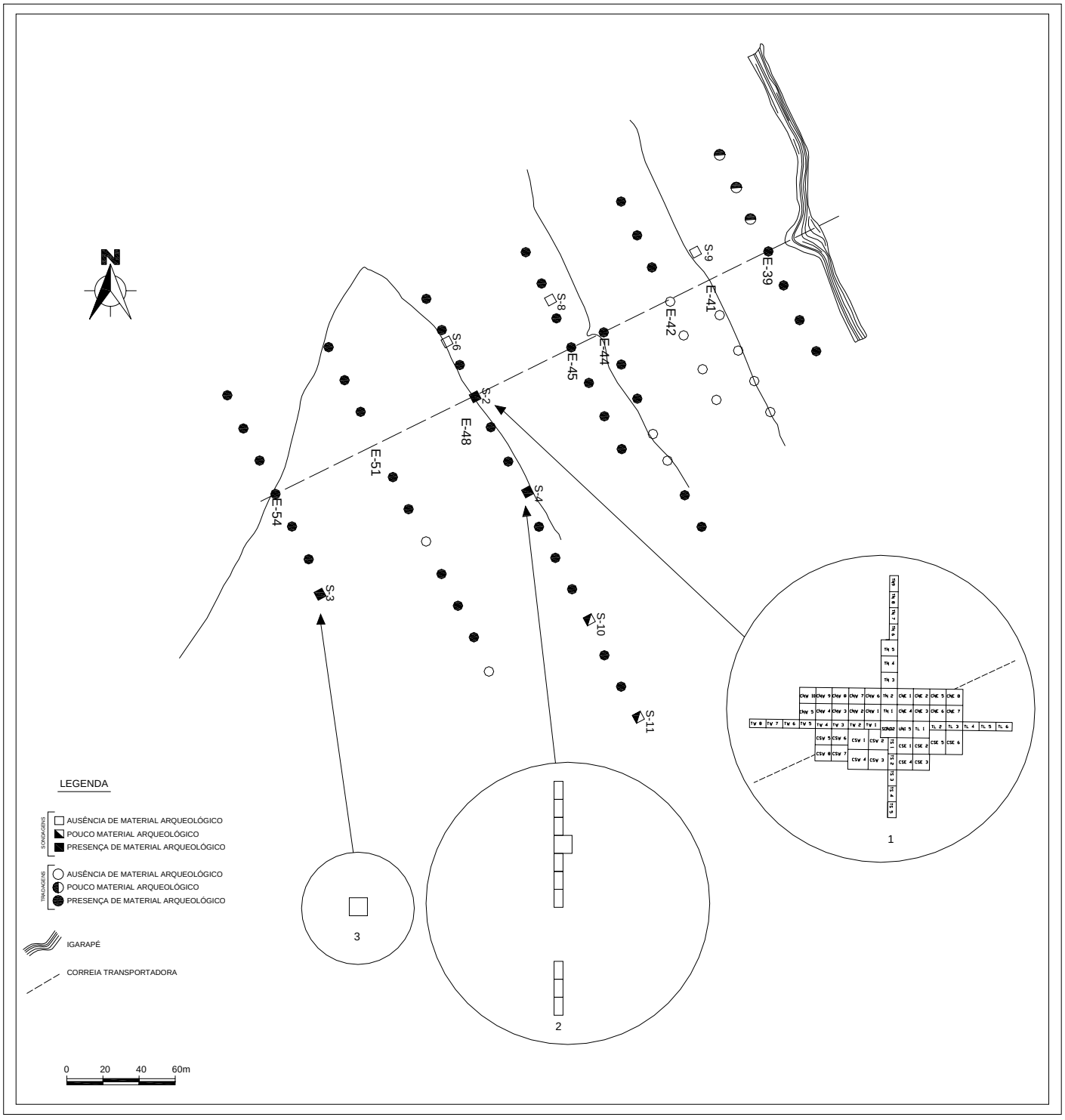


Figura 14 - Croqui das escavações e tradagens do sítio Aviso I. As escavações 1 e 2 são referentes as manchas de menor dimensão, enquanto a 3 refere-se a maior, onde a escavação foi mais extensa.

A terceira camada apresentou solo arenoso de granulação média, friável e seco com espessura média de aproximadamente 10 cm. Eventualmente, próximo ao final da camada (base), ocorrem fragmentos de cerâmica e carvão. Possivelmente os fragmentos encontrados nesta camada foram trazidos da camada subseqüente por raízes. Cor é marrom amarelado escuro (10YR 4/4 *dark yellowish brown)*

A quarta é a camada superficial com espessura média de 5 cm, onde não há solo apenas grande quantidade de raízes emaranhadas formando um tapete de vegetação seca e em decomposição. Não há material arqueológico. Sua cor é marrom acinzentado (2.5 YR 2.5/3 *dark grayish brown*)

As manchas circulares de 10 a 15 cm de diâmetro surgem na base da camada II e tornam-se mais nítidas na camada IB. Foram interpretadas como marcas de esteios de sustentação de casa, sugerindo ser à base da camada II um solo de habitação. A observação do conjunto dessas marcas na área escavada revelou que os círculos estavam distribuídos de maneira regular e quase todos alinhados em área de 12 m no sentido Leste/Oeste e as feições relacionadas as fogueiras estavam também nesse intervalo. Entretanto não foi possível obter uma representação confiável de uma casa.

Figura 15 - 1) Concentração de fragmentos cerâmicos no Aviso I ,Canto NE, topo da Camada II, onde ocorreu a maior quantidade de material arqueológico. 2) Perfil da parede Leste do Canto NE do Aviso I. 3) Vista geral da escavação da mancha principal do Aviso I.

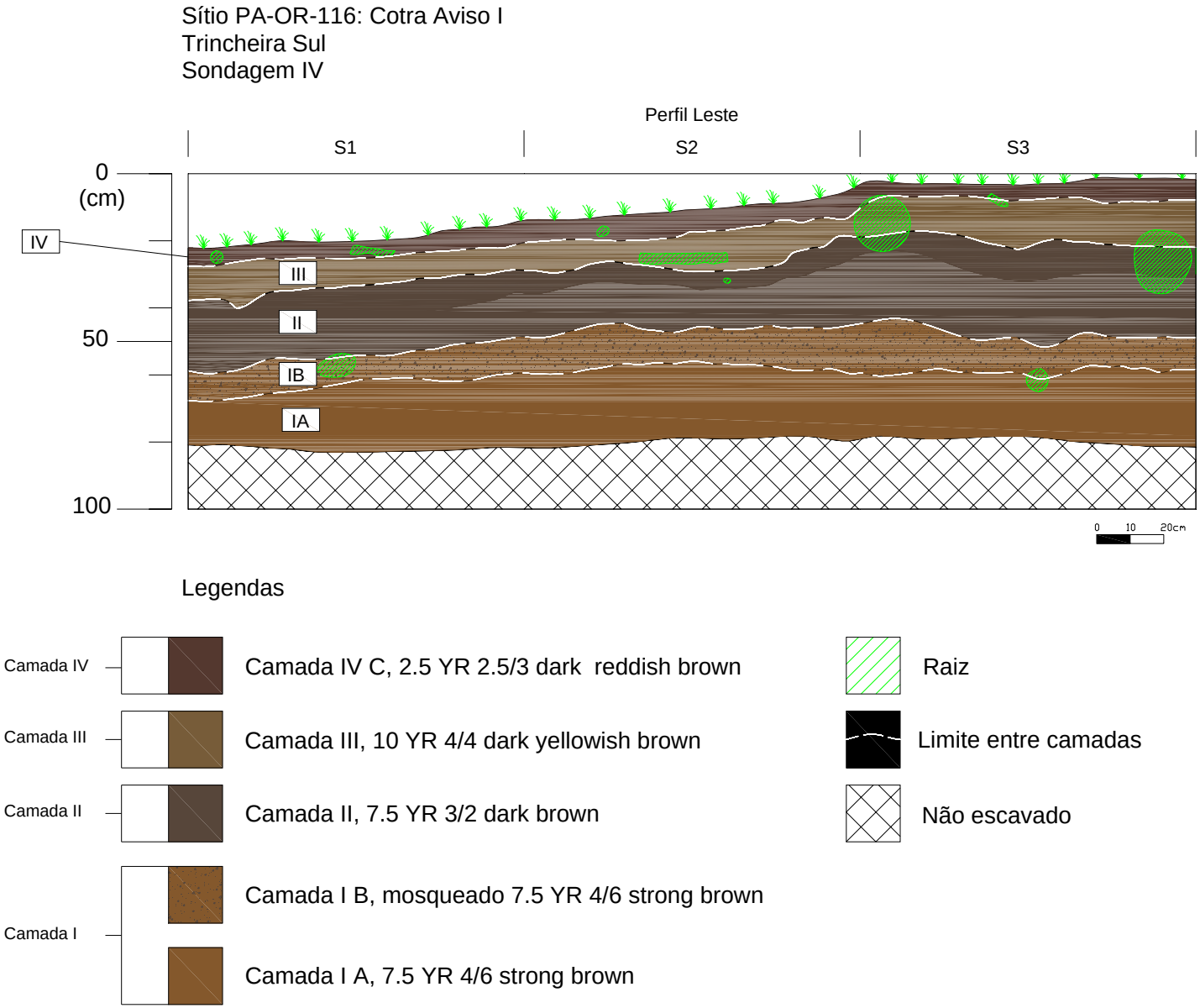


Figura 16 – Perfil da parede leste da trincheira Sul.

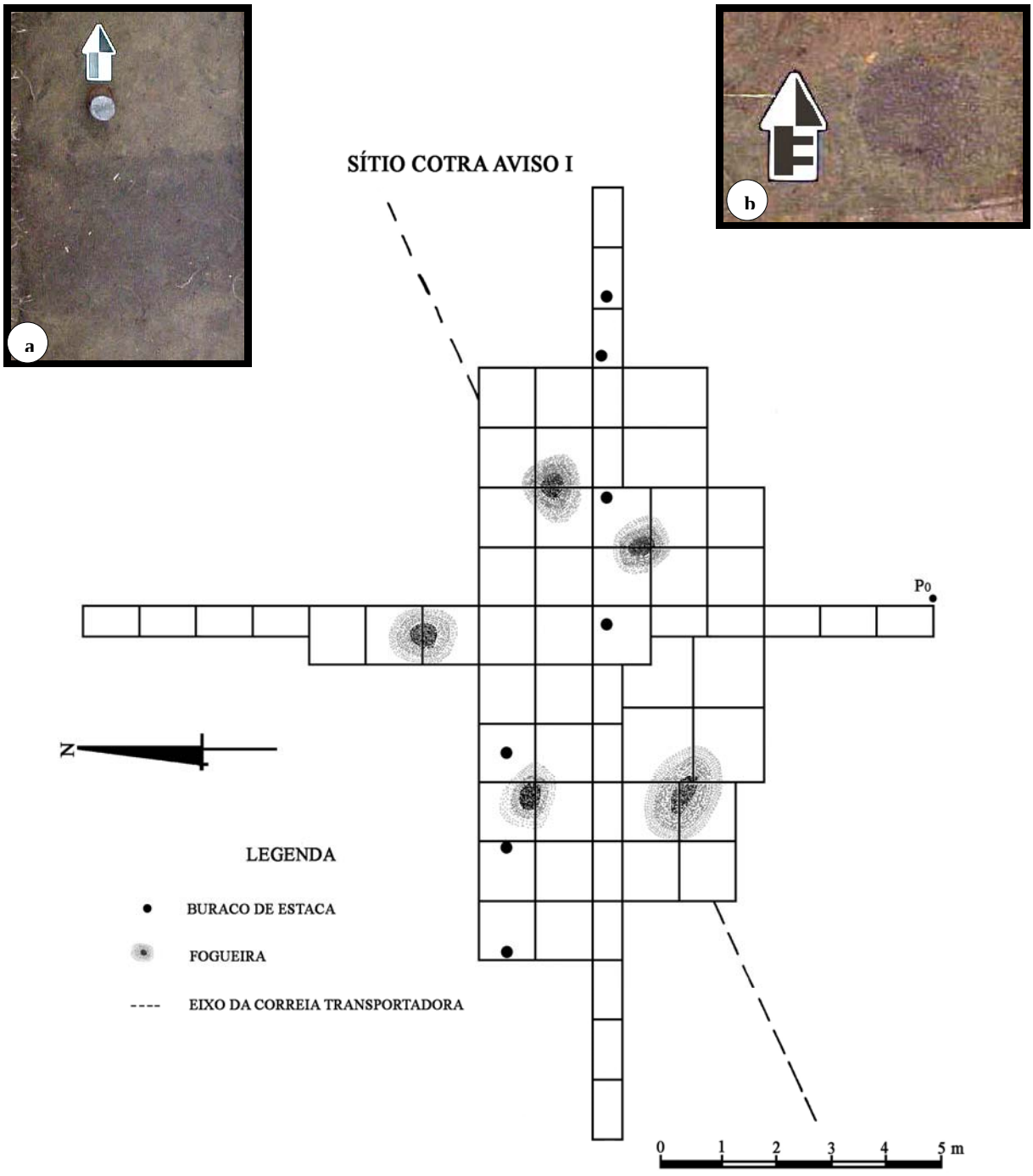


Figura 17 - Croqui de distribuição das manchas com carvão e marcas de estaca plotados sobre a área escavada no sítio Aviso I na base da camada II e topo da I. Nas fotos da direita para esquerda: mancha de solo com concentração de carvão e marca circular de estaca.

O material cerâmico coletado nos quatro sítios totaliza 6578 fragmentos, sendo 5542 provenientes do sítio Aviso I; 216 provenientes do Aviso II; 335 provenientes do Aviso III e 485 do Almeidas. O material lítico é relativamente reduzido, compondo-se apenas de 58 artefatos, sendo 53 provenientes do Aviso I; 2 do Aviso II; l do Aviso III e 2 do Almeidas. Foram identificados raspadores, furadores, lâminas-de-machados, contas, tortual de fuso, fragmentos de artefatos, núcleos, lascas e seixos. As matérias-primas utilizadas foram: silexito diorito, argilito, arenito, caulinita, quartzo e rocha sedimentar[8].

A superioridade quantitativa do material arqueológico coletado no Aviso I em relação aos demais sítios resultou não só do fato de ter sido realizada uma escavação mais extensa, mas também por ter esse sítio apresentado uma camada de ocupação com maior quantidade de material, em relação aos outros três. A maior concentração de material foi registrada na camada II, que corresponde à camada de ocupação propriamente dita. Mais de 98% do material coletado provém dessa camada, sendo que, a maior quantidade (50%) foi coletada no nível 0-10cm, isto é entre 25 e 35 cm da superfície.

No que concerne ao material cerâmico, nos quatro sítios foram identificados de 16 tipos de aditivos, sete dos quais, **aditivos básicos**. São eles: cauixi, caripé, rocha triturada, caco moído, areia, concha moída e carvão. Esses aditivos foram adicionados à argila isoladamente, ou associados a outros, formando os outros 9 tipos, as **misturas.** São elas: cauixi+caco moído, cauixi+caripé, cauixi+caripé+caco moído, caripé+caco moído, caco moído+carvão, cauixi+carvão, caripé+rocha triturada, caripé+carvão e cauixi+carvão+caco moído.

No Aviso I foi identificado o uso de quinze tipos de aditivos, onde o mais popular foi o cauixi seguido de caripé, cauixi+caco moído, rocha triturada e caco moído (Tabela 4). A julgar pela freqüência dos sete aditivos mais utilizados no processo de manufatura da cerâmica verifica-se que, todos eles apresentam um aumento gradual na freqüência a partir do nível mais baixo da camada II (nível 40-50 cm), alcançando freqüência máxima no nível 0-10 cm dessa mesma camada, declinando, a partir daí, até a camada IV. Pode-se dizer, portanto, que não houve mudanças significativas na utilização dos aditivos, isto é, eles foram utilizados concomitantemente no processo de produção da cerâmica.

[8] A identificação de matéria prima foi realizada pelo geólogo Francisco Berredo pesquisador da CCTE/Museu Goeldi.

ADITIVO	QUANTIDADE	%
CAUIXI	1971	35,52
CARIPÉ	1505	27,12
CAUIXI + CACO MOÍDO	1021	18,40
ROCHA TRITURADA	589	10,61
CACO MOÍDO	292	5,26
CAUIXI + CARIPÉ	61	1,1
AREIA	43	0,77
CAUIXI + CARIPÉ + CACO MOÍDO	16	0,29
CONCHA	16	0,29
CARIPÉ + CACO MOÍDO	11	0,20
CACO MOÍDO + CARVÃO	6	0,11
CAUIXI + CARVÃO	6	0,11
CARIPÉ + ROCHA TRITURADA	2	0,04
CARVÃO	2	0,04
CAUIXI + CARVÃO + CACO MOÍDO	1	0,02
TOTAL	5542	99,88

Tabela 4- Aditivos identificados no sítio Aviso I.

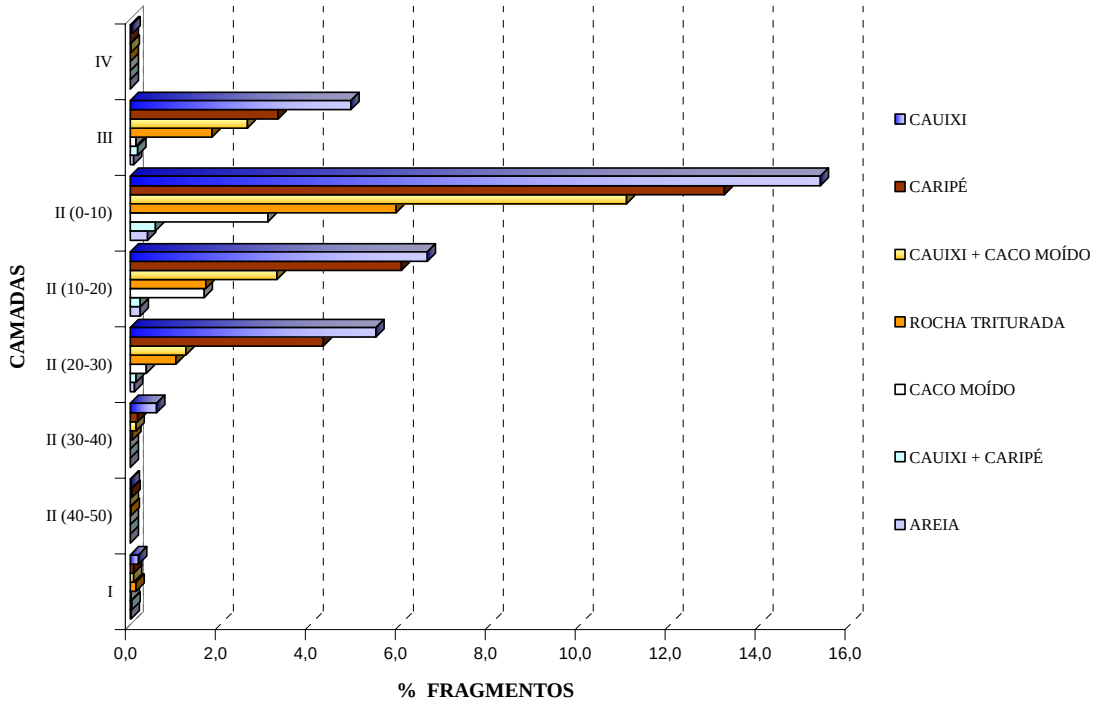


Gráfico 6 – Percentual de ocorrências dos principais aditivos por camada no sítio Aviso I.

Quanto ao tratamento de superfície, a cerâmica não-decorada constitui maioria, somando 4868 fragmentos (87,83%), enquanto que os fragmentos decorados totalizam 674 (12,16%) da amostra. Entre os fragmentos decorados foram identificados 23 tipos de decorações, que

envolvem técnicas plásticas, pintadas ou associação das duas. Os tipos decorados mais expressivos, em termos percentuais, como se pode ver abaixo são inciso, engobo vermelho, modelado-inciso-ponteado, inciso-ponteado, modelado, modelado-inciso, modelado-ponteado e entalhado. Entre os fragmentos não decorados ocorreu um percentual expressivo de acabamento polido.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE	QUANTIDADE	%
NÃO DECORADO	4740	85,52
ND POLIDO	128	2,3
INCISO	306	5,52
ENGOBO VERMELHO	221	3,98
MODELADO INCISO PONTEADO	22	0,39
INCISO PONTEADO	22	0,39
MODELADO	21	0,37
MODELADO INCISO	17	0,3
MODELADO PONTEADO	13	0,23
ENTALHADO	11	0,18
PONTEADO	8	0,14
PINTADO (PRETO)	7	0,12
INCISO ENTALHADO	6	0,1
MODELADO ENTALHADO	3	0,05
PONTEADO PINTADO	3	0,05
ENGOBO BRANCO	2	0,03
INCISO PONTEADO ENTALHADO	2	0,03
VERMELHO SOB BRANCO	2	0,03
INCISO PINTADO	2	0,03
APLICADO	1	0,01
ESCOVADO	1	0,01
EXCISO	1	0,01
ACANALADO PINTADO	1	0,01
ACANALADO	1	0,01
MODELADO PINTADO	1	0,01
TOTAL	**5542**	**99,83**

Tabela 5 – Tratamentos de superfície do sítio Aviso I.

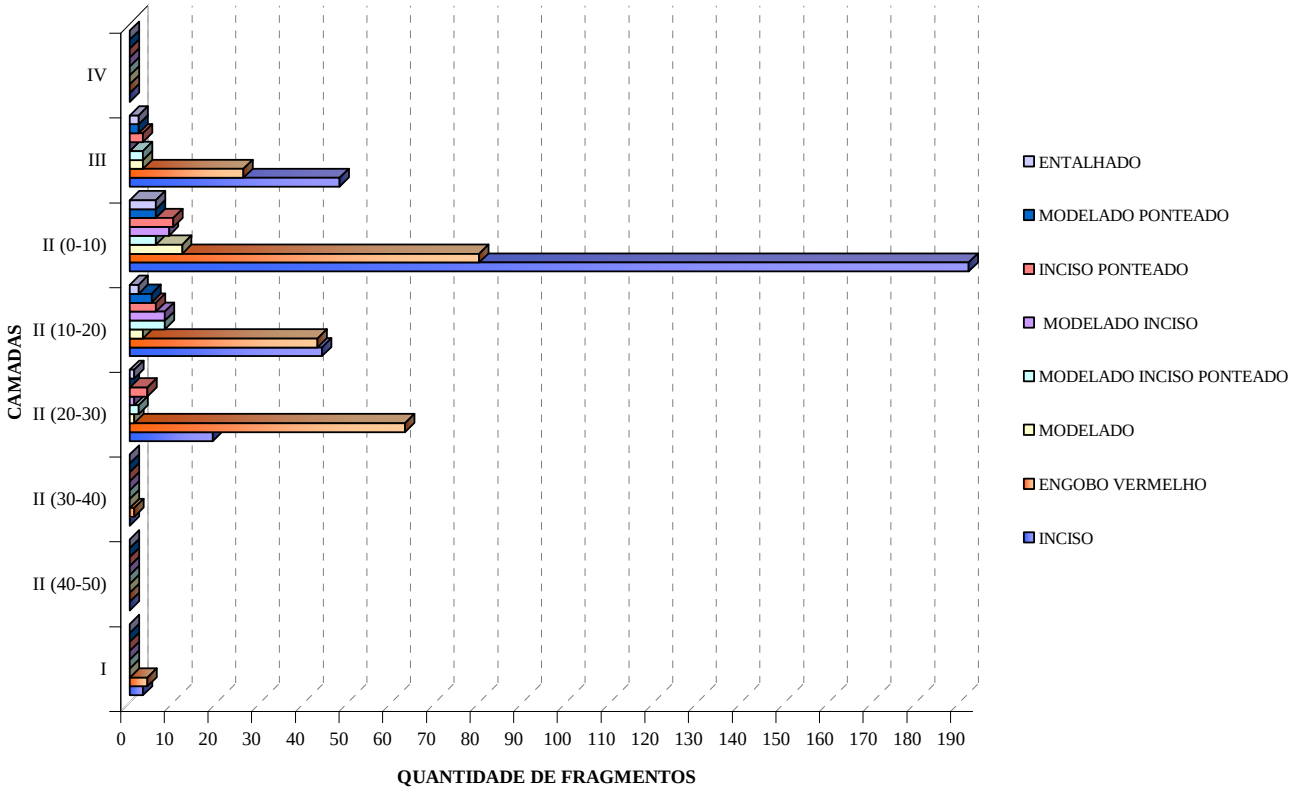


Gráfico 7 – Tipos decorados do sítio Aviso I. No gráfico constam apenas decorações representadas por mais de dez fragmentos.

Os fragmentos decorados ocorrem em todas as camadas com maior concentração no nível 0-10 cm da camada II que é o nível de maior ocorrência de material como um todo. A julgar pelo gráfico as decorações foram utilizadas concomitantemente durante toda a seqüência de ocupação. As decorações diagnósticas da cerâmica Konduri (modelado inciso ponteado, modelado, inciso ponteado e modelado ponteado) têm presença significativa.

A associação dos aditivos mais usados com as decorações mais freqüentes permitiu observar uma forte tendência do inciso com o antiplástico **rocha triturada** (34,12%). Este antiplástico foi utilizado em freqüência muito menor no modelado inciso (1,03%), no modelado (0,14%) e modelado inciso ponteado (0,14%). O **cauixi** aparece associado a dezoito das vinte três tipos decorações, com maior freqüência relacionada à incisão (4,00%), ao engobo vermelho (2,96%), ao modelado inciso ponteado (2,96%), ao inciso ponteado (2,81%), ao entalhado (1,63%), ao modelado ponteado (1,18%) e ao ponteado (1,18%). O **cauixi+caco moído** está associado a nove tipos de decoração com maior freqüência no engobo vermelho (9,19%), seguido do inciso (2,37%.). O **caripé** aparece associado a sete decorações, sendo que mais significativamente ao engobo vermelho (5,78%) e o modelado (0,74 %).

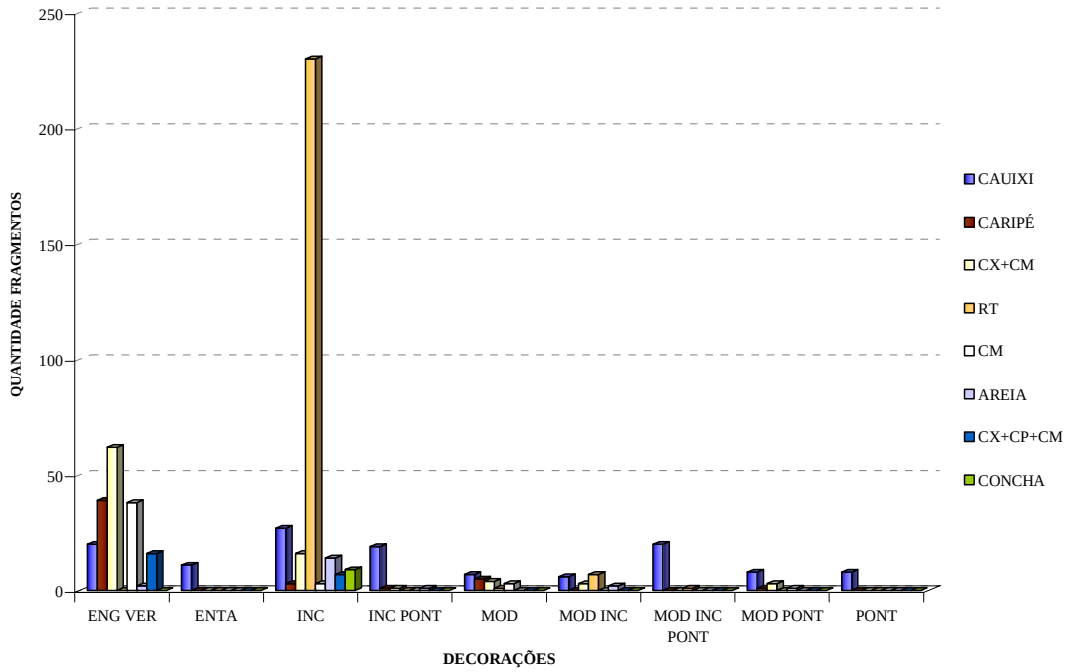


Gráfico 8 – Relação das decorações mais populares com os aditivos.

As técnicas usadas na confecção da cerâmica compreenderam o acordelamento e a modelagem. A primeira usada para as vasilhas, cujas marcas de roletes foram observadas em muitos fragmentos. A modelagem foi usada para a confecção de apêndices e adornos que são fixados a parede ou borda das vasilhas. A queima é predominantemente incompleta.

A quantidade de fragmentos de bordas e bases, usados para a reconstituição do vasilhame apresentou baixo percentual nos quatro sítios. Do total geral de fragmentos para os quatro sítios que é de 6578, apenas 437 são de bordas e bases, sendo que 327 são do Aviso I, 16 do Aviso II, 35 do Aviso II e 59 do Almeidas. Desse total, somente 101 fragmentos (23,11%) foram utilizados na reconstituição das formas das vasilhas. O restante não apresentou os atributos necessários para reconstituir as formas com razoável margem de segurança. Para o sítio Aviso I foram reconstituídas 10 formas. A reconstituição e agrupamento das formas levaram em consideração o contorno a semelhança das bordas e o contorno das vasilhas (Tabelas 6, 7, 8).

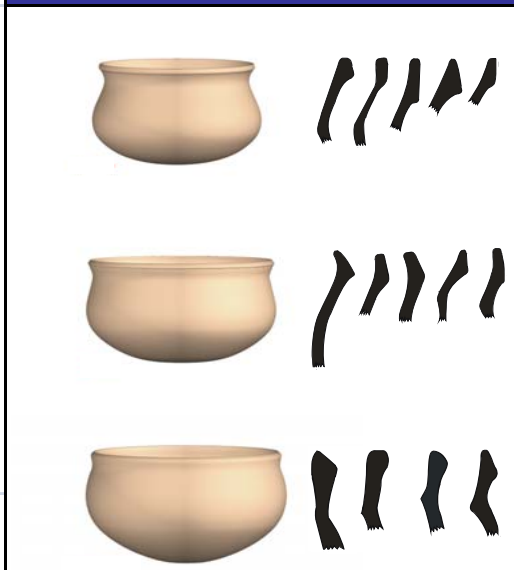
	FORMA 1	FORMA 2	FORMA 3
			
Diâmetro da boca	16 a 70cm	14 a 40cm	14 a 50cm
Espessura da parede	0,5 a 1,3cm	0,5 a 0,9cm	0,6 a 1,1cm
Descrição	Vasilha de boca constrita, contorno infletido, corpo elipsóide, borda introvertida ou extrovertida, reforçada externamente; lábio plano, arredondado ou em bisel; base arredondada plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura menor que o diâmetro máximo. O	Vasilha de boca ampliada, contorno infletido, corpo esférico, borda direta ou inclinada externamente, com reforço na parte externa; lábio plano, arredondado, ou em bisel; base arredondada, plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura menor que o diâmetro	Vasilha de boca ampliada, contorno simples; corpo elipsoidal; borda direta ou levemente extrovertida, reforçada externamente; lábio plano, arredondado, ou apontado; base arredondada, plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura menor que o diâmetro máxim

Tabela 6 – Formas das vasilhas do sítio Aviso I.

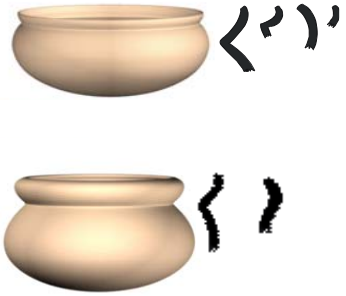
	FORMA 4	FORMA 5	FORMA 6	FORMA 7
				
Diâmetro da boca	10 a 24cm	62cm	48cm	28 a 45cm
Espessura da parede	0,4 a 0,7cm	0,5 a 2,0cm	0,8cm	0,7 a 1,0cm
Descrição	Vasilha de boca constrita, contorno infletido, corpo elipsoidal, borda inclinada internamente ou externamente, apresentando um estreitamento entre o final da borda e o começo do bojo; lábio plano ou arredondado; base arredondada. Altura menor que o diâmet	Vasilha de boca ampliada, contorno simples, corpo elipsoidal, borda reforçada internamente, lábio arredondado; base convexa, plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura menor que o diâmetro máximo. Aditivo cauixi e decoração engobo vermelho. Apareceram	Vasilha de boca ampliada, contorno infletido, corpo esférico, borda extrovertida, lábio arredondado, borda levemente extrovertida; base convexa, plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura maior que o diâmetro máximo. Aditivo cauixi. Sem decoração. Ocor	Vasilha de boca ampliada, corpo elipsoidal, contorno simples, borda direta ou extrovertida com reforço na parte externa; lábio, plano, arredondado, apontado ou em bisel; base arredondada plana, em pedestal, anelar ou trípode. Altura menor que o diâmetro m

Tabela 7 – Formas das vasilhas do sítio Aviso I.

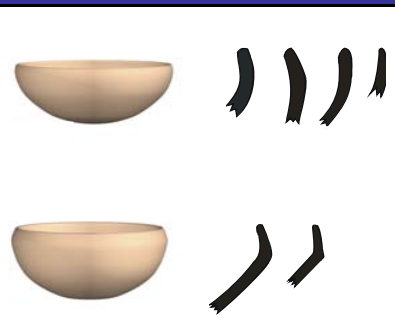
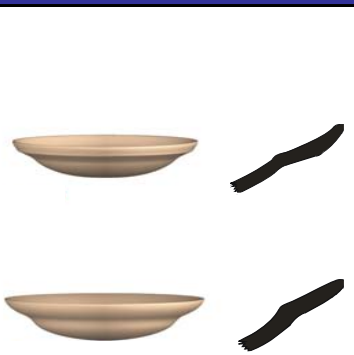
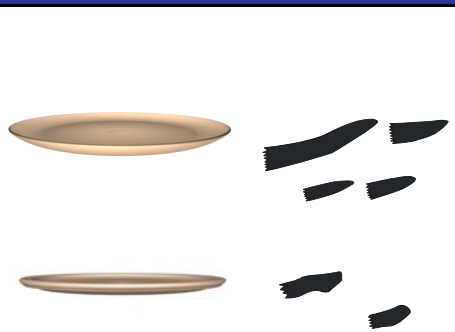
	FORMA 8	FORMA 9	FORMA 10
			
Diâmetro da boca	16 a 36cm	22 a 38cm	74, 60 e 40cm
Espessura da parede	0,4 a 0,7cm	0,4 a 0,9cm	1,0 a 1,8cm
Descrição	Vasilha com boca constrita, contorno simples, corpo esférico, borda direta; lábio arredondado, apontado ou em bisel; base plana ou arredondada. Altura menor que diâmetro. Aditivo cauixi. Decorações: engobo vermelho, incisões e entalhes. Ocorreram na porçã	Vasilha com boca ampliada, contorno infletido, corpo elipsoidal, borda inclinada externamente; lábio arredondado ou apontado; base arredondada. Altura menor que o diâmetro. Aditivo cauixi, sem decoração. Ocorreu entre 20 e 35 cm no topo da camada II.	Vasilha de formato circular, base plana, borda horizontal ou ligeiramente levantada; lábio plano, arredondado ou apontado; base plana. Essa forma possui uma variação mais rasa e outra mais funda. Aditivos: cauixi ou cauixi+caco moído. Decoração incisões n

Tabela 8 – Forma das vasilhas do sítio Aviso I.

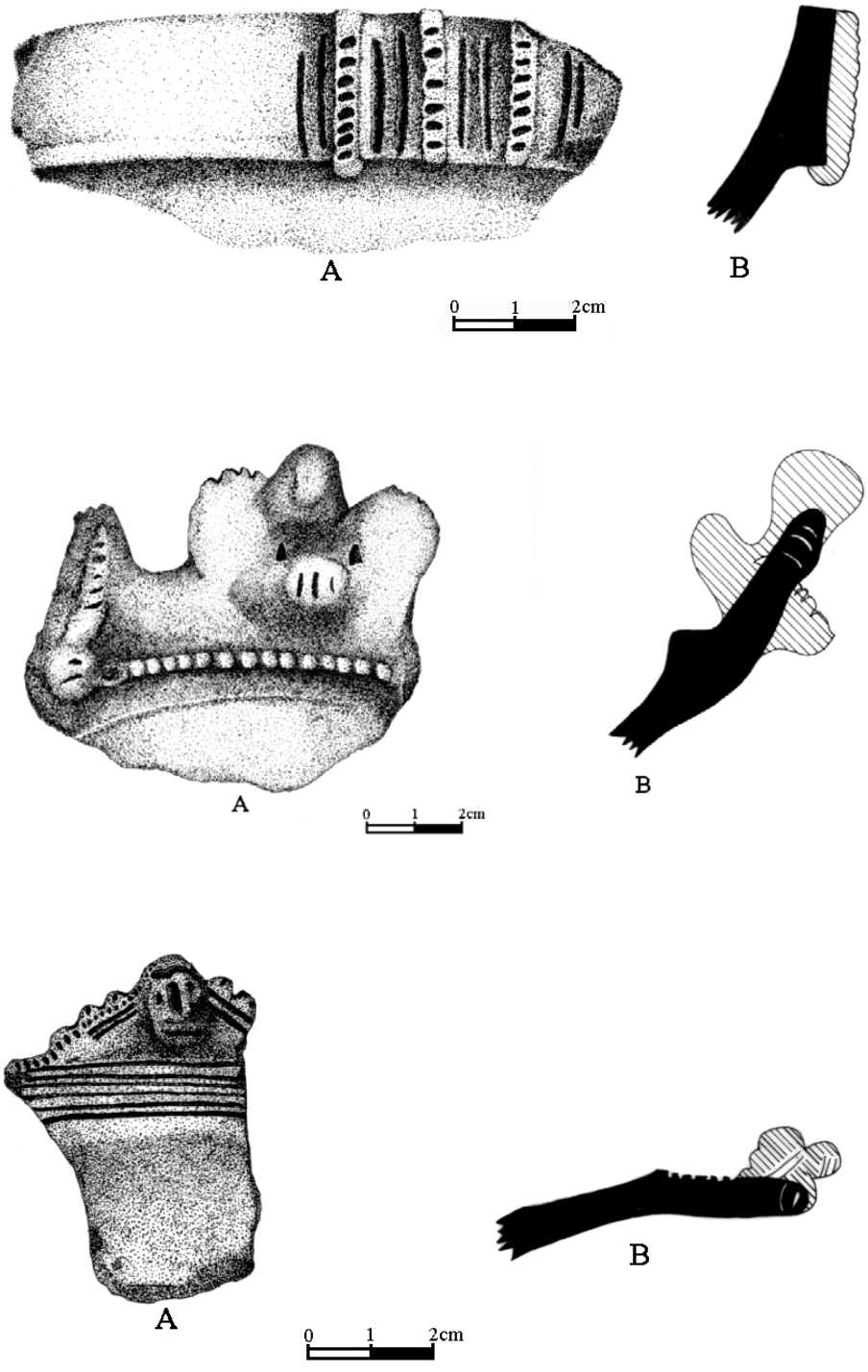


Figura 18 – Fragmentos de bordas com decoração modelada incisa ponteada, típicas da cerâmica Konduri encontrados no sítio Aviso I. As decorações modeladas foram fixadas as bordas para compor os motivos decorativos.
A= frente B= perfil (Desenho de Jorge Mardock).

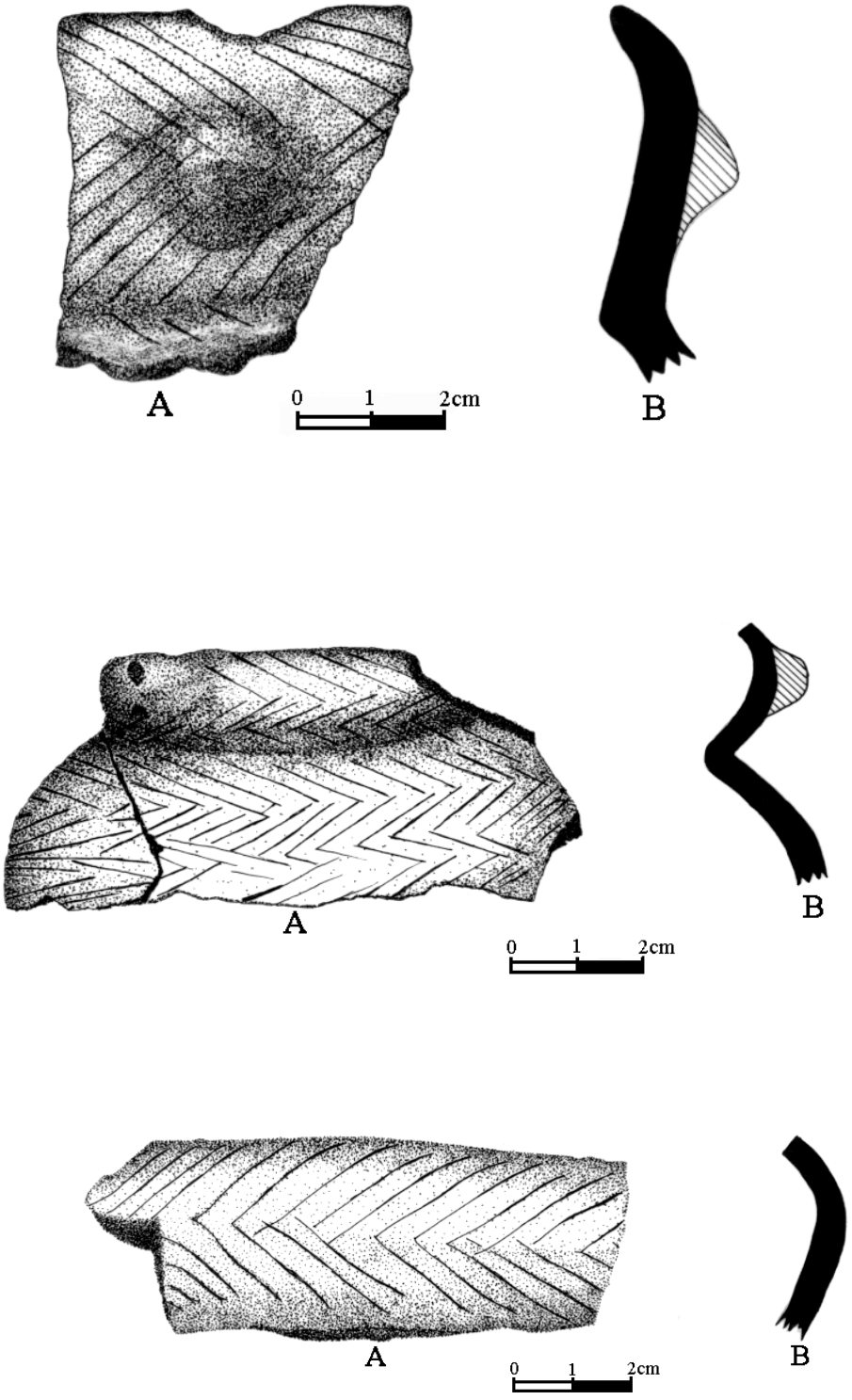


Figura 19 – Fragmentos de bordas com incisões “espinha de peixe” encontradas no sítio Aviso I. A= frente B= perfil (Desenho de Jorge Mardock).

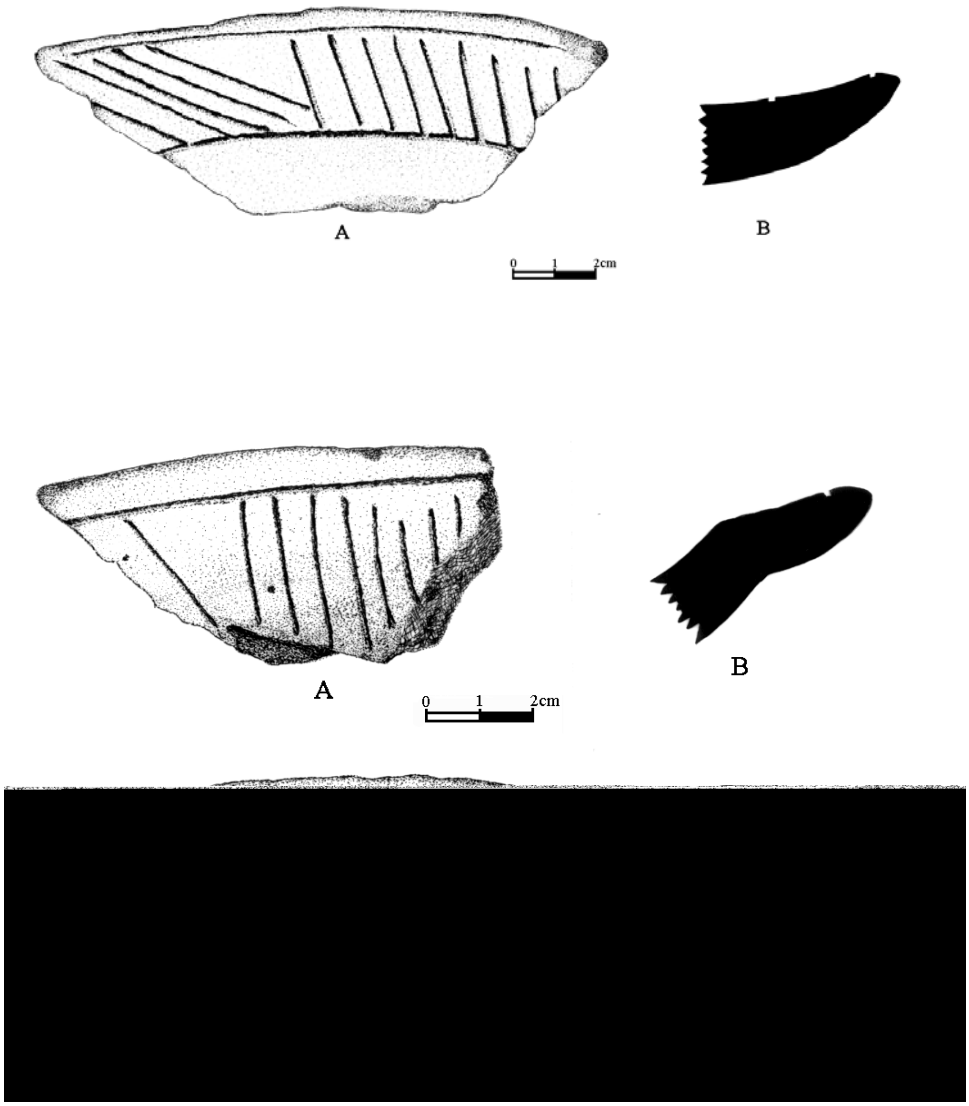


Figura 20 – Fragmentos de bordas com incisões de possíveis assadores encontrado no sítio Aviso I. (Desenho de Jorge Mardock).

Figura 21 - Fragmentos cerâmicos do sítio Aviso I relacionado ao estilo Konduri. ***a***, ***b***, ***c*** : apliques zoomorfos cabeças de pássaro. ***d***: aplique zoomorfo batráquio. ***e***: borda decorada com rolete entalhado. ***f*:** bulbo cônico de base trípode. ***g***: corpo com rolete inciso ponteado associado a incisão e "olho".

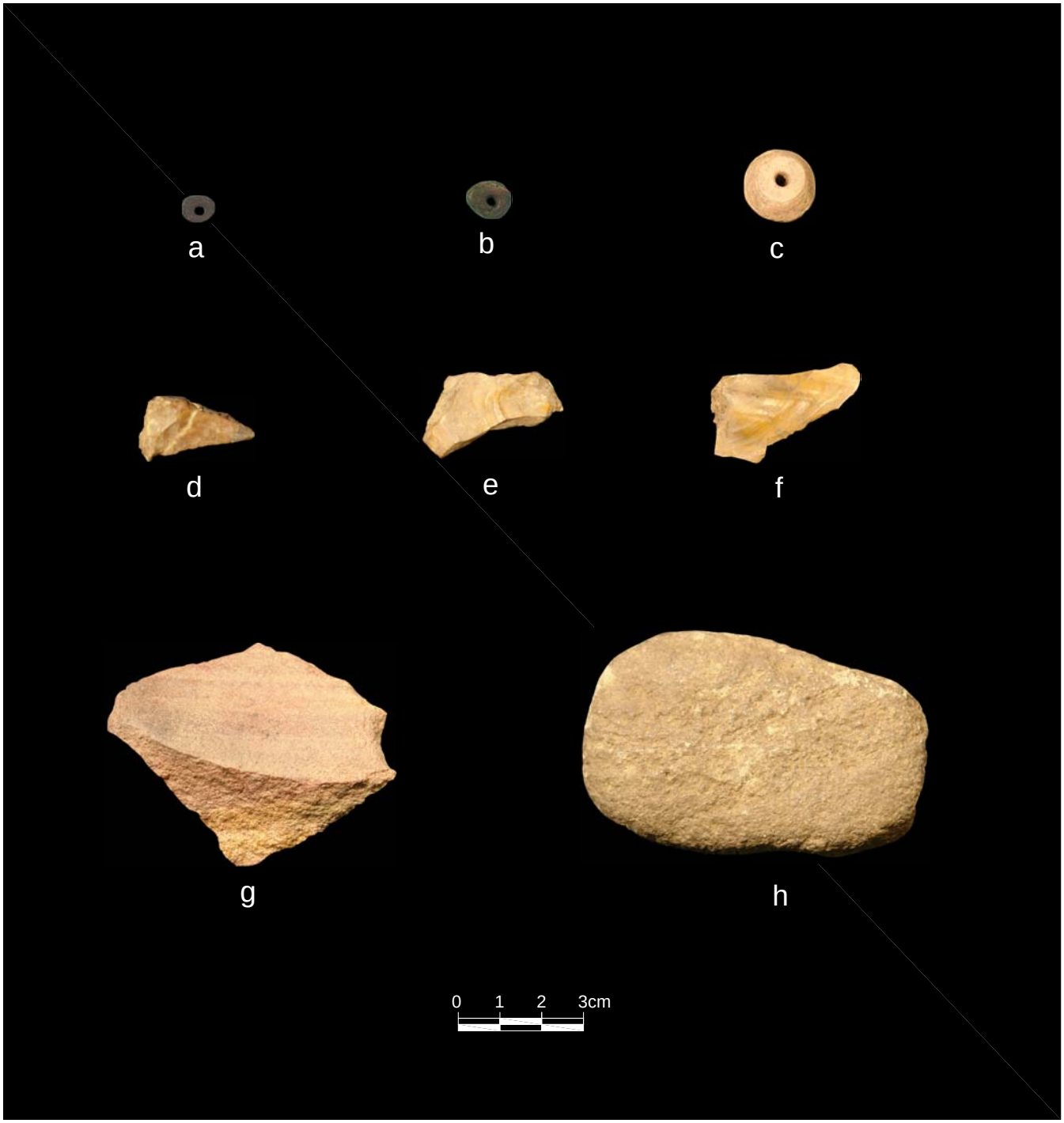


Figura 22 - Material lítico do Sítio Aviso I. ***a-b*****:** Contas circulares de argilito. ***c***: tortual de fuso de argilito. ***d:*** furador de silexito. ***e***: raspador de silexito. ***f***: lasca de silexito. ***g***: fragmento de bruto de debitagem, não identificado, realizado sobre arenito. .***h***: lâmina de machado

Dos 327 fragmentos de bordas coletados no sítio Aviso I, sessenta e um (18,65%) estão relacionados às formas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 o que significa que essas vasilhas são as mais freqüentes no universo cerâmico aqui considerado. A forma 10 foi a segunda mais representativa com oito fragmentos (2,45%), seguida da forma 9 com sete fragmentos (1,22%) e da forma 9 com dois fragmentos (0,61%).

O material lítico foi submetido à análise básica, onde se identificou a matéria-prima e tipos de vestígios produzidos pelo lascamento. Foram identificados: 2 raspadores e 1 furador em sílex, 1 afiador em arenito, 1 lâmina-de-machado em diorito, 2 fragmentos de artefatos não-identificados em rocha-sedimentar, 2 contas e 1 tortual de fuso em argilito. Além desses artefatos, foram coletados também: 7 pequenos núcleos de sílexito, 8 seixos de quartzo, 7 fragmentos de sílexito, possivelmente produto de debitagem, 12 lascas de sílex, 1 fragmento de diorito, 1 fragmento de caulinita, 2 fragmentos de arenito e 5 fragmentos de siltito. As contas de colar apresentam forma circular, com as seguintes dimensões: 0,3cm de altura por 0,8cm de diâmetro e 0,7cm de altura por 1,0cm de diâmetro. O tortual de fuso tem forma cônica-truncada e mede 1,5cm de altura por 2,3cm de diâmetro.

Quatro peças líticas foram submetidas a análise mais detalhada[9] que identificou três de instrumentos realizados a partir de lascas de debitagem, retiradas por percussão direta dura. A matéria-prima é o silexito, homogêneo com grãos finos, de muito boa qualidade para o lascamento. Os macro-traços de utilização diferem em cada uma das peças e muito provavelmente correspondem a gestos e utilizações diferenciadas: cortar, furar, raspar. O quarto objeto foi identificado como uma lâmina de machado, cuja matéria-prima não foi identificada, apresentando um pequeno setor polido, sendo que o restante parece ser picoteado. Análises traceológicas devem ser realizadas a fim de confirmar o diagnóstico (Figura 22).

Considerando as principais características dos estilos cerâmicos propostos para a região Trombetas-Nhamundá por Hilbert (1955), Hilbert & Hilbert (1980) e Gomes (2002) abordadas no capítulo II, a investigação dos sítios Aviso I, Aviso II, Aviso III e Almeidas demonstrou que quanto aos aditivos a cerâmica apresenta o uso preferencial do cauixi (35,52%) e em menor freqüência aparecem cauixi+caco moído (18,20%), caco moído (5,26%) e areia (0,77%), o que é compatível com as características estabelecidas para a cerâmica Konduri. Porém, a alta freqüência de caripé (27,12%) e rocha triturada (10,61%) não está de acordo com esse parâmetro. O uso cauixi, caripé e da mistura caripé+cauixi foi relacionado por Hilbert & Hilbert (1980) a cerâmica Pocó. A distribuição dos aditivos nos níveis e camadas do sítio Aviso I

[9] A análise tecnológica foi realizada pela pesquisadora Maria Jaqueline Rodet, da Universidade Federal de Minas Gerais.

demonstrou que os seis aditivos de uso mais freqüente (cauixi, caripé, cauixi+caco moído, rocha triturada, caco moído e cauixi+caripé) foram utilizados desde a base da estratigrafia com aumento gradual, mostrando que o uso dos aditivos ocorreu concomitantemente e com a mesma relevância. Portanto, a exclusividade do uso do cauixi na cerâmica tipicamente Konduri não foi confirmada na amostra aqui analisada.

Com relação às decorações da cerâmica Konduri, Hilbert (1955) e Hilbert & Hilbert (1980) estabelecem como diagnósticas o modelado-inciso-ponteado e incisos retilíneos. Gomes (2002) acrescenta a essas decorações as incisões curvilíneas combinadas com as retilíneas, o engobo vermelho e a pintura em banda vermelha e amarela. No material do sítio Aviso I as decorações mais freqüentes foram: o inciso (45,40%)[10], o engobo vermelho (32,78%) o modelado-inciso-ponteado (3,36%), o inciso ponteado (3,26%), o modelado (3,11%), modelado inciso (2,52%) e o modelado ponteado (1,92%), que estão compatíveis com o esperado para os sítios Konduri. Decorações identificadas com a cerâmica Pocó, como o ponteado (0,44%), o engobo branco (0,30%), o vermelho-sobre-branco (0,30%), o acanalado (0,28%) e o escovado (0,14%) ocorreram em percentuais muito menores, porém presentes em todos os sítios investigados, sugerindo que talvez não sejam decorações exclusivas deste estilo cerâmico.

Outras decorações consideradas diagnósticas para Pocó, mas que "*aparecem esporadicamente em todos os níveis*" (Hilbert & Hilbert, 1980:6) como inciso-escovado, raspado-zonado, marcado-com-corda, serrungulado, ungulado e impresso-em-ziguezague, não foram registrados. Por outro lado, a decoração modelado-inciso-ponteado, altamente elaborada, na qual são freqüentes as figuras antropomorfas e zoomorfas, estão presentes assim como as bases planas, em pedestal e anelares, além de suportes cônicos de bases trípodes, que são características típicas do estilo Konduri.

No que concerne ao vasilhame há predominância de vasilhas sem decoração nas formas reconstituídas. As decorações quando ocorrem são sempre em menor freqüência. De uma maneira geral, as formas reconstituídas possuem na maioria bojo elipsoidal ou esférico; bordas reforçadas externamente; bases planas, em pedestal, anelar e suportes cônicos de base trípodes; e pratos com bordas incisas, o que está de acordo com as formas das panelas e tigelas Konduri estabelecidas por Hilbert.

Quanto ao uso preferencial de aditivos relacionado a decorações registrou-se uma forte tendência de rocha triturada com incisão, que por sua vez também está relacionada a um único tipo de forma reconstituída, a 4. Essa forma é caracterizada por vasilhas de pequenas dimensões (tabela 7), onde todos os fragmentos apresentam linhas incisas profundas em forma de "V"

[10] Percentuais considerando o total de 674 fragmentos decorados do sítio Aviso I.

associadas algumas vezes a protuberâncias modeladas cujo aditivo é sempre rocha triturada. Essa forma já havia sido reportada por Nimuendajú (2004:138, Plates 116: M e 120:C-H) e por Hilbert (1955:131-2, Figuras 1 e 2). O segundo autor não associa a cerâmica ao estilo Konduri, classificando-a em uma categoria a parte com "cerâmica temperada com areia" e denomina de "inciso espinha de peixe". Porém, essa forma aparece frequentemente associada à cerâmica Konduri. Hilbert (1955) registra a ocorrência dessa cerâmica em seis sítios, dois localizados na margem do rio Trombetas e quatro no lago do Sapucuá, no rio Nhamundá. A associação do "inciso espinha de peixe" com as decorações diagnósticas de Konduri, também se confirma no sítio Aviso I.

Outra forma, onde há a uma forte associação entre aditivo e decoração, é a 10, que corresponde aos assadores. Os aditivos preferenciais foram o cauixi ou cauixi+caco moído e a decoração são faixas de incisões retilíneas dispostas na borda da vasilha. Essa associação foi observada também por Machado (2005) para cerâmica do sítio Hatahara na Amazônia Central.

Os artefatos líticos como já mencionado, tiveram presença reduzida nos sítios escavados, porém o resultado da análise identificou o uso de duas técnicas de confecção: o lascamento, empregada nos raspadores e furadores e o polimento, usada na lâmina de machado, no tortual de fuso e nas contas. Os artefatos identificados foram classificados em duas categorias: os implementos e os adornos. Os primeiros são aqueles empregados para produzir outros artefatos ou nas atividades de subsistência (Van Velthen, 1987) que são os raspadores, os furadores, as lâminas-de-machado, afiadores e um tortual de fuso. A presença de tortual de fuso entre os implementos remete a atividade de fiação entre os grupos pré-históricos que habitaram aquela área (Figura 22 ***c***). Entre os adornos, só um tipo de objeto foi identificado: as contas. São duas pequenas contas circulares em argilito (Figura 22 ***a, b***). Sua presença nesses sítios sugere que o uso de adornos de pedra não estava restrito a assentamentos de grandes dimensões.

A julgar pela observação do perfil a ocupação parece ter ocorrido de maneira contínua no Aviso I com um depósito de terra preta relativamente espesso (entre 20 e 30 cm) se comparado com os sítios ribeirinhos dessa área que chegam a mais de um metro de profundidade (Guapindaia, 2003) e com outros sítios de terra firme como o Lago do Jacaré que possui apenas 35 cm de espessura de terra preta (Gomes, 2005). Considerando que a quantidade de material arqueológico é menor que nos sítios ribeirinhos; que o solo, embora escuro, não apresente a tonalidade alcançada naqueles sítios; e que a área total dos sítios também seja menor que a área dos ribeirinhos, parece indicar que existiam pequenos assentamentos permanentes, na região do interflúvio entre o rio Trombetas, o Lago Sapucuá e o rio Nhamundá.

Quatro datações radiocarbônicas foram obtidas para o sítio Aviso I (Tabela 9). Todas as amostras foram coletadas na escavação principal, três procedem da camada II, que foi relacionada com a camada de ocupação e uma na camada IB, na base da escavação. Como foi possível perceber pela descrição das camadas e desenho do perfil estratigráfico, o sítio apresentou uma camada de terra preta com vestígios arqueológicos que foi superposta por uma de solo mais claro e sem material. Esse isolamento da camada de ocupação indicava que o sítio estivesse intacto, porém os resultados das datações sugerem que houve mistura nos níveis da camada II, já que a data de 550±40 AP, a mais recente, está relacionada ao nível 20-30 cm, enquanto a do nível 10-20 cm apresenta a data mais antiga da seqüência (2930±50 AP). Uma outra data do mesmo nível, 20-30 cm, porém de outra unidade, apresenta datação de 2210±50 A.P.

Do ponto de vista da relação entre as datas radiocarbônicas e a cultura material, a situação também é bastante obscura. A data de 550±40 AP parece confiável se relacionada com o resultado da análise do material arqueológico, que identificou a cerâmica desse sítio como Konduri. Também se confrontada com as datas estabelecidas para essa ocupação por Hilbert & Hilbert (1980), a data mencionada está dentro da margem esperada para a região. Porém, as outras datas são mais antigas, sendo que duas delas, 2210±50 AP e 2020±60 AP, são compatíveis com as datas da ocupação Pocó (Hilbert & Hilbert, 1980), o que gera um problema na medida em que não foram identificados na análise do material cerâmico, fragmentos relacionados a essa ocupação. Entretanto, a data de 2020±60 AP, que é oriunda da base da escavação, pode ser relacionada aos grandes fragmentos de carvão encontrados durante a escavação e que não apresentavam relações com à camada de ocupação Konduri. Porém como explicar as datas antigas relacionadas à camada Konduri? Será necessário retornar ao sítio para obter novas amostras para datação e, além disso, continuar as pesquisas na área em busca de sítios semelhantes para ajudar a esclarecer as questões levantadas[11].

[11] No ano de 2007 foi encontrado um sítio, Greig I, que possui características semelhantes ao Aviso I. Escavações já estão sendo realizadas e em breve, os resultados da análise do material cerâmico, lítico e novas datas radiocarbônicas deverão ajudar no esclarecimento dessas questões.

Datações Radiocarbônicas do Sítio Aviso I				
Camada	**Nível**	**Idade Convencional**	**Idade Calibrada 2 Sigma**	**Nº. Laboratório**
II	20-30cm	550±40 A.P.	1310 a 1370 A.D. e 1380 a 1430 A.D.	190284
II	20-30cm	2210±50 A.P.	390 a 160 a.C.	190282
II	0-10cm	2930±50 A.P.	1290 a 990 a.C.	190281
I	80 cm (base)	2020±60 A.P	180 a C. a 100 A.D.	190283

Tabela 9 – Datações radiocarbônicas do sítio Aviso I.

3.1.2. Sítios PA-OR-102: Bela Cruz I e PA-OR-120: Bela Cruz II

A prospecção realizada no topo o platô de Bela Cruz não revelou sítios, porém no ramal de acesso aos platôs Teófilo e Cipó, conhecido como Transplatô que passa ao norte do platô Bela Cruz e ao sul do Aviso foram encontrados dois sítios. Estes, denominados de Bela Cruz I e II, foram localizados durante a observação do leito e perfil da estrada, onde foram achados fragmentos de cerâmica que ficaram expostos à superfície do terreno após a abertura do ramal.

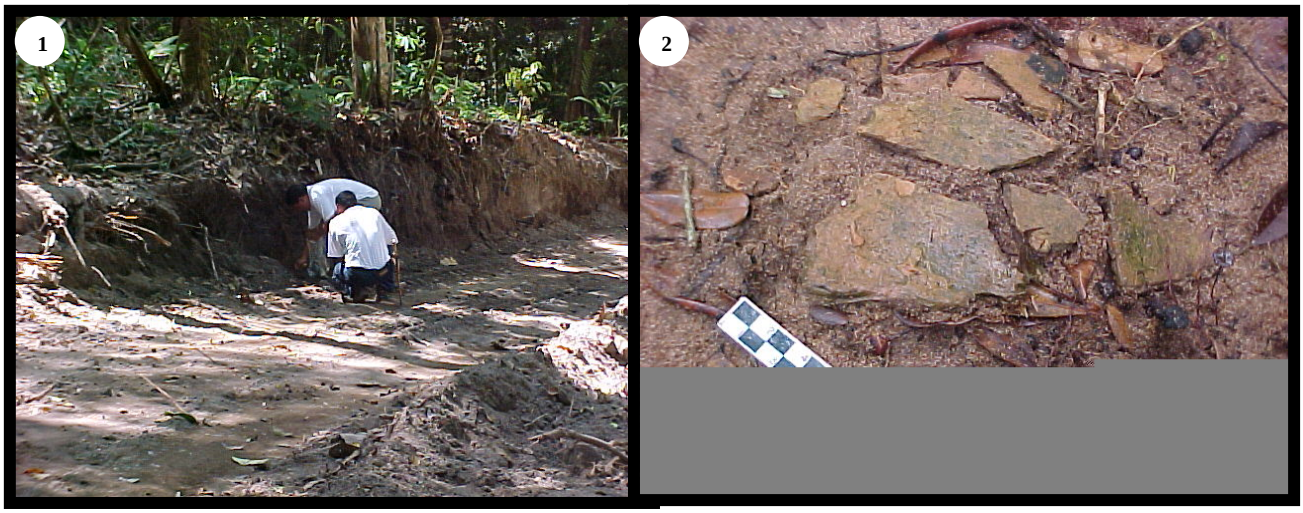


Figura 23 – 1) Área do sítio Bela Cruz I cortada pelo ramal Transplatô; 2) Fragmentos de cerâmica encontrados no leito do ramal

O sítio Bela Cruz I está localizado a cerca de 140 metros de altitude fica cerca de 8 km da interseção do ramal com a estrada de Terra Santa. A cerca de 700 a leste do Bela Cruz I existe um igarapé sem nome que nasce na encosta do platô Bela Cruz e desagua no igarapé Araticum. A área do sítio mede aproximadamente 14.000 m² no total, sendo formado por duas áreas de concentração de material arqueológico. Foram escavados 30 m² de área com profundidade de até 1 metro.

O sítio Bela Cruz II está localizado a leste do Bela Cruz I, a cerca de 1400 m de distância em linha reta. O igarapé acima mencionado encontra-se mais ou menos eqüidistante dos dois

sítios, ou seja, a cerca de 700 m também do Bela Cruz I. A área do sítio mede aproximadamente 3.500 m² dos quais foram escavados 20 m² alcançando profundidade de até 60 cm.

A delimitação dos sítios foi realizada através da abertura de linhas com intervalos de 20 metros, com orientação norte-sul e leste-oeste, formando uma malha de 20 m X 20 m. Ao longo das linhas foram realizadas tradagens, a intervalos também de 20 m para observações em sub-superfície. A partir dos resultados das tradagens foram escolhidas áreas para escavação considerando a ocorrência de material e coloração do solo.

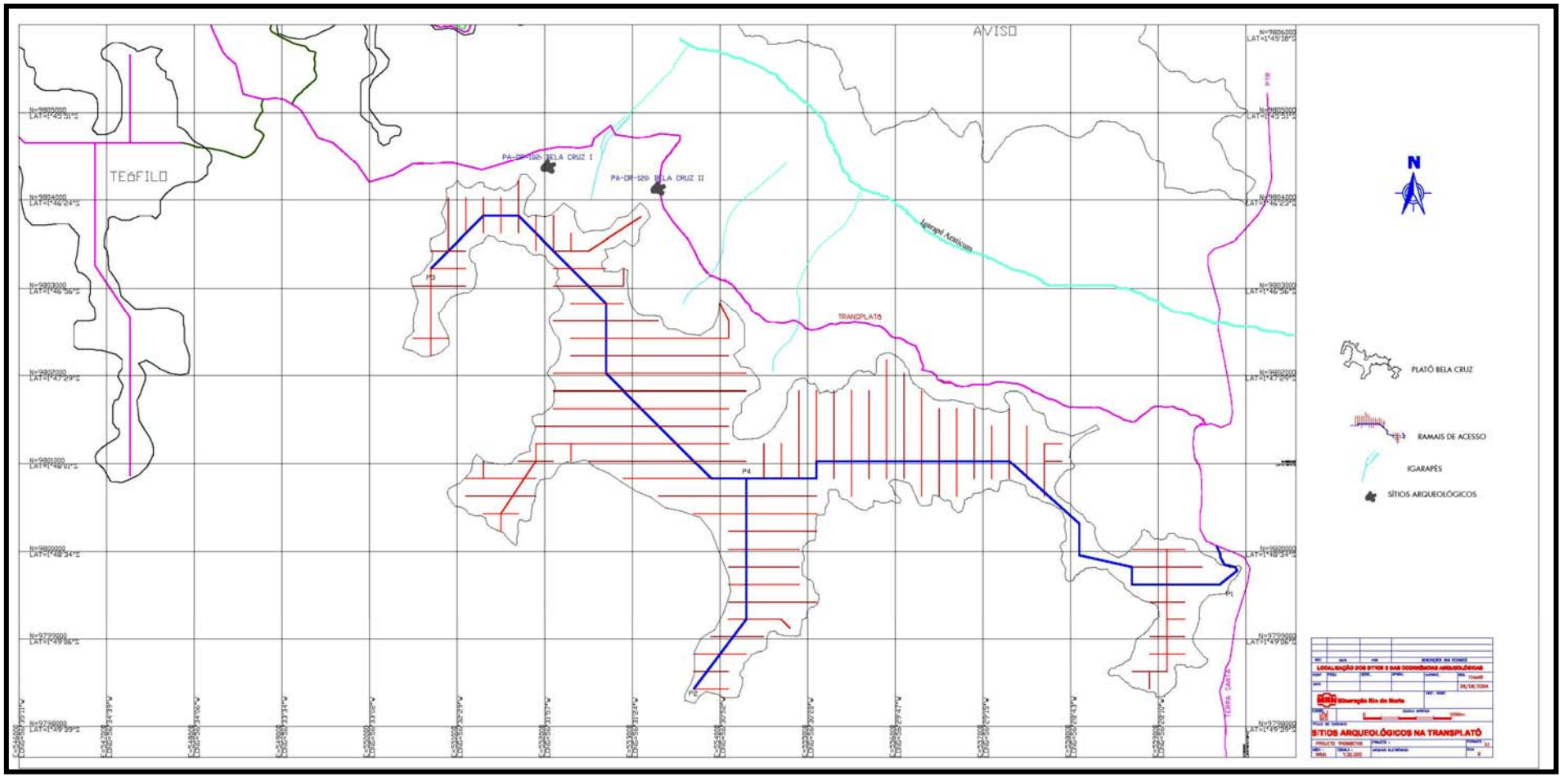


Figura 24 - Localização dos sítios Bela Cruz I e II.

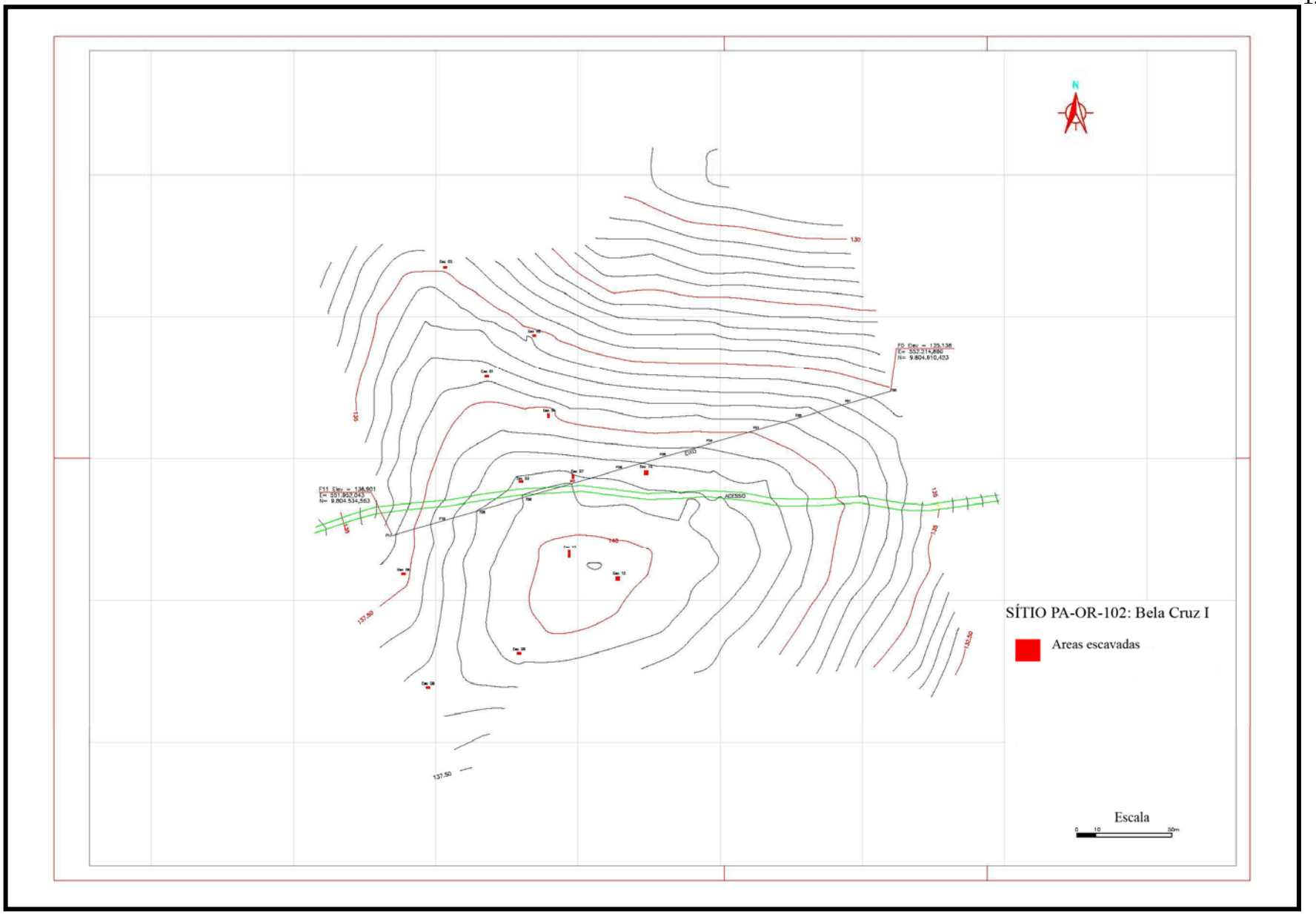


Figura 25 - Croqui com as escavações realizadas no sítio Bela Cruz I.

No Bela Cruz I os vestígios arqueológicos foram registrados em diversas tradagens, abrangendo uma área aproximada de 220 m X 140 m. As escavações foram concentradas nessa área e posicionadas dentro da malha de 20 m X 20 m. No total foram feitas doze escavações, cada uma compreendendo de duas a quatro unidades de 1 m X 1 m que alcançaram entre 70 a 100 cm de profundidade.

As escavações revelaram um perfil estratigráfico composto por quatro camadas, da base para o topo. Na base, o latossolo apresentou textura areno-argiloso e coloração amarelo-avermelhada (5YR4/6 *yellowish red*). A primeira camada tinha solo de textura areno-argilosa e coloração mosqueada em diversas tonalidades (7.5YR3/4 *dark brown*, 4/3 *brown* e 4/4 *brown*). É a transição do latossolo e a camada I. Eventualmente podem ocorrer fragmentos de cerâmica.

A segunda é a camada de ocupação e apresentou solo arenoso de coloração marrom escuro (7.5YR/3/4 *dark brown*) com espessura variando entre 28 e 47 cm e profundidade máxima em relação a superfície de 60 cm. O material arqueológico concentra-se no topo da camada entre 13 e 32 cm de profundidade. É constituído basicamente de fragmentos de cerâmica tipicamente Konduri. Não se encontrou vestígios líticos.

A terceira camada caracteriza-se por um solo arenoso de coloração marrom (7.5YR4/3 *brown*) com espessura variando entre 7 a 22 cm com profundidade de até 24 cm em relação a superfície. Nessa camada ocorre pouco material cerâmico. Não se encontrou vestígios líticos.

A camada IV é a superfície que apresenta espessura entre 2 e 5 cm. É composta de raízes e folhas em decomposição, de cor marrom escuro (7.5YR3/4 *dark brown*). Ocorrência de raros fragmentos na base da camada, também não foram encontrados vestígios líticos.

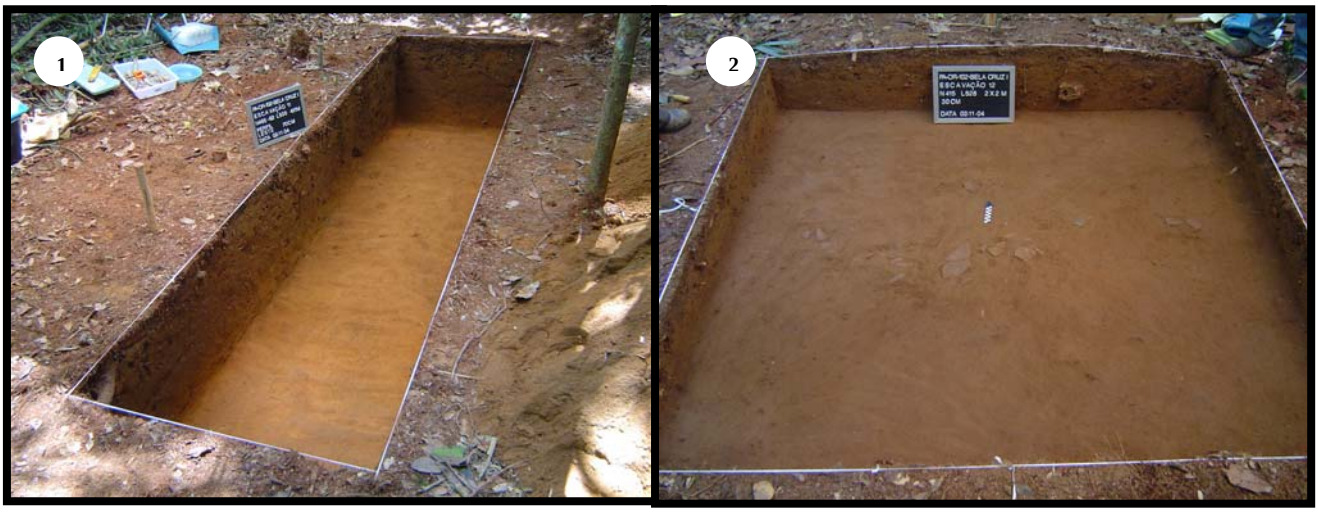


Figura 26 - 1) Escavação XI no PA-OR-102: Bela Cruz I, evidenciando a ausência de terra preta da superfície até a base; 2) Escavação XII aos 30 cm de profundidade. Observar a baixa ocorrência dos vestígios arqueológicos e a ausência de terra preta.

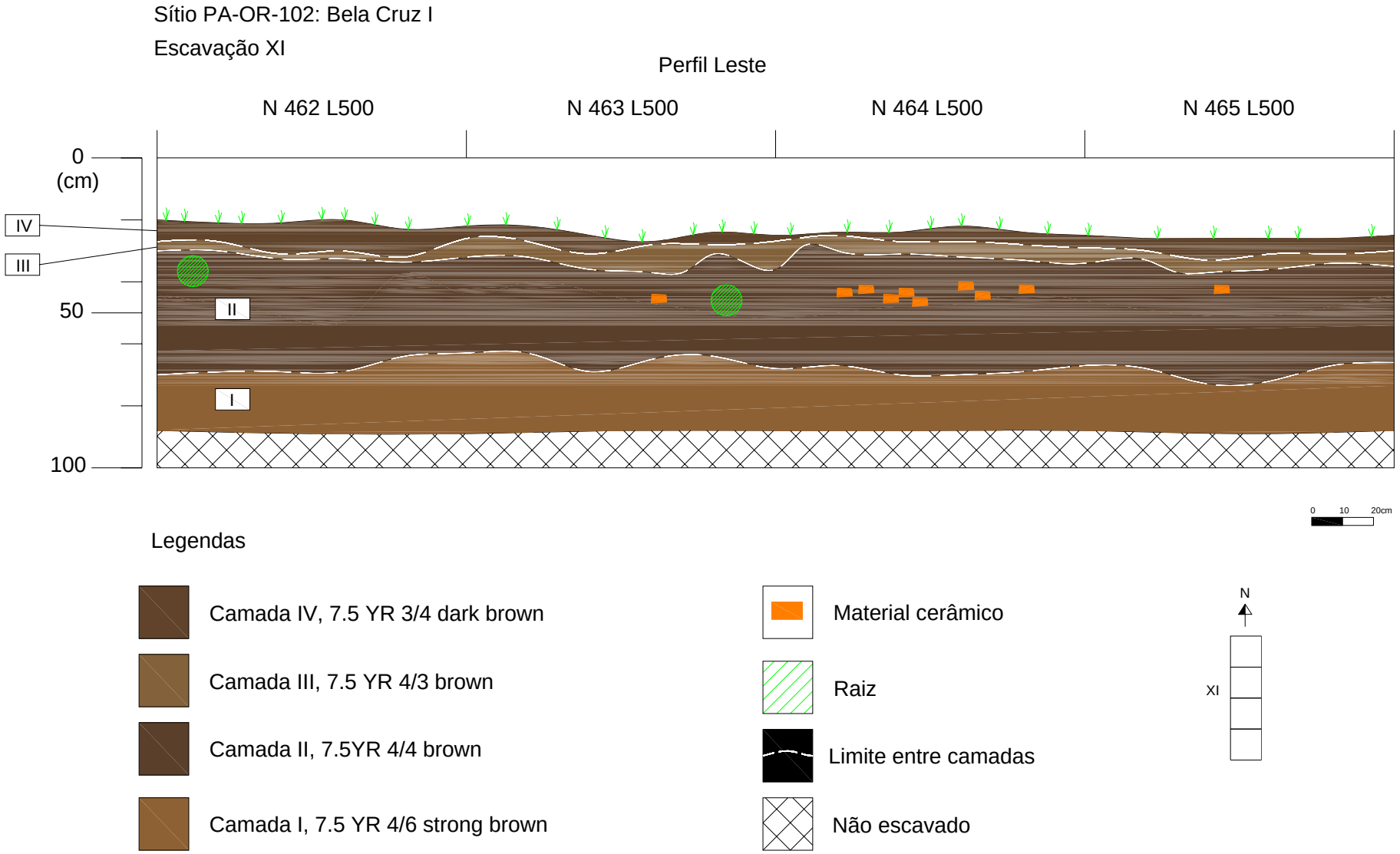


Figura 27 – Perfil da parede leste da Escavação XI do sítio PA-OR-102: Bela Cruz I.

O material cerâmico coletado totaliza 302 fragmentos provenientes das doze áreas escavadas e da coleta de superfície realizada na área impactada pela abertura da estrada. Os quarenta e um fragmentos de superfície foram relacionados e contabilizados na camada II para considerações gerais do sítio.

A ocorrência de cerâmica apresenta baixa densidade, mantendo uma média de 21,75 fragmentos por escavação, sendo que em uma delas não ocorreu nenhum fragmento e em seis ocorreram menos de dez fragmentos. Se considerarmos a quantidade de fragmentos cerâmicos coletados nas escavações percebe-se que os vestígios concentravam-se em duas pequenas áreas mais ou menos isoladas. A primeira, onde a quantidade de fragmentos foi maior (173), abrange as escavações X, XI e XII perfazendo uma área de aproximadamente 75 m X 40m. A segunda, onde a quantidade de fragmentos é menor que a metade da primeira (75), é composta das escavações I, II e V e abrange uma área de quase com as mesmas dimensões (75 m X 50 m). Entre as duas áreas estão as escavações III, IV, VI, VIII onde no total foram coletados 12 fragmentos. Ao oeste da primeira área estão as escavações IX e VIII. A primeira revelou apenas um fragmento enquanto na segunda nenhum foi encontrado.

Escavação	Quant.	%
I	12	3,97%
II	54	17,88%
III	8	2,65%
IV	1	0,33%
V	9	2,98%
VI	1	0,33%
VII	2	0,66%
VIII	0	0,00%
IX	1	0,34%
X	31	10,26%
XI	78	25,83%
XII	64	21,19%
SUP.	41	13,58%
Total	302	100,00%

Tabela 10 - Quantidade de fragmentos por escavação no sítio Bela Cruz I

Os aditivos usados nos artefatos cerâmicos foram cinco: cauixi, cauixi+caripé, caripé+caco moído, caripé, cauixi+caco moído e cauixi. O mais popular foi o cauixi usado em mais da metade da amostra. O segundo foi a mistura cauixi+caripé que também tem presença representativa. Caco moído+caripé, caripé e cauixi+caco moído ocorrem em baixo percentual.

ADITIVO	QUANTIDADE	%
CAUIXI	162	53,64%
CAUIXI+CARIAPÉ	130	43,05%
CM+CARIAPÉ	5	1,66%
CARIAPÉ	4	1,32%
CAUIXI+CM	1	0,33%
TOTAL	302	100,00%

Tabela 11 - Aditivos identificados no sítio Bela Cruz I

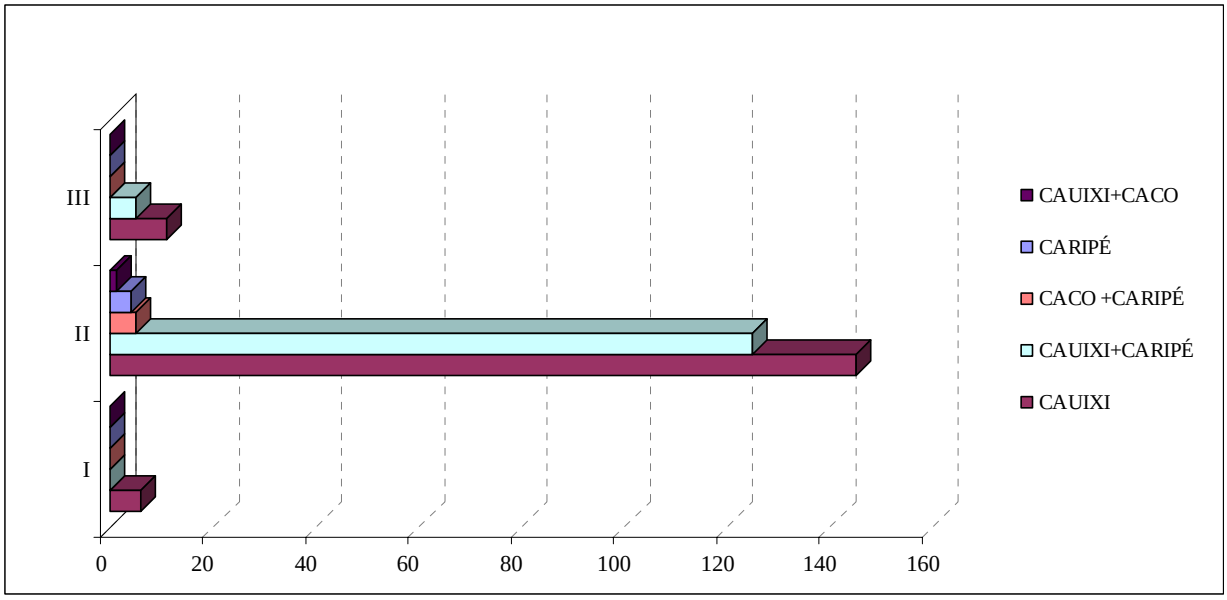


Gráfico 9 – Ocorrência dos aditivos por camada no sítio Bela Cruz I.

A camada II foi interpretada como o nível de ocupação, pois é onde há a maior ocorrência de material cerâmico e solo mais escuro, porém sem haver a formação de terra preta. Na base da camada III e no topo da I ocorrem fragmentos de cerâmica em menor quantidade, provavelmente associados à camada de ocupação.

Quanto ao tratamento de superfície, como é usual, a cerâmica não decorada constitui a maioria da amostra, representando 91,40% dos fragmentos. Nos fragmentos não decorados o aditivo mais usado foi o cauixi (150 fragmentos), seguido do cauixi+caripé (120), caripé+caco moído (3) e caripé (4). Nos decorados que representam 8,60% da amostra, foram identificados nove tipos de decoração, em sua maioria relacionada às técnicas plásticas. O tipo de maior ocorrência foi o modelado inciso ponteado, seguido de ponteado e inciso. Os tipos modelados ponteados apresentam características típicas da cerâmica Konduri. Um fragmento de bulbo de base trípode foi encontrado entre o material coletado na superfície do sítio.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE	QUANTIDADE	%
ND	276	91,40%
MODELADO INCISO PONTEADO	8	2,65%
PONTEADO	6	1,99%
INCISO	4	1,32%
ENGOBO VERMELHO	2	0,66%
MODELADO PONTEADO	1	0,33%
MODELADO INCISO	1	0,33%
MODELADO ENTALHADO	1	0,33%
MODELADO	1	0,33%
INCISO PONTEADO	2	0,66%
TOTAL	302	100,00%

Tabela 12 - Tratamentos de superfície identificados no sítio Bela Cruz I

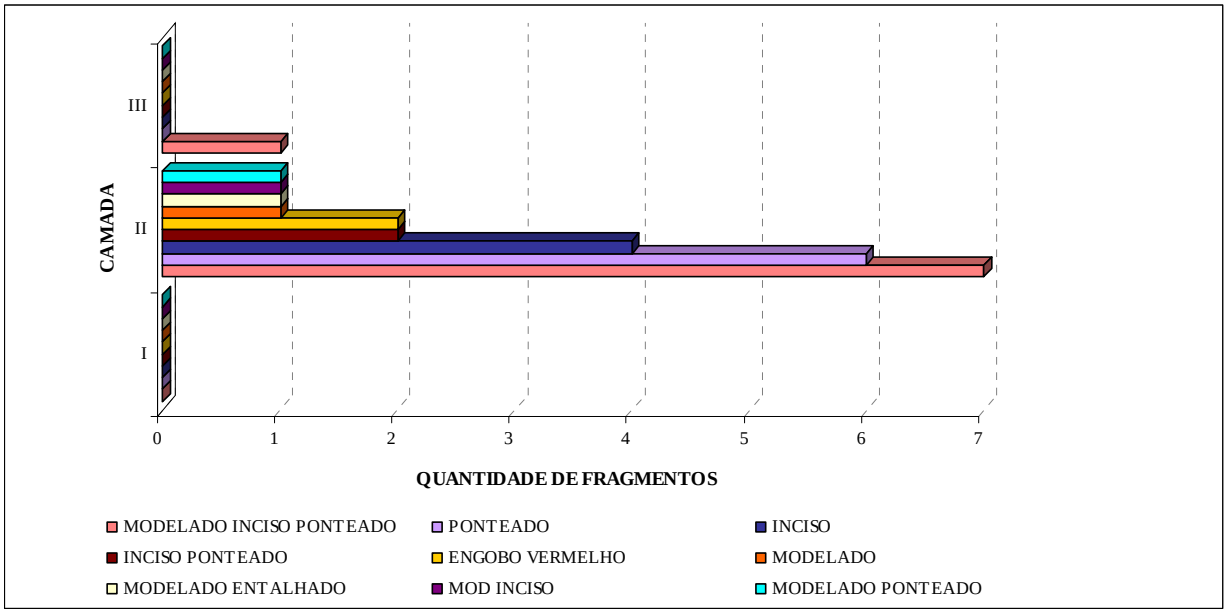


Gráfico 10 – Ocorrência de decorações no sítio Bela Cruz I por camada.

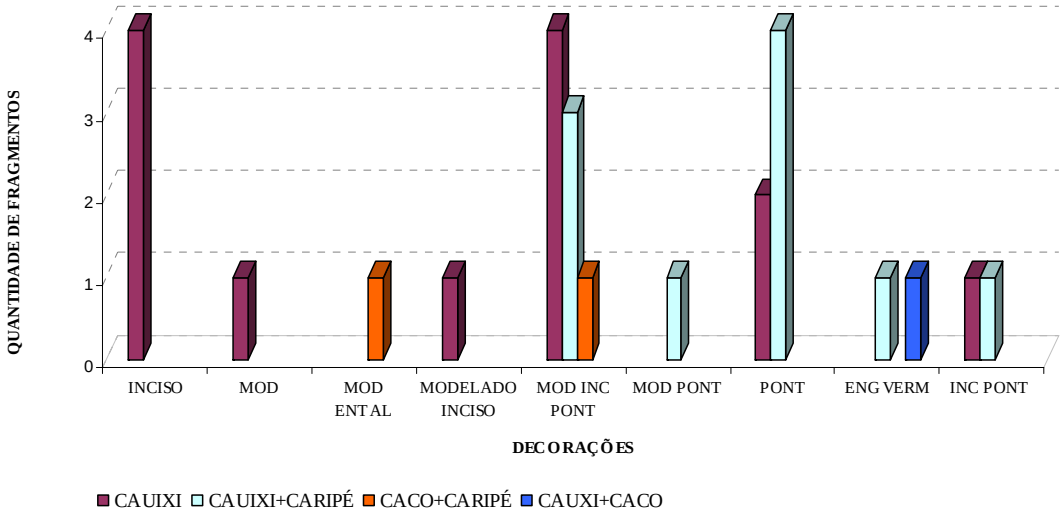


Gráfico 11 - Tipos decorados do Sitio Bela Cruz I.

O fato da amostra ser reduzida, não permite observar com segurança tendências nas relações entre aditivos e decorações, porém serve para confirmar que o cauixi é o aditivo mais usado também no vasilhame decorado. Esse aditivo foi empregado na confecção dos objetos tanto sozinho como associado com caripé e com caco moído.

Não foi possível reconstituir formas para o sítio Bela Cruz I devido a baixa ocorrência de bordas (12) e por não apresentarem os atributos necessários para reconstituí-las com segurança. Apesar disso o material encontrado é constituído de fragmentos relativamente grandes, com um percentual de cerca 30% com tamanhos entre 5 e 10 cm e não foram observados fragmentos triturados durante a escavação e no processo de peneiramento. A cerâmica decorada apresenta formas elaboradas como o fragmento de estatueta (Figura 28***e***), possivelmente um braço, como a borda recortada (Figura 28***b***) e os fragmentos de vasilhas com pequenas dimensões apresentando zoomorfos estilizados. Também foram registrados bulbos cônicos de bases trípodes (8). Quanto às técnicas de confecção da cerâmica, da mesma maneira que nos sítios COTRA Aviso I, II, III e Almeidas foram empregados o acordelamento para a confecção das vasilhas e a modelagem para os adornos, apliques e para a estatueta. A queima predominante é incompleta (201).

Figura 28 - Fragmentos cerâmicos do sítio Bela Cruz I relacionados ao estilo Konduri. ***a***: fragmento do corpo de vasilha com incisões contornando a parede e com aplique modelado inciso ponteado. ***b***: borda recortada decorada com inciso ponteado. ***c***: fragmento do corpo de vasilha com rolete ponteado e aplique modelado inciso ponteado. ***d***: aplique com decoração modelado inciso ponteado. ***e***: possível fragmento de estatueta decorado com roletes entalhados. ***f***: bulbo cônico de base trípode.

No sítio Bela Cruz II as tradagens realizadas a partir do trecho do ramal onde foram encontrados vestígios cobriram um área de aproximadamente 100 m X 90 m, onde foram distribuídas oito escavações cada uma compreendendo de duas a quatro unidades de 1 m X 1 m. Porém, a ocorrência de material arqueológico restringiu-se a uma área aproximada de 70 m X 50 m, envolvendo as escavações I, V, VII e VIII. As escavações alcançaram profundidades em média de 50 cm (Figura 29).

O perfil estratigráfico das escavações é semelhante ao da Bela Cruz, exceto na escavação I, onde o solo apresenta coloração ligeiramente mais escura, como pode ser observado no desenho do perfil (Figura 30).

ESCAVAÇÕES	QUANTIDADE	%
I	16	43,24%
II	0	0,00%
III	0	0,00%
IV	0	0,00%
V	1	2,70%
VI	0	0,00%
VII	18	48,65%
VIII	2	5,41%
TOTAL	**37**	100,00%

Tabela 13 - A ocorrência de cerâmica apresenta baixa densidade como pode ser observado na tabela acima. A ocorrência de material está restrita a camada II do sítio

A ocorrência de material é baixa em todo o sítio (Tabela 13). O material cerâmico coletado totaliza 51 fragmentos, sendo 37 das escavações e 14 encontrados no leito do ramal (Tabela 10). Os fragmentos de superfície foram relacionados e contabilizados na camada II, onde foram coletados todos os fragmentos entre 19 e 29 cm da superfície. Aqui também o solo não é terra preta.

ADITIVO	QUANTIDADE	%
CAUIXI	36	68,63%
CAUIXI+CARIPÉ	12	23,53%
CARIPÉ	2	3,92%
CAUIXI+CACO	1	1,96%
TOTAL	51	100,00%

Tabela 14 – Aditivos do sítio Bela Cruz II

Os aditivos usados nos artefatos cerâmicos foram cinco: cauixi, cauixi+caripé, caripé+caco moído, caripé, cauixi+areia. Os mais representativos, da mesma foram que no Bela Cruz I, foi o cauixi e o cauixi+caripé foi a mistura cauixi+caripé.

No tratamento de superfície, também a cerâmica não decorada constitui a maioria. Nos fragmentos não decorados o aditivo mais usado foi o cauixi. Nos decorados que representam 9,80% da amostra, foram identificados três tipos de decoração, todas relacionada às técnicas plásticas, onde ocorre o modelado inciso ponteado.

ADITIVO	DIGITADO	MARC C ESTEIRA	MOD INC PONT	ND
CARIAPÉ	0	0	0	2
CAUIXI	2	1	2	31
CAUIXI+CARIAPÉ	0	0	0	12
CAUIXI+CM	0	0	0	1
TOTAL	2	1	2	46

Tabela 15 – Aditivos e decorações da cerâmica do sítio Bela Cruz II.

Três formas foram identificadas, duas são grandes vasilhas grandes abertas reconstituídas, cada uma a partir de um único fragmento de borda (Figuras 31 ***b*** e **c)** vasilha que possui o perfil desde a borda até a base proveniente da escavação VII (Figura 31***a***). Da mesma maneira que no Bela Cruz I, os fragmentos também são grandes e pouco triturados. Entre os fragmentos decorados, há um apêndice em forma de pássaro (Figura 31***e***) e uma borda recortada com um rolete aplicado (Figura 31***f***) que são típicos da cerâmica Konduri. Há ainda um fragmento de uma vasilha com marca de esteira impressa na base a até o começo da parede (Figura 31***d***). As técnicas de confecção e a queima são semelhantes às identificadas no sítio Bela Cruz I.

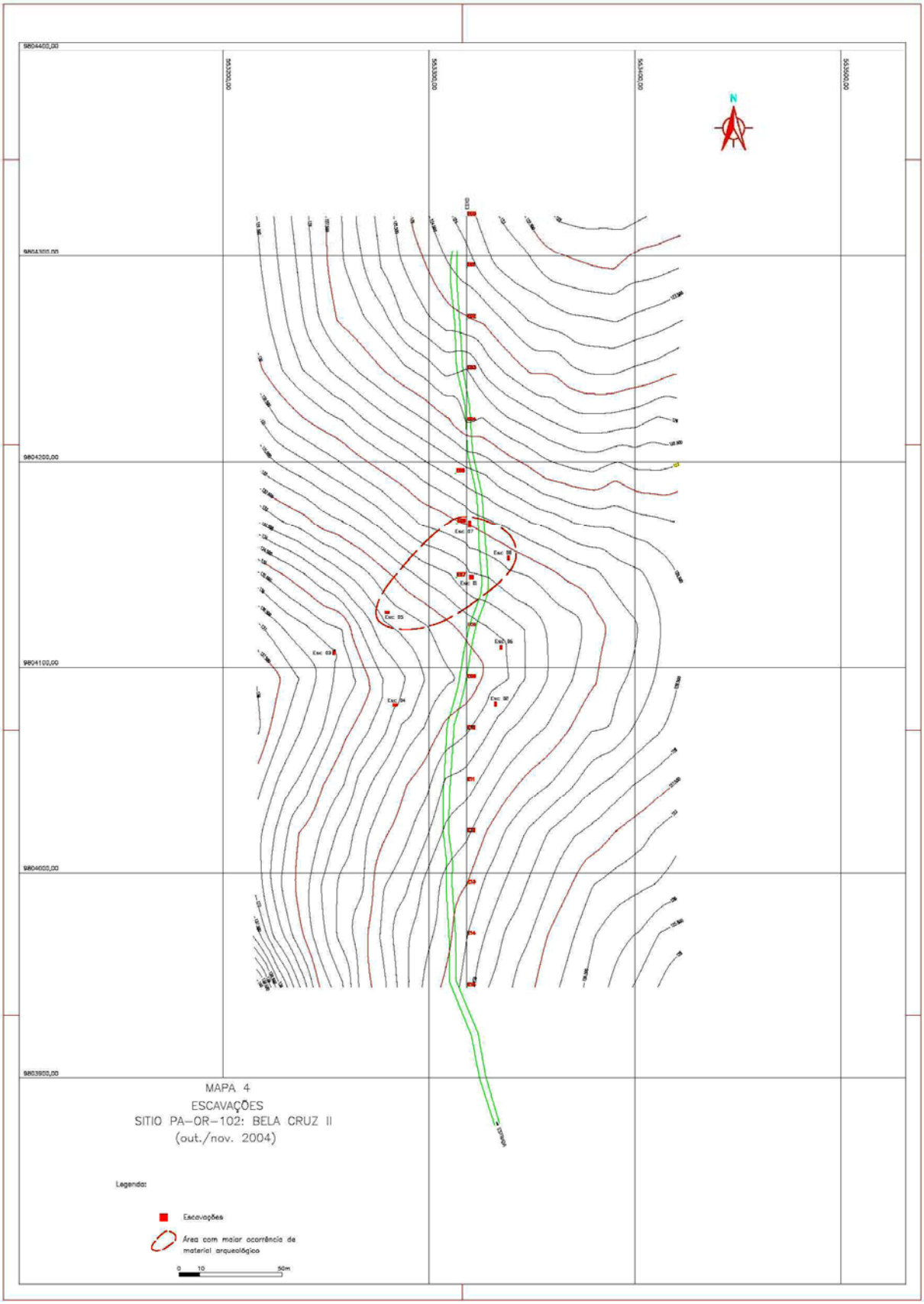


Figura 29 - Croqui das escavações realizadas no sítio Bela Cruz II.

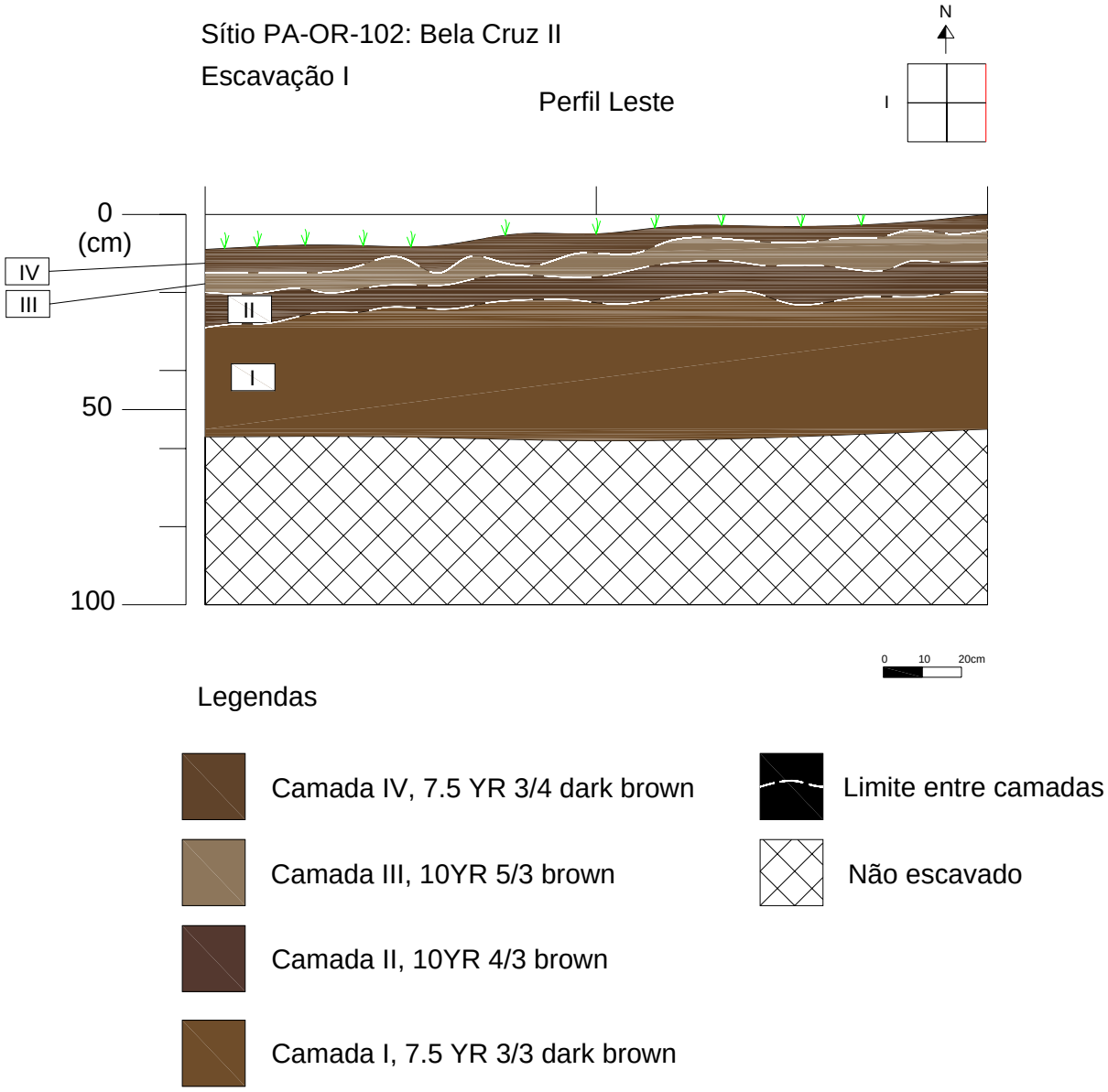


Figura 30 – Perfil da parede leste da escavação I do sitio Bela Cruz II.

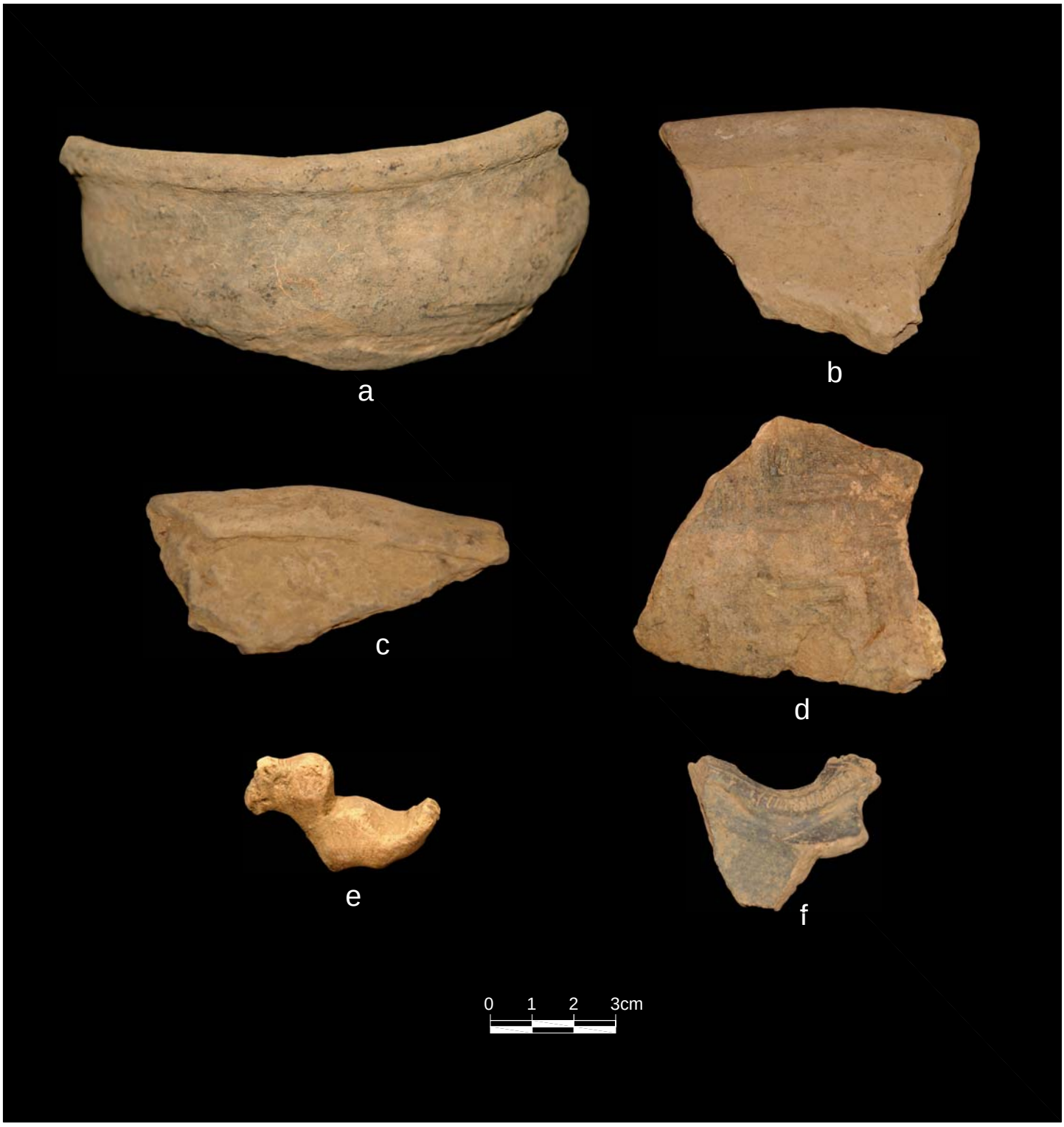


Figura 31 - Fragmentos cerâmicos do sítio Bela Cruz II relacionados ao estilo Konduri. ***a***: fragmento de vasilha não decorada. ***b*** e ***c***: fragmentos de pratos ou assadores. ***d***: base de vasilha com marca de esteira. ***e***:apêndice em forma de pássaro ***f***: borda recortada com rolete entalhado.

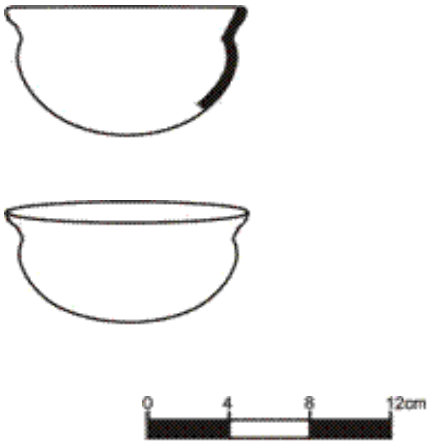
	FORMA 1
	
Diâmetro da boca	12 cm
Espessura da parede	5 mm
Tratamento de superficie	Não decorado
Aditivo	Cauixi
Volume	A capacidade volumétrica fica entre 530 ml
Descrição	Vasilha com boca aberta, contorno infletido, corpo esférico; a borda pode ser inclinada externamente, lábio redondo, base arredondada. A altura é menor que o diâmetro máximo.

Tabela 16 – Forma de vasilha do sítio Bela Cruz II

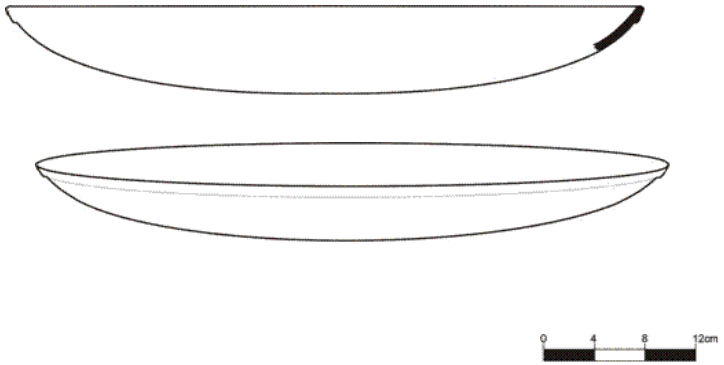
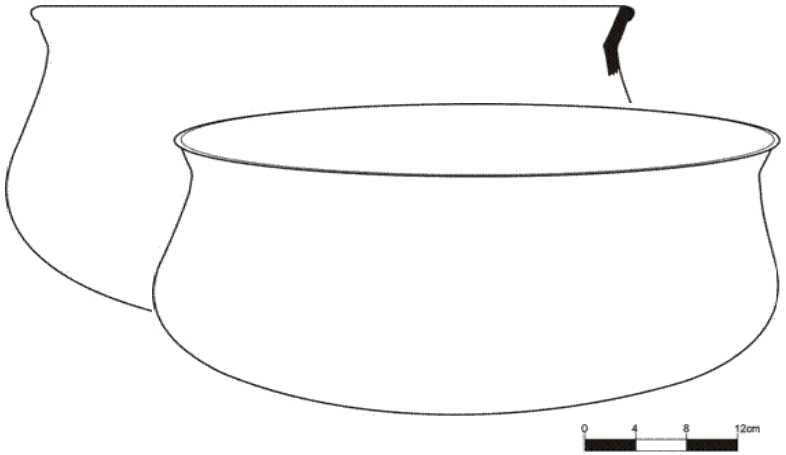
	FORMA 2	FORMA 3
		
Diâmetro da boca	12 cm	12 cm
Espessura da parede	5 mm	5 mm
Tratamento de superficie	Não decorado	Não decorado
Aditivo	Cauixi	
Volume	A capacidade volumétrica fica entre 10,5 litros	A capacidade volumétrica fica entre 46,4 litros
Descrição	Vasilha com boca aberta, contorno simples, corpo elipsoidal; a borda pode ser inclinada externamente, lábio arredondado, base plana ou arredondada. A altura é menor que maior diâmetro máximo que corresponde à abertura da boca.	Vasilha de boca fechada, contorno infletido, corpo esférico, borda extrovertida ou reforçada externamente formando um pescoço marcado, base arredondada ou plana. A altura é maior que a metade do diâmetro máximo do bojo.

Tabela 17 – Formas de vasilha do sítio Bela Cruz II.

Bela Cruz I e Bela Cruz II por estarem distantes entre si de cerca de 1,5 km foram registrados como dois sítios. Contudo, semelhanças marcantes no material cerâmico, na cor do solo, no perfil estratigráfico, na densidade e distribuição do material que indicam, na verdade serem duas áreas do mesmo sítio, localizadas cada uma de um lado de um igarapé. Amostras de carvão foram coletadas em ambas e os resultados das datações devem ajudar a comprovar a contemporaneidade da ocupação, porém, ainda não enviadas para datação.

Esses sítios, juntamente com o Teófilo I, apresentam características similares, como: baixa densidade de material, profundidade da camada de ocupação, inexistência de terra preta, o que sugerem uso temporário desse espaço. A dispersão do material em uma área ampla e dentro desta a concentração dos fragmentos em áreas menores, associado ao fato de estarem na mesma camada arqueológica sugere que o local foi ocupado, provavelmente, por pequenos grupos familiares. Ou ainda, o mesmo local poderia ter sido freqüentado várias vezes em um curto espaço de tempo e em cada uma dessas permanências o assentamento era instalado em local diferente, porém dentro da mesma área. Esses assentamentos temporários estão relacionados com os da área ribeirinha como se pode concluir através das características do material cerâmico. A proximidade e a existência de uma rede de pequenos igarapés que nascem nos platôs e deságuam no rio Trombetas e seus lagos, também garantem acesso de uma região para a outra.

Aviso I, Aviso II, Aviso III e Almeidas também foram identificados como sítios como diferentes. Porém, da mesma forma que os sítios Bela Cruz I e II estão localizados próximos uns aos outros, os sítios Avisos, também estão situados próximos entre si, situação que me leva a considerá-los como áreas de um mesmo sítio, especialmente se considerarmos que o Aviso I é formado por três pequenas manchas.

Já o Almeidas por estar mais distante talvez fosse outro sítio. Outros aspectos, como cor do solo, profundidade da camada e presença de terra preta sugerem que esses sítios fossem assentamentos permanentes ocupados, também, pelos grupos que fabricavam a cerâmica Konduri.

3.2. Sítios ribeirinhos

3.2.1. Sitio PA-OR-63: Boa Vista

O sítio Boa Vista está localizado à margem direita do rio Trombetas, na localidade de Boa Vista (UTM 0566790/9838456[1]), aproximadamente 1 km a montante da vila de Porto Trombetas (sede da MRN) (figura 12). Situa-se no topo de uma ponta de terra firme, com cerca de 85 m de altura em relação ao nível do rio Trombetas (em setembro), limitando-se ao norte pelo mesmo rio, ao sul e sudeste pelo igarapé Água Fria e a noroeste por uma pequeno lago temporário conhecido como Laguinho. É composto por duas áreas ou manchas de terra preta arqueológica mais ou menos distintas e que foram denominadas de *Boa Vista* e *Água Fria*. Uma está voltada para o Laguinho e o rio Trombetas e a outra está voltada para o igarapé Água Fria. No total, incluindo as duas manchas e os espaços entre elas, o sítio mede aproximadamente 135.000 m² de área (Figura 32).

A origem do povoado de Boa Vista, como de tantas outras na região, está relacionada à fixação de remanescentes de quilombos formados por negros fugidos das regiões de Alenquer, de Óbidos e de Santarém, no decorrer do século XIX, quando, ao que parece, encontraram aquela ponta terra desabitada (Acevedo & Castro,1998). A partir dessa época, o local passou a ser usado para cultivos diversos, como mandioca, milho, banana e tabaco (Hilbert & Hilbert, 1980). De acordo com atuais moradores há aproximadamente dez anos, os cultivos tornaram-se esporádicos, limitando-se a plantios de melancia e banana. A população atual até 2003, mantinha suas moradias assentadas próximas ao rio Trombetas e aos igarapés Água Fria e Laguinho, utilizando a parte mais alta da terra firme como área de cultivo, coleta, caça e lazer. Em 2001, a *Mancha Boa Vista* estava coberta por uma vegetação secundária relativamente antiga, indicando que há muitos anos não era usada para cultivos. A *Mancha Água Fria*, por sua vez, estava coberta por vegetação de capoeira nova e uma pequena área estava sendo preparada para queimada, indicando o uso mais recente para cultivos. Na porção noroeste da mancha Água Fria existe um campo de futebol que é usado frequentemente.

Em abril de 2001, fez-se uma visita de reconhecimento ao sítio Boa Vista e em junho de 2002 iniciaram-se as prospecções preliminares com a finalidade de estabelecer os limites do sítio para o levantamento topográfico e planejar os trabalhos de escavação que se iniciaram em setembro do mesmo ano. Em 2003 foram realizadas mais duas etapas de campo motivadas pela destruição parcial do sítio em decorrência da construção de uma vila de casas de alvenaria no local (Figura 33 A, B).

[1] Esta coordenada UTM refere-se a localização do *Datum* do sítio, que está localizado no campo de futebol.

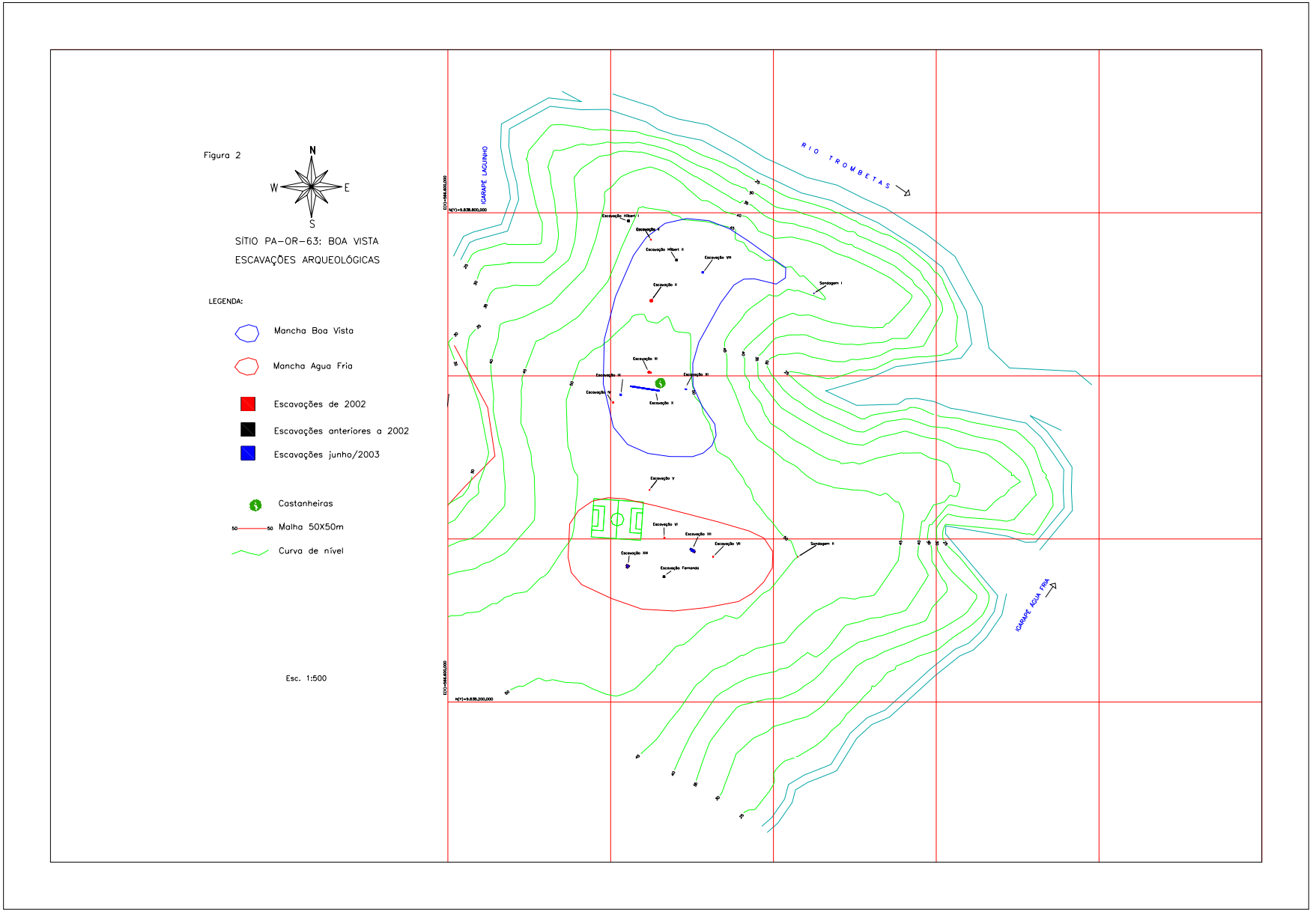


Figura 32– Planta do sítio Boa Vista evidenciando as manchas Boa Vista e Água Fria.

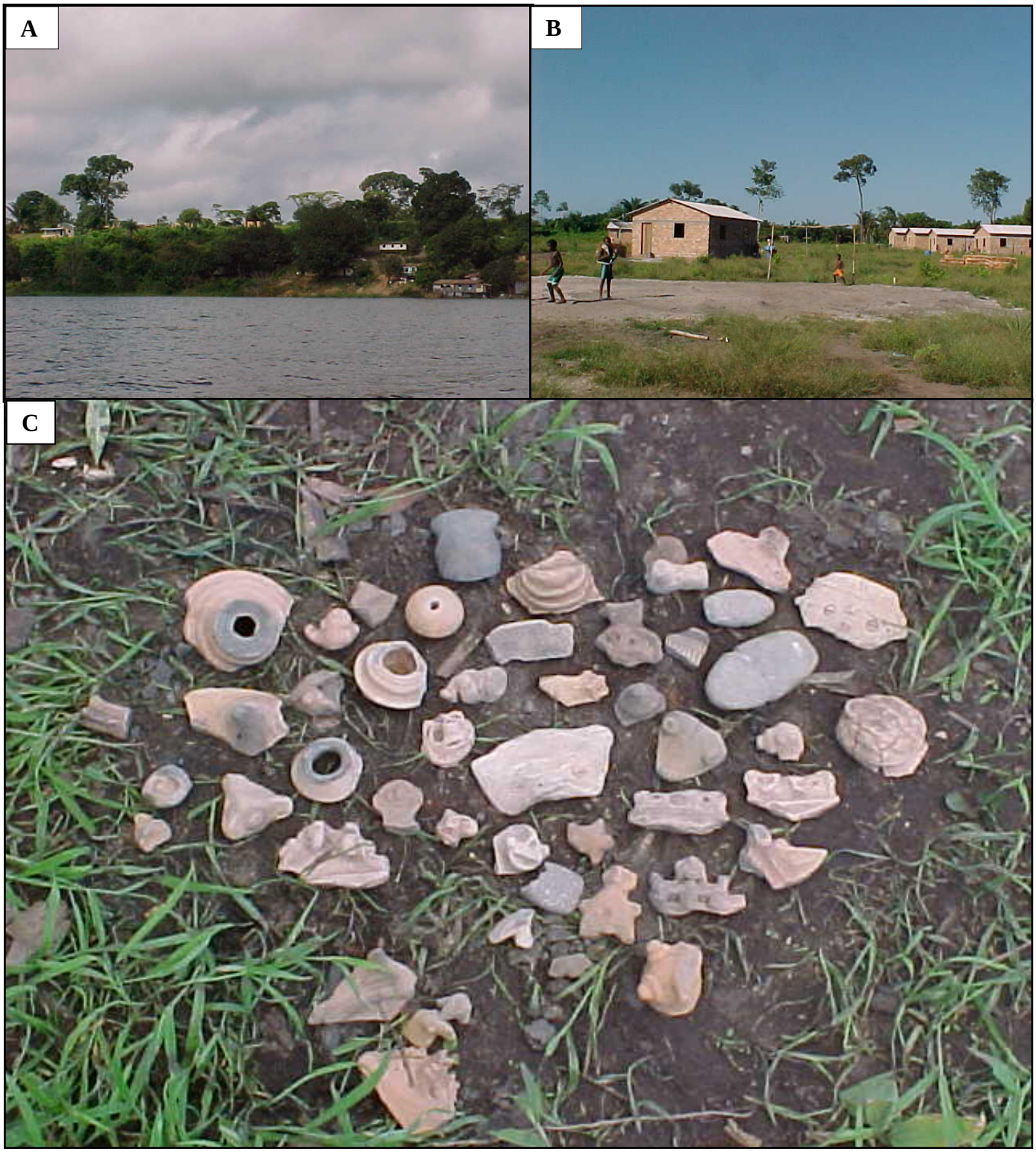


Figura 33 – A) Vista geral da localidade de Boa Vista; B) Novas casas de alvenaria construídas na localidade de Boa Vista; C) Fragmentos cerâmicos evidenciados pela movimentação de terra para a construção das casas.

Naquele momento, apenas a mancha Boa Vista sofreu danos com a implantação das edificações, porém a transferência das casas das margens dos rios para o topo da terra firme alterou o tipo de uso que a população fazia até agora do local, o que ocasionará gradativamente a destruição do sítio.

O sítio foi inicialmente mapeado através de observação de superfície e sub-superfície (tradagens). Durante a prospecção foram localizadas as escavações realizadas pelos Hilbert em 1975 (Hilbert & Hilbert,1980) e por Araújo-Costa (1985). A investigação de sub-superfície revelou uma camada de terra preta arqueológica de aproximadamente 60 centímetros de espessura, o que está de acordo com as observações de Hilbert & Hilbert (1980). A fim de delimitar a área de concentração e a extensão da terra preta, as tradagens foram plotadas em croqui e depois foram traçadas linhas contínuas unindo-as de acordo com as profundidades da ocorrência de TPA[2]. Assim, obteve-se um desenho delimitando três áreas concêntricas no sítio que foram denominadas de área central, área intermediária e área periférica (Croqui). Para delimitar a área central foram consideradas as tradagens que alcançaram a TPA entre 50 e 60cm; para a área intermediária as tradagens que alcançaram entre 20 a 40cm; e para a área periférica considerou-se o intervalo entre das tradagens a partir de 20cm até a área em que o relevo do sítio começa a declinar. O resultado foi à delimitação preliminar do contorno e da extensão da mancha de terra preta arqueológica que ocupava uma área de aproximadamente 700X400 metros, no centro da ponta de terra firme.

Após o levantamento preliminar, foi realizado o levantamento, que posicionou, a partir de uma linha base, 14 linhas transversais com intervalo de 50 em 50 metros e 15 paralelas com o mesmo intervalo. Fez-se a sobreposição do croqui do sítio no mapa planialtimétrico, obtido pelo levantamento topográfico, a fim posicionar precisamente a mancha de terra preta. Novas tradagens foram realizadas para definir melhor os limites da mancha de terra preta utilizando-se as picadas abertas do levantamento topográfico. Como resultado, constatou-se que, na verdade existiam duas manchas de terra preta, uma voltada para o rio Trombetas e o Laguinho. Foram realizadas sondagens e escavações[3] nas duas manchas e entre elas.

As escavações iniciaram sempre com unidades de 1x1m que sofreram expansões de acordo com as feições encontradas. Ao todo, foram realizadas doze escavações e duas sondagens no sítio Boa Vista, sendo que oito escavações na mancha Boa Vista, três na Água Fria, uma entre as duas manchas e duas sondagens ao leste de cada uma das manchas. As escavações foram realizadas em camadas naturais, controladas por níveis de 5 cm. No total as

[2] As tradagens de 0-10cm foram desconsideradas por serem muito superficiais.
[3] Foram consideradas sondagens as escavações de 0,50x0,50cm e escavações áreas a partir de 1X1m.

escavações cobriram 77m² de área não contínua, onde 64m² foram escavados na mancha Boa Vista; 11,5m² escavados na mancha Água Fria e 1,5m² em áreas exteriores as manchas.

O material arqueológico coletado no sítio Boa Vista foi proveniente de tradagens, sondagens, escavações, coletas de superfície e também de doações dos moradores locais. O material é composto, basicamente, de fragmentos de vasilhame cerâmicos; implementos, adornos, núcleos e lascas líticas; fragmentos de ossos; sementes calcinadas e carvão; inclui ainda pequenos blocos de rochas diversas, inclusive seixos, que podem, eventualmente, apresentar evidências de uso.

No total foram analisados 38.779 fragmentos de cerâmica do sítio Boa Vista provenientes das escavações e sondagens, sendo que 20.560 eram da mancha Boa Vista, 18.181 da mancha Água Fria e 38 provenientes da escavação entre as duas manchas. Para a mancha Boa Vista ainda foram somados a análise 1838 fragmentos de coleta de superfície e 906 de doações dos moradores locais (figura 33 C). Tanto o material de superfície como os fragmentos doados foram coletados durante o processo de terraplanagem que aconteceu em 2003, ocasião em que o local estava sendo preparado para a implantação da vila com casas de alvenaria.

A análise do material cerâmico, vestígio mais abundante no sítio Boa Vista, considerou aspectos técnicos, morfológicos e estilísticos visando à definição de tipos cerâmicos. Observou-se ainda a distribuição de variáveis como antiplástico, tipo de decoração e forma nas diversas escavações a fim de determinar possíveis áreas de atividades. Foram identificados quinze tipos de aditivos, sendo que seis foram usados isolados e nove em misturas contendo dois ou três aditivos. Os cinco mais populares foram o cauixi encontrado em 52,67% dos fragmentos analisados, seguida do caripé com 22,10%, da combinação de cauixi e caco moído com 6,24%, do caco moído 5,00% e da combinação de cauixi e caripé usada em 4,95%. O cauixi além de representar mais da metade da amostra, também aparece combinado com seis outros aditivos. Se for considerada a presença do cauixi isolado e nas combinações seu percentual aumenta para 65,31%. No sítio como um todo, o que predomina é cerâmica sem decoração em 87,31% dos fragmentos, sendo que uma pequena parte desses fragmentos teve suas superfícies polidas (0,40%). O percentual de cerâmica decorada é de 12,68%, sendo que o tratamento plástico ocorre em 8,26% e o pintado aparece em 4,01% e uma pequena parcela de fragmentos apresenta a associação das duas técnicas (0,42%).

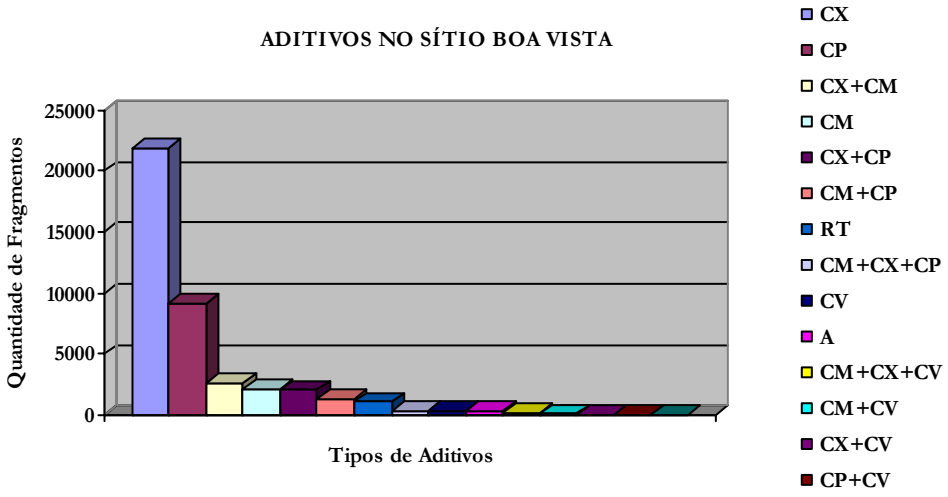


Gráfico 12 - Tipos de aditivo da cerâmica do sítio Boa Vista.

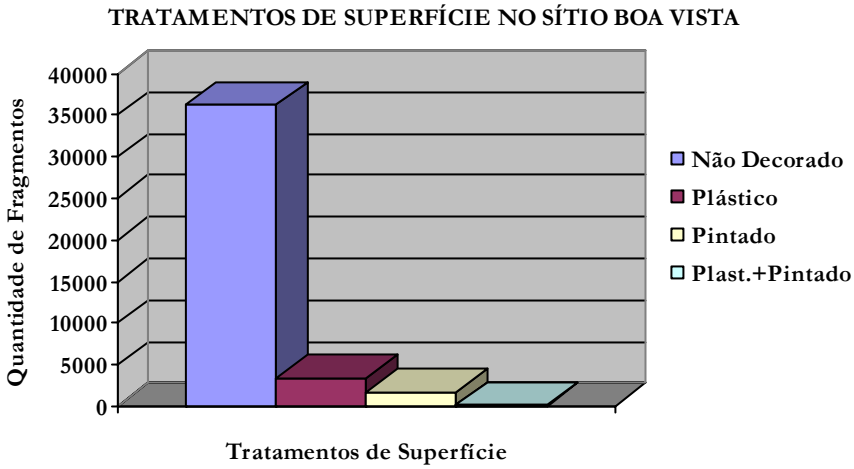


Gráfico 13 - Tipos de tratamento de superfície da cerâmica do sítio Boa Vista.

a) Escavações na mancha Boa Vista

A mancha Boa Vista tem uma forma oval semelhante a um grão de feijão, tendo sua maior extensão no sentido Norte-Sul que possui aproximadamente 280 m. Na direção Leste-Oeste mede 120m na ponta Sul. Na parte norte acompanhando a topografia do terreno existe uma ponta que avança para leste, e mede cerca de 170m metros de largura. Foram realizadas oito escavações medindo de 1 até 36 m², ao todo foram escavados 66 m² em uma área de aproximadamente 42.000 m². As escavações, de uma maneira geral estão assim distribuídas: três na parte norte (Escavações I, II e VIII) e cinco na parte sul (III, IV, IX, X e XI).

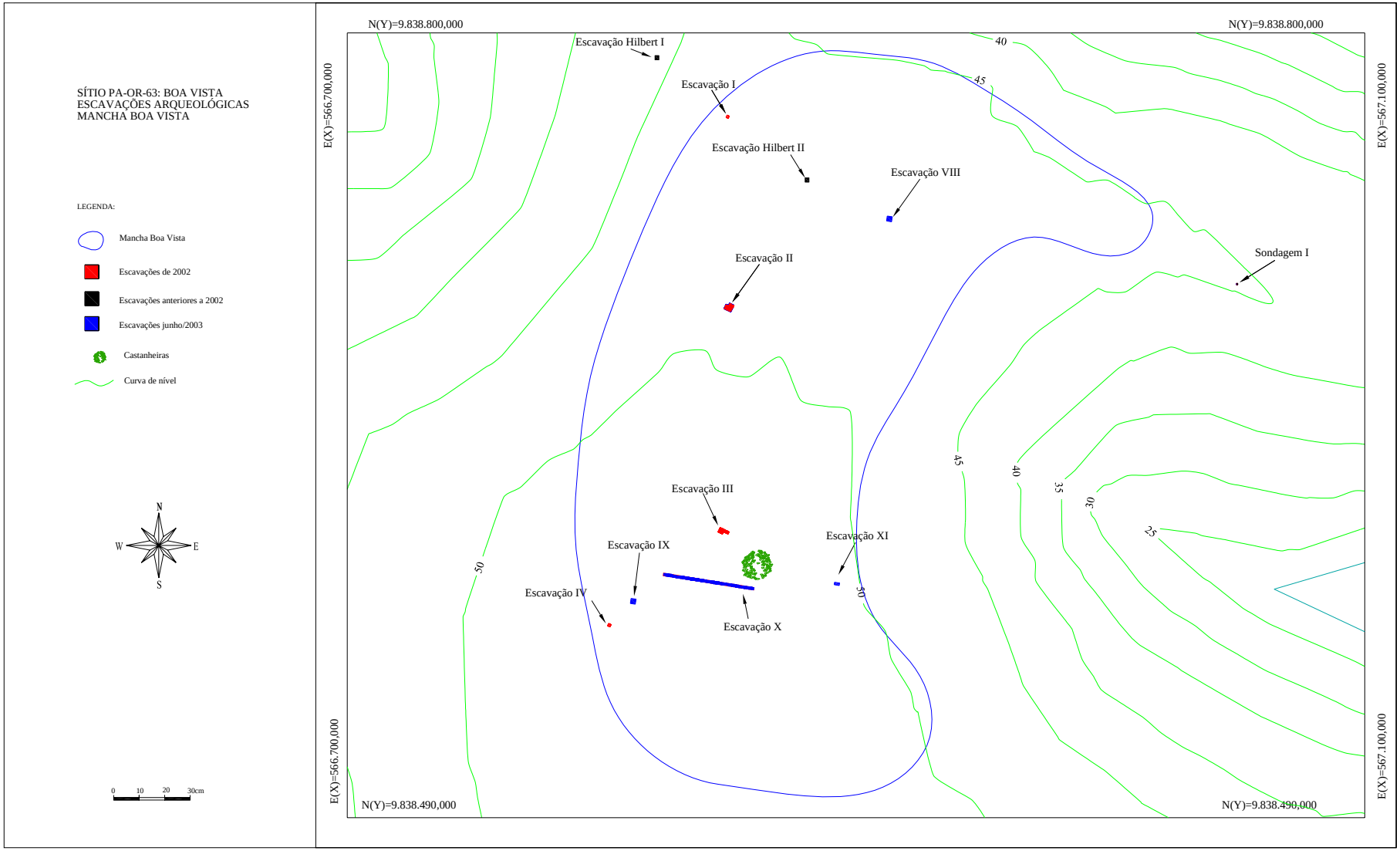


Figura 34 – Croqui da Mancha Boa Vista com indicação das áreas escavadas.

Na porção **NORTE** da mancha Boa Vista as escavações alcançaram entre 50 e 65 cm de profundidade. O perfil estratigráfico apresentou basicamente quatro camadas. A ***camada IV*** que vai da superfície até aproximadamente 9 cm de profundidade e foi divida em duas subcamadas. A ***IV B***, a mais superficial, com solo arenoso composto de raízes e folhas em decomposição, de cor marrom acinzentada escura (7.5YR3/1 *Very Dark Gray* a 10YR3/2 *Very Dark Grayish Brown*); em algumas escavações ocorreram raros fragmentos cerâmicos. A subcamada ***IV A*** possui solo arenoso, seco macio e solto, mantendo quase a mesma coloração da anterior (7.5YR3/1 *Very Dark Gray* a 10YR4/2 *Dark Grayish Brown*). É comum encontrar nessa camada, minúsculos carvões e poucos fragmentos de cerâmica e microlascas.

A ***camada III***, que varia de 3 a 30 cm em relação à superfície, foi dividida em três subcamadas. A ***III C*** apresenta solo arenoso, seco, ligeiramente duro e ligeiramente compactado, de coloração cinza a preta (7.5YR2.5/1 *Black* a 10YR3/2 *Very Dark Grayish Brown)* a quantidade de material arqueológico aumenta principalmente cerâmica e microlascas. Esta camada corresponde à transição do solo marrom para a terra preta arqueológica. A subcamada ***III B*** tem solo arenoso, ligeiramente compactado, de cor preta (10YR2/1 *Black*) maior ocorrência de material arqueológico em relação à camada II C, incluindo fragmentos cerâmicos, artefatos líticos, lascas, microlascas e carvões. A ***III A*** apresenta solo arenoso, ligeiramente compactado, de coloração acinzentada (10YR3/2 *Very Dark Grayish Brown* a 10YR3/1 *Very Dark Gray*) presença de fragmentos cerâmicos e carvões.

A camada II que varia de 30 a 43 cm de profundidade em relação à superfície e apresenta duas sub-camadas. A ***II B*** possui solo areno-argiloso, compactado, de coloração acinzentada (10YR3/3 *Dark Brown* a 10YR4/2 *Dark Grayish Brown*) com alguns pontos amarelados, diminui a ocorrência de fragmentos cerâmicos. Este estrato corresponde à transição do solo escuro para o solo amarelado. A subcamada ***II A*** apresenta solo argiloso, compactado, de coloração mosqueada (10YR3/3 *Dark Brown* e 10YR4/4 *Dark Yellowish Brown*); ocorrem raros fragmentos cerâmicos, carvões e pequenas bolas de argila. A ***camada I*** inicia acerca de 44 cm, apresenta solo argiloso, úmido, muito duro e compactado, de coloração amarelada (7.5YR5/6 *Strong Brown*), sem vestígios culturais. Corresponde a base do sítio.

A escavação VII foi realizada na área onde havia ocorrido a terraplanagem para a construção de moradias, por isso até cerca de 25 cm de profundidade as camadas estavam destruídas, o que corresponde a grande parte da camada de ocupação.

Das cinco escavações (III, IV, IX, X e XI).da porção **SUL** da mancha Boa Vista, três (IX, X e XI) apresentaram-se revolvidas pelas atividades de trator. A escavação X, uma trincheira de 36 m, foi aberta bem no centro da área onde as casas seriam construídas a fim de resgatar o

material que poderia ainda ter restado nas camadas mais profundas, porém a ocorrência de vestígios foi baixa, apresentando em média 180 fragmentos de cerâmica por unidade, sendo que algumas unidades não apresentarem nenhum material.

Em sua porção **SUL,** as escavações alcançaram entre 65 a 108 cm de profundidade e também apresentaram quatro camadas. A ***camada IV*** que inicia na superfície e alcança até cerca de 8 cm de profundidade, foi subdividida em duas camadas. A ***IV B*** é a mais superficial, sendo composta de raízes e folhas em decomposição, misturadas a um solo arenoso, seco, solto, cor escura (7.5YR3/1 *Very Dark Gray* a 10YR3/2 *Very Dark Grayish Brown*); ocorrência de pequenos de carvão e raros fragmentos cerâmicos. A subcamada ***IV A*** apresenta solo arenoso, seco, macio, coloração escura semelhante ao estrato anterior (10YR3/1 *Very Dark Gray* a 10YR3/2 *Very Dark Grayish Brown*); presença de alguns fragmentos de cerâmica, carvão e microlascas.

A ***camada III*** varia de 8 a 40 cm em relação à superfície, e também tem três subcamadas. A primeira, ***III C***, possui solo arenoso, seco, coloração escura variando de marrom escuro a preto (7.5YR2.5/1 *Black* e 10YR2/2 *Very Dark Brown*). O material arqueológico aparece em maior quantidade maior em relação à camada anterior, principalmente fragmentos cerâmicos, lascas líticas e pequenos carvões dispersos. Corresponde à transição entre a camada IV e III. A subcamada ***III B***, solo variando de arenoso a argilo-arenoso, com coloração variando de cinza escuro a preto (5YR2.5/1 *Black* a 7.5YR3/1 *Very Dark Gray*), o material continua aparecendo com a mesma freqüência. A subcamada ***III A***, apresenta solo argilo-arenoso, seco e duro com cor variando entre cinza escuro e marrom escuro (7.5YR3/1 *Very Dark Gray* e 7.5YR3/2 *Dark Brown*); diminui a quantidade de material.

A ***camada II,*** que varia de 40 a 95 cm em relação à superfície, foi subdivida em três camadas. A primeira ***II*** apresenta solo areno-argiloso seco compactado com coloração marrom escuro com algumas manchas amareladas esparsas e quantidade de material arqueológico diminui bastante. É transição da camada III para a II. A subcamada ***II B***, tem solo argilo-arenoso compactado com coloração matizada (7.5YR3/3 Dark Brown e 7.5YR4/4 Brown), raros fragmentos de cerâmica. A ***II A***, possui solo argilo-arenoso, compacto com coloração marrom clara (7.5 YR 4/4 Brown). A presença dos raríssimos e minúsculos fragmentos de cerâmicas que provavelmente são provenientes das camadas anteriores e migraram para essa por efeito de bioturbação. É a transição para a camada I, que é a base do sítio.

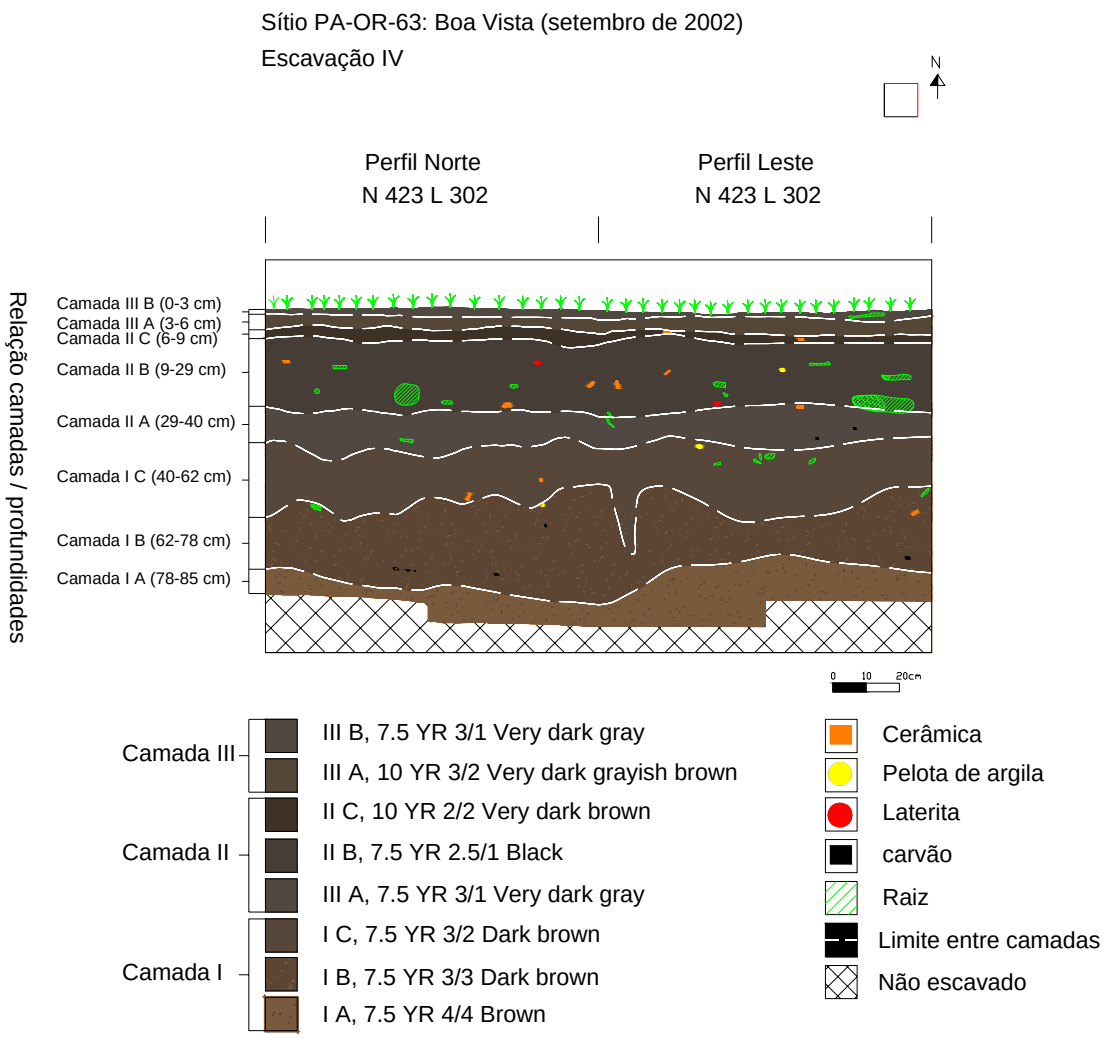


Figura 35 – Perfil das paredes norte e leste da escavação IV do sítio Boa Vista.

A quantificação do número de fragmentos em unidades de 1m² permitiu obter a densidade da cerâmica nas diversas áreas escavadas. Nas escavações I, II e VIII localizadas na porção norte da mancha Boa Vista, observou-se que apresentam basicamente à mesma quantidade de fragmentos cerâmicos por unidade (entre 302 e 311). Porém, na escavação VIII essa densidade sofreu alteração provocada pelas atividades de terraplanagem.

Nas escavações da porção sul (III, IV, IX, X e XI), as três últimas também sofreram alterações na estratigrafia por causa da ação do trator. De qualquer forma, as escavações na área preservada, apresentaram maior densidade de material em relação à área norte, entre 485 e 674 fragmentos por unidade.

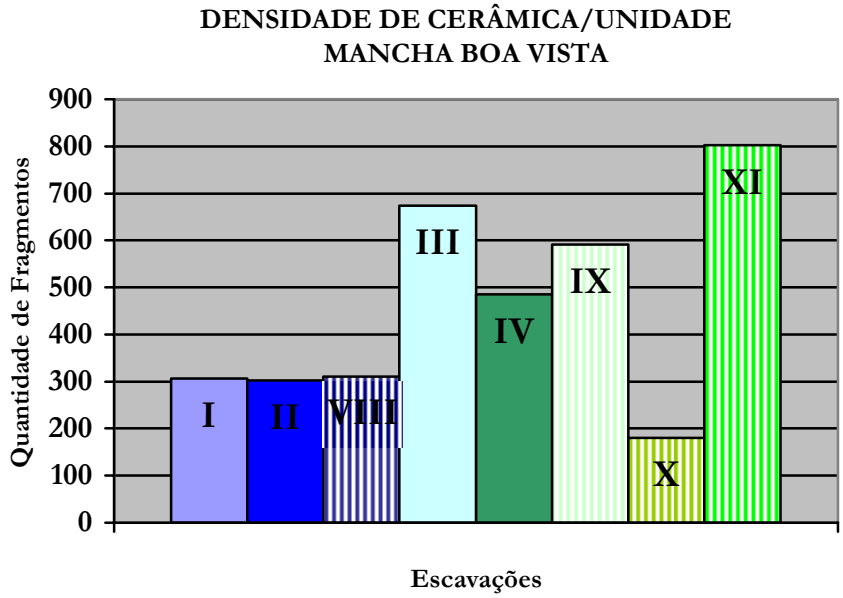


Gráfico 14 – O gráfico apresenta a densidade do material cerâmico por unidade nas escavações da Mancha Boa Vista. As barras em azul referem-se às escavações do setor norte e as verdes ao setor sul. As barras hachuradas representam as escavações que apresentaram o perfil estratigráfico alterado pela ação humana.

A profundidade e a densidade dos vestígios arqueológicos encontrados nas escavações da mancha Boa Vista sugerem houve uma maior concentração de material na porção sul da mancha, indicando possivelmente que essa foi à área usada mais intensamente ou por onde a ocupação do sítio iniciou. A topografia do terreno nessa área é mais plana e ligeiramente mais alta em relação ao entorno. A camada de terra preta revelou-se mais profunda do que observado por Hilbert & Hilbert (1980).

Nas oito escavações realizadas na mancha Boa Vista foram coletados 20560, o que representa 53,01% dos fragmentos de cerâmica do sítio Boa Vista. O aditivo dominante é o ***cauixi***, que em sete das oito escavações apresenta percentual maior que 50% e em uma fica ligeiramente abaixo (47,42%). O ***caripé*** aparece como o segundo aditivo mais popular, porém seu percentual é sempre menor que a metade do cauixi, variando entre 8,90 e 23,85%. ***Caco moído*** e ***rocha triturada*** apresentam freqüências variando entre 1,06 a 8,20%. ***Cauixi+caripé*** mantêm uma freqüência entre 1,28 e 3,77% em seis escavações e nas duas restantes apresenta em uma o percentual bem abaixo (0,72%) e na outra, bem acima (6,50%). ***Caco moído+caripé*** e ***areia*** ocorrem entre 0,08 a 2,60%, sendo que em duas escavações ocorrem em percentuais mais altos entre 8,16 e 10,06%. A mistura de ***cauixi+caco moído*** aparece em seis escavações com percentuais entre 3,08 e 16,50%, porém em uma apresenta 0,24% e na outra está ausente. A mistura ***caco moído+cauixi+carvão*** ocorre em cinco escavações mantendo uma freqüência entre 0,09 a 1,23% em quatro e em uma aumenta bastante alcançando 5,03%. ***Carvão*** e ***caco moído+cauixi+caripé*** foram encontradas respectivamente em sete e seis escavações com freqüência variando entre 0,04 a 3,11%. As mistura ***caco moído+carvão***, ***caripé+carvão***, ***cauixi+carvão*** e ***cauixi+rocha triturada*** são as menos populares com freqüências entre 0,01 e 0,30% em apenas três escavações.

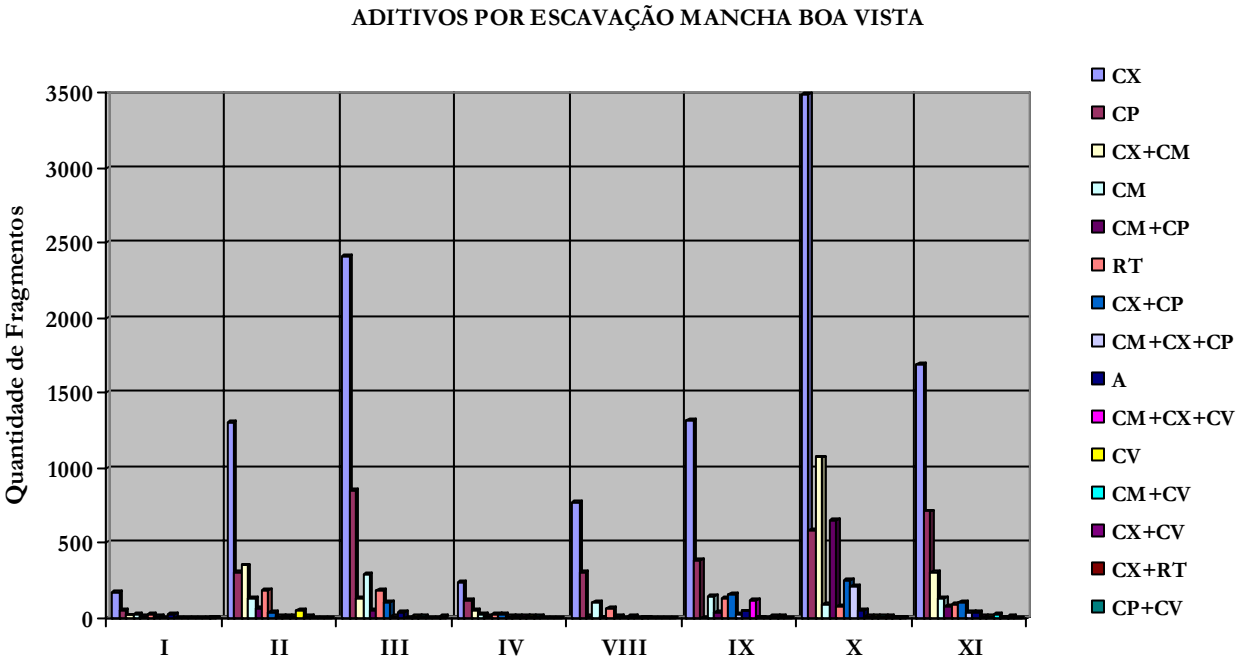


Gráfico 15 – Tipos e freqüência dos aditivos da cerâmica na área da mancha Boa Vista.

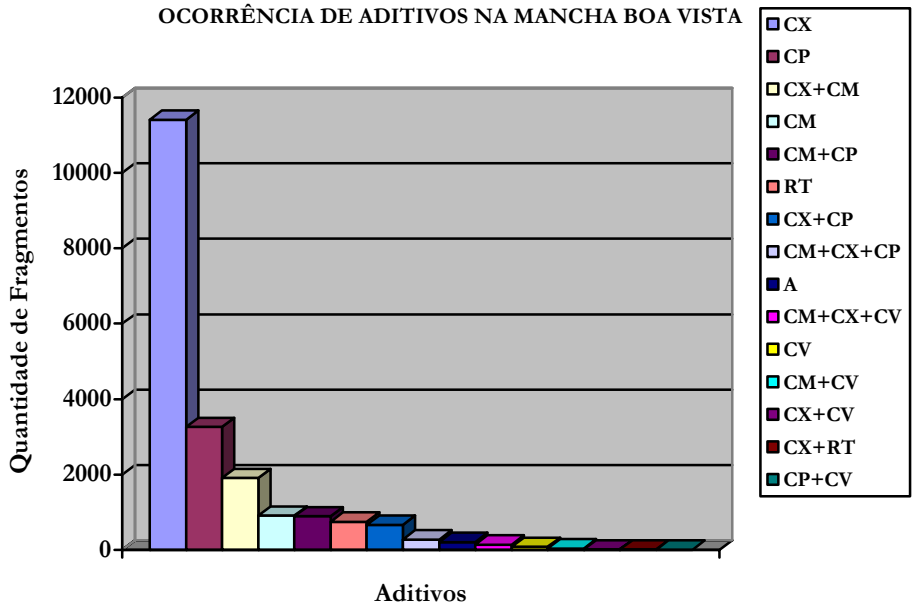


Gráfico 16 – Ocorrência de aditivos na cerâmica da mancha Boa Vista.

A observação das freqüências estabelece o cauixi como o principal aditivo usado isolado ou misturado com outros. O caripé é o segundo mais usado, porém seu uso é muito menor que o cauixi, não alçando nem a metade do percentual do principal aditivo, fazendo o "degrau" mais alto do gráfico. A mistura cauixi+caco moído ocupa a terceira preferência. Caco moído, rocha triturada e as misturas caco moído+caripé e cauixi+caripé ocupam a quarta preferência, mantendo percentagens bem aproximadas entre elas. Os outros aditivos foram usados em percentuais abaixo de 2%.

Realizou a análise da freqüência dos aditivos por nível na Escavação II. Foram examinados apenas os cinco aditivos mais usados do total de quinze: cauixi, caripé, cauixi+caco moído, rocha triturada e caco moído, que somados representam 93,18%.

Quanto aos tratamentos de superfície o que predomina são os fragmentos sem decoração com 18673 (90,82%), enquanto os decorados somam 1887 (9,18%). Apesar do baixo percentual é grande a variedade, foram classificados trinta tipos decorados. No universo dos tipos decorados os mais representativos são: o *inciso* (36,83%), o *vermelho* (19,50%), o *engobo branco* (9,60%), o *vermelho sobre branco* (7,10%), o *marcado com esteira* (3,92%), o *exciso* (2,80%), o *ponteado* (2,70%), o *vermelho inciso* (2,00%), o *modelado* (1,90%). O percentual elevado do *marcado-com-esteira* também é representativo (0,36 %).

b) Escavações na mancha Água Fria

A mancha Água Fria tem uma forma oval tendo sua maior medida no sentido Oeste-Leste, onde mede 250m e no Norte-Sul mede 120m (Figura 36). Foram realizadas quatro escavações medindo entre 1 m² e 18 m². No total foram escavados 32 m² em uma área de aproximadamente 30.000 m². As escavações localizam-se três na parte NE (Escavações VI, VII, e XII) e uma na porção SW (Escavação XIII). Na parte NE existe um campo de futebol.

Na porção **NORDESTE**, as escavações alcançaram entre 62 a 140 cm de profundidade. O perfil estratigráfico apresentou três camadas. A ***camada IV*** vai da superfície até aproximadamente 13 cm de profundidade foi em duas subcamadas. A ***IV B***, mais superficial, corresponde a um solo orgânico, composto predominantemente de folhas em decomposição, raízes e carvões de queimadas recentes e tem coloração marrom (7.5YR 2.5/2 *Very Dark Brown* a 7.5YR 3/2 *Dark Brown*). A ***IV A***, apresentou solo arenoso, seco, solto com cor variando entre marrom e cinza (7.5 YR3/3 *dark brown* ,7.5YR 2/1 *very dark gray* e 10 YR 5/2 *Grayish brown*). Ocorrem com pouca freqüência fragmentos cerâmicos e lascas.

A **camada III** varia aproximadamente de 13 a 75 cm de profundidade em relação à superfície. Foi subdividida em três subcamadas. A ***III C***, apresentando solo arenoso, seco com cor variando de marrom a cinza escuro (10 YR 4/3 *Brown* A 10YR 3/1 *Very Dark Gray*). O material arqueológico começa a aumentar de freqüência. A subcamada ***III B***, apresenta solo arenoso, seco, compacto com coloração de cinza a preto (10YR 4/2 *Dark Grayish Brown*, 10YR 3/1 *Very Dark Gray* e 7.5YR 2.5/1 *Black*); o material arqueológico se mantém na mesma densidade. A ***IIIA*** apresenta solo areno-argiloso, ligeiramente úmido, compactado com coloração cinza escuro ou preto (10YR 3/1 *Very Dark Gray* e 7.5YR 2.5/1 *Black*), a quantidade de material aumenta.

A ***camada II*** varia de aproximadamente 75 a 100 cm em relação à superfície. Foram identificadas duas subcamadas, a primeira ***IIB*** apresenta solo areno- argiloso, duro, compactado com coloração ligeiramente mais clara que a camada anterior variando de cinza a marrom (10YR 3/1 *Very Dark Gray* e 10YR 3/2 *Very Dark Grayish Brown*). A quantidade de material arqueológico diminui. A subcamada ***IIA*** tem solo argilo-arenoso, úmido, duro, compactado, coloração mosqueada (10YR 3/2 *Very Dark Grayish*, 10YR 4/2 *Dark Grayish Brown* e 7.5YR 5/6 *Strong Brown*); e a quantidade de material arqueológico é ainda menor que na anterior.

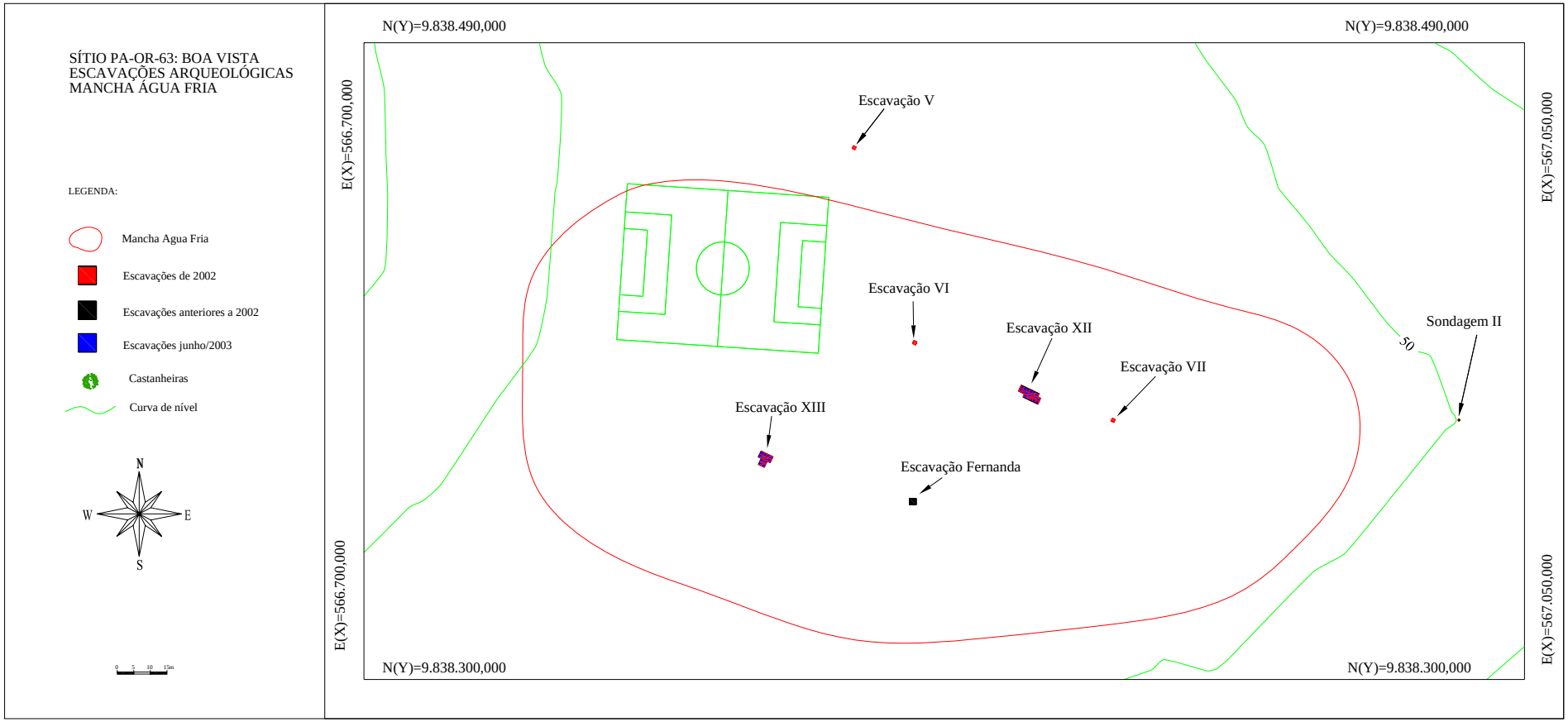


Figura 36 – Localização das escavações na mancha Água Fria.

A ***camada I*** inicia aproximadamente a partir de 100 cm de profundidade em relação a superfície. Possui solo argiloso úmido, duro, compacto de cor amarelada (7.5YR 5/6 *Strong Brown*). Nesse solo amarelo ocorrem raríssimos fragmentos de artefatos.

A escavação XII apresenta a mesma divisão geral de quatro camadas, porém em algumas unidades a camada III avança até a I, alcançando às vezes profundidade entre 130 e 142 cm. Nesses bolsões de solo escuro aparecem fragmentos de cerâmica profusamente decorada, material lítico, muito carvão e ossos de animais.

Na porção **SUDOESTE,** a escavação XIII alcançou profundidade entre 140 a 160 cm em relação à superfície, tendo perfil estratigráfico divido em quatro camadas. A primeira, camada IV possui espessura variando entre 1 a 10cm e foi subdividida em duas. A subcamada ***IVB***, a mais superficial corresponde à superfície, é formada por solo orgânico de coloração marrom escura (7.5YR 3/2 *Dark Brown*), apresenta raros fragmentos de cerâmica. A subcamada ***IVA*** é composta solo arenoso, seco, solto de cor marrom (7.5YR 3/3 *Brown*), ocorre pequena quantidade de material arqueológico.

A ***camada III*** tem espessura bastante irregular que pode variar entre 15 a 120 cm em relação a superfície, porém possui um faixa contínua entre 40 a 65 cm. Foi subdividida em ***IIIB*** e ***IIIA***. A mais superficial ***IIIB*** apresenta solo arenoso, seco e solto com coloração marrom escura (7.5YR 3/2 *Dark Brown*) com ocorrência de material em maior quantidade que no estrato anterior. A subcamada IIIA possui solo arenoso, úmido, ligeiramente compactado de coloração escura (7.5YR 2.5/1 *Black*) com bastante material.

A ***camada II*** também apresenta espessura irregular variando entre 60 a 155 cm da superfície, mantendo uma faixa mais uniforme entre 70 e 140 cm da superfície. Possui solo areno-argiloso, úmido, ligeiramente compactado com coloração mosqueada (7.5YR *Dark Brown* e 10YR 4/4 *Dark Yellowish Brown*). A quantidade de material diminui.

A ***camada I*** apresenta solo areno-argiloso, úmido, compacto de cor amarelada (10YR 4/6 *Dark Yellowish Brown*). Os vestígios arqueológicos desaparecem. Nessa escavação, também ocorrem feições que vêm da camada II e atingem até a camada I. São bolsões de solo escuro com presença de cerâmica, carvão e material lítico.

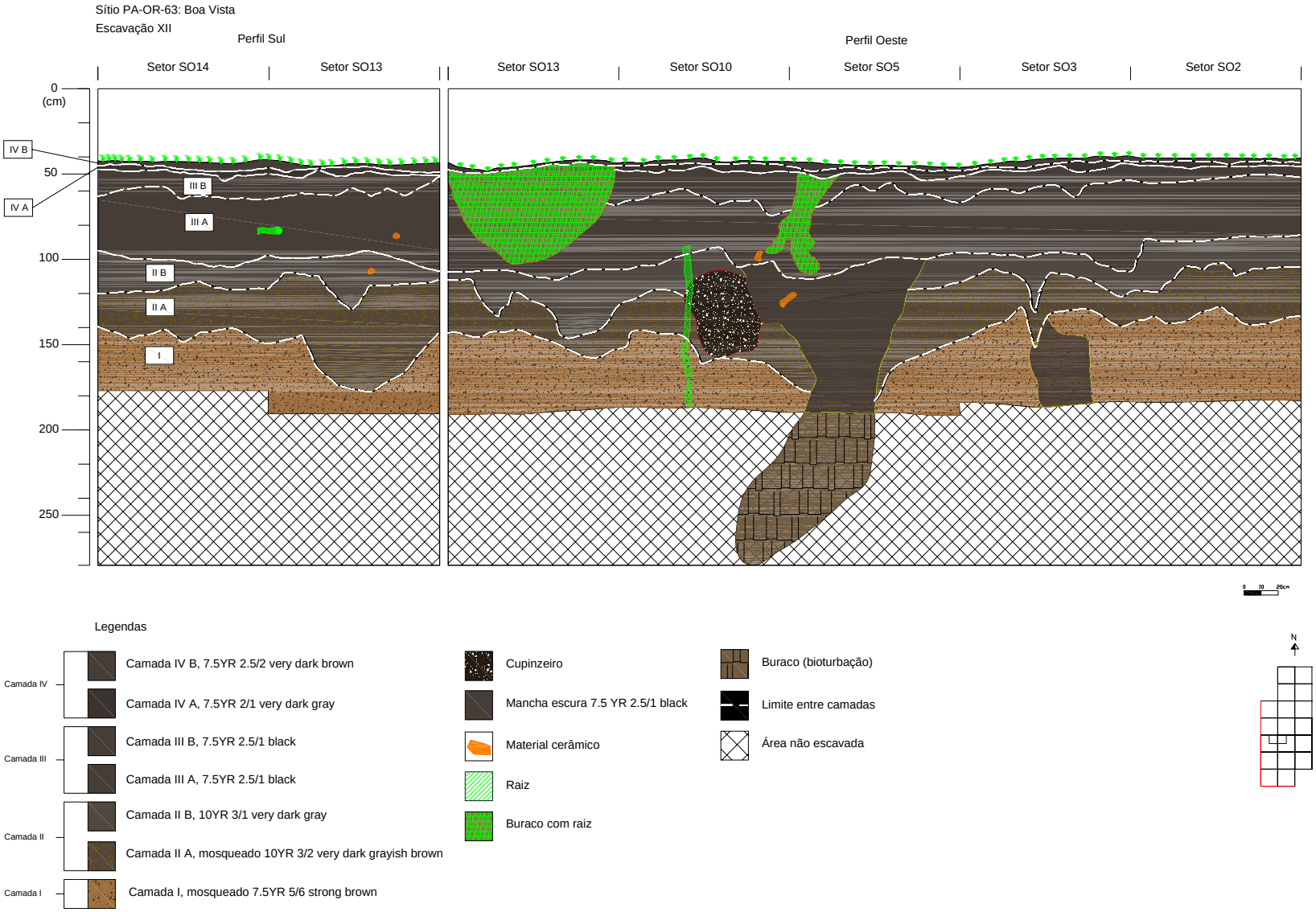


Figura 37 – Perfil das paredes sul e oeste da escavação XII.

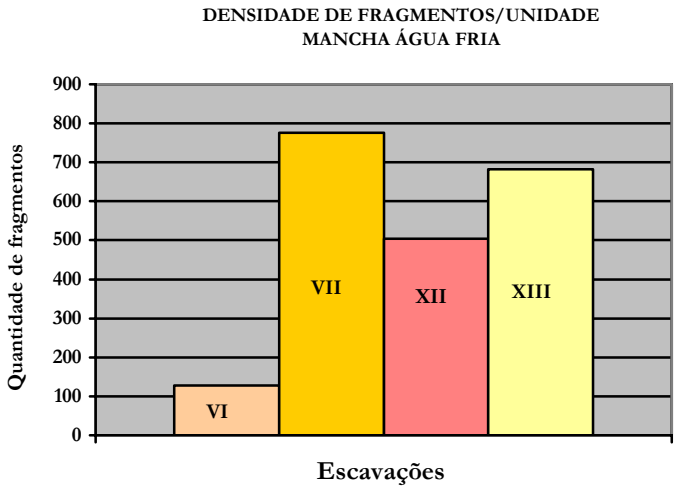


Gráfico 17 – O gráfico apresenta a densidade do material cerâmico por unidades (1x1m) nas escavações da Mancha Água Fria

A profundidade e a densidade dos vestígios arqueológicos encontrados nas escavações da mancha Água Fria sugerem houve uma maior concentração de material em uma faixa que se estende grosseiramente de SW para NE no centro da referida mancha. A escavação VI que fica ao norte dessa faixa foi a que apresentou menor profundidade e densidade. Essa tendência do solo mais escuro restrita a uma pequena faixa confirma o que havia se configurado durante o levantamento do sítio através das tradagens.

Nas quatro escavações da mancha Água Fria foram coletados 18181 fragmentos de cerâmica que representa 46,89 % do total de cacos do sítio Boa Vista. Aqui da mesma forma que na mancha Boa Vista, a predominância é do ***cauixi*** que aparece em todas as escavações variando entre 46,62 a 68,75%. Do mesmo modo o ***caripé*** é, o segundo mais popular, variando entre 13,30 a 34, 87, sendo que nas escavações XII e XIII, o seu percentual é maior que a metade do cauixi. ***Caco moído*** e as misturas ***cauixi+caripé*** e ***cauixi+caco moído*** ocorrem em todas as escavações e apresentam percentuais entre 2,30 a 11,46%. Da mesma forma, a mistura ***caco moído+caripé*** está em todas as escavações, porém em percentuais menores que variam entre 0,64 a 2,40%. ***Rocha triturada***, embora presente em todas as escavações, ocorre sempre em percentuais muito baixos que variam de 0,04 a 0,78%. ***Carvão***, ***areia*** e ***caripé+carvão*** foram encontrados em apenas três escavações, em percentuais 0,04 a 3,40%. As misturas ***caco moído+carvão*** e ***cauixi+carvão*** ocorrem em duas escavações com percentuais variando de 0,02 a 1,03%. A mistura caco ***moído+cauixi+caripé*** foi encontrada em apenas uma escavação com percentual de 1,41%.

Da mesma maneira que na mancha Boa Vista, os percentuais de ocorrência dos aditivos na mancha Água Fria demonstram ser o cauixi o mais popular. Igualmente o caripé ocupa o segundo, porém aqui seu uso foi mais intenso, pois o percentual é mais da metade do uso do cauixi. Em seguida, estão a mistura de cauixi+caripé e caco moído, porém essas tem um freqüência muito mais baixa que o caripé, fazendo o "degrau" mais acentuado do gráfico. A partir daqui o escalonamento é mais suave, sendo os terceiros em uso cauixi+caco moído, caco moído+caripé e carvão. Os outros seis aditivos apresentaram freqüência abaixo de 2%.

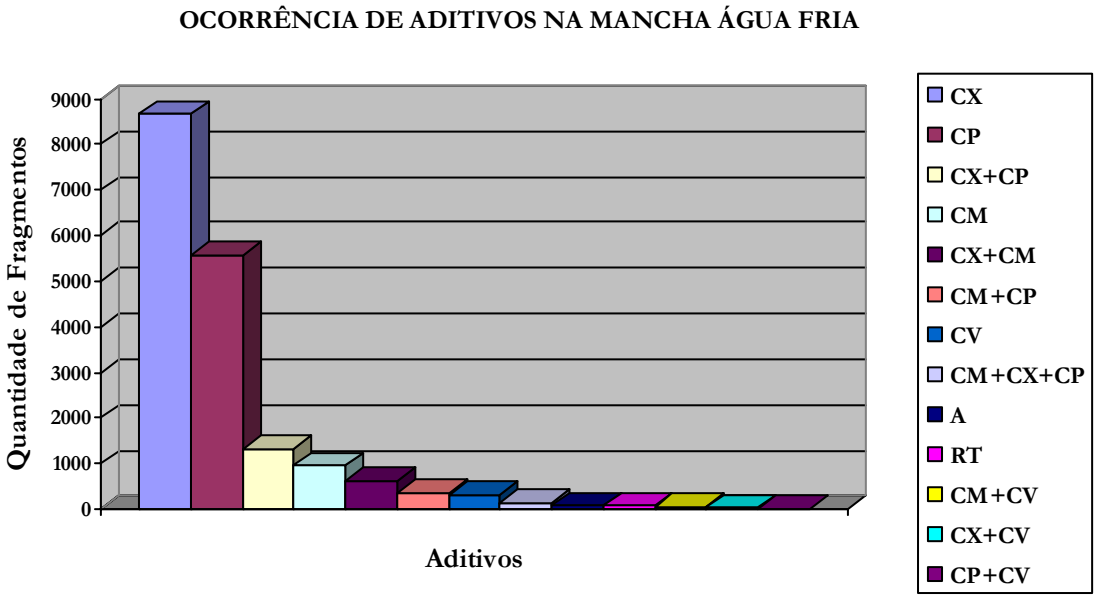


Gráfico 18 – Ocorrência de aditivos na cerâmica encontrada na mancha Água Fria.

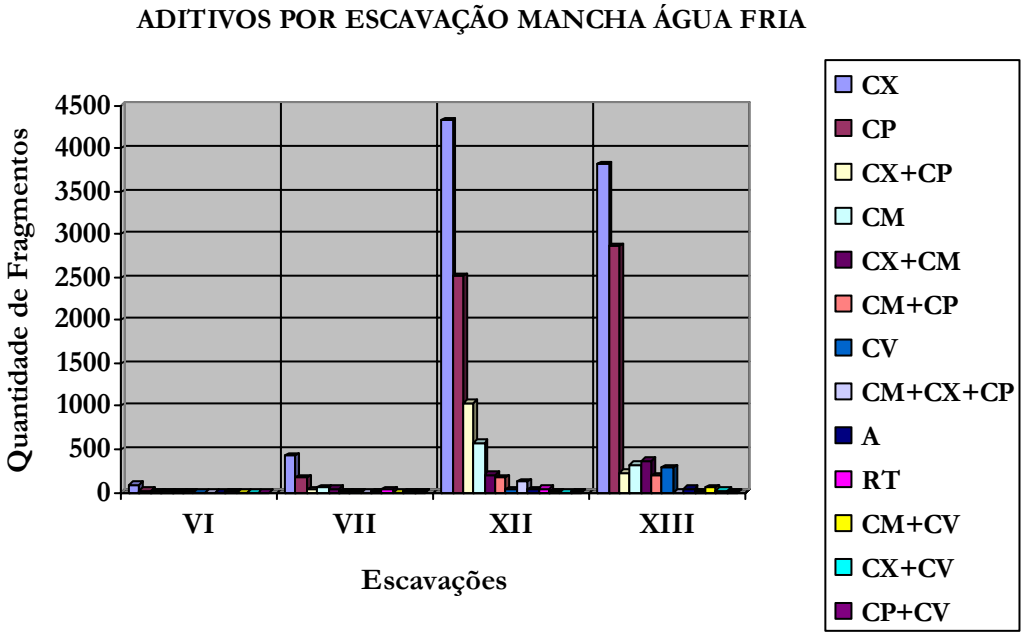


Gráfico19- Aditivos da cerâmica encontrado nas escavações da mancha Água Fria.

Na mancha Água Fria foram analisados 18181 fragmentos, sendo que 15882 eram de cerâmica sem tratamento de superfície o que representa 87,35% e 2299 de cerâmica com tratamento de superfície representando 12,65%. Apesar do baixo percentual de tratamentos de superfície a variedade de tipos é grande, foram classificados 45 tipos. Entre os tratamentos plásticos os mais expressivos, quantitativamente, são: o *inciso* (3,01%), o *raspado* (0,31%), o *modelado inciso* (0,19%), o *modelado* (0,13%), o inciso *ponteado* (0,12%), o *ponteado* (0,09%). O percentual elevado do *marcado-com-esteira* (2,21%) chama atenção. Este tratamento ocorre exclusivamente em bases planas de pratos ou assadores de mandioca. Segundo Machado (2005) as esteiras eram usadas por ser necessário suporte de grande tamanho para manufaturar esses objetos. Dessa maneira, forrariam o chão com folhas ou esteiras sobre as quais seriam produzidos os assadores. A presença do *modelado-inciso-ponteado,* decoração mais característica da cerâmica Konduri apresenta percentuais muito baixos (0,03%).

Os tratamentos pintados, por sua vez, incluem também um grande número de tipos, entre os quais, os que apresentam maiores percentuais são: o *engobo branco* (1,58%), o *vermelho* (1,43%), o *vermelha-sobre-branco* (1,23%), e ainda o *laranja-sobre-branco* (0,42%). As decorações plásticas aparecem tanto isoladamente, quanto em associação com decorações pintadas, e vice-versa. Assim, aparecem os tipos *vermelho inciso* (0,42%), o *inciso vermelho e amarelo* (0,08%) e *inciso amarelo* (0,05%), entre outros.

Na escavação XII foi constatada a existência de estruturas com fragmentos de cerâmica, material lítico e carvão . Essas estruturas estão concentradas na camada estratigráfica identificada como IA. O solo desta camada é de coloração matizada, mais claro que o da camada IB. Na camada IB foi constatada também a presença de cerâmicas com decorações diferentes da cerâmica tipicamente Konduri, como, por exemplo, a pintura laranja-avermelhada sobre engobo branco. Essa decoração está relacionada a cerâmica Pocó.

Figura 38 – Mancha de solo escuro na escavação XII contendo material lítico e cerâmico relacionado a ocupação Pocó.

c) Análise do material arqueológico da escavação XII

A escavação XII foi selecionada para fazer uma análise dos tipos de decoração em relação as camadas (tabelas 18, 19, 20) por ser a maior área escavada do sítio e pelo tipo e quantidade de vestígios encontrados (cerâmica, lítico e carvões). Nessa escavação, a maior concentração de material ocorre nas camadas I e II, sendo a II a que apresenta maior quantidade de fragmentos cerâmicos e variação de decoração. Em todas as camadas o percentual de fragmentos "não decorados" e com acabamento polido predominam representando de 81 a 89 % do total. Na camada I, as decorações que mais ocorrem são o vermelho sobre branco, inciso, marcado com esteira, engobo vermelho, engobo branco, inciso pintado e modelado inciso. Os fragmentos de vermelho sobre branco mostram pintura com excelente acabamento com motivos retilíneos ou formados por triângulos ou uma composição de pequenos quadrados brancos e vermelhos. Duas bordas de vasilhas de contorno complexo permitiram a reconstuição dessas formas (Tabela 25). Entre os incisos há presença marcante de linhas curvas e associação com pinturas amarelas e vermelhas. Os engobos vermelhos apresentam uma grossa camada de pintura em diversos tons. O caripé foi o aditivo mais usado seguido de perto pelo cauixi e juntos representam mais de 70% da amostra. Caco moído e cauixi+caripé tem também uso marcante representando juntos mais de 20%.

Na camada II há maior ocorrência de inciso, engobo branco, engobo vermelho, vermelho sobre branco e marcado com esteira em percentuais que variam de 2,48 a 1, 51%. O modelado inciso e modelado aparecem em com percentual entre 0,13 a 0, 11%. O aditivo que predomina é o cauixi em mais de 50% da amostra, seguido do caripé com um pouco mais de 20%. Na camada III, a superfície a quantidade de material é menor há maior quantidade de fragmentos incisos e ponteados.

A análise do material lítico também apresentou diferenças tecnológicas entre os níveis inferiores e os superiores da escavação XII. Enquanto nas camadas mais antigas observa-se principalmente uma indústria realizada em seixos debitados sobre bigornas e uma preferência por matérias-primas tais como o arenito e o quartzito e mais raramente o silexito; nas camadas superiores, observa-se uma indústria baseada principalmente na debitagem - percussão direta a mão livre ou percussão sobre bigorna - de pequenas lascas em blocos ou seixos de silexito, que serão utilizadas brutas de debitagem, mais raramente retocadas.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE	AREIA	CACO	CP	CV	CX	CX+CP	CX+ CM	CM+CP	CM+ CV	CM+CX+C P	RT	TOTAL
ND	14	279	1201	11	916	254	42	31	1	13	7	2769
ND POLIDO	1	11	14	0	9	13	0	3	0	0	0	51
VERM S BRANCO	0	35	19	0	65	7	25	4	1	1	0	157
MARC COM EST	0	2	22	0	89	14	1	1	0	1	0	130
INCISO	0	11	42	0	28	22	3	12	0	0	5	123
ENGOBO VERMELHO	1	6	39	0	18	18	5	3	0	1	0	91
ENGOBO BRANCO	0	18	4	7	7	2	15	2	0	1	0	56
INCISO PINTADO	0	1	17	0	1	5	1	9	0	5	0	39
MODELADO INCISO	0	0	0	0	1	16	0	2	0	1	0	20
RASPADO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	0	14
MODELADO	0	1	3	0	1	0	0	1	0	0	0	6
ESCOVADO	0	0	3	0	1	1	0	0	0	0	0	5
ENTALHADO	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	3
EXCISO	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3
DIGITUNGULADO	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
SERRUNGULADO	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2
EXCISO PINTADO	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
MOD INCISO PONT	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
UNGULADO	0	0	0	00	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	16	366	1366	18	1143	352	93	69	2	37	12	3474

Tabela 18 – Tipos de tratamento de superfície e de aditivo da cerâmica encontrados na camada I da escavação XII.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE	AREIA	CACO	CP	CP+CV	CV	CX	CX+CP	CX+CM	CM+ CP	CM+ CX+ CP	RT	TOTAL
ND	13	174	1028	2	11	2737	552	68	51	61	9	4706
ND POLIDO	0	1	1	0	0	9	3	0	4	0	0	18
INCISO	1	3	21	0	0	51	33	5	9	7	1	131
ENGOBO BRANCO	0	4	10	0	4	60	10	19	5	2	0	114
ENGOBO VERMELHO	0	5	10	0	1	19	35	2	6	2	0	80
VERM S BRANC	0	4	8	0	3	25	15	16	8	1	0	80
MARCADO C EST	0	1	6	0	0	43	10	1	0	2	0	63
INCISO PINTADO	0	0	4	0	0	8	14	1	5	1	0	33
RASPADO	0	0	0	0	0	0	2	0	9	10	0	21
MODELADO INCISO	0	0	0	0	0	4	0	0	1	1	1	7
MODELADO	1	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	6
PONTEADO	0	0	0	0	0	5	1	0	0	0		6
UNGULADO	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	6
INCISO PONTEADO	0	0	1	0	0	2	1	0	0	0	0	4
PONT ARRASTADO	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		2
DIGITUNGULADO	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
ENTALHADO	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
ESCOVADO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
EXCISO	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
MOD INC PONT	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
SERRUNGULADO	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL GERAL	15	192	1089	2	19	2977	678	113	98	89	11	5283

Tabela 19 – Tipos de tratamento de superfície e de aditivo da cerâmica encontrados na camada II da escavação XII.

TRATAMENTO DE SUPERFICIE	AREIA	CM	CP	CX	CX+CP	CX+CM	CM+CP	CM+CX+CP	RT	TOTAL
ND	3	11	60	195	10	1	1	1	20	**302**
ENGOBO BRANCO	0	2	0	0	0	0	0	0	0	**2**
INCISO	0	0	0	4	0	0	0	0	0	**4**
INCISO PONTEADO	0	0	0	2	0	0	0	0	0	**2**
MARCADO COM ESTEIRA	0	0	0	2	0	0	0	0	0	**2**
MODELADO ENTALHADO	0	0	0	1	0	0	0	0	0	**1**
PONTEADO	0	0	1	3	0	0	0	0	0	**4**
TOTAL	3	13	61	207	10	1	1	1	20	**317**

Tabela 20 – Tipos de tratamento de superfície e de aditivo da cerâmica encontrados na camada III da escavação XII.

SÍTIO BOA VISTA
Escavação XII

Figura 39 - Fragmentos cerâmicos da escavação XII do sítio Boa Vista relacionado ao estilo Pocó: ***a)*** fragmento de borda inciso exciso vermelho. ***b)*** fragmento de borda polida com pintura vermelha sobre branco. ***c)*** fragmento de borda com pintura vermelha sobre branco.

SÍTIO BOA VISTA
Escavação XII

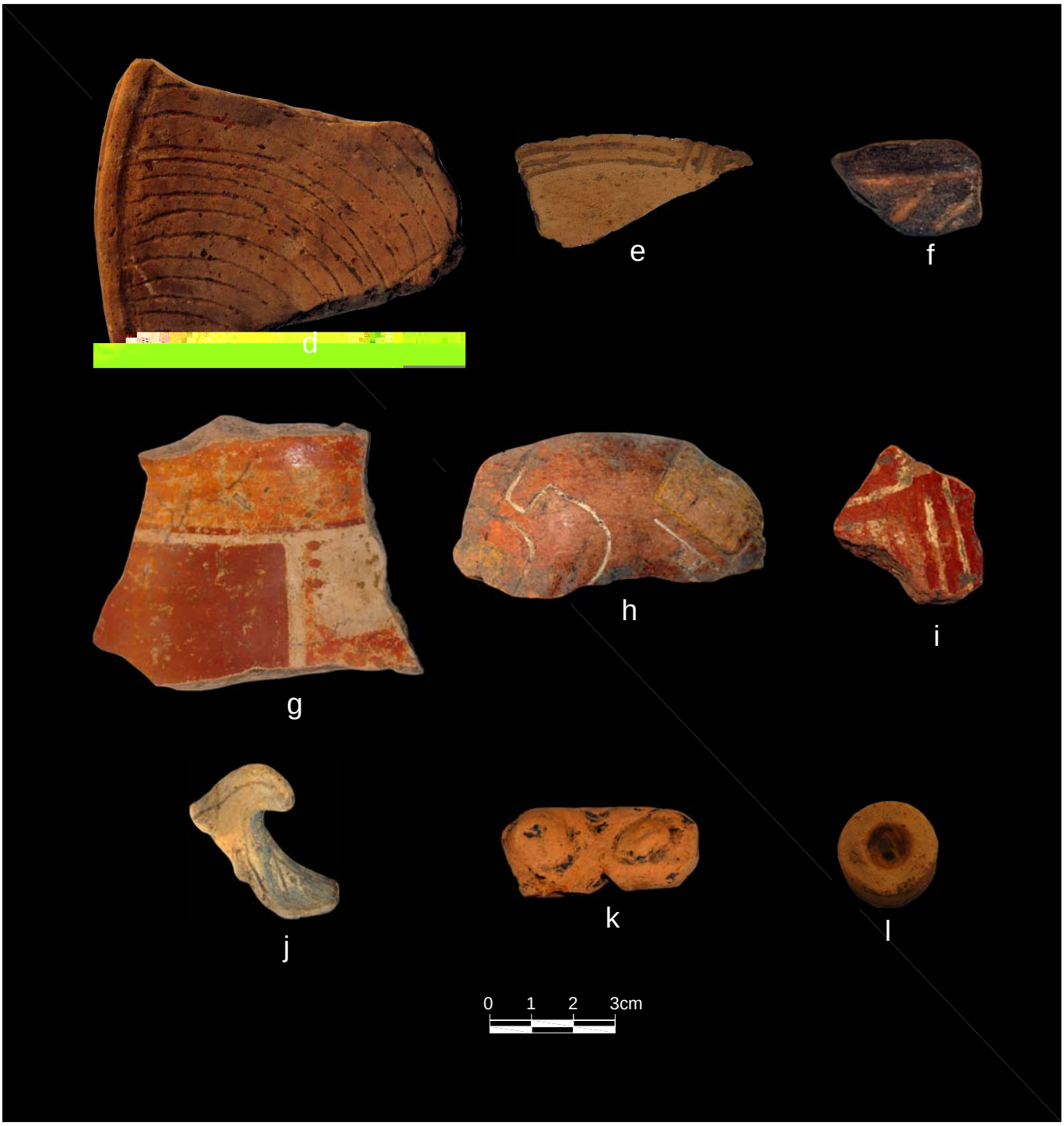


Figura 40 - Fragmentos cerâmicos da escavação XII do sítio Boa Vista relacionado ao estilo Pocó: ***a)*** fragmento de borda inciso exciso vermelho; ***b)*** fragmento de borda polida com pintura vermelha sobre branco. ***c)*** fragmento de borda com pintura vermelha sobre branco.

SÍTIO BOA VISTA
Escavação XIII

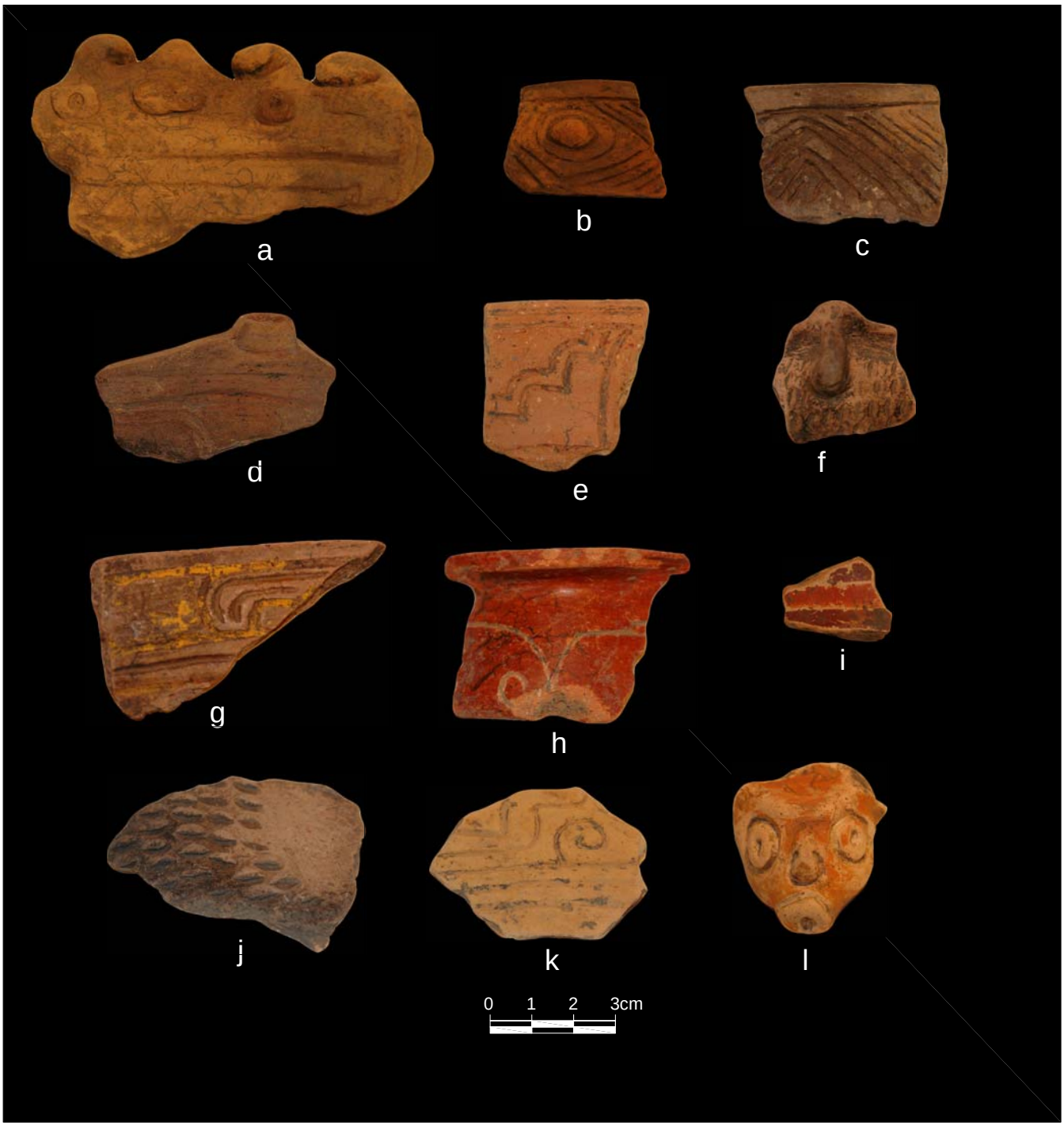


Figura 41- Fragmentos cerâmicos da escavação XIII do sítio Boa Vista relacionados ao estilo Pocó e Konduri.
POCÓ: ***d)*** borda modelada incisa; ***e)*** borda incisa; ***g)*** borda incisa vermelha amarela; ***h)*** borda vermelha incisa polida; ***i)*** corpo vermelho s/ branco; ***k)*** corpo inciso.
KONDURI: ***a)*** borda modelada incisa ponteada; ***b)*** borda inciso ponteada; ***c)*** borda incisa; ***f)*** borda modelada ungulada; ***j)*** corpo ungulado; ***l)*** adorno antropomorfo modelado ponteado.

SÍTIO BOA VISTA
Superfície

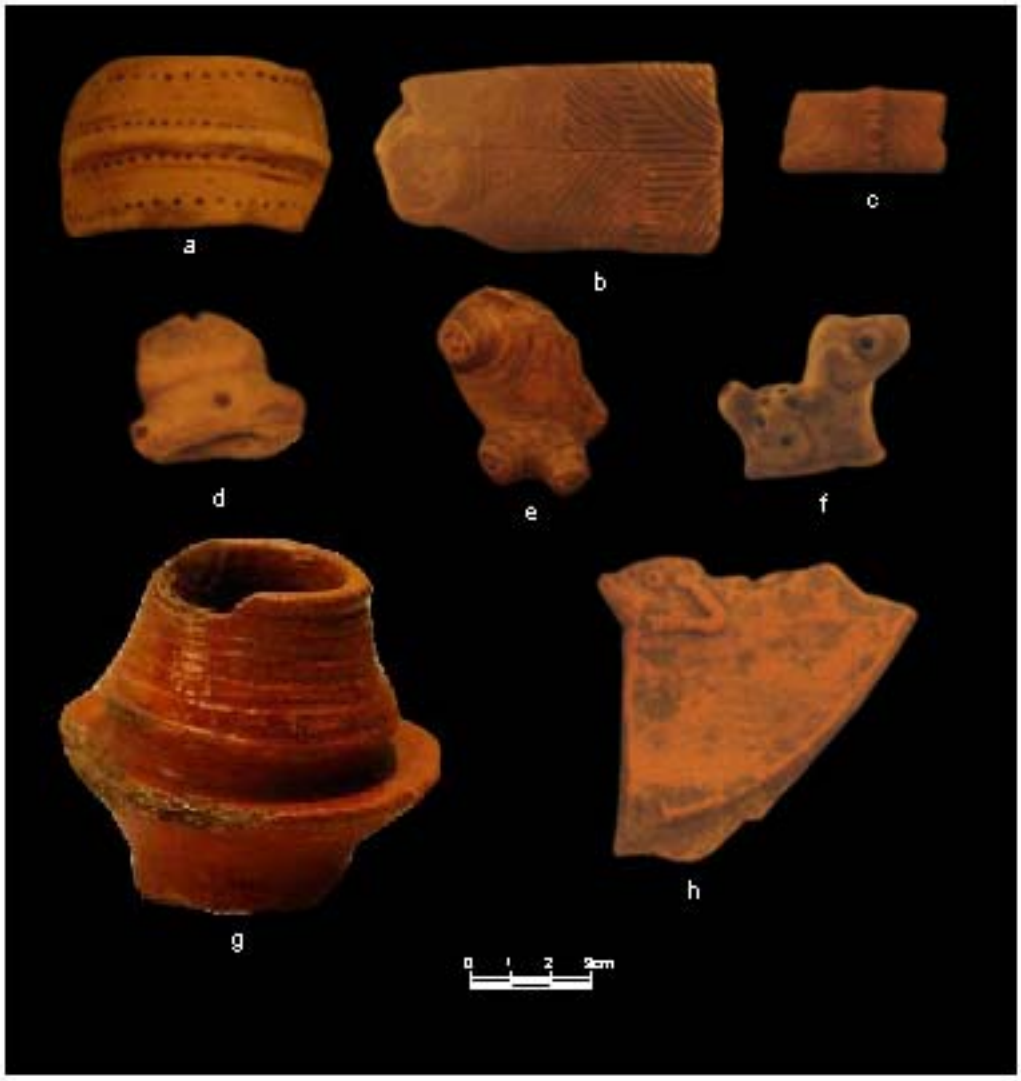


Figura 42 - Fragmentos cerâmicos do sítio Boa Vista relacionado ao estilo Konduri. ***a)*** alça inciso ponteado; ***b)*** alça inciso entalhada; ***c)*** alça incisa; ***d)*** adorno modelado ponteado; ***e)*** adorno modelado inciso ponteado;***f)*** adorno modelado inciso ponteado; ***g)*** gargalo modelado inciso; ***h)*** borda modelado inciso ponteado.

SÍTIO BOA VISTA
Superfície

Figura 43 - Fragmentos cerâmicos do sítio Boa Vista relacionado ao estilo Konduri: ***i,j, k,l)*** adornos modelados zoomorfos; ***m)*** adorno modelado antropomorfo.

SÍTIO BOA VISTA
Superfície

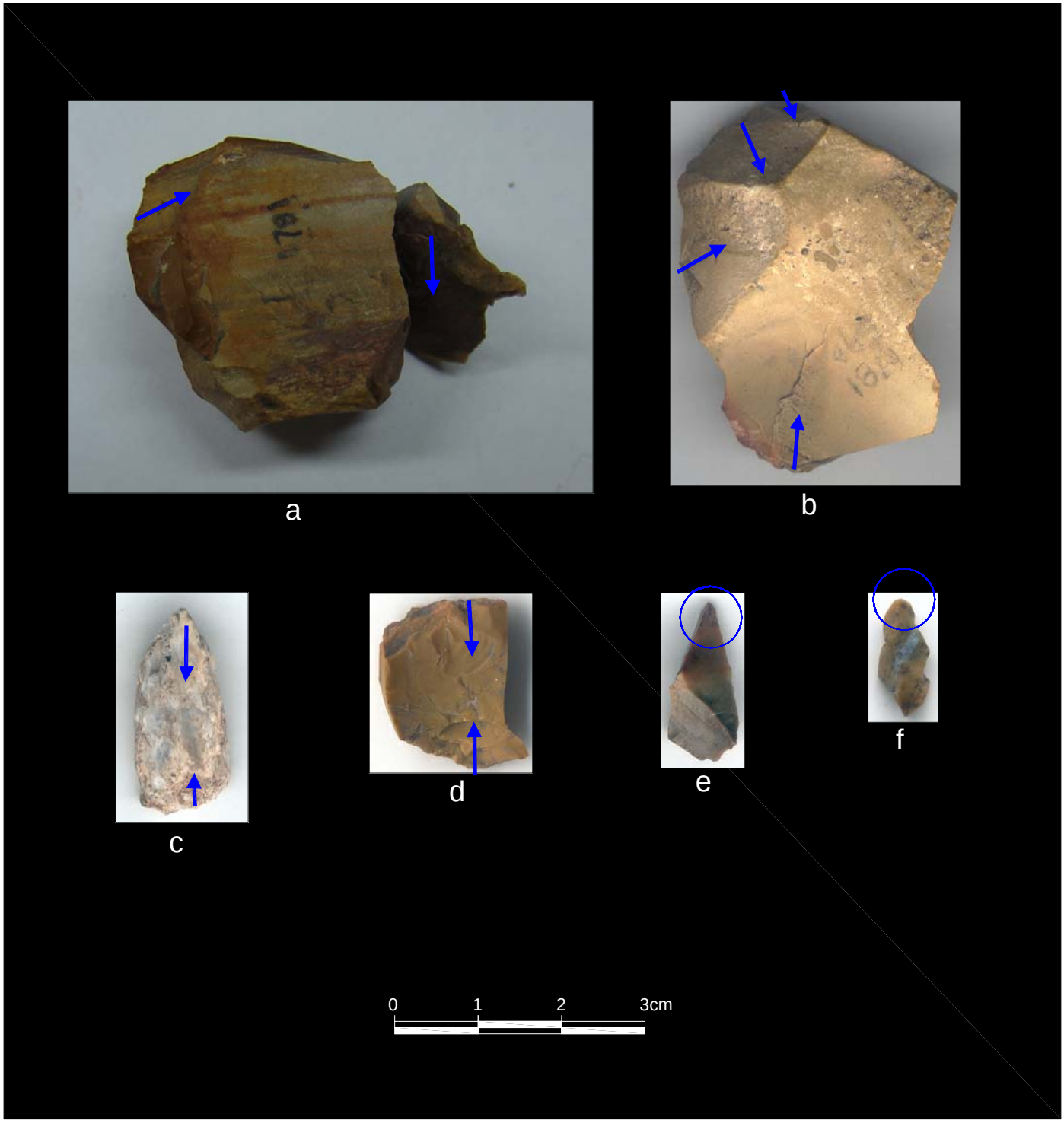


Figura 44 - Descrição do material lítico do sítio Boa Vista relacionado com a ocupação Konduri: ***a)*** núcleo debitado por percussão direta dura, remontado com lasca; ***b)*** núcleo com negativos de retiradas provenientes de várias direções; ***c)*** Lasca resultante de percussão direta sobre bigorna; ***d)*** instrumento sobre lasca, utilizado bruto de debitagem; ***e)*** instrumento sobre lasca, muito provavelmente utilizado como furador (presença de macro-traços de utilização nas extremidades); ***f)*** instrumento com macro-traços (dentes de ralador ?).

SÍTIO BOA VISTA
Escavação 12

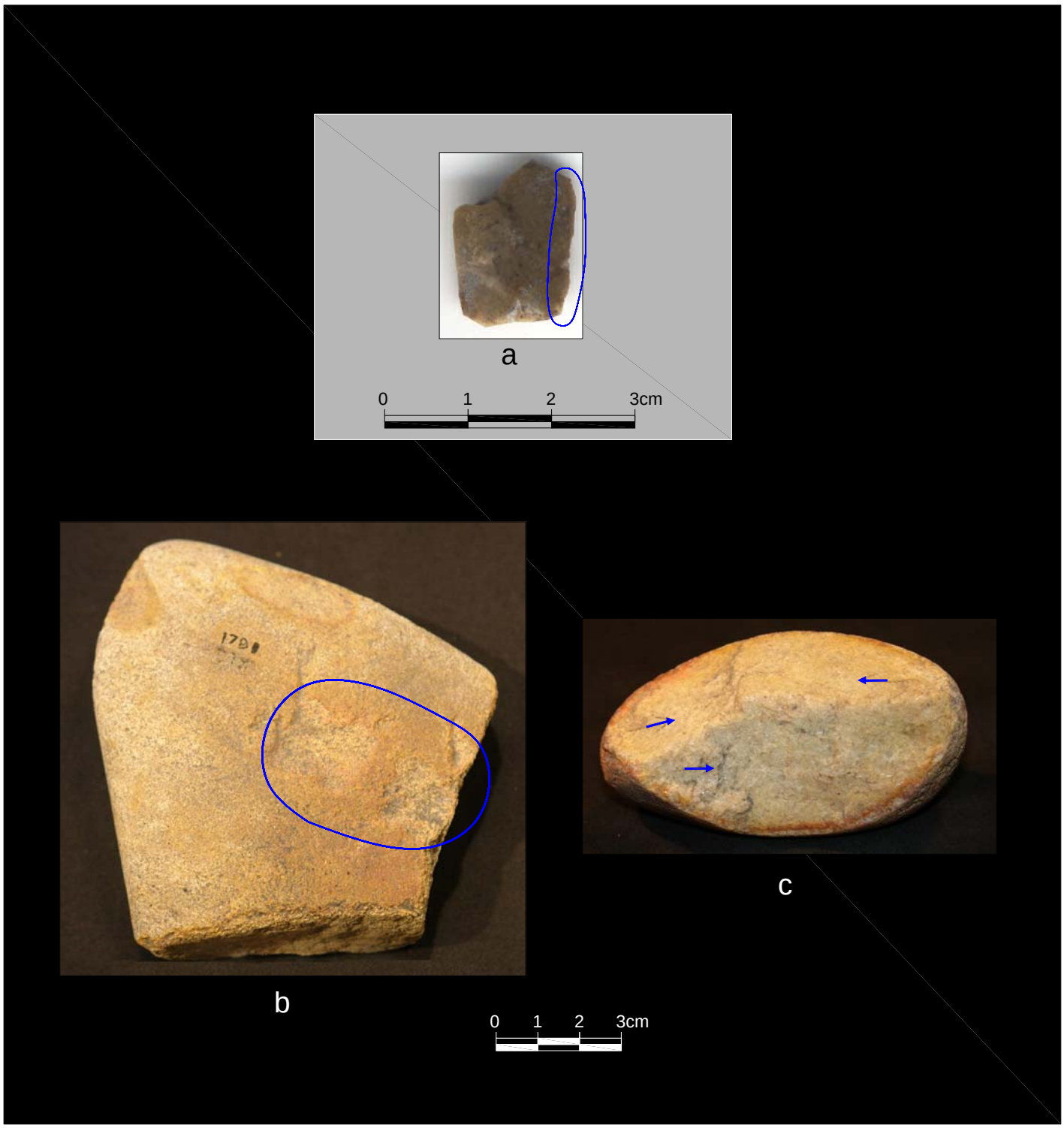


Figura 45 - Descrição do material lítico do sítio Boa Vista relacionado com a ocupação Pocó: instrumentos realizados sobre silexito, arenito e quartzo; **a)** lasca debitada sobre bigorna muito provavelmente utilizada bruta de debitagem; **b)** bigorna com marcas de utilização; **c)** seixo debitado sobre bigorna.

Ainda com relação ao material cerâmico, houve um aspecto que levantou questionamento. O material cerâmico depositado no acervo do Museu Goeldi por Peter Hilbert, na década de 1950, proveniente de suas pesquisas na região do baixo Trombetas/Nhamundá é quantitativamente expressivo e qualitativamente característico no que se refere aos motivos decorativos. Há uma profusão de elementos típicos da cerâmica Konduri, como a decoração incisa ponteada, os adornos biomorfos e os suportes cônicos de bases trípodes. Em vista disso, a expectativa era que durante as escavações sistemáticas realizadas, ocorresse grande quantidade de material arqueológico com as características acima mencionadas. Porém, o que ocorreu foi que a densidade de material na camada de ocupação apresentou-se relativamente baixa, como também a presença dos elementos decorativos tipicamente Konduri não foi tão abundante. Como explicar, então, a amostra deixada por Peter Hilbert no acervo do Museu Goeldi? Provavelmente ocorreu, naquela época, situação semelhante a que aconteceu durante a pesquisa de campo realizada no período aqui tratado. Conforme registrado em relatórios diversos moradores locais doaram um grande número de objetos cerâmicos, principalmente adornos biomorfos, que foram coletados aleatoriamente em praticamente toda a área do sítio. Esses objetos, juntamente com outros fragmentos, deviam encontrar-se expostos na superfície em decorrência do revolvimento da terra para plantio ou da erosão pluvial. A grande extensão da área do sítio, comparada com os poucos metros quadrados das escavações realizadas, naturalmente permitiu reunir uma grande quantidade de objetos, dando a impressão de uma densidade de material muito maior do que aquela constatada através das escavações. A ocupação Konduri resultou na formação de camada arqueológica ampla, porém não muito profunda e sua maior concentração de vestígios está mais próxima da superfície em solo de terra preta. Isso explicaria o seu afloramento em decorrência das atividades agrícolas. Enquanto a cerâmica Pocó estaria nas camadas mais profundas em solo anterior a formação da terra preta.

As datas obtidas para o sítio Boa Vista estão de acordo com as apresentadas por Hilbert & Hilbert (1980), exceto por duas amostras (232413 e 232417) que são muito antigas se comparadas as outras e por isso não foram consideradas. As três primeiras datas correspondem a parte superior da estratigrafia e apresentam–se compatíveis com o estilo Konduri datando de 1020 a 1450 A.D. A partir de 60cm de profundidade as datas tornam-se mais antigas. Nas camadas mais profundas, ou seja, a partir dos 60 cm, há uma seqüência quase contínua que vai de 360 BC a 380 A.D., que são datas compatíveis para o Estilo Pocó.

Nº BETA	PROFUND.	DATAÇÃO Radiocarbônica Não Calibrada	DATAÇÃO Radiocarbônica Calibrada	DATAÇÃO Calibrada em AD ou BC
190280	26cm	630+/-100 BP	730 a 500 BP	1220 a 1450 A.D.
190277	28cm	850+/-80 BP	930 a 660 BP	1020 a 1290 A.D.
190278	41cm	610+/-40 BP	660 a 540 BP	1290 a 1420 A.D.
190279	41cm	610+/-40 BP	660 a 540 BP	1290 a 1420 A.D.
231419	58cm	1700+/-40 BP	1720 a 1540 BP	230 a 410 AD
232420	70cm	2000+/-50 BP	2100 a 2090 BP 2060 a 1860 BP	150 a 140 BC 110 BC a 90 AD
232421	80cm	1870+/-40 BP	1890 a 1710 BP	60 a 240 AD
232413	90cm	4180+/-70 BP	4860 a 4520 BP	2910 a 2570 BC
231422	102cm	1990+/-70 BP	2120 a 1810 BP	170 BC a 140 AD
232414	111cm	1900+/-60 BP	1980 a 1710 BP	30 BC a 240 AD
232415	114cm	1910+/-70	2000 a 1700 BP	50 BC a 250 AD
231416	123cm	1770+/-40 BP	1810 a 1570 BP	140 a 380 AD
232417	130cm	7230+/-50 BP	8170 a 7960 BP	6220 a 6010 BC
232423	136cm	2120+/-60 BP	2310 a 1940 BP	360 BC a 10 AD
232418	138cm	1850+/-70 BP	1940 a 1610 BP	10 a 340 AD
			2060 a 1860 BP	110 BC a 90 AD
232424	142cm	2100+/-40 BP	2290 a 2280 BP 2150 a 1980 BP	340 a 330 AD 200 a 30 BC

Tabela 21 - Datações radiocarbônicas do sítio Boa Vista.

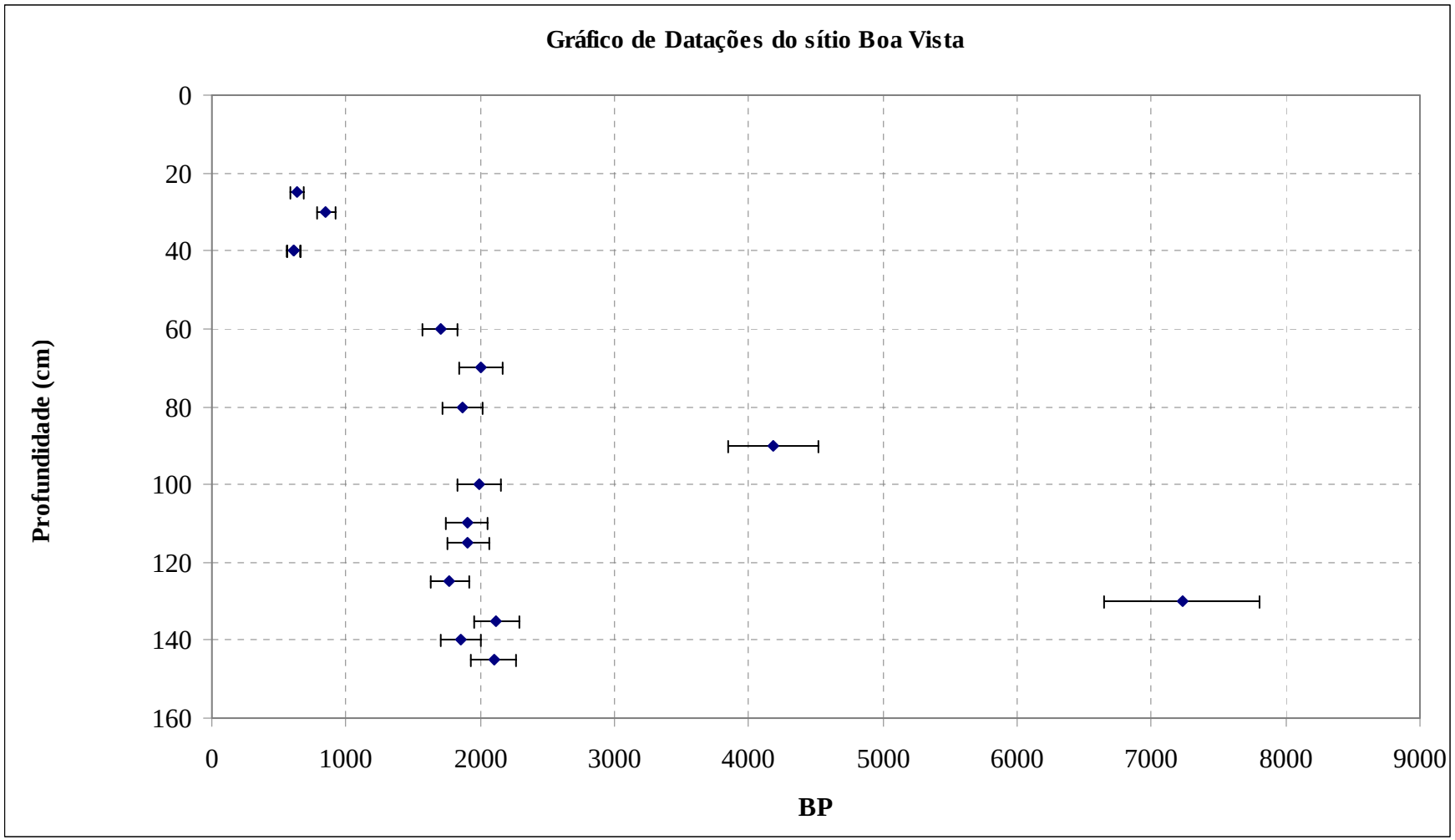


Gráfico de Datações do sítio Boa Vista
Profundidade (cm)
0
20
40
60
80
100
120
140
160
0
1000
2000
3000
4000
5000
6000
7000
8000
9000
BP

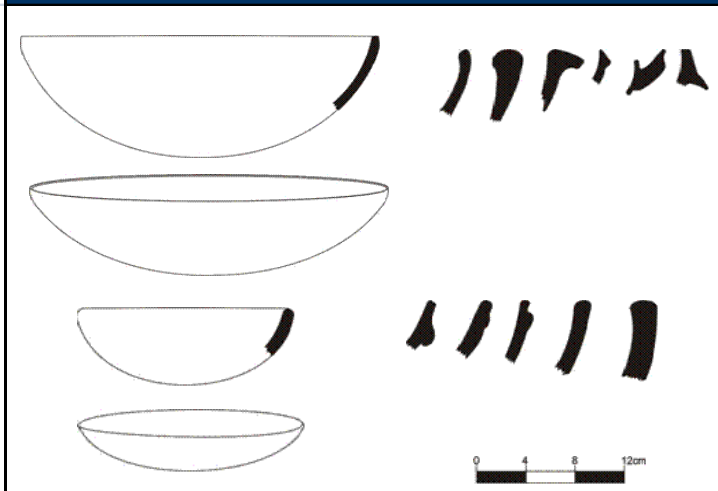
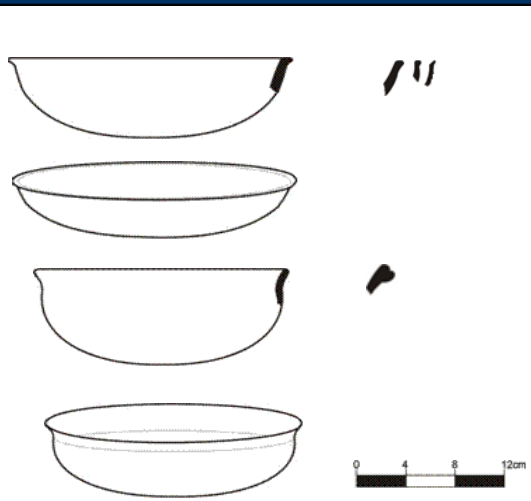
	FORMA 1	FORMA 2
		
Diâmetro da boca	16 a 40 cm	20 a 30 cm
Espessura da parede	5 a 20 mm	5 a 10 mm
Tratamento de superficie	Além de exemplares sem decoração foram encontradas vasilhas com pintura vermelha sobre branco, amarelo, padrões incisos, acanalado e roletes digitados	Decoração incisa, rolete entalhado e engobo branco.
Aditivo	Cauixi, rocha triturada, caco moido	Cauixi, caco moido
Volume	A capacidade volumétrica varia de 300 ml a 8 litros	A capacidade volumétrica varia de 300 ml a 6 litros.
Descrição	Vasilha com boca aberta, contorno simples, corpo esférico; a borda pode ser direta, reforçada externamente ou expandida, lábio plano ou redondo, base arredondada. A altura é menor que a metade do diâmetro máximo que corresponde à abertura da boca.	Vasilha com boca aberta, contorno simples ou infletido, corpo elipsoidal, borda reforçada internamente ou extrovertida, lábio plano, redondo ou apontado, base arredondada ou plana. A altura é menor que a metade do diâmetro máximo que corresponde a sua abe

Tabela 22 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

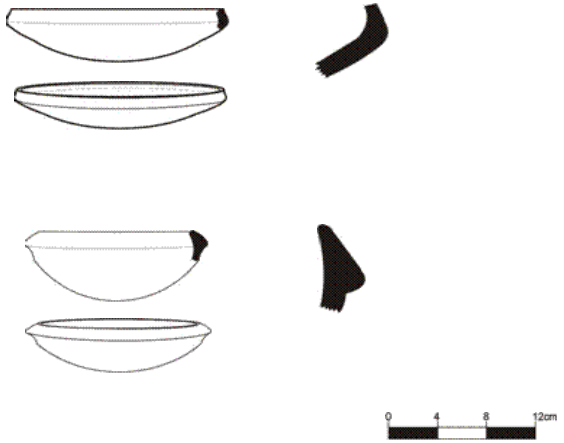
	FORMA 3	FORMA 4
		
Diâmetro da boca	16 a 26 cm	16 e 26 cm
Espessura da parede	6 a 10 mm	4 a 10 mm
Tratamento de superficie	Podem ocorrer vasilhas com decoração vermelha, incisões e roletes com entalhes junto borda.	Decoração incisa, entalhada e ponteado.
Aditivo	Cauixi	Cauixi, rocha triturada
Volume	A capacidade volumétrica fica entre 2,5 a 7,2 litros	A capacidade volumétrica fica entre 400 ml a 3,5 litros
Descrição	Vasilha de boca fechada, contorno infletido ou simples, corpo esférico ou elipsoidal, borda reforçada internamente reforçada externamente ou extrovertida, lábio redondo ou plano, base arredondada. Sua altura é menor que o diâmetro máximo.	Vasilha de boca fechada, contorno simples ou composto, borda contraída, lábio plano ou redondo, corpo elipsoidal, base arredondada. A altura é menor que o maior diâmetro.

Tabela 23 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

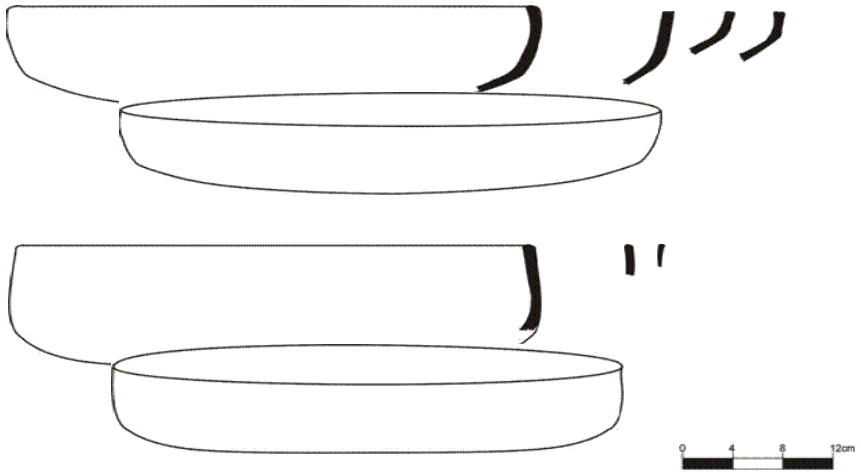
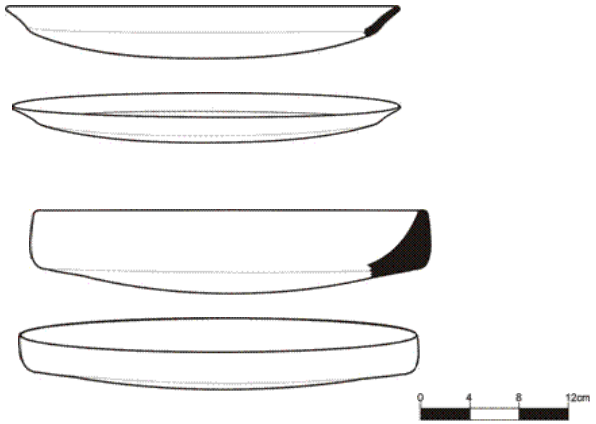
	FORMA 5	FORMA 6
		
Diâmetro da boca	22 a 42 cm	12 e 32 cm
Espessura da parede	5 a 12 mm	4 a 10 mm
Tratamento de superficie	A maioria dos exemplares apresentou marca de esteira na base, ocorreu ainda vermelho sobre branco, vermelho e incisão.	Decoração incisa e pintura amarela sobre vermelho.
Aditivo	Cauixi	Cauixi
Volume	A capacidade volumétrica de 1,8 a 14 litros.	Capacidade volumétrica de 200 ml a 2,3 litros.
Descrição	Vasilha com boca aberta, contorno simples ou composto, corpo em forma de meia elipse, borda direta e/ou expandida, lábio plano, base plana. Altura da vasilha menor que o diâmetro máximo que corresponde à boca.	Vasilha aberta, contorno composto, corpo elipsóide, borda direta ou inclinada externamente, lábio redondo. Sua altura é menor que o maior diâmetro que corresponde a boca.

Tabela 24 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

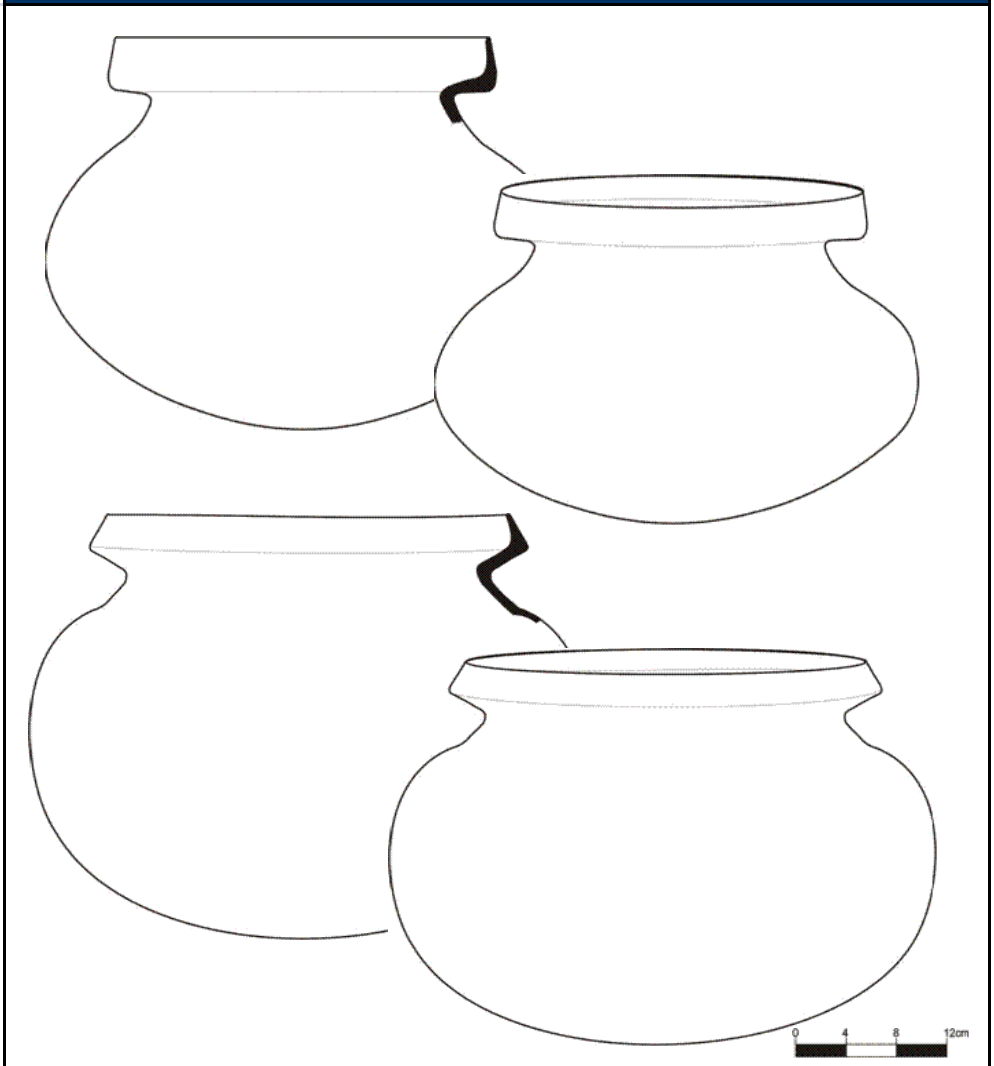
	FORMA 7
	
Diâmetro da boca	30 e 32 cm
Espessura da parede	9 a 10 mm
Tratamento de superficie	A decoração é pintada em tons de vermelho sobre o engobo branco. Os motivos são faixas retilíneas ou formadas por triângulos cobrindo a borda; uma faixa vermelha entre a borda e o pescoço ou começo do bojo e o bojo vermelho.
Aditivo	Cauixi + caco moido
Volume	A capacidade volumétrica fica entre 21 e 33 ,5 litros.
Descrição	Vasilha de boca fechada, contorno complexo, pescoço constrito, forma do corpo esférica ou elíptica, borda cambada, lábio plano, base possivelmente arredondada ou anelar. A altura da vasilha é menor que o diâmetro máximo.

Tabela 25 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

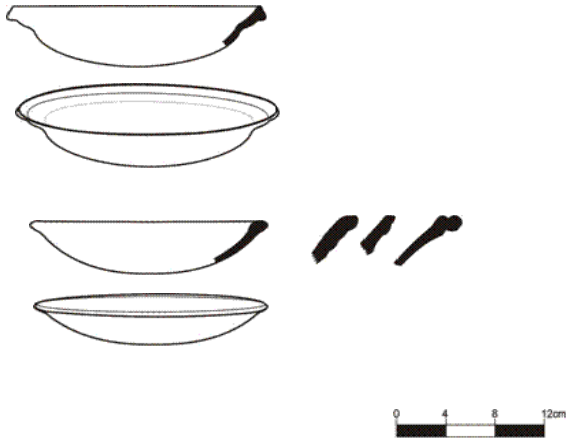
	FORMA 8	FORMA 9
		
Diâmetro da boca	10 e 22 cm	16 a 42 cm
Espessura da parede	6 a 10 mm	4 a 10 mm
Tratamento de superficie	As decorações plásticas localizam-se na parte externa da borda.	Decoração: modelado inciso ponteado e acanalado.
Aditivo	Cauixi	Cauixi, caco moido
Volume	A capacidade volumétrica varia de 100 ml a 1,5 litros.	A capacidade volumétrica varia de 900 ml a 1,5 litros.
Descrição	Vasilha aberta, contorno infletido, corpo elipsóide, borda extrovertida, lábio plano ou redondo, base plana. Altura menor que o maior diâmetro. Decorações: incisões, entalhes, excisões e pinturas vermelham e amarela.	Vasilha com boca aberta, contorno infletido, corpo elipsoidal; a borda pode ser inclinada externamente e/ou expandida, lábio plano ou redondo, base arredondada. A altura é menor que maior diâmetro máximo que corresponde à abertura da boca.

Tabela 26 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

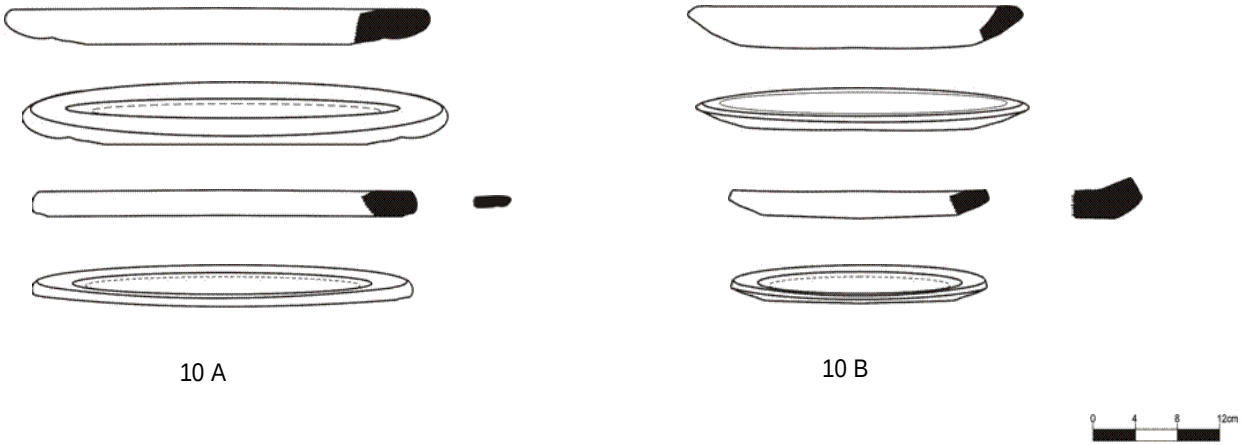
	FORMA 10
	
Diâmetro da boca	20 a 40 cm
Espessura da parede	13 a 23 mm
Tratamento de superficie	É comum ter as bordas decoradas com incisões.
Aditivo	Cauixi, cauixi + areia
Descrição	Vasilha de formato circular, base plana, borda horizontal, lábio redondo ou plano. Esta forma apresenta duas variações uma mais rasa (9A) e uma mais profunda (9B).

Tabela 27 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

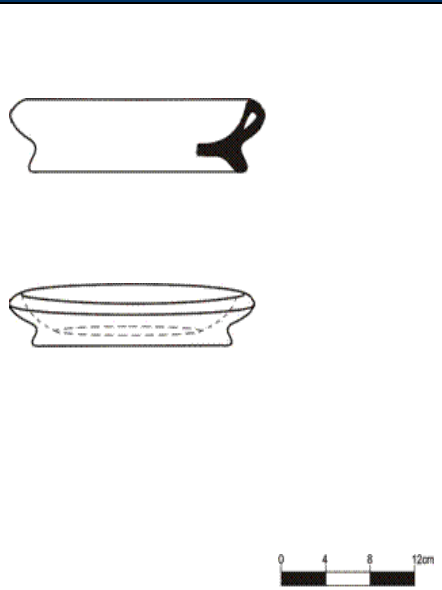
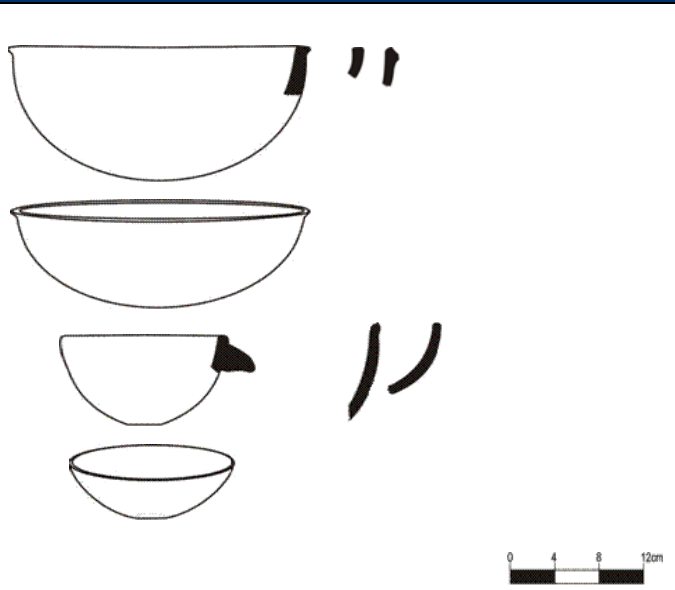
	FORMA 11	FORMA 12
		
Diâmetro da boca	18 cm	12 a 24 cm
Espessura da parede	8 mm	5 a 8 mm
Tratamento de superficie	Decoração modelada ponteado vermelho.	Decoração: pintura vermelha, modelado inciso ponteado e incisão.
Aditivo	Cauixi	Cauixi, rocha triturada
Volume	Volume 500 ml	A capacidade volumétrica foi inferida entre 300 ml a 3,2 litros.
Descrição	Vasilha de forma aberta, contorno infletido, corpo elipsoidal, borda inclinada externamente e oca base anelar.	Vasilha de boca aberta, contorno simples, corpo elipsoidal, borda direta, lábio plano ou redondo, base arredondada ou plana. Sua altura é maior ou igual à metade do diâmetro máximo.

Tabela 28 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

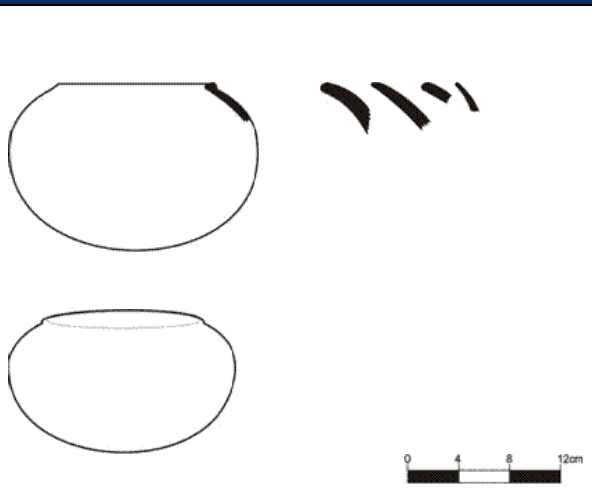
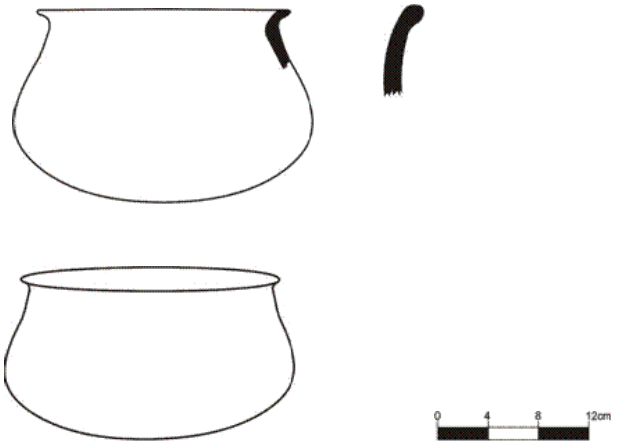
	FORMA 13	FORMA 14
		
Diâmetro da boca	12 e 21 cm	22 e 35 cm
Espessura da parede	3 a 7 mm	10 a 14 mm
Tratamento de superficie	Decorada com uma fileira de ponteados no entorno da borda, quase sempre acompanhado por uma incisão. Eventualmente, essa composição de ponteados e linha incisa é acompanhada de um rolete, que algumas vezes se estende até o bojo. Em poucos exemplares foram	Decorada no bojo, logo abaixo do pescoço, com incisões cruzadas.
Aditivo	Cauixi, cariapé	Cauixi + caco moido, rocha triturada
Volume	Capacidade volumétrica de 200 ml a 4 litros.	Capacidade volumétrica entre 3,8 e 19 litros.
Descrição	Vasilha de boca fechada, corpo esférico, contorno simples, borda inclinada internamente, lábio redondo, plano ou biselado, base plana. A altura da vasilha é maior que a metade do diâmetro máximo.Diâmetro máximo entre 9 e 24 cm.	Vasilha de boca fechada, contorno infletido, corpo esférico, borda extrovertida ou reforçada externamente formando um pescoço marcado, base arredondada ou plana. A altura é maior que a metade do diâmetro máximo do bojo.

Tabela 29 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

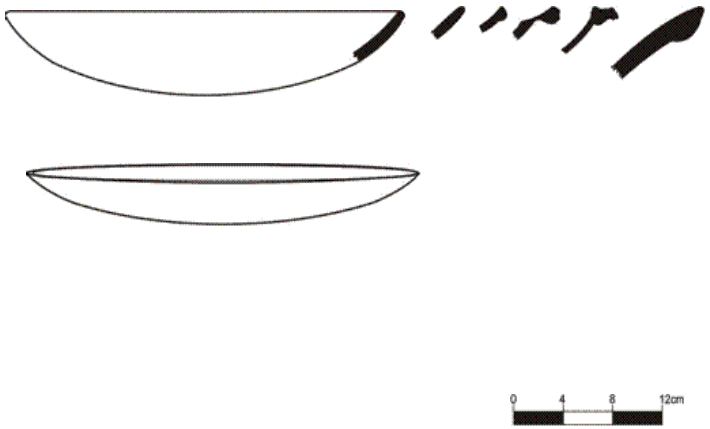
	FORMA 15	FORMA 16
		
Diâmetro da boca	14 a 24 cm	20 a 56 cm
Espessura da parede	3 a 7 mm	5 a 14 mm
Tratamento de superficie	É decorada com incisões finas e profundas localizadas na parte externa da borda e na parte superior do colo. As incisões compõem um padrão de V, que Hilbert chamou de “espinha de peixe”. Algumas vasilhas, associado ao padrão espinha de peixe apresentam b	Além de exemplares sem decoração foram encontradas vasilhas com, padrões incisos, acanalado e roletes digitados.
Aditivo	Rocha triturada	Cauixi, cariapé
Volume	A capacidade volumétrica varia de 1,4 a 7 litros.	A capacidade volumétrica varia de 700 ml a 13 litros.
Descrição	Vasilha de boca fechada, contorno infletido, corpo elipsóide, lábio plano, redondo ou biselado, borda direta, introvertida ou reforçada externamente apresentando um estreitamento entre o final da borda e o começo do bojo,base plana ou arredondada. A altu	Vasilha com boca aberta, contorno simples ou infletido, corpo elipsoidal; a borda pode ser direta, inclinada externamente, expandida, lábio plano ou redondo, base arredondada. A altura é menor que 1/4 do diâmetro máximo que corresponde à abertura da boca.

Tabela 30 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

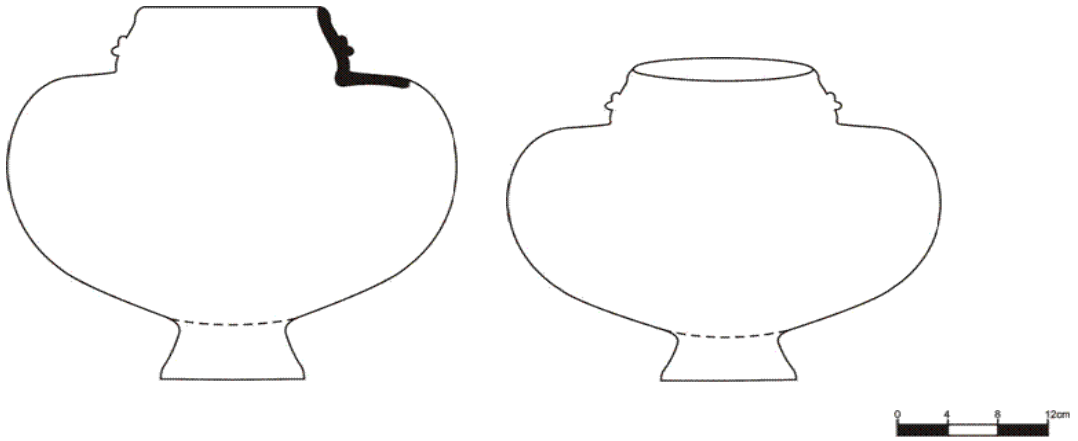
	FORMA 17
	
Diâmetro da boca	12 cm
Espessura da parede	9 mm
Tratamento de superficie	Modelado inciso ponteado
Aditivo	Cauixi
Volume	A capacidade volumétrica é de 16,68 litros
Descrição	Vaso com boca fechada e contorno complexo constituído por três partes. A primeira composta por um gargalo. A segunda composta por um corpo de formato esférico e com inflexão. E a terceira provavelmente composta por uma base de forma anelar. A altura é mai

Tabela 31 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

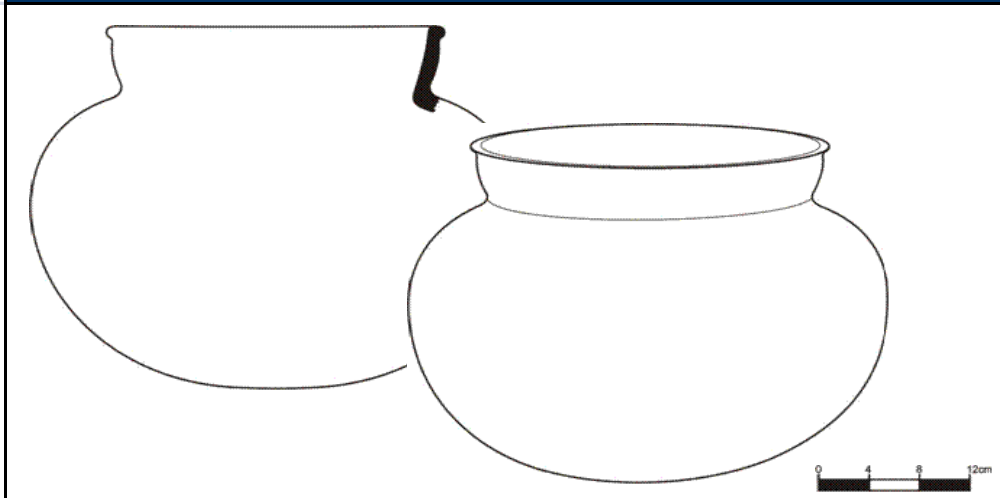
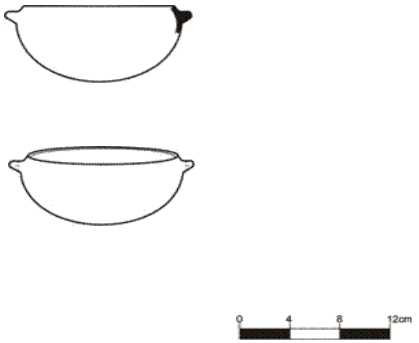
	FORMA 18	FORMA 19
		
Diâmetro da boca	24 cm	12 cm
Espessura da parede	11 mm	4 mm
Tratamento de superficie	Entalhado	Não decorado
Aditivo	Cauixi	Cauixi
Volume	A capacidade volumétrica fica entre 17,28 litros	A capacidade volumétrica fica entre 590 ml
Descrição	Vaso com boca fechada, contorno infletido, corpo esférico; a borda pode ser direta, reforçada externamente, lábio plano, base arredondada. A altura é maior que o diâmetro máximo do bojo.	Vasilha com boca aberta, contorno simples, corpo esférico; a borda pode ser inclinada internamente, lábio plano, ocorrência de alças e base arredondada ou plana. A altura é menor que o diâmetro máximo do bojo.

Tabela 32 – Formas de vasilhas do sítio Boa Vista.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada para essa tese, ainda que no âmbito da arqueologia de contrato, teve como objetivo estudar os sítios da região de Porto Trombetas, tanto da área de interflúvio como nas margens de rios e lagos, a fim de verificar se estes apresentam características indicadoras de complexidade social como informado para regiões contíguas. Tais características seriam as presenças de cerâmica elaborada, de artefatos líticos elaborados, a existência de assentamentos com grandes dimensões e densidade de material arqueológico.

As investigações realizadas constataram a existência de pelo menos três categorias de sítios. Duas delas relacionadas a assentamentos sedentários e uma a assentamentos temporários. Os sedentários foram identificados em dois ambientes: no ribeirinho e no interflúvio. Os ribeirinhos ou lacustres apresentam grandes extensões de terra preta e maior densidade de material, o que indica serem sedentários; os de interflúvio com terra preta, porém menores que os ribeirinhos; e os de interflúvio sem ocorrência de terra preta. Nos três tipos foram identificados vestígios lito-cerâmicos nas primeiras camadas associados a ocupação Konduri, o que foi confirmado pelas datações radiocarbônicas. Isso indica que esses grupos exploraram e dominaram a região de Porto Trombetas do século X ao século XV, fazendo usos diferentes para o ambiente de interflúvio e a zona ribeirinha. A ocupação mais antiga, Pocó foi identificada apenas na área ribeirinha, do século II a.C. a IV d.C.

Os sítios da zona interflúvio estão no ambiente de terras baixas, que é a zona de transição entre os platôs e a zona ribeirinha e que se caracterizam por apresentar elevações suaves e nascentes de igarapés. Os sítios estão quase sempre localizados no topo de pequenas elevações aplainadas, próximas a pequenos igarapés ou nascentes com uma média de 30.000 m². Bela Cruz I, Bela Cruz II, o Teófilo e Greig I são exemplos dos sítios temporários formados por com baixa densidade de material, distribuição dos vestígios em áreas isoladas e dispersas, profundidade de no máximo 50 cm em relação à superfície, com espessura até 30 cm e ausência de terra preta. Esses sítios podem ser explicados como acampamentos destinados a captação de recursos das populações ribeirinhas. Os fragmentos decorados encontrados nos sítios Bela Cruz I e II são típicos do estilo Konduri. Mesmo que a maioria dos fragmentos encontrados nesses sítios não apresente decoração, o que estaria de acordo com o esperado em relação a acampamentos, a presença de alguns fragmentos com decorações elaboradas leva a pensar que as atividades nesses locais poderiam ser também relacionadas a alguma atividade especial. A recente descoberta de um sítio localizado no topo do platô Greig com características similares

sugere que os sítios temporários nas áreas de interflúvio poderiam ser utilizados não só para captação de recursos, mas também para outras atividades, talvez de cunho ritualístico.

Os sítios Aviso I, II, III e Almeidas são exemplos de assentamentos permanentes localizados na zona de interflúvio sugerido pela profundidade da camada e presença de terra preta, o que sugere sedentarismo. Esses sítios se comparados com os sítios das margens do rio Trombetas e lagos tem dimensões menores, menor quantidade de material arqueológico e o solo têm coloração mais clara o que pode indicar que os sítios do interflúvio tinham menor densidade populacional ou menor tempo de duração. As datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Aviso I não ajudaram a esclarecer o período de ocupação desse sítio. Será necessário obter novas amostras desse sítio e de outros para resolver essa questão. Enquanto isso, a data de 550±40 AP parece ser a mais adequada se relacionada com as características do material cerâmico e lítico com a cerâmica e se confrontada com outras datas disponíveis para a região.

No ambiente ribeirinho, as escavações realizadas no sítio Boa Vista localizado as margens do rio Trombetas, demonstraram que o sítio era composto por duas áreas de terra preta, Na mancha Água Fria as escavações alcançaram profundidades de mais de 1 metro em relação à superfície. Nessas áreas foram identificadas a ocorrência das duas cerâmicas Pocó e Konduri e datas seqüenciais obtidas para o sítio confirmaram essas ocupações.

A análise do material cerâmico e lítico do sítio Boa Vista apresenta características compatíveis para cada uma das ocupações – Konduri e Pocó – o que se confirma com as datações. No entanto, essa diferenciação que é clara em termos de datação e das características do material, não o é em termos de estratigrafia. A mudança entre as duas ocupações é imperceptível a olho nu, visto que a camada de terra preta se apresenta contínua desde a superfície até cerca de 60 cm de profundidade. A partir daí o solo começa a ficar mosqueado, porém em algumas áreas a terra preta permanece formando bolsões onde ocorre a cerâmica tipicamente Pocó.

Assim, cada vez mais os resultados das pesquisas tendem a confirmar a hipótese levantadas anteriormente sobre a existência de dois contextos cerâmicos para a região. Ao que parece que os elementos diagnósticos da Fase Pocó estão mais presentes na mancha Água Fria Se esses dois contextos cerâmicos, que parecem se delinear com razoável clareza, correspondem, efetivamente, a duas ocupações distintas, ou se eles resultam de um processo de mudanças culturais ao longo de uma mesma ocupação, isso é uma questão, entre tantas outras, a ser ainda estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ACEVEDO, Rosa, CASTRO, Edna. *Negros do Trombetas. Guardiães de matas e rios.* Belém. Cejup/UFPa./NAEA, 2ª edição, revista e ampliada, 1998.

ACUÑA, Christobal. Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. In: *Descobrimento do rio das Amazonas*. (Brasiliana série 2º, Vol. 203). São Paulo, Cia.ed. Nacional, 1941.

ARAÚJO COSTA, Fernanda de; KALKMANN, Ana Lúcia; COSTA NETO, Antônio Nery da; KERN, Dirse. *Salvamento Arqueológico na Região de Porto Trombetas (PA).* Primeiro Relatório Preliminar. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito 1985.

BALÉE, William. Cultura na Vegetação da Amazônia Brasileira. In: NEVES, W. A. (Org.) *Biologia e Cultura Humana na Amazônia: Avaliação e Perspectivas*. (Coleção Eduardo Galvão), Belém, MPEG, 1989.

BARBOSA DE FARIA, João. A cerâmica da tribo Uaboí dos rios Trombetas e Jamundá. Contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do Baixo Amazonas. Ministério da Agricultura, CNPI. Publicação nº 89. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.

BARBOSA RODRIGUES, João. *Exploração e Estudo do Valle rio Amazonas*. Rio Tapajós. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional. 1875.

BARBOSA RODRIGUES, João. Ídolo Amazônico. Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, 19 de Agosto de 1875.

BARBOSA RODRIGUES, João. *Ídolo Amazônico achado no rio Amazonas. In: Exploração e Estudo do Valle rio Amazonas - Rio Tapajós*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional. 1875.

BARBOSA RODRIGUES, João. *O Muyrakitã e os Ídolos Symbólicos*. Vol 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899.

BARATA, Frederico. O muiraquitã e as "contas" dos Tapajó. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, (Nova Série, VIII), 1954.

BARBIERI, Ricardo. Colonização por vegetação de igapó de novos habitats formados pela sedimentação do rejeito de bauxita. IN: *Lago Batata: impacto e recuperação de um Ecossistema Amazônico.* Rio de Janeiro, IB-UFRJ/SBL, 2000.

BARRETO, Cristiana & MACHADO, Juliana. Exploring the Amazon, Explain the Unknown: Views from the Past. In: McEWAN, Colin, BARRETO, Cristiana & NEVES, Eduardo (eds). *Unknown Amazon*. London, British Museum Press, 2001. p. 232-251.

BETTENDORFF, J. Felipe. Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. (Tomo LXXII. Parte I). Rio de Janeiro, IHGB, 1909.

BETTENDORFF, J. Felipe. *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.* (Série Lendo o Pará 5). Belém, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BINFORD, L. R. *En busca del passado.* Barcelona, Editorial Crítica, 1988.

BRANDT MEIO AMBIENTE. *Relatório de Vistoria Técnica Morro do Papagaio*. Relatório. Belo Horizonte. Inédito. 1996.

_____. *Capacitação Técnica e Monitoramento de Ocorrências Arqueológicas*. Relatório. Belo Horizonte. Inédito. 1998a.

_____. *Monitoramento de Ocorrências Arqueológicas*. Relatório. Belo Horizonte. Outubro. 1998b.

_____. *Estudos de Impacto Ambiental – Implantação da Infra-estrutura de Acessos aos Platôs Almeidas e Aviso*. Relatório. Belo Horizonte, 2000.

BOOMERT, Arie. Gifts of the Amazon. "Green Stone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. Antropológica 67:33-54. 1987.

BOZELLI, Reinaldo L, ESTEVES, Francisco A e ROLAND, Fábio. *Lago Batata: impacto e recuperação de um Ecossistema Amazônico.* Rio de Janeiro, IB-UFRJ/SBL, 2000.

CARNEIRO, Robert L.. A theory of the origin of the state. *Science* 169: 733-738. 1970

_____. Our Father the Cayman, our Mother the Gourd: Spinden revisited, or a Unitary Model for Emergence of Agriculture in the New World. In: REED, C. (ed.). *Origins of Agriculture in the New World*. The Hague, Monton, 1977. P. 713-751.

_____. The cultivation of manioc among the Kuikuro of the upper Xingu. IN: *Adaptative responses of native Amazonians*. Edited by N.T. Vickers, pp. 65-111. Academic Press, New York. 1983.

_____. The History of ecological interpretations of Amazonia: does Roosevelt have it right? IN: *Indigenous peoples and the future of Amazonia*. Edited by L.E. Sponsel. PP. 45-70. The University of Arizona. Press, Tucson & London. 1995.

_____. A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos. In: *Revista de Arqueologia*/SAB. São Paulo, SAB, p. 177-154. 2007.

CASTRO, Fábio. & McGRATH, David. 2001. *O manejo comunitário de lagos na Amazônia*. Brasília, Parcerias Estratégicas 12, 2001. p. 112-126.

CARVAJAL, Gaspar de. Relação do Novo descobrimento do famoso rio Grande. In: *Descobrimento do rio das Amazonas*. (Brasiliana série 2º, Vol.203). São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1941.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Curitiba. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. *Manuais de Arqueologia* n°1. 1966.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Paranaguá, *Cadernos de Arqueologia*, Ano 1, n. 1. 1976.

COSTA et al. The ceramic artifacts in archaeological black earth (terra preta) from Lower Amazon region, Brazil: chemistry and geochemical evolution. In: Acta Amazônica, vol. 34 (3), p. 375-386. 2004a

COSTA et al. The ceramic artifacts in archaeological black earth (terra preta) from Lower Amazon region, Brazil: mineralogy. In: Acta Amazônica, vol. 34 (2), p. 165-178. 2004b.

COSTA NETO, Antônio Nery da; KERN, Dirse. *Salvamento Arqueológico na Região de Porto Trombetas (PA)*. Relatório da 2ª Etapa de campo. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito. 1985.

CRULS, Gastão. *Amazônia que eu vi. Òbidos-Tumucumaque*. 5ª edição. Brasília, Livraria José Olympio, Editora Rio de Janeiro e Instituto Nacional do Livro, 1973.

CRUZ, Laureano de la. *Nuevo descobrimento del rio de Marañon llamado de las amazonas hecho por la religion de San Francisco, año de 1651*. Madrid, Colonia de Dona Carlota, La Irradiación, 1900.

DANIEL, João Padre. Tesouro Descoberto no rio Amazonas. *Separata dos Anais do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 95, t.1, p. 57. 1976.

DENEVAN, William M. A Bluff Model of Riverine Settlement in Prehistoric Amazonian. In: *Annals of the Association of America Geographers*. Vol. 86, n°4, Association of America Geographers. Cambrigde, MA, Blackwell Published, 1996. p. 645-681.

DERBY, Orville A. O rio Trombetas. Trabalhos inéditos da Comissão Geológica do Brasil. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnologia*, tomo II, fasc. 1-4. Belém. 1897-98.

ERICKSON, C. Historical Ecology and future exploration. In: Amazonian *Dark earths Origin Properties Management.* Kluwer. Academic Publishers, Dordrescht, The Netherlands, p. 455-500. 2003.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil: Descobrindo o Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA PENNA, Domingos S. Apontamentos sobre os Ceramios do Pará. Rio de Janeiro, *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, 2, 1877. p. 47-67.

FONSECA Jr., João Aires Ataíde da. *História dos Ídolos de Pedra Amazônicos*. Monografia. Belém, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2004.

FONSECA Jr. João Aires Ataíde da. História dos Ídolos de Pedra Amazônicos In: *Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Arqueologia, Patrimônio e Turismo. Campo Grande, 2005. 04-08/09. 1 CD.

GOMES, Denise M. C. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da Coleção Tapajônica da Amazônia MAE-USP*. São Paulo, EDUSP/Imprensa Oficial, 2002.

GUAPINDAIA, Vera. *Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém. A coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Dissertação de Mestrado. Recife, Departamento de História, 1983.

_____. *Projeto de Salvamento Arqueológico em Porto Trombetas*. (Manusc. Inéd.). Belém, MPEG, 2000.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório de Prospecção Arqueológica nos Platôs Aviso e Almeidas*. (Manusc. Inéd. 15 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2002.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório de Análise do Material Arqueológico dos Sítios PA-OR-116: COTRA Aviso I, PA-OR-117: COTRA Aviso II, PA-OR-118:COTRA Aviso III e PA-OR-118:COTRA Almeidas*. (Manusc. Inéd. 37 f.). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2003.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório de Escavação do PA-OR-63: Sítio Boa Vista 1*. (Manusc. Inéd. 53 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2003.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório de Escavação do PA-OR-63: Sítio Boa Vista 2*. (Manusc. Inéd. 44 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2004.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório de Prospecção Arqueológica no platô Bela Cruz e Salvamento dos Sítios PA-OR-102: Bela Cruz I e PA-OR-120: Bela Cruz II*. (Manusc. Inéd. 25 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2005.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Daniel. *Relatório da Sétima e da Oitava Etapas de Campo: Escavações nos Sítios PA-OR-63: Boa Vista e PA-OR-70: Horta*. (Manusc. Inéd. 46 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2005.

GUAPINDAIA, Vera & LOPES, Paulo. *Prospecção Arqueológica no Platô Bacaba*. (Manusc. Inéd. 16 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2003.

GUAPINDAIA, Vera, MAGALHÃES, Marcos & LOPES, Paulo. *Relatório de Prospecção na Estrada Saracá-Oeste, Mina Saracá V*. (Manusc. Inéd. 12 f). Belém. MPEG/MRN/FIDESA, 2007.

GUAPINDAIA, Vera; PEREIRA, Edithe; SILVEIRA, Maura & LOPES, Daniel. *Relatório de Prospecção e Salvamento Arqueológico nos Platôs Saracá, Papagaio e Periquito e na Correia Transportadora Saracá/Aviso/Almeidas*. (Manusc. Inéd. 61f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2001.

HARTT, Charles F. Taperinha e os sítios dos moradores dos altos. In: Contribuições para Ethnologia do Valle do Amazonas. Rio de Janeiro. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. VI, 1885.

HAYDEN, B., Practical and Prestige Technologies: The evolution of material systems. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 5(1): 1-55. 1998.

HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana no longue duree. In: *Povos dos Alto Xingu: História e Cultura*. Bruna Franchetto e Michael Heckenberger (eds), pp. 21-62. Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.

_____. *The ecology of power – culture, place, and personhood in the southern Amazon*, A.D 1000-2000. Routledge New York and London. 2005.

HERIARTE, Mauricio. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas.* Vienna d'Austria, Carlos Gerold. 1874.

HILBERT, Klaus. *Relatório de viagem do Projeto de Salvamento Arqueológico na região de Porto Trombetas (PA)*. III Relatório. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito. 1988.

HILBERT, Klaus. *Salvamento arqueológico na região de Porto Trombetas (Pará).* Relatório. (Manusc. Inéd.) PUC/RS. 1990.

HILBERT, Peter Paul. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. Vol. 9. Belém, *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, 1955a.

_____. Tripods in Lower Amazon. In: Anais do XXXI *Congresso Internacional de Americanistas.* São Paulo, Departamento de Historia de América, Universidad de Sevilla, 1955b.

_____. Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas. vol. 10. Belém. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, 1959.

_____. Pottery from Cuminá river, Brazil and its Affiliations with the Koriabo Phase of Guiana. In: *Journal of Archaelogy and Anthropology*. Michigan, Museum of Anthropology, University of Michigan, 1982. 5. p. 74-81.

HILBERT, Peter Paul, HILBERT, Klaus. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. Belém, *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, (Nova série Antropologia), 1980.

IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – *Plano de Manejo da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará-Brasil***.** Curitiba. Dezembro de 2001.

KALKMAN, Ana Lúcia, COSTA NETO, Antônio Nery. *Salvamento Arqueológico na Região de Porto Trombetas (PA).* Relatório Técnico. Inédito. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1986.

KERN, Dirse. *Caracterização pedológica de solos com terra arqueológica na região de Oriximiná.* Porto Alegre. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.

KERN, Dirse, KAMPF, Nestor. O efeito de antigos assentamentos indígneas na formação de solos com Terra Preta Arqueológica na região de Oriximiná. *Revista Brasileira de Ciências do Solo*, 13, p.219-25. 1989.

LADISLAU NETTO. Investigações sobre Arqueologia Brasileira. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 6. 1885.

LATHRAP, Donald W. *O Alto Amazonas*. vol. 40 (Historia Mundi). Lisboa, Editora Verbo, 1975.

_____. Our Father the Cayman, our Mother the Gourd: Spinden revisited, or a Unitary Model for Emergence of Agriculture in the New World. In: REED, C. (ed.). *Origins of Agriculture in the New World*. The Hague, Monton 713-751. 1977.

LEHMANN, J. et al. (eds), *Amazonian Dark earths Origin Properties Management*. Kluwer. Academic Publishers, Dordrescht, The Netherlands, 2003

LIMA, Helena P., NEVES, Eduardo. G. & PETERSEN, James B. La Fase Açutuba: um Novo Complexo Cerâmico na Amazônia. In: *Arqueologia Sul-Americana*. Vol.2, nº1. Colômbia, World Archaeological Congress, Universidade del Cauca, 2006. 26-52.

LOPES, Daniel. *Salvamento Arqueológico em Porto Trombetas*. Relatório Técnico: Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito. 1981.

LOPES, Paulo R. do C. *Relatório da Prospecção nos Platôs Cipó e Teófilo e das Escavações do Sítio do Sítio Arqueológico PA-OR-121: Teófilo I.* (Manusc. Inéd. 47 f). Belém, MPEG/MRN/FADESP, 2005.

LOPES, Paulo R. do C. *Relatório da Prospecção Arqueológica nos Platôs Greig, Aramã e Monte Branco*. (Manusc. Inéd. 43 f). Belém, MPEG/MRN/FIDESA, 2006.

LOWIE, Robert. The Tropical Forest: an Introduction. In: Steward, J. (ed.) *Handbook of South American Indians*, vol 3. Washington, DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143, 1948. P. 1-56.

MACHADO, Christiane Lopes. Sítios Arqueológicos Registrados na Área da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará. In: *Ibama – Mineração Rio do Norte. Plano de manejo para uso múltiplo da Floresta Nacional de Saracá-Taquera*. (Manusc. Inéd. 21f). Belo Horizonte, STCP Engenharia de Projetos, 2001.

MACHADO, Juliana. *Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2005.

MEGGERS, Betty J. *Amazônia: a Ilusão de um Paraíso*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

_____. Desenvolvimento da arqueologia brasileira, 1935-1985: uma visão pessoal. In: CARVALHO, E. (Ed.). A pesquisa do passado: arqueologia no Brasil. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: IAB/UERJ, 1987.

_____. Reconstrução do Comportamento Locacional Pré-histórico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, (Nova Série Antropologia), vol. (6) 1990. p. 183-203.

_____. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin. In: VERANO, J. & UBELARKER, D. (ed). *Disease and Demography in the Americas*. Washington, D. C. Smithsonian Institution Press, 1992. P. 197-205.

_____. Judging the Future by Past: The Impact f Environmental Instability on Prehistoric Amazonian Populations. In: SPONSEL, Leslie (ed.). *Indigenous Peoples the Future of Amazonia: an Ecological Anthropology of an Endangered World*. Tucson, Arizona Press, 1995, p. 15-43.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C., An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

_____. *Lowland South América and the Antilles.* In: Jennings, J.D.(Ed.). *Ancient South Americans.* San Francisco: W.H.Freeman, 1983.

_____. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon.Washington, D.C, *Bureau of American Ethnology Bulletin* 167, 1957.

_____. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

_____. Lowland South America and Antilles. In: JENNINGS, J. San Francisco, ed. *Ancient South Americans*, W.H. Freedman, 1983. p. 287-335.

MIRANDA, Avelino F. Indicadores regionais do planalto do Bonito relacionada à implantação de grupos pré-históricos. In: *Arquivos do Museu de História Natural*. Vol. 6/7. Belo Horizonte, UFMG, 1981/82/83/84. p. 69-79.

MORÁN, Emilio F. A *Ecologia Humana das Populações da Amazônia*. (Coleção Ecologia & Ecosofia). Petrópolis, Editora Vozes, 1990.

MURRIETA, Rui. S.S. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na ilha de Ituqui, baixo-Amazonas, Pará. *Revista de Arqueologia* vol.41, n°1, p. 97-150. São Paulo, USP, 2000.

MYERS, Thomas P. Redes tempranas de intercâmbio em la hoya amazónica. *Amazonía Peruana*, IV (8): 61-76. 1982

MYERS, Thomas P. Agricultural Limitations of the Amazon Theory and Practice. In: *World Archaeology*. The Humid Topic. Vol. 24, n° 1. Taylor & Francis, Ltd., 1992. p. 82-97.

NEVES, Eduardo G. O Velho e Novo na Arqueologia Amazônica. In: Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I. *Revista USP*, n° 44, São Paulo, 1999-2000. p 88-111.

NEVES, Eduardo et al. *Relatório de atividades*. Relatório científico apresentado à FAPESP em 2003.

NEVES, Eduardo. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

NIMUENDAJU, Curt. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, vol X, Belém, MPEG, 1949.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Cartas do Sertão*. *De Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Apresentação e Notas de Tekla Hartmann. Colecção Coisas de Índios. Museu Nacional de Etnologia. Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 2000.

_____. *In Pursuit of a Past Amazon. Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*. A posthumus work compiled and translated by Sig Rydén and Per Stenborg, edited by Per Stenborg. (Etnologiska Studier 45). Göteborg. 2004.

NORDENSKIÖLD, Erland. *Ars Americana*, vol. 1: L'Archaeoloie du Basin de L'Amazone. Paris, Les Éditions G. Van Oest, 1930.

PALMATARY, Helen C. Tapajó Pottery. *Etnologiska Studier*, 1939. 8: 1-36.

PALMATARY, Helen C. The Archeology of Lower Tapajós Valley–Brazil. *Transactions of the American Philophical Society*, n.s. 50, 1960. p. 1-243.

PANOSSO, Renata. Considerações Geográficas e Geomorfológicas. In: *Lago Batata: Impacto e Recuperação de um Ecossistema Amazônico*. Rio de Janeiro, MRN, 2000. p. 39-54.

PEREIRA, Edithe. *Arte Rupestre na Amazônia* - Pará. São Paulo:UNESP, Belém:MPEG. 2003.

PETERSEN, James B.; NEVES, Eduardo & HECKENBERGER, Michael J. Gift from the Past: Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia. In: McEWAN, Colin, BARRETO, Cristiana & NEVES, Eduardo (eds). *Unknown Amazon*. London, British Museum Press. 2001. P. 86-107.

PORRO, Antonio. *O Povo das Águas*. Ensaios de Etno-história Amazônica. Rio de Janeiro, Editora Vozes/EDUSP, 1996.

RADAMBRASIL. Levantamento de Recursos Naturais. Folha AS 22. Belém. Vegetação. Vol 5: *Projeto RADAMBRASIL/DNPM*. Rio de Janeiro, 1974.

ROJAS, Alonso de. Descobrimento do rio Amazonas e suas dilatadas Províncias. In: *Descobrimento do rio das Amazonas*. (Brasiliana, série 2º, Vol.203). São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1941.

ROOSEVELT, Anna C. *Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York, Academic Press, 1980.

_____. Chiefdoms in the Amazon and Orinoco. In: URIBE, C. *Chiefdoms in Americas*. South America. Maryland, University Press of America, 1987. p.p. 153-84.

_____. Determinismo Ecológico na Interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, Walter (ed.). *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia*. Belém, MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991.

_____. *Mounduilders of the Amazon: Geophisical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego, Academic Press. 1991a

_____. Arqueologia Amazônica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

_____. C. The excavations at Carozal, Venezuela: Stratigraphy and ceramic seriation. *Yale University Publications in Anthropology*, n.83, New Haven, Departmentof Anthropology and the Peadbody Museum, Yale University. 1997.

ROSA, Cássia Santos da. *Contribuição para a História da Arqueologia na Amazônia: um estudo atual das coleções arqueológicas tapajônicas – análise e descrição das coleções Townsend e Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi (1950-1960).* Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Relatório Técnico. (Manusc. Inéd.). 2004.

_____. O arqueólogo Frederico Barata: a coleção e o colecionador no Museu Paraense Emílio Goeldi. Relatório final. (Manusc. Inéd.). 2004.

RYE, Owen S. Pottery technology. Principles and reconstruction: *Manuals on Archeology* 4. Washington, Taraxacun, Carnegie Institution of Washington, 1981.

SALOMÃO, Rafael. *Relatório Final. Inventário Florestal de Castanheira (Bertholletia excelsa H.&B. – Lecythidaceae) no Platô "Almeidas" da Floresta Nacional de Saracá-Taquera/IBAMA, Porto Trombetas, Município de Oriximiná, Pará.* (Manusc. Inéd..). MRN/COOPERTEC, 2002.

SALOMÃO, R. *Relatório Final. Inventário Florestal de Castanheira (Bertholletia excelsa H.&B. – Lecythidaceae) no Platô "Aviso" da Floresta Nacional de Saracá-Taquera/IBAMA Porto Trombetas, Município de Oriximiná, Pará*. (Manusc. Inéd..). MRN/COOPERTEC, 2002.

SANJAD, Nelson R. *A Coruja de Minerva: Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907*. Tese de Doutorado em História da Ciência. Programa de Pós-graduação da Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz. 2005.

Service, E. *Primitive social organization.* New York: Random House,1962.

SCHAAN, Denise P. *The Camutins Chiefdom*. Unpublished Ph.D Dissertation.. Pittsburg, University of Pittsburg. 2004.

SHEPARD, Anna O. *Ceramics for the archaeologist*. Washington D.C, Carnegie Institution of Washington, 1963.

SIMÕES, Mário F. Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira 1978-1982. vol. 38: *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, MPEG, 1983.

SIMÕES, Mário F., COSTA, Fernanda de Araújo. Áreas da Amazônia Legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. Vol. 30: *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém, MPEG, 1978.

SMITH, Nigel J. H. Anthroposols and Human Carrying Capacity in Amazonia. *Annals of the Association of America Geographers*. Vol. 70, n°4. Association of America Geographers. Cambrigde, MA, Blackwell Published, 1980. p. 553-566.

STEWARD, James H. Cultures Areas of the Tropical Forest. In: Steward, J. (ed.) *Handbook of South American Indians* .vol. 3. Bulletin 143. Bureau of American Ethnology. Washington, D.C, Smithsonian Institution, 1948. p. 883-903.

VELTHEN, Lúcia H. van. Equipamento Doméstico de Trabalho. *SUMA Etnológica Brasileira*. São Paulo, Editora Vozes, 1987. p. 95-108.

VERÍSSIMO, José. Os ídolos Amazônicos. In: *Revista Amazônica*, Tomo 1, nº 1. Pará, 1883.